



Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

AO SABOR DA BÍBLIA



Autor: **José Luís Pimentel Lavrador**

Orientadores: **Doutora Maria Helena da Cruz Coelho e Doutora Paula Cristina Barata Dias**

Dissertação de Mestrado em Alimentação - Fontes, Culturas e Sociedade

Outubro 2010

Foto capa
Catacumbas de São Calisto, Roma

Fonte
http://alexandrejesuita.blogspot.com/2007_09_16_archive.html
(18.09.2010 - 13:00)

Dedico este trabalho a quem me ama.

Agradecimentos

Agradeço à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra o ter-me acolhido e proporcionado tantos e tão bons momentos de trabalho e convívio.

Um obrigado muito sentido à Professora Doutora Maria José Azevedo Santos, que um dia me chamou e me escolheu, a frequentar um dos seus mais saborosos cursos universitários – 2º Ciclo em Alimentação. Reconhecerei sempre que a sua sabedoria, consubstanciada na sua palavra, me ensinou a reler a vida.

Uma palavra de gratidão a todos os meus professores que, ao longo do curso, tanto me ensinaram e incentivaram: à Doutora Fernanda Delgado Cravidão, à Doutora Carmen Isabel Leal Soares, ao Doutor Rui Cascão, ao Doutor Abílio Hernandez Cardoso e ao Doutor Albano Figueiredo.

Uma palavra de especial reconhecimento às Professoras Doutora Maria Helena da Cruz Coelho e à Doutora Paula Cristina Barata Dias, que me orientaram na elaboração deste estudo. Os seus ensinamentos, além de representarem uma enorme mais valia científica, foram recheados de afectos e de motivação, pedras basilares na preparação deste trabalho.

Deixo também um obrigado a todos os meus colegas e amigos da EHTC que me apoiaram e incentivaram.

Um grande abraço de amizade a todos os meus colegas de curso que, desde a primeira hora, me estimularam, apoiaram e motivaram a chegar até aqui.

À minha família, sem palavras.

Abreviaturas

A.T. – Antigo Testamento

N.T. – Novo Testamento

Livros do Antigo Testamento**Pentateuco**

Gn – Génesis

Ex – Êxodo

Lv – Levítico

Nm – Números

Dt – Deuterónimo

Livros Históricos

Js – Josué

Jz – Juízes

Rt – Rute

1Sm – 1º de Samuel

2Sm – 2º de Samuel

1Rs – 1º dos Reis

2Rs – 2º dos Reis

1Cr – 1º das Crónicas

2Cr – 2º das Crónicas

Esd – Esdras

Ne – Neemias

Tb – Tobite

Jdt – Judite

Est – Ester

1Mac – 1º dos Macabeus

2Mac – 2º dos Macabeus

Livros Sapienciais

Jb – Job

Sl – Salmos

Pr – Provérbios

Ecl – Eclesiastes

Ct – Cântico dos Cânticos

Sb – Sabedoria

Sir – Ben Sira (Eclesiástico)

Livros Proféticos

Is – Isaías

Jr – Jeremias

Lm – Lamentações

Br – Baruc

Ez – Ezequiel

Dn – Daniel

Os – Oseias

Jl – Joel

Am – Amós

Abd – Abdias

Jn – Jonas

Mq – Miqueias

Na – Naum

Hab – Habacuc

Sf – Sofonias

Ag – Ageu

Zc – Zacarias

Ml – Malaquias

Livros do Novo Testamento**Evangelhos**

Mt – S. Mateus

Mc – S. Marcos

Lc – S. Lucas

Jo – S. João

Índice

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 1 |
| I – Aspectos histórico-geográficos da Bíblia | 7 |
| 1 – <i>O livro da Bíblia</i> | 7 |
| 2 – <i>A construção do livro da Bíblia</i> | 8 |
| 3 – <i>O idioma da Bíblia</i> | 10 |
| 4 – <i>Os cânones bíblicos</i> | 11 |
| 5 – <i>A cronologia dos livros do Antigo Testamento</i> | 13 |
| 6 – <i>As eras bíblicas</i> | 14 |
| 7 – <i>Cronologia dos livros do Novo Testamento</i> | 19 |
| 8 – <i>Apontamentos económico-geográficos da Palestina nos tempos bíblicos</i> | 21 |
| II – O valor dos alimentos no Antigo Testamento e nos Evangelhos – o real e o simbólico | 23 |
| 1 - <i>Os alimentos permitidos no judaísmo</i> | 37 |
| 1.1 – <i>Os cereais panificáveis</i> | 37 |
| 1.1.1 – <i>O trigo</i> | 39 |
| 1.1.2 – <i>A cevada, o centeio, o milho</i> | 42 |
| 1.1.3 – <i>A farinha</i> | 44 |
| 1.1.4 – <i>O pão</i> | 46 |
| 1.2 – <i>As bebidas alcoólicas</i> | 50 |
| 1.2.1 – <i>O vinho</i> | 52 |
| 1.2.2 – <i>O absinto e os licores</i> | 56 |
| 1.3 - <i>Leguminosas e legumes frescos</i> | 58 |
| 1.3.1 – <i>As favas e as lentilhas</i> | 59 |
| 1.3.2 – <i>Os pepinos e as urtigas</i> | 61 |
| 1.3.3 – <i>Os legumes indiferenciados</i> | 62 |
| 1.4 – <i>Os peixes e o sal</i> | 64 |
| 1.4.1 – <i>Os peixes</i> | 65 |
| 1.4.2 – <i>O sal</i> | 68 |
| 1.5 – <i>As plantas aromáticas e as especiarias</i> | 71 |
| 1.5.1 – <i>O incenso</i> | 72 |
| 1.5.2 – <i>Os outros aromáticos</i> | 73 |
| 1.6 – <i>As árvores de fruto e o azeite</i> | 77 |
| 1.6.1 – <i>A figueira</i> | 80 |
| 1.6.2 – <i>A oliveira e o derivado do seu fruto</i> | 81 |
| 1.6.3 – <i>As outras árvores</i> | 83 |
| 1.7 – <i>Animais de criação ou domésticos</i> | 85 |
| 1.7.1 – <i>Os bovinos</i> | 89 |
| 1.7.1.1 – <i>O boi</i> | 90 |
| 1.7.1.2 – <i>A vaca</i> | 92 |
| 1.7.1.3 - <i>O novilho e o touro</i> | 92 |
| 1.7.1.4 – <i>O bezerro</i> | 94 |
| 1.7.1.5 – <i>A (o) vitela (o)</i> | 95 |
| 1.7.2 – <i>Os ovinos</i> | 96 |

| | |
|---|------------|
| 1.7.2.1 – O carneiro | 99 |
| 1.7.2.2 – A ovelha..... | 99 |
| 1.7.2.3 – O cordeiro | 101 |
| 1.7.3 – Os caprinos..... | 103 |
| 1.7.3.1 – O bode | 104 |
| 1.7.3.2 – A cabra..... | 105 |
| 1.7.3.3 – O cabrito | 105 |
| 1.8 – Os animais selvagens | 107 |
| 1.9 – As aves | 111 |
| 1.9.1 – A (o) pomba (o)..... | 112 |
| 1.9.2 – As outras aves..... | 113 |
| 1.10 - O leite e seus derivados..... | 117 |
| 1.10.1 – O leite..... | 118 |
| 1.10.2 – Os seus derivados | 120 |
| 1.11 – Os insectos e o mel | 123 |
| 1.11.1 – As abelhas e o mel..... | 125 |
| 1.11.2 – Os gafanhotos | 126 |
| 1.12 - As frutas frescas e secas..... | 128 |
| 2 – Os alimentos proibidos no judaísmo | 136 |
| 2.1 – Os animais abomináveis | 141 |
| 2.1.1– Os mamíferos | 141 |
| 2.1.1.1 – O porco..... | 142 |
| 2.1.1.2 – O camelo, o coelho, a lebre e o rato | 144 |
| 2.1.2– Os répteis..... | 146 |
| 2.1.2.1 – A serpente | 147 |
| 2.1.3– As aves de rapina..... | 151 |
| 3 – O que resta dos alimentos..... | 154 |
| 3.1 – O sangue | 156 |
| 3.2 – As sementes..... | 160 |
| 3.3 – Os rebentos | 162 |
| 3.4 – O fermento..... | 162 |
| 3.5 – O maná e o acepipe..... | 163 |
| III – Ementa de degustação judaico-cristã | 167 |
| <i>Ementa de degustação</i> | <i>177</i> |
| Conclusão | 179 |
| Bibliografia..... | 184 |
| A N E X O S..... | 188 |
| <i>A N E X O 1 - Fotografias dos pratos que compõem a ementa de degustação.....</i> | <i>189</i> |
| <i>A N E X O 2 - Mapas</i> | <i>197</i> |
| <i>A N E X O 3 - Equivalências de pesos, moedas e medidas.....</i> | <i>219</i> |

Introdução

Abrir a Bíblia católica, que serve de fonte primária a este trabalho, é como transpor a porta de uma cozinha e entrar num mundo onde a linguagem se traduz em odores, cores e sabores.

O discurso bíblico alusivo aos alimentos descreve copiosas cenas, quer profanas quer sagradas, recria refeições, lautas e simples, apresenta comidas frugais e banquetes reais. Além dos alimentos em si, a Bíblia abre também uma janela sobre a mesa da refeição, a forma de a abordar e de nela estar, o seu cerimonial e o seu protocolo. Ela proporciona ao mundo um olhar diferente, transformando o modelo ético, estético e moral concedido a este espaço.

O recurso ao quadro alimentar, nomeadamente aos pratos cozinhados descritos de uma forma minuciosa, materializa a necessidade de os autores sagrados apresentarem, de uma maneira inequívoca, que a relação estreita existente entre os homens e Deus pode ser expressa e sentida de um modo análogo ao que os alimentos estabelecem com as pessoas. Deus percorre o corpo e a alma dos homens, deixando a Sua marca, tal como os alimentos penetram e se transformam na própria substância humana.

A análise da dimensão alimentar da Bíblia implica, por isso, a discussão prévia dos problemas relacionados com a sua datação e a autoria dos seus livros, assunto que se procurará evocar de uma forma breve e sucinta.

Para uma melhor contextualização da questão alimentar na Bíblia, optou-se, em primeiro lugar, por situar os textos bíblicos no espaço e no tempo. Esboçou-se, seguidamente, um apontamento sobre o modo de composição e os vários idiomas que atravessaram a história da Bíblia. Apresentaram-se como modelo dois cânones bíblicos, o hebraico e o católico, fez-se referência a cronologia histórica dos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento e foram particularmente tidas em conta as épocas bíblicas de maior centralidade histórica e doutrinal, na medida em que transportavam informação relevante sobre a realidade alimentar a estudar. Por último, desenhou-se um pequeno quadro geoeconómico da Palestina, nos tempos bíblicos, como forma de contextualizar certas passagens estruturais dos textos sagrados.

Na continuação desta abordagem mais histórica, os nossos esforços concentraram-se em estudar o valor real e simbólico dos alimentos. Por isso, foi concedida prioridade à tarefa de situar as referências alimentares nos diversos livros sagrados.

Depois de concluído esse levantamento, construíram-se quadros, nos quais foram ordenados os alimentos permitidos e proibidos ao longo dos textos do A.T., e os que se encontravam citados nos quatro Evangelhos. Muito embora esta tarefa tivesse um objectivo mais estatístico, esta pesquisa por tipologias e índice de ocorrências tornou-se fundamental para sustentar a análise da

questão alimentar na Bíblia, e em particular para estabelecer a comparação entre o A.T. e os Evangelhos no modo de tratarem as referências aos alimentos e à questão alimentar.

As proibições e as permissões alimentares judaicas foram objecto de análise especial. De facto, o imaginário alimentar que confluí, no seu todo, para ancorar a Bíblia no espaço gastronómico judaico, combina enredos literários, arqueológicos, históricos e sociais, cuja interpretação se torna complexa e que remete para domínios de profunda religiosidade. Deste modo, esses quadros são a principal ferramenta de análise que aparece ao longo do trabalho e servem para retratar a visão real e simbólica das várias espécies alimentares agrupadas segundo uma ordem precisa.

O fundamento que presidiu à hierarquização dos quadros remete para a ordem pela qual, actualmente, se levam à mesa os alimentos que compõem uma ementa de degustação. Por essa razão, foi também considerada a ordem cosmológica da criação do mundo e a centralidade alimentar e doutrinal que o pão e o vinho desempenham, sendo esse o motivo pelo qual estes foram colocados sobre a mesa, nesse *menu*, como os primeiros alimentos.

Optou-se pela enumeração e correspondente hierarquização das plantas e dos animais, porque, além de terem sido preocupações do passado primordial da Criação, inserem-se no eterno desejo humano de dominar. Por isso, a mesa, sendo o espaço ideal de partilha de alimentos e sentimentos, torna-se também lugar onde se gozam dos maiores privilégios e o poder aviltante dos poderosos toma maior expressão. A alimentação como um referencial antropológico de enorme densidade estabelece o limite dos seres humanos com o mundo envolvente, consigo próprios e com o sagrado.

Neste contexto, afloram-se as lógicas da cozinha e da mesa, quando se questiona o que se come, como se come e com quem se come. Nessa medida, interpretamos o modelo ideal da criação, protagonizado por Deus, como nuclear. Esta é uma mensagem importante, simbolizada pela preparação do mundo como se ele fosse uma grande e luxuosa sala de refeições, na qual o homem assume um papel central. Para que tudo fosse perfeito, havia que iluminar a cozinha e a sala, recheando-a com os mais puros e nobres manjares. Mesmo assim, o homem e a mulher não ficaram satisfeitos. O *menu* de degustação primordial, que Deus lhes tinha preparado no *Génesis* não os deixou saciados, facto que despoletou uma sequência de acontecimentos que condicionam a história do relacionamento entre os homens e Deus, feita de avanços e recuos.

Na verdade, pelo volume de receitas culinárias presentes na Bíblia e pela profusão de ingredientes alimentares que se apresentam nos seus textos, não deve ser motivo de surpresa o conferir de um significado aos alimentos e à realidade alimentar na coerência da sua disposição no texto. Em última instância, o acto de se alimentar pode ser uma metáfora para a incorporação do conhecimento.

Tivemos depois de proceder à distinção entre os alimentos em contexto judaico-cristão. O povo judeu criou a sua identidade à volta da mesa e o povo cristão realçou-a em redor do altar. Enquanto o judaísmo valorizava os alimentos que iam à boca como puros ou impuros, os cristãos valorizavam o modo e os tempos em que eram usados. Essa é a principal diferença entre o judaísmo e o cristianismo.

Além do pão e do vinho já referidos atrás, os primeiros alimentos permitidos no judaísmo a serem tratados são os cereais. O seu cultivo interliga-se com a história das origens sedentárias do homem. O trigo é objecto de destaque especial, pela sua enorme importância e pelo número de vezes que foi citado na Bíblia. Ao concentrar um simbolismo de sociabilidade, inspirador do sentido de comunidade, a farinha é outro alimento vegetal consagrado neste trabalho. Na qualidade de bem precioso na alimentação, o seu significado é mais abrangente, pois representa a presença abundante de Deus na vida dos homens, dado que é fruto ou produto final do seu trabalho.

Seguem-se as bebidas alcoólicas, uma vez que o vinho é dos primeiros alimentos a ir à mesa. Pelo seu poder inebriante, pela alegria que transmite e pelo papel redentor que viria a assumir na Revelação, merece particular ênfase neste trabalho. A coroação desta excelsa bebida, no contexto da linguagem bíblica, atingiu-se na mesa da Última Ceia, quando Jesus a transformou no seu próprio sangue.

Quanto aos legumes frescos e secos, problematiza-se a questão da dieta vegetariana primordial, que era característica da dieta do homem antigo. A Bíblia é testemunha do seu consumo alargado, tendo como maior apreciador o profeta Daniel. No caso das lentilhas, elas foram determinantes no desfecho do direito de primogenitura de Esaú, que Jacob comprou ao saciar, com elas, a fome do seu irmão. A alimentação vegetariana também promove o reencontro do homem com a natureza. Em alguns textos, contudo, encontramos a subvalorização destes produtos, o que é explicável por o AT ter como moldura humana privilegiada comunidades pastoris.

Quanto aos peixes, não existem referências a espécies determinadas. Ao serem referidos na Bíblia, são apelidados simplesmente de peixes. O judaísmo proibiu o consumo de alguns, enquanto o cristianismo não fez qualquer interdição, usando-os em contextos nobilitantes: a multiplicação, o alimento após a ressurreição e como símbolo de Cristo. O peixe submerso nas águas representa, ainda, os homens banhados por Deus.

O sal foi incluído neste trabalho por traduzir o tempero da vida e a incorruptibilidade. Quem for assinalado por ele torna-se espiritualmente mais forte. No judaísmo, o sal e o fogo desempenhavam também o papel de expurgantes por ajudarem a extrair o sangue das carnes dos animais quando se cozinhavam. De facto, como se analisará, a ingestão de sangue era punida com a pena capital.

As plantas aromáticas usam-se na cozinha para incensar a comida, emprestando-lhe uma qualidade gastronómica superior, pois o perfume da sua cozedura eleva-se às alturas. Ao destacar-se como o aromático de maior relevo, o incenso, cujo aroma se eleva e agrada a Deus, assume-se como um mediador na relação entre os fiéis e a divindade. Neste contexto, o olfacto toma o sentido da confirmação alimentar.

A antropologia alimentar foi outro ponto de confluência estratégica surgida com a análise das referências árvores de fruto, nomeadamente, à oliveira, à figueira, e à videira. O homem só cumpre o seu verdadeiro papel no mundo se cultivar e se produzir bons e numerosos frutos. O azeite é objecto de análise especial, por representar, pelos seus variados usos, uma dimensão para além da alimentar. Embora de grande conteúdo nutritivo, essa gordura vegetal ganha, na Bíblia, à semelhança do que ocorre no mundo antigo que lhe é contemporâneo, não só utilizações diversas como um valor intrinsecamente religioso: com ela são ungidos os sacerdotes, os profetas e os reis.

Quanto aos animais, foi fixado como critério o dos animais permitidos e proibidos. Os primeiros dividiram-se em três grupos: os quadrúpedes terrestres – os bovinos, os ovinos e os caprinos; os terrestres selvagens; e as aves do céu. Dos referidos, destacam-se a ovelha e o cordeiro pela importância que lhes foi dada pelos autores sagrados. No A.T., o cordeiro foi o animal predilecto do povo hebreu para os sacrifícios cruentos e, nos Evangelhos, pela sua candura e simplicidade, tornou-se num ícone de pureza, de tal forma que, sobre o altar, Jesus toma o lugar do cordeiro imolado.

Além de um belíssimo alimento, a pomba assumiu o papel de mensageira da paz, ao trazer no bico a folha verde de oliveira, anunciando que Deus voltava a confiar nos homens.

O leite e o mel, ao evocarem a condição de alimentos da ansiedade e do desejo, ficaram gravados na história do povo de Israel por simbolizarem a Terra Prometida, ansiosamente perseguida e, finalmente, interpretada como uma realidade transcendente. Usando uma linguagem cristã, estas espécies alimentares passaram a representar, por metonímia o céu após a vida terrena.

Os animais proibidos no judaísmo são divididos em três grupos: os mamíferos abomináveis, os répteis abomináveis e as aves de rapina. Entre os animais que compõem esses quadros, a serpente vai ser o animal cuja análise mais se privilegia, por conter uma enorme carga simbólica. Ela foi o primeiro animal a ser mencionado no livro do *Génesis*, precisamente como o símbolo do mal. Ao tentar o homem a comer o fruto proibido, leva-o a acreditar que podia ser igual a Deus.

A doçura da vida surge por intermédio das frutas. Apesar de não constituírem um grupo alimentar muito extenso na Bíblia, por elas passa muita saciedade física, afectiva e amorosa. Além destas características, realça-se o seu valor nutritivo e a sua conotação antropológica. Como bem se expressa nos livros bíblicos, especialmente no N.T., a árvore conhece-se pelos seus frutos. Tornaram-se ainda mais brilhantes e decisivos pelo papel que desempenharam no episódio da

desobediência a Deus por parte de Adão e Eva. Aí, o fruto era tão apetitoso que determinou a relação do homem com Deus.

O sangue dos animais e das plantas, os rebentos das árvores e das sementes, as sementes das plantas, o fermento do pão, o maná do deserto e os acepipes são alimentos que aqui denominamos como *restos*. Na verdade, os autores bíblicos trouxeram à ribalta dos seus textos a dimensão alimentar *do resto* – o que sobra, isto é, o humilde. Assim, como o bom cozinheiro pode elaborar requintadas iguarias a partir de uma pequena sobra de comida, também dos restos que Deus vai deixando se edificam novos céus e novas terras. As parábolas alusivas à multiplicação, ao crescimento, à geração das sementes, à frutificação são metáforas da transformação pela potência divina. Este grupo de alimentos vem confirmar os desígnios que Deus tem para com a humanidade, pois, sempre que o homem retoma o caminho certo, ele terá a certeza de que jamais morrerá, porque haverá, pelo menos, um resto de alimento que lhe mata a fome e a sede, e que lhe permitirá um recomeço. Assim aconteceu com povo hebreu no deserto, com o *Maná*. Antes de se consolarem com o leite e o mel, que transbordava na mesa de Canaã, os errantes comeram um resto de pão, que caía do céu. Era o verdadeiro acepipe que preparava para o grande banquete que os esperava. Evocar o valor simbólico destes alimentos permite entender a fractura entre a pureza e a impureza, o bem e o mal, o céu e o inferno, Deus e o demónio. As consequências desse confronto determinam o espaço em que o homem se situa e intervém. Nestas circunstâncias, a criatura humana deveria ser uma semente do bem, um rebento do céu, um fermento da pureza e um maná de Deus, alimentado pelo sangue de Cristo que é acepipe de vida eterna. Assim, a dimensão significativa dos “restos” enquadra-se sempre num teste à fé, na mudança por ruptura, e está na base do exprimir de entidades como a esperança, a providência, a justiça, o cumprimento das promessas de Deus.

O tratamento destes temas visa ilustrar as diferenças entre o tratamento conferido aos alimentos no ambiente cultural e religioso judaico e assinalar as diferenças, as continuidades, as convergências e as rupturas em relação ao tratamento dos mesmos alimentos no ambiente religioso e cultural cristão.

Este trabalho termina com uma ementa de degustação judaico-cristã. O objectivo a alcançar com o desenho deste *menu* é mostrar que, nos tempos actuais, o modelo alimentar judaico, descrito na Bíblia, permanece praticamente inalterado. Pretende, igualmente, mostrar que a comer também se fica a conhecer a essência dos povos, aquilo que eles têm de mais sagrado e de mais dissoluto.

A ementa que se exhibe poderá ser uma belíssima sugestão de almoço a servir em casa, num qualquer restaurante, ou hotel do nosso país. Essa recolha pretende reconstituir, sempre que possível, os pratos mencionados nos textos sagrados, pretendendo, também, destacar a refeição como um exercício para estimular a intimidade entre as pessoas. Os métodos de confecção usados

são os que vêm descritos na Bíblia: o assado, o frito, o guisado e o estufado. Como se constata, actualmente continuam a ser os mais usados na cozinha ocidental.

Este trabalho adoptou como fonte primária a *Bíblia Sagrada*, numa versão dos textos originais, realizada pelos Franciscanos Capuchinhos, que tanta aceitação tem recebido por parte do público especializado. Outra bibliografia de autores consagrados no campo da história de Israel foi consultada para ajudar a construir, principalmente, a primeira parte do trabalho.

Para terminar, queremos deixar claro que este trabalho resulta do estudo feito por um homem crente, que procurou fazer, a partir dos textos bíblicos, uma leitura que, embora pessoal, reflectisse a centralidade que a linguagem dos alimentos reveste na Bíblia.

Não obstante a consulta e aplicação de variada bibliografia, é importante referir que, do campo de análise objectivamente considerado, não pôde ausentar-se a visão e a sensibilidade pessoal nas quais, como cristão, o autor se revê. Importa ainda acrescentar que o autor exerce a actividade de cozinheiro, como chefe de cozinha, há trinta anos. Este facto explica a estrutura dada ao trabalho, nomeadamente o menu de degustação que se prenuncia durante todo o seu desenvolvimento. A ementa em apreço foi confeccionada na Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra, tendo sido, posteriormente, fotografados os pratos que a compõem. As fotografias estão incluídas em anexo próprio.

I – Aspectos histórico-geográficos da Bíblia

1 – O livro da Bíblia¹

A Bíblia, pela importância de que sempre se revestiu, ao longo dos tempos, para o mundo judaico-cristão e para a cultura ocidental, é um livro de profundos ensinamentos: antropológicos, históricos, sapienciais, sacerdotais e proféticos. Ela revela personagens, culturas, mentalidades e desvenda a terra onde se desenrolaram as narrativas da salvação da humanidade. Essa terra, que não é só relevo topográfico e um aglomerado de casas, é o sacrário onde se guardam as raízes dos que a habitaram e que inspiraram as civilizações identificadas com os três grandes monoteísmos.

A palavra Bíblia, traduzida do Grego, significa *os livros*², mas é vulgar chamar-lhe Sagrada Escritura ou Livro Sagrado. Toda ela procura focar o homem na sua relação com Deus, desde o início da criação até ao fim dos tempos. Foi e continuará a ser um livro plural, aberto à interpretação dos homens. Os que o tomam como o seu livro sagrado, interpretam as suas palavras não como um ditado da vontade de Deus aos homens, mas fruto da inspiração proveniente d'Ele, por intermédio dos seus eleitos. Não é um livro científico em si próprio, porque, embora revelando concepções sobre o mundo real e a matéria, não se esgota nessa questão, mas lança-a para o transcendente. Para se entender esta dimensão, não correndo o risco de interpretações arbitrárias, tem de se recorrer à exegese e hermenêutica, que são as ciências da interpretação. Talvez as interrogações que a Bíblia suscita, os paradoxos que apresenta, as revelações que faz, a pedagogia da convivência humana, tal como o conceito de morte e de vida, a esperança de eternidade, as respostas às grandes dúvidas da criatura humana, de onde vimos e para onde vamos, sejam alguns dos ingredientes que mais pesam, ao tornar este livro o mais traduzido de todos os tempos e mais lido em todo o mundo³.

Para muitos, a sua leitura provoca um verdadeiro deleite e fascínio, porque cada palavra é um emaranhado de ensinamentos e um apontar de caminhos, de soluções de felicidade, alimento do corpo e da alma. Nenhum homem ficará indiferente a este livro, mesmo aqueles que não acreditam na sua mensagem, porque ela evoca sentimentos e interrogações que não são fáceis de responder com uma objectividade fechada.

¹ Pierre-Maurice Bogaert, «La Bible latine des origines au moyen âge», *Revue Théologique de Louvain*, 19,1998, pp., 137 -139.

² Françoise Briquel-Chatonnet (org.), *A Bíblia*, Lisboa, Edições 70, 2006, p.7. «A Bíblia contém 73 livros: 46, no Antigo Testamento e 27, no Novo. Uma pequena biblioteca»; Wilfrid Harrington, *Nouvelle Introduction a la Bible*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p.19. «...la Bible n'est pas *un* livre, elle n'est même pas *le* livre. Elle est une bibliothèque, ou, pour mieux dire, la littérature d'un peuple, celle du peuple élu, du peuple de Dieu.»

³ Françoise Briquel-Chatonnet *ob. cit.*, p.7. «A Bíblia é o livro mais traduzido e mais lido de toda a história. Está traduzidos em mais de 2160 línguas e o número de exemplares vendidos por ano ascende a mais de 20 milhões. É também o livro mais estudado, havendo mesmo centros de investigação universitária que lhe são inteiramente consagrados.»

Para se saborear a Bíblia, ela deverá ser degustada até ao íntimo de cada homem, sem pressa, mastigando cada palavra, que não fique nada por provar. É misturando cada ensinamento com os pequenos grãos e as suas ínfimas gotas, que se amassa um verdadeiro pão, a Bíblia.

2 – A construção do livro da Bíblia⁴

Este livro, para chegar ao formato literário actual, sofreu muitas transformações ao longo da história da humanidade. Começou por ter, como muitos textos dos primórdios da literatura ocidental, uma composição oral⁵, não deixando, por isso, de receber a sua função doutrinal junto dos povos das épocas mais recuadas. Os livros que compõem a Bíblia reflectem o modo de vida das populações do mundo antigo, de um modo particular da Suméria, da Mesopotâmia, do Egipto, da Pérsia, da Grécia e de Roma⁶.

Na esfera do transcendente, a força da palavra, que provém do profundo sentido dialéctico que cada criatura imprime à sua vida, trespassa o tempo, permanecendo viva por muitos séculos. Em cada período, faz a síntese cultural que lhe é própria, desenha a herança do passado e prefigura, em sorvos fortes, as feições do futuro. Para fins teológicos e como alimento espiritual, a Palavra de Deus tem como objectivo estar gravada no coração, ao mesmo tempo que se escreve em papiro, cacos de argila ou em papel.

Enquanto texto fundamental de um povo auto-consciente, fonte de identidade e de estruturação concreta no mundo, tornou-se imperioso gravar todas as palavras, de modo que perdurasse perenemente a sua mensagem, traduzisse sempre a sua frescura e luz e fossem de facto *palavras de vida eterna*. Foi por isso que, ao longo do último milénio antes de Cristo⁷, certos homens se debruçaram sobre a sua história, enquanto espelho identitário, de um modo especial, os Hebreus e os Egípcios.

É apontado como certo que a literatura sagrada começa com o reinado de Salomão, por se terem recolhido, nesse período, muitas das tradições vindas dos Patriarcas, do Êxodo e da entrada em Canaã. Por isso, começam a tomar corpo as tradições *Javista* (J)⁸ e *Elohista* (E)⁹, nascidas no seio da formação da história sagrada judaica.

⁴ Wilfrid Harrington, *ob. cit.*, pp.19-36; *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ª ed., 2001, pp. 8-18.

⁵ Wilfrid Harrington, *ob. cit.*, p.23. «Une grande partie des écrits de l’Ancien Testament se fonde sur la tradition orale.»

⁶ Jean Potin, *A Bíblia Devolvida à História*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, pp. 22-23.

⁷ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, p.19 « (...) é um conjunto de livros compostos, a pouco e pouco, no seio da comunidade de Israel ao longo do I milénio antes da nossa era.»

⁸ Etienne Charpentier, *Para uma primeira leitura da Bíblia*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1980, p.29. «assim chamada porque o autor chama Deus «Javé». (A letra «J» vem do termo alemão «Jahwiste»). Esta história santa retoma a dos Patriarcas e é continuada pelas narrativas do Êxodo, da entrada em Canaã e dos primeiros reis. Num estilo pitoresco, repleto de imagens, é já uma teologia da história fundada na promessa de Deus. Mas o autor fez preceder estas lembranças de Israel de um “relato das origens”, que não é exactamente história, mas teologia: a partir do modo como

Na verdade, ao longo da história da salvação, foram muitas as vicissitudes por que passou o povo de Deus, o *Povo Santo*¹⁰, o que torna a recolha de materiais para escrita muito difícil de concretizar. Não existe uma data precisa que se possa dar como fiável para o início da escrita da Bíblia, nem um conhecimento exacto dos autores dos livros, pois ainda na actualidade persistem opiniões diversas a este respeito. Segundo a tradição judaica, começou a haver relatos precisos a partir do final da época real (séc.IX – VI a.C), mais precisamente nos séculos IX – VIII a.C¹¹. Com o aperfeiçoamento e difusão da escrita, foi possível registar o que alguns autores sagrados anunciavam¹², permitindo, assim, angariar espólio literário para ser usado mais tarde. Contudo, a época em que se deverá ter redigido grande parte da Bíblia, terá sido aquela em que a comunidade judaica regressou do exílio da Babilónia e se reviu como povo uno, com identidade étnica e religiosa (séc.VI – IV a. C). Actualmente, não há consenso em atribuir a autoria de toda a *Torah*¹³ a Moisés, o livro dos *Juízes* a Samuel e o livro dos *Reis* a Jeremias¹⁴.

Apenas sob o domínio persa (Séc.VI – IV a. C), entre a conquista da Babilónia por Ciro (539 a.C) e a conquista da Palestina e Síria por Alexandre (333 – 331 a. C), a Bíblia veio a ser escrita de uma forma ordenada e coerente. Nestas circunstâncias, o povo judeu necessitava de uma marca de identidade, algo que o definisse como povo, como uma comunidade autêntica, através do acentuar da diferença com os povos ocupantes, com um Deus único, um verdadeiro rei de Israel, valores estes que se encontravam nas tradições que viriam a desembocar na actual Bíblia¹⁵. Será de sublinhar que Javé deixa de ser o Deus daquela *Terra Prometida* para se transformar no Deus de todas as tribos, reforçando a doutrina do monoteísmo.

Foi por esta altura, sob o poder persa, que se instituiu a prática do *Sabat*¹⁶ e a festa da Páscoa deixou de ser uma festa de Primavera para se tornar na festa da libertação do povo judeu da escravatura no Egipto. Existe aqui um paralelismo histórico: o exílio egípcio projecta-se no exílio da Babilónia.

ele vê Deus teve que portar-se com todos os outros povos, com o homem em geral («Adam»), e ornamenta esta teologia com mitos correntes na sua época.»

⁹ Etienne Charpentier, *ob. cit.*, p., 31. «assim chamada porque chama a Deus «Elohim» nasceu no reino do Norte, talvez durante o reinado de Jeroboão II (783-743 a.C). Nela pode ver-se facilmente uma reacção contra as desordens sociais e religiosas, e o seu espírito é muito semelhante ao de Amós e, sobretudo, ao de Oseias. É frequentemente paralela à tradição «Javista», mas não recolhe relatos das origens, estendendo-se mais nos relatos da estadia no Egipto».

¹⁰ Is 62,12.

¹¹ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, p., 23.

¹² Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 34-35.

¹³ Nome hebraico do Pentateuco que compreende os cinco primeiros livros da Bíblia – *Géneseis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterónimo*.

¹⁴ *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001, p. 19. Doravante limitar-me-ei a referir o título da obra que é citada e respectiva (s) página (s).

¹⁵ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, pp. 25-26.

¹⁶ Esta palavra designa a prescrição da abstinência de qualquer trabalho no sétimo dia da semana.

Não obstante saber-se que a maior parte do Antigo Testamento foi escrito nessa época, a conclusão da sua redacção não aconteceu nesse período. Os livros dos Macabeus e o de Daniel, por exemplo, foram escritos no período Helenístico.

3 – O idioma da Bíblia¹⁷

Importa agora sublinhar em que língua o texto sagrado foi escrito. Apesar de não ser a mais falada, não há dúvida que o Hebraico foi a língua oficial da escritura bíblica e, sendo esta, desde o século XI, a língua exclusiva dos reinos de Israel e de Judá, acabou por se tornar, via do seu uso como língua de registo dos textos sagrados, a língua do culto. Os arameus, a norte, falavam o Aramaico, idioma que muito mais tarde foi o de Jesus de Nazaré. Esse idioma, ao contrário do Hebraico, teve uma grande difusão, ultrapassando nos séculos VI – IV a.C os limites do território. Todavia, há relatos que confirmam o uso do Aramaico na escrita de partes do livro de *Esdras* e de *Daniel*¹⁸.

Com a chegada da época helenística, o Grego passou a ter uma importância dominante no dia-a-dia do próximo oriente¹⁹. Foi por essa razão que alguns livros foram redigidos directamente em Grego, como o livro dos Macabeus. Note-se, ainda, que o N. T. foi quase todo ele escrito neste idioma.

Também desta época ficaram célebres os *Septuaginta*, tradução a que foi sujeita a versão hebraica da Bíblia para Grego²⁰. Inicialmente, esta tradução foi muito saudada pelos judeus da diáspora helenística, mas como os cristãos a adoptaram como versão oficial, os meios judaicos voltaram a preferir o texto hebraico, considerando o idioma grego profano.

Volvidos cinco séculos, surgem as primeiras traduções latinas, conhecidas por *Vetus Latina*²¹, motivadas directamente pelas comunidades locais cristãs latinas, a partir da língua grega.

¹⁷ Wilfrid Harrington, *ob. cit.*, pp.125-143; Pierre-Maurice Bogaert, «art. cit.», pp. 143-159.

¹⁸ ,Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, p.31.

¹⁹ Jean Potin, *ob. cit.*, p.547 «O helenismo, difunde-se por todo o Mediterrâneo a partir de 334, graças às conquistas de Alexandre. Trata-se de um modo de vida essencialmente urbano, porque só a cidade grega pode fornecer o quadro necessário ao seu florescimento: as ruas rectas e largas, as casa espaçosas e confortáveis, as vastas praças públicas onde se reúne a assembleia do povo. Cada cidade usufrui duma certa independência administrativa e comercial. Encontramos nela os teatros e os ginásios, onde se modela tanto o corpo como o espírito; os templos devolvidos às divindades oficiais, mas também às dos outros países e particularmente do Oriente. Esta civilização, com efeito, é tolerante e aberta a novas correntes. A filosofia é a dos grandes autores: Platão, Aristóteles e os seus discípulos, propagada pelas escolas que privilegiam o trabalho da razão e da observação. O grego faz recuar, progressivamente, as línguas locais do Próximo Oriente incluindo as mais difundidas como o aramaico, a língua veicular do império persa.»

²⁰ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, pp.31-32. «A tradição transmitida pela *Carta de Aristeu a Filócrates* afirmava que se teria recorrido a 72 sábios, seis para cada uma das 12 tribos de Israel, que teriam realizado, na ilha de Faros, em 72 dias, esta tradução considerada miraculosa».

²¹ Pierre-Maurice Bogaert, «art. cit.», pp. 152-153, «La *vetus latina* a deux titres majeurs à l'intérêt qu'on lui porte aujourd'hui. Elle a été la Bible des Pères de l'Église latine et elle est un témoin capital dans l'histoire de la Septante, la Bible des Pères grecs.» Estas versões foram escritas em latim, nos vários locais em que emergiu a cristandade ocidental: África, Hispânia, Itália; Gália.

Em meados do século IV da nossa era, estas traduções foram suplantadas por outra, a *Vulgata*²², sob a responsabilidade de São Jerónimo, a pedido do Papa Dâmaso I. Este trabalho de tradução executou-se directamente do Hebraico, do Grego, e com algumas contribuições das versões latinas da *Vetus*, o que o tornou singular. Obteve tal importância que a igreja Ocidental adoptou essa versão como oficial.²³

4 – Os cânones bíblicos ²⁴

Os Cânones cristãos e judaicos suscitam outra questão muito pertinente, desde logo porque não aceitam os mesmos livros sagrados. O quadro que se segue ilustra essas diferenças. Contudo, nem só os judeus rejeitam o Cânone cristão, uma vez que há outras grandes religiões e algumas minorias dissidentes destas, que também não o aceitam. Por exemplo, o Cânone protestante não reconhece *Tobias*, I e II *Macabeus*, *Sabedoria* e *Eclesiástico*.

²² Pierre-Maurice Bogaert, «art. cit.», pp. 156-159. Esta versão foi escrita em latim vulgar, para se tornar mais fácil de compreender e interpretar.

²³ Pierre-Maurice Bogaert, «art. cit.», p.140, «Tout ce qui est vulgate n'est pas hiéronymien, et tout ce qui est hiéronymien n'est pas vulgate. La frontière entre *vulgate* et *vetus latina* est surtout apparente lorsqu'elle distingue une version de saint Jérôme sur l'hébreu et l'ancienne version correspondante sur le grec. Dans ce cas, le génie de l'hébreu et le style de Jérôme se conjuguent pour donner une version dont le vocabulaire et la syntaxe se distancient nettement des diverses formes de la *Vetus Latina*, presque toujours littéralement fidèles au grec».

²⁴ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, p.33 e p.55.

Quadro I

Os Livros Sagrados da Bíblia Hebraica e da Bíblia Cristã²⁵

| Bíblia Hebraica | | Bíblia Cristã | |
|----------------------|---|-------------------------------|--|
| Torá ou Lei | Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio | Pentateuco | Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio |
| Profetas Anteriores | Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis | Livros históricos | Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias*, Judite*, Ester, I e II Macabeus* |
| Profetas posteriores | Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias | Livros poéticos e sapienciais | Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria*, Eclesiástico* |
| Escritos | Salmos, Job, Provérbios, Rute, Cântico dos cânticos, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel 1-12, Esdras, Neemias, I e II Crônicas | Livros proféticos | Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias |
| | | Novo Testamento | Evangelhos (Mateus, Lucas, Marcos, João), Actos dos Apóstolos, Epístolas de Paulo, Epístolas aos Hebreus, Epístolas de Tiago, Pedro, João, Judas, Apocalipse |

²⁵ Françoise Briquel-Chatonnet, *ob. cit.*, pp. 54-55; *Bíblia Sagrada*, p. 2135, «Os livros que na *Bíblia Católica* se encontram marcados com o asterisco (*) são os chamados “Deuterocanônicos”, ou seja, só numa fase secundária foram incluídos, no “Cânone”, e só as *Bíblias católicas*, bem como as da tradição oriental, os incluem. Critérios diferentes e diferentemente usados (critérios como a maior ou menor antiguidade do Livro, o ter sido escrito na língua “santa” hebraica ou em grego, o ter sido escrito dentro ou fora da Palestina, etc.) levaram a essas diferenças de Cânon. Assim, enquanto o cânon judaico-palestinese só abrange 24 Livros, todos escritos originariamente em hebraico (os chamados Livros “proto-canônicos”), o Cânone judaico-alexandrino (LXX, dos judeus da diáspora) inclui mais sete Livros, na maior parte escritos em grego (Deuterocanônicos). Isto, no que se refere ao Antigo Testamento.»

5 – A cronologia dos livros do Antigo Testamento

O quadro seguinte ilustra como se foram formando os livros do Antigo Testamento. Realce-se o facto de eles não terem sido escritos de uma forma seguida e sequencial, respeitando um período limitado de tempo. A escrita de boa parte deles demorou séculos, como foi o caso dos Livros do Pentateuco, dos Salmos, de Isaías, de entre outros. A cronologia que o quadro pretende mostrar é um pouco relativa, porque as fontes disponíveis não apontam para datas exactas.

Quadro II

Cronologia dos Livros Sagrados no Antigo Testamento²⁶

| Livros | Época em que foram escritos | Século a.C |
|---|---|----------------|
| Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterómio. | Monarquia até à Restauração (período Persa). | IX-IV |
| 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; Josué; Juízes; Amós; Oseias; Provérbios. | Final do reinado de David até Joroboão II (783-743 a.C). | X- VII |
| Salmos. | Reinado de Joroboão II até ao reinado de Alexandre Magno da Macedónia (332a.C), época helenística | VII-III |
| Miqueias; 1 Isaías; Salmos. | Fim do Reino do Norte (722a.C). | VII |
| Sofonias; Jeremias; Naúm; Habacuc; Ezequiel; 2 Isaías; Salmos. | Fim do Reino do Norte até ao fim do Reino do Sul e exílio da Babilónia (538a.C). | VII-V |
| Zacarias; Ageu; Abdias; 3 Isaías; Malaquias; Joel; Jonas; Salmos | Ciro. Restauração. 1º Séc. do período Persa (500-400 a.C). | V-IV |
| Job; Rute; Tobias; Ester; Judite; Salmos. | Restauração. 2º Séc. do período Persa (400-300a.C). | IV-III |
| Cântico dos Cânticos; Eclesiástico (Ben Sira); Sabedoria; Eclesiastes; 1 e 2 Crónicas; Esdras; Neemias. | Helenística (300-200a.C) | III-II |
| Zacarias. | Ciro. Restauração. 1º Séc. do período Persa (500-400 a.C) até meados do período helenístico. | V-II |
| Daniel; 1 e 2 Macabeus | Fim do período helenístico e início do romano. Pompeu. (100-63 a.C) | I |

²⁶ *Bíblia Sagrada*, p. 2131.

6 – As eras bíblicas²⁷

Embora não haja datas precisas para determinar a gênese da maioria dos acontecimentos que estão na gênese do povo de Israel, importa assinalar as épocas mais importantes e que se revelaram determinantes na história desse povo eleito. Assim, entre 1900 – 1700 a.C teve início a *Era dos Patriarcas* – Abraão, Isaac e Jacob; Lot, Ismael e Esaú. A narração que se faz desta época no *Gênesis* reflecte um ambiente de pastores nómadas e agricultores. Nomeadamente os pastores circulavam entre várias povoações (cidades-estado), habitando em tendas. Abraão foi o grande Patriarca²⁸, que por ele Deus clamou para formar um grande povo, uma grande nação²⁹. Ao convidá-lo para esta missão, estava, ao mesmo tempo, a provar o seu coração, a atribuir-lhe a paternidade de Israel, na mesma linha do que tinha feito com Adão confiando-lhe toda a humanidade. É nesta época de Abraão, correspondente ao início da Idade do Bronze médio, que surgem os primeiros Patriarcas.

Na mesma altura, no Egipto, os Hicsos³⁰ instalaram-se no poder, que dominaram até 1550 a.C, data em que Ramsés II os expulsou³¹. Por volta do ano 1740 a.C, dá-se início à *História de José*³², em território egípcio, e passadas umas quatro décadas, chegam a este território grupos de pré- israelitas³³, os Arameus, enquanto a Babilónia atingia o seu auge, dominando a Assíria e Elam. A partir de 1550 a.C., instala-se no Egipto o IV Período, denominado o *Império Novo*, enquanto na Palestina se obedece ao Faraó por intermédio de príncipes locais.

Por volta do ano 1280 a.C, os Egípcios iniciaram uma política de escravatura e de opressão, como forma de contrariar o poderio cada vez mais florescente dos Hebreus que viviam na região de Góchen (Delta)³⁴. É neste período que a Síria e a Palestina são invadidas pelo Egipto.

Na sequência desta escravidão, em 1250 a.C o povo hebreu é libertado da terra do Egipto, por Moisés³⁵, e conduzido, pelo deserto do Sinai, com destino a Canaã, a *Terra Prometida*³⁶. Esta árdua caminhada, liderada por Moisés e depois pelo seu irmão Josué, até se instalarem na terra de

²⁷ J. Ganzález Echegaray, (coord.), *Introducción al estudio de la Biblia- La Biblia en su entorno*, Navarra, ed. Verbo Divino, 1990, p.33-48.

²⁸ Gn12,1-23,20. Corresponde ao Ciclo de Abraão.

²⁹ Gn12,2.

³⁰ J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, p. 33. Povos asiáticos (semitas) do corredor sírio-palestino.

³¹ Ex 1-2.

³² Gn37-50); J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, p. 35; Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 294 – 302.

³³ Dt26,5-10.

³⁴ Jean Potin, *ob. cit.*, p.214. «O povo Hebreu, seminómada, multiplicou-se ao longo dos quatro séculos da sua estadia na região de Góchen, no Egipto. Durante todo esse tempo, graças aos serviços prestados noutros tempos por José, ele beneficiou de uma grande benevolência da parte dos soberanos egípcios. Mas um novo faraó ocupa um dia o trono. O crescimento demográfico dos Hebreus e, talvez, o seu peso económico e político tornado incomodativo, inquietam-no. Ele redu-los à escravatura e oprime os homens a modelar tijolos para a construção de cidades no delta oriental do Nilo – Pitom e Pi-Ramsés. Mas esta opressão não detém o desenvolvimento do povo hebreu. O faraó toma então uma decisão para o fazer desaparecer: a morte de todos os filhos masculinos».

³⁵ Ex2,1-10; Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 214-220.

³⁶ Ex, Nm, Lv, Dt.

Canaã, onde brotava *leite e mel* (Ex3,8), teria demorado cerca de quarenta anos³⁷. O número *quarenta* significa muitos anos, o equivalente a duas gerações. Moisés aparece neste quadro como um instrumento de Deus, ao serviço do povo, com uma dupla missão de chefe e de profeta³⁸.

A acomodação das doze tribos (descendentes de doze dos treze filhos de Jacob) no território não foi fácil, ficando um pouco à mercê dos povos que lá viviam. Cananeus e Filisteus, não se conformando com a ocupação, continuaram a lutar para expulsar os israelitas, de forma que só no reinado de David (séc.X a.C), os Israelitas conseguiram o domínio total. Na realidade, depois da morte de Josué³⁹, por volta de 1200 a.C, as tribos ficaram sem líder e por isso vulneráveis aos ataques dos Filisteus, Madianitas, Moabitas, Amonitas, povos estes inimigos históricos de Israel. Neste contexto, restavam apenas, com voz de comando, os anciãos das várias tribos.

Contudo, as tribos eram muito independentes e autónomas, e, por esta razão, tais líderes não tinham capacidade suficiente para as unir. Na realidade, foi nesse palco de dificuldades, que, entre o ano 1200 e 1030 a.C, surgiu a época dos Juízes, com Samuel à cabeça⁴⁰. Estes chefes não eram oficialmente instituídos como tal, mas antes senhores de virtudes, de carismas e de enorme personalidade, que os dotava de uma forte moralidade e respeito junto do seu povo. De resto, em tempo de conflito nalguma tribo, essa conduta revelava-se decisiva, dado que conseguiam mobilizar as outras, para irem ajudar a que estava a ser atacada. Além deste papel de direcção *político-militar*, administravam também a justiça.

Na verdade, a Palestina, nesse tempo, era habitada por quatro grandes grupos: os *Cananeus*, que se fixavam nas zonas mais férteis e estratégicas da Cisjordânia⁴¹; os *Filisteus*, que viviam junto ao mar, ocupando as principais cidades ribeirinhas⁴² e as mais próximas; os *Arameus*, que se encontravam a norte, organizados em vários estados, e tinham como principal cidade Damasco; os *Israelitas*, que eram constituídos por doze tribos, dispunham-se na zona mais pobre da Cisjordânia, além de uma pequena parte da Transjordânia, cujas fronteiras se encontram descritas no livro de Josué⁴³.

Samuel, o grande juiz, representa a passagem do modelo federal de clã para a monarquia, precisamente quando os *filisteus* estavam com mais poder. É neste contexto que, no ano de 1030

³⁷ J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.* pp. 35-38.

³⁸ Ex3,10ss; Dt34,10-12; Félix Garcia Lopez, *El Pentateuco*, Estella, Navarra, Ed. Verbo Divino, 2003, p.28 «Moisés aparece como un instrumento de Dios al servicio del pueblo. Su vocación y misión le configuran como un *jefe* a la par que como un *profeta*. En la montaña del Sinaí interviene como *mediador* entre Dios e Israel. Cada vez que que el pueblo se queja y murmura en el desierto, Moisés *intercede* ante Yahvé, pidiendo el perdón o la ayuda para el pueblo. Moisés es “*el siervo de Dios*”, com quien mantuvo una relación singular. En una palabra, la personalidad de Moisés está atenazada por Yahvé e Israel. Sigue viva y presente en la Tora, de la que Yahvé, Jacob/Israel y el mismo Moisés son los protagonistas indiscutibles.»

³⁹ Js 24, 29-33.

⁴⁰ Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 359-361; J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, pp. 40-48.

⁴¹ J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, p.40. As cidades mais importantes que ocupavam eram: «Guézer, Bet-emes, meguidó, Tanak, Dor, Akko».

⁴² J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, p.40. «Azoto, Ascalón, Gaza, Acaron e Gat».

⁴³ Js1,4-6.

a.C, é instaurada a monarquia, sendo o seu rei, Saul⁴⁴. Este monarca é natural de Guibeá⁴⁵, norte de Jerusalém, e é a partir desta terra que ele organiza as suas expedições militares contra os seus inimigos. Governa durante dezoito anos e morre em combate juntamente com o seu filho Jónatas na batalha dos montes Guilboa⁴⁶. Sobe, então, ao trono David⁴⁷, que primeiro reina em Judá e depois também em Israel.

Em 1005 a.C. David, natural de Belém de Judá, conquista Jerusalém e torna-a capital do reino⁴⁸. A verdadeira história de Israel começa com David e com Salomão, época em que este povo experimenta uma grande prosperidade e uma grande extensão territorial⁴⁹. David consolida uma monarquia que vai subsistir até à destruição de Jerusalém em 587 a.C. Os textos bíblicos, especialmente os livros de Samuel, não comentam muito o desempenho de David como monarca, antes realçam a sua condição de eleito e de servo de Deus. Salomão sucede no trono a seu pai David, apesar de ser o quarto filho, governando entre 972 – 931 a.C. Como a sucessão não foi pacífica, Salomão, logo após a coroação, para sua maior segurança, elimina os seus principais opositores⁵⁰. A imponência deste reinado é tal que, para o retratar, o primeiro livro dos Reis lhe dedica onze dos seus capítulos⁵¹. De entre os muitos dons de Salomão destacam-se a sua sabedoria, a sua forte condição de administrador, o seu gosto por construir grandes obras e o incremento dado ao comércio.

O seu gosto pela construção de majestosas obras⁵² consubstancia-se na edificação do Templo de Jerusalém, como já foi mencionado, na ampliação das muralhas de Jerusalém e na edificação do seu palácio, entre outras. A construção deste palácio, integrado na elevação do Templo, poderá querer significar a dupla missão do monarca: sacerdote e rei. Todavia, para Israel, o Templo que David quis erguer foi a grande obra de Salomão. Dada a grandiosidade desta, só foi possível levá-la a cabo, com recurso a materiais e mão-de-obra de outros países. Assim, como as relações com o rei de Tiro, na Fenícia, eram de amizade, uma boa parte dos materiais necessários para a construção, como cedros e ciprestes, vieram do Líbano, em troca de trigo e de azeite⁵³.

⁴⁴ 1Sm9,10-16; 10,17-27; 11; Jean Potin, *ob. cit.*, p. 356. «Samuel, que pode ser considerado como o último e o maior dos Juízes, e Saul, um homem de guerra».

⁴⁵ 1Sm10, 26; 11,4.

⁴⁶ 1Sm 31,1-6.

⁴⁷ 1Sm16ss; J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, p. 43.

⁴⁸ J. Ganzález Echegaray, *ob. cit.*, pp. 42-48.

⁴⁹ Jean Potin, *ob. cit.*, p. 375.

⁵⁰ 1Sm13; 15,1-12; 18,1-17; 1Rs1-2.

⁵¹ *Bíblia Sagrada*, p. 463 «Em 1 Rs1-11 descreve-se o reinado de Salomão: com alguma pompa e pormenor, narram-se as vicissitudes e os jogos da corte, por ocasião da sua designação para a sucessão, na dinastia de David, a grandeza do seu reinado, a sua sabedoria e riquezas».

⁵² 1Rs5,15-32; 6; 9,15ss;7,1-12.

⁵³ Jean Potin, *ob. cit.*, p. 391 «Os lenhadores de Hiram descem por mar os troncos, que são encaminhados em jangadas e depois içados até Jerusalém. São recrutados pedreiros para talhar as pedras tiradas das montanhas próximas da capital. A obra colossal é concluída em sete anos».

Com Salomão, Israel passou a ser uma potência comercial. Este rei constituiu uma frota de navios no Mar Vermelho, o que permitia navegar até às costas da Arábia, ricas em ouro⁵⁴ e assim poder acumular uma riqueza extraordinária. Para além de ouro, os barcos chegavam carregados de cabedais, pedras preciosas e madeiras raras destinadas ao fabrico de instrumentos musicais. Outro ramo do comércio importante consistia na compra e venda de cavalos e de carros de combate. Salomão não se envolveu em guerras mas, para se defender, possuía um exército poderosíssimo nas cidades⁵⁵.

Na verdade, a atmosfera faustosa que envolvia a corte de Salomão tornou-se, na linguagem bíblica, em precipício para o pecado e castigo, a que este rei se viu subjugado. As divindades pagãs que venerava, as setenta esposas que possuía e mais trezentas concubinas minaram a confiança de Javé⁵⁶. Este avisou-o do castigo a que se sujeitava, bem como das consequências nefastas para o seu reino. É neste quadro que, por volta do ano 920 a.C.⁵⁷, se dá o Cisma, provocando a divisão do reino em dois: o reino de Israel a norte, com capital em Samaria, e o de Judá a Sul, com capital em Jerusalém. O apogeu destes dois reinos deu-se por volta do ano 750 a.C.⁵⁸, na mesma altura em que apareceram os profetas. O facto de as populações estarem a viver em grande euforia material, faz esquecer Deus, o que justifica o aparecimento de tais homens, que falam ao povo em Seu nome. Entre os profetas mais conhecidos desses tempos, nos textos bíblicos, contam-se: Amós e Oseias, no reino do Norte, Isaías e Miqueias, no reino do Sul⁵⁹, sem esquecer outros dois grandes profetas, Elias e Eliseu, que se tornaram determinantes no despertar da fé em Javé, num país que estava, no seu tempo⁶⁰, a ser invadido pelo paganismo fenício⁶¹.

O fim do reino de Israel dá-se por volta do ano 722 a.C.⁶², subjugado ao domínio Assírio, que se estenderá também ao Egipto, enquanto Judá permanece independente. Em 587 a.C.⁶³, Nabucodonosor cerca e destrói Jerusalém. Sedecias, o último rei de Judá, é deportado com muita população⁶⁴. Ao pôr-se fim a este reino, a Palestina torna-se província babilónica. O Édito de Ciro, Rei Persa, em 538 a.C., veio permitir que os judeus regressassem a Jerusalém e reconstruíssem o Templo, o que aconteceu entre 520 – 515 a.C. Nessa época, o Egipto foi conquistado pelos Persas,

⁵⁴ 1Rs10,14-25.

⁵⁵ Jean Potin, *ob. cit.*, pp.394-395; J. González Echegaray, *ob. cit.*, pp.161-162.

⁵⁶ 1Rs11,1-8.

⁵⁷ *Bíblia Sagrada*, p. 2126; Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 397-398; Siegfried Herrmann, *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*, Salamanca, Ed Sigueme, 2ªed, 1985, pp. 243-266.

⁵⁸ Etienne Charpentier, *ob. cit.*, p. 30.

⁵⁹ Etienne Charpentier, *ob. cit.*, pp. 28-39.

⁶⁰ Jean Potin, *ob. cit.*, pp. 399-400 «Os ciclos de Elias e de Eliseu correspondem a dois longos reinados em Judá: Asa (911-870) e Josafat (870-848). Estes reinados prósperos aparecem como recompensa da fidelidade que a dinastia davídica testemunhou a respeito de Yahvé».

⁶¹ Jean Potin, *ob. cit.*, p.401, «As intervenções de Elias e de Eliseu têm por finalidade despertar a fé em Yahvé num país onde ela está em vias de ser submersa pela invasão do culto de baal preconizada pelas religiões fenícias.»

⁶² *Bíblia Sagrada*, p. 2127.

⁶³ *Bíblia Sagrada*, p. 2128.

⁶⁴ *Bíblia Sagrada*, p. 2128.

fortalecendo-se as trocas comerciais com a Grécia. O império Persa desmoronou-se por volta do ano 333 a.C., com as conquistas do Egipto, Síria e Palestina por Alexandre Magno da Macedónia, abrindo as portas ao período Helenístico.

Por morte de Alexandre, o seu império viu-se dividido pelos seus generais. Criaram no Egipto uma nova dinastia, a dos *Lápidas*, cuja capital era Alexandria, e na Síria formam a dinastia dos *Selêucidas*, cuja capital era Antioquia. O Egipto foi governado por uma série de nove reis (Ptolomeus), até ao ano 29/31, até se tornar uma província romana. O mesmo sucedeu com a Síria, que foi governada por uma longa série de monarcas, até ao ano 63 a.C., altura em que Pompeu a declarou também província romana. A Palestina foi conquistada em 323 a.C. pela armada de Alexandre e ficou sob a alçada dos *Lápidas*, até por volta do ano 200 a.C. Neste ano, após a batalha de Pânias, a Palestina caiu nas mãos dos *Selêucidas*, começando, desde logo, a verificarem-se dificuldades no relacionamento entre dominantes e dominados, por estes proibirem o culto judaico e dedicarem o Templo de Jerusalém a Zeus⁶⁵. Entretanto, os Judeus revoltaram-se e, com Matatias⁶⁶ à cabeça, reconquistaram o Templo, em 164 a.C. Com a dinastia dos Hasmoneus pelo meio, Pompeu, general romano, no ano 63 a.C, conquistou Jerusalém e fez da Palestina uma província Romana⁶⁷.

O império Romano foi-se tornando cada vez mais poderoso e influente, dominando a maioria dos países. Belém de Judá está sob protectorado romano, quando Jesus vem ao mundo, sendo o seu rei, Herodes, o Grande. É neste contexto histórico que Jesus nasce de uma mulher judia, Maria, da linhagem de David. Com o nascimento de Jesus, abre-se uma nova era na abordagem da Bíblia. Termina o Antigo Testamento, também chamado Antiga Aliança⁶⁸ e inicia-se o Novo Testamento, a Nova Aliança⁶⁹.

A centralidade desta Nova Aliança ancora na figura de Jesus enquanto Messias, como resposta às profecias do AT. Durante a sua vida pública, prega o chamado Reino de Deus, segundo Ele será a verdadeira doutrina acerca de Deus, baseada em dois mandamentos importantes e que concentram toda a sua mensagem: amar a Deus sobre todas as coisas e aos homens como a si mesmo. Esta doutrina, levada às últimas consequências por Jesus, gerou controvérsia entre os homens do seu tempo, acabando por culminar no Seu julgamento e crucifixão. Para os cristãos, Jesus ressuscitou ao terceiro dia após a sua morte, dando cumprimento ao que os profetas antes haviam anunciado. Após a morte de Jesus, os seus discípulos continuaram a sua obra⁷⁰. Estes homens foram aqueles que Ele escolheu, enquanto durou a sua vida pública até à sua entrega e morte, factos que ficaram cunhados na celebração da Última Ceia, ou Ceia Pascal.

⁶⁵ Segundo a mitologia grega, Zeus é o rei dos deuses.

⁶⁶ 1Mac 1ss.

⁶⁷ Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, pp. 467-495.

⁶⁸ Lv26,12; Jr7,23; Ez37,27: «Vós sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus».

⁶⁹ Mt26,27; Mc14,24; Lc22,20: «A Nova Aliança foi selada com o sangue derramado por Jesus».

⁷⁰ Mt28,19: «Ide, pois, e ensinai a todas as nações; baptizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo».

Esta refeição de Jesus com os seus discípulos, no contexto cristão, tornou-se para sempre a marca do mistério da Sua presença entre os homens. Foram doze os discípulos escolhidos, mas Pedro teve o papel principal, ao ser designado por Jesus para Seu sucessor.⁷¹

Depois da morte de Jesus, os vinte e sete livros sagrados que constituem o N.T. não foram redigidos de imediato. Os Evangelhos⁷², as Cartas, os Actos e o Apocalipse⁷³ foram escritos entre o ano 50 e 100 da nossa era, como mostra o quadro III.

7 – Cronologia dos livros do Novo Testamento

O quadro III tem por finalidade ajudar a compreender melhor o contexto histórico, político e social no tempo de Jesus, e a fornecer uma amostragem mais clara das épocas em que os respectivos livros sagrados foram escritos. Assinale-se o facto de o nascimento de Cristo ter ocorrido no reinado de Herodes, o Grande.

Esse acontecimento provocou a divisão da História em duas partes. Apesar de hoje não passar de um dado banal, cuja importância histórica quase passa despercebida a uma boa parte da humanidade, a sua lembrança é como um clarão de luz a iluminar um outro mundo e uma outra história. A aceitação de Jesus como figura divina gera controvérsia. A verdade, porém, é que a nossa civilização se constituiu em torno da crença no facto de ter havido um tempo antes de Cristo, o das trevas, e outro tempo depois d'Ele, o da luz. As trevas referem-se à antiga Aliança, a que Moisés estabeleceu com o seu povo, no Sinai, e que se resume na expressão «vós sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus»⁷⁴. No entanto, a luz simboliza a nova Aliança, que Jesus estabeleceu com a humanidade na Última Ceia e que se selou na cruz da crucifixão, resumindo-se na frase «este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós»⁷⁵.

Nota-se, neste quadro, o aparecimento das Epístolas antes dos Evangelhos. Estes surgiram, portanto, numa altura em que as primeiras comunidades cristãs já estavam formadas, narrando no seu interior as experiências vividas pelos seus autores.

⁷¹ Mt16,18.

⁷² Foram escritos quatro evangelhos: os evangelhos sinópticos- *Mateus, Marcos e Lucas*. Chamam-se assim por todos eles manterem uma mesma linha de acção e se basearem numa fonte narrativa comum. O outro é o evangelho segundo *S. João*, que é mais abundante em referências a Jesus e manifestamente mais teológico.

⁷³ Foram escritos: os *Actos dos Apóstolos*, as *Cartas de S. Paulo: aos romanos, 1ª aos coríntios, 2ª aos coríntios, aos gálatas, aos efésios, aos filipenses, aos colossenses, 1ª aos tessalonicenses, 2ª aos tessalonicenses, 1ª a Timóteo, 2ª a Timóteo, a Tito, e a Filémon; a carta aos hebreus; as cartas católicas: Tiago, 1ª de Pedro, 2ª de Pedro, 1ª de João, 2ª de João, 3ª de João, Judas; e o Apocalipse*.

⁷⁴ Lv26,12; Jr7,23; Ez37,27.

⁷⁵ Mt26,27; Mc14,24; Lc22,20.

Quadro III

Cronologia dos Textos Sagrados no Novo Testamento⁷⁶

| Ano | Imp. Romano | Reis e Procuradores romanos | Livros do N.T. |
|--------|--------------------------|---|--|
| 10 a.C | Augusto | Herodes o Grande (37-4 a.C) | |
| 1 d.C | | 1º Arquelau (até 6 d.C) 2º Filipe (até 34 d.C) 3º Herodes Antipas (até 39 d.C). | |
| 10d.C | Tibério (1-37 d.C) | | |
| 20d.C | | Pilatos (26-36 d.C) | |
| 30d.C | Calígula (37-41 d.C) | Herodes Agripa (37-44 d.C) | |
| 40d.C | Cláudio (41-54 d.C) | Félix (52-60 d.C) | |
| 50d.C | Nero (54-68 d.C) | | 1ªTs; 2ªTs; Gl; 1ªCor; 2ªCor; Fl; Rm; |
| 60d.C | | Festo (60-62 d.C) | Cl; Flm; Fl; 1ªTm; 2ªTm; |
| 70d.C | Tito (79-81 d.C) | Vespasiano (69-79 d.C) | 1Pe; Mc; Mt; Heb; Lc; Act; Cartas católicas |
| 80d.C | Domiciano (81-96 d.C) | | |
| 90d.C | Nerva (96-98 d.C) | | Jo; 1ªJo; 2ªJo; 3ªJo; 2ªPe; Ap |
| 100d.C | Trajano (98-117 d.C) | | |

Pelo quadro anterior, verifica-se facilmente como estava organizada politicamente a Palestina, como se exercia a autoridade e, como os reis e procuradores dependiam directamente do imperador. Entre os procuradores mais influentes, conta-se Pilatos, aquele que mais activamente participou na condenação e morte de Jesus.

Em meados da década de sessenta da nossa era, o poder romano destruiu o Templo de Jerusalém⁷⁷. Como se depreende, é num quadro político social e religioso hostil que se formaram as

⁷⁶ *Bíblia Sagrada*, p. 1557.

⁷⁷ *Bíblia Sagrada*, p. 1555. «Com a destruição do Templo, desaparece a classe politicamente mais forte, a classe sacerdotal ou dos Saduceus. Na fuga geral, também a pequena comunidade cristã de Jerusalém, segundo algumas tradições, se refugiou em Pela, na Decápole e noutros locais próximos. A partir dos anos 70d.C desaparecem todos os principados da Palestina e o território é governado por administração directa de Roma».

primeiras comunidades de cristãos e, com elas, se fundaram os alicerces de uma igreja cristã militante, que chegou até aos nossos dias⁷⁸.

8 – Apontamentos económico-geográficos da Palestina nos tempos bíblicos⁷⁹

Para além da atenção concedida aos aspectos históricos, não deve ser descurado o tema da caracterização geográfica e económica da Palestina, do Antigo ao Novo Testamentos, para se perceberem melhor algumas expressões nos vários textos bíblicos. Tanto os Profetas como Jesus Cristo, na sua comunicação, para tornarem mais expressivas as suas palavras, recorriam à mundividência envolvente, ao conhecimento e experiência conhecida e partilhada pelos destinatários das suas mensagens. Também certos Salmos⁸⁰, por exemplo, fortemente inspirados pela paisagem que os circundava, oferecem-nos expressivas mensagens doutrinárias.

Sendo assim, importa contextualizar os vários nomes que a terra da Palestina recebeu na Bíblia: *Terra de Israel*⁸¹, *Terra de Canaã*⁸², *Terra dos hebreus*⁸³, *Terra Prometida*⁸⁴, *Terra do Senhor*⁸⁵ e *Terra Santa*⁸⁶. Para os cristãos, o nome *Terra Santa* é o mais usado, por ter sido aí que nasceu, viveu, morreu e ressuscitou Jesus Cristo.

Quanto aos limites geográficos⁸⁷, é possível retirar da Bíblia indicações precisas acerca das dimensões do território palestino, como se pode verificar pela expressão: «desde Dan a Bercheba»⁸⁸, o mesmo é dizer, de Norte a Sul. Esta distância corresponde sensivelmente a duzentos

⁷⁸ Manuel de Tuya e Jose Salguero, *Introducción a la Biblia*, Madrid, La Editorial Católica, 1967, pp. 592-593 «El año 63 a. C., Pompeyo entro en Jerusalén, anexionando de esta manera Palestina al Imperio romano. El territorio judío siguió dependiendo de la provincia romana de Siria. El procónsul Gabinio (57-55 a. C) dividió Palestina en cinco distritos: Jerusalén, Jericó, Séforis, Gazara y Amathus, gobernados por cinco *sinedrios* bajo la vigilancia del procónsul de Siria. Herodes el grande (37-4 a.C) logro, con la ayuda de Roma, apoderarse del reino judío de Palestina, exceptuando los territorios de la Decápolis, de los Moabitas y de los Nabateos. Abarcaba por consiguiente, la Judea, la Samaria, Galilea, Perea, Gaulanitis, Batanea, Auranitis, y Traconitis. A la muerte de Herodes, su reino fue dividido entre sus tres hijos: Arquelao recibió la Judea, Samaria y parte de Idumea, con el título de etnarca; Herodes Antipas fue constituido tetrarca de Galilea y Perea, y Filipo tetrarca de Traconitis, Batanea, Gaulanitis e Iturea. El año 6 de nuestra era, Arquelao fue depuesto por la autoridad romana a causa de las muchas quejas recibidas contra él. Su etnarquia fue puesta bajo la autoridad de un procurador romano que residía habitualmente en Cesarea. El gobierno de Judea por los procuradores romanos duro desde el año 6 hasta el 41 de nuestra era, en que Herodes Agripa I, nieto de Herodes el Grande, fue constituido rey de toda Palestina (41-44). A la muerte de Agripa volvió a implantarse el régimen de procuradores. (...) El año 66, bajo el procurador Gesio Floro, se produjo la grand sublevación judía contra Roma que sería sangrientamente aplastada tres años después con la conquista y la destrucción de Jerusalén por Tito. A partir del año 70 Judea fue constituida provincia romana independiente de la de Siria y gobernada por legados imperiales pertenecientes al orden senatoria.» ; Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, pp. 467-495.

⁷⁹ Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, pp. 13-57; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, pp. 563-593.

⁸⁰ Sl22,2 «Em verdes prados me faz descansar e conduz-me às águas refrescantes.»; 80,17; Ct2,13.

⁸¹ Jz19,29.

⁸² Gn12,5; 9,18ss; 10,6-15; Nm13,29; Js11,3.

⁸³ Gn40,15.

⁸⁴ Js5,6; Sir 46,11.

⁸⁵ Is8,8.

⁸⁶ Zc2,12-17.

⁸⁷ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, pp. 564-565.

⁸⁸ Jz20,1; 1Sm3,20; 2Sm3,10.

e quarenta quilómetros⁸⁹. Noutras passagens, são-lhe atribuídos limites mais ambiciosos: «desde o rio do Egipto até ao grande rio, o Eufrates»⁹⁰ e «desde o rio do Egipto até à entrada de Hamat»⁹¹. Apesar desta oscilação, explicada pelos movimentos migratórios, forçados e voluntários, do povo de Abraão, estes limites ter-se-ão estabilizado nos reinados de David e Salomão⁹².

A Ocidente, a Palestina é banhada pelo Mar Mediterrâneo, desde a região de Tiro até ao rio do Egipto; a Oriente, estende-se desde a região de Damasco até ao Sul do Mar Morto; os limites setentrionais desenvolvem-se desde a foz do rio Leontes, no Mediterrâneo, até à região localizada entre Damasco e os montes Hauran; os limites meridionais começam na extremidade sul do Mar Morto, passam pelo deserto de Sin e chegam ao rio do Egipto, junto ao Mar Mediterrâneo.

Ainda assim, o território palestino, no seu interior, é bastante pobre em correntes de água. Recorde-se que uma área total aproximada de vinte e cinco mil quilómetros quadrados apenas conta com o rio Jordão, alguns pequenos afluentes, o lago Tiberíades e o grande lago, o Mar Morto.

No que diz respeito ao clima⁹³, o calor e a seca são abundantes nas zonas próximas do deserto, apesar de também sofrer a influência do mar. Igualmente é influenciado pela altitude, de tal modo que nas partes mais elevadas do centro da Palestina se verifica uma considerável amplitude térmica sazonal. Onde se sente maior calor é no vale do Jordão, por se encontrar abaixo do nível do Mar Mediterrâneo.

Com este tipo de clima não é possível distinguir mais do que duas estações do ano: o Verão e o Inverno. O Verão, época de seca absoluta, começa no mês de Maio e estende-se até Setembro⁹⁴. Durante a noite faz-se sentir bastante orvalho, o que permite refrescar a atmosfera e as plantas. O Inverno decorre durante os restantes meses, sendo mais rigoroso entre Novembro e Março. É um período de chuvas intensas e frequentes. Às vezes também chove nos meses de Outubro e Abril, o que permite fazer melhores colheitas⁹⁵.

As actividades profissionais mais marcantes de que nos fala a Bíblia, desde o Antigo ao Novo Testamento, são a agricultura⁹⁶, a pesca⁹⁷, a pastorícia⁹⁸ o pequeno comércio⁹⁹ e a pequena indústria¹⁰⁰.

⁸⁹ Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, p. 19 «la distancia en línea recta entre ambos puntos es solamente de 240 kilómetros.»

⁹⁰ Gn15,18; Js1,4.

⁹¹ Nm34,1-12.

⁹² 1Rs5,1.

⁹³ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, pp. 584-587; J. González Echegaray, *ob. cit.*, pp. 28-30.

⁹⁴ 2Sm21,10.

⁹⁵ Jr5,24; Dt11,14.

⁹⁶ Gn9,20; 2Rs25,12.

⁹⁷ Jb40,25; Is19,8; Ez47,10; Mt4,18; 13,48.

⁹⁸ Gn4,2; Is40,11; Gr3,15; Lc2,8; Jo10,14.

⁹⁹ 2Mc8,14; 8,24; Mt21,12; Jo2,15.

¹⁰⁰ Jz17,4; 1Cr29,5; Ne3,8; 3,31; 3,32; Pr25,4; Is40,19; Jr10,9; Mt13,55; Mc6,3.

II – O valor dos alimentos no Antigo Testamento e nos Evangelhos – o real e o simbólico

A alimentação é um campo do saber tão importante que tem seduzido a humanidade para dela se servir como instância de explicação, pela sua potencialidade de se constituir como símbolo das questões que preocupam todo homem e o homem todo.

Estas características são visíveis na Bíblia, cuja linguagem recorre à referência aos alimentos, como forma de expressar a sua condição utilitária, mas, também o seu significado espiritual e místico. Uma boa parte da mensagem doutrinal que este Livro Sagrado pretende transmitir baseia-se no imaginário alimentar dos seus autores. Estes aproveitaram a relevância particular dos alimentos nas sociedades de então para criarem cenários alimentares e gastronómicos atraentes e apelativos. Ao realçarem a sua função dietética, imprimiram-lhe, em simultâneo, um carácter ascético, sagrado e afectivo¹. Também a dimensão estética, resultado da fruição sensorial², não é alheia à referência aos alimentos no texto bíblico, algo que já tinha sido focado pela filosofia antiga, nomeadamente por Hipócrates e Platão³.

Além de várias centenas de ocorrências a produtos alimentares, a Bíblia também apresenta sugestões de suculentos pratos, alguns dos quais farão parte da ementa de degustação que se apresenta no capítulo III deste trabalho. Esse *menu* intenta traduzir, nos dias de hoje, o imaginário alimentar bíblico. Os pratos que o compõem serão descritos de uma forma ordenada e sequencial, mostrando uma tipologia bastante significativa da cultura judaico-cristã. Por um lado, como a Bíblia tende transmitir uma mensagem de saciedade dos homens, essa ementa visará realçar o princípio de que ninguém é realmente feliz se não se alimentar convenientemente⁴. Por outro lado, essa ementa pretenderá ilustrar a fusão entre o mundo alimentar judaico e cristão. Iremos verificar também, como ainda hoje são uma realidade na forma de exercer o poder, as questões que se prendem com a

¹ Paula Barata Dias, «A Linguagem dos Alimentos nos Textos Bíblicos – Sentidos para a Fome e para a Abundância», *Humanitas* 60, 2008, p. 162.

² Paula Barata Dias, «art. cit.», pp. 157-175, «No entanto, a mesma linguagem da espiritualidade utiliza metáforas e imagens de enorme riqueza que associam o acto de alimentar-se à fruição e à felicidade que resulta do mesmo, legitimando-o como fonte de percepção mística. Do mesmo modo, o acto de alimentar-se aparece como fundamento de rituais e práticas religiosas, que vão desde os sacrifícios pagãos até à Eucaristia própria do cristianismo. Finalmente, no próprio texto bíblico, são abundantes, nas suas narrativas, motivos e símbolos ligados à alimentação, aos próprios bens alimentares e à experiência dos extremos, desde a inanição à saciedade, quer como limites da própria humanidade quer como metáforas da superação da mesma.»

³ Mary Douglas, *Pureza e Perigo*, Edições 70, Lisboa, 1991, p. 52 «Ehrenzweig chegou a ponto afirmar que as obras de arte nos provocam prazer porque nos permitem ir para além das estruturas explícitas da nossa experiência normal.»; Platão, *Górgias*, Pulquério, Manuel Oliveira trad., Lisboa, Edições 70, 1992, p.164; Hippocrate, *Du Regime*, Robert Joly, ed. e trad., Les Belles Lettres, Paris, cap. 3, 18, 1967, pp.69-78. Hipócrates vai ao ponto de estabelecer a relação entre as várias artes, nomeadamente a arte musical e a arte de cozinhar.

⁴ Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, *História da Alimentação – Dos primórdios à Idade Média*, Lisboa, Terramar, 2ª ed., 2008, p. 175, «A alimentação é “boa para pensar”, dizem os antropólogos.»

ordem, a listagem e a hierarquia, no que respeita aos produtos alimentares e no molde como as pessoas tomam lugar à mesa.

Mas os autores bíblicos não ficaram somente pela cozinha. Levaram, também, os alimentos até à mesa, espaço a partir do qual revelaram o seu mais profundo e verdadeiro significado e no qual os homens sempre assumiram a sua dimensão de comunidade, se ligaram ao sagrado, e definiram uma hierarquia social⁵.

As referências alimentares citadas ao longo da Sagrada Escritura correspondem, sobretudo, às realidades agrícolas, económicas, geográficas e sociais das civilizações contemporâneas da Bíblia, como é o caso da egípcia, síria, mesopotâmica, persa, grega e romana.

O estudo do fenómeno alimentar suscita as questões relacionadas com a história dos alimentos, das quais se destacam a forma de os cultivar, colher, comercializar, cozinhar, servir e comer. A Bíblia fornece dados precisos sobre todas estas matérias, uns mais reais e outros mais simbólicos. A história, a sociedade e a cultura dessas civilizações antigas contribuíram também para melhor enquadrar e interpretar o significado das referências alimentares bíblicas.

De facto, a alimentação não corresponde somente a uma satisfação das necessidades nutricionais⁶. Poderá ter sido assim nos alvares da humanidade, mas, ao longo da história, ela tornou-se cada vez mais a expressão da alma dos povos. Da alimentação como resposta a necessidades individuais, evoluiu-se para o sentido de ela poder fomentar a formação de grupos, estruturando-os com uma identidade própria. Manifestou-se, assim, neste princípio, o carácter de agregação do povo hebreu. Essa dimensão comunitária do acto de comer conduziu-nos para a temática do banquete enquanto paradigma da socialização e da solidariedade entre os homens e as divindades. Esta realidade, que já se verificava no passado, tornou-se marcante para o povo judeu e alcançou uma abrangência superior para os cristãos⁷. O banquete atinge na Bíblia o seu mais alto valor real e simbólico, sobretudo na narração da Última Ceia⁸, onde assume contornos verdadeiramente transcendentais. A celebração da intimidade alcança o seu ponto alto na partilha dessa refeição. Afinal, essa Ceia acabou por centralizar e culminar a importância que o povo judeu já dava ao acto de comer⁹, assim como a que assumiu nas mais diversas civilizações que se

⁵ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.20 «Para nós os objectos e os lugares sagrados devem ser protegidos das impurezas. O sagrado e o impuro são pólos opostos. Não podemos confundi-los, como não poderíamos confundir a fome com a saciedade (...); Paula Barata Dias, «art. cit.», p.164, «O aperfeiçoamento espiritual do homem religioso exige-lhe o domínio sobre o acto de alimentar-se, a frugalidade, a abstinência, e o jejum, isto é, a redução deste comportamento ao estritamente necessário e funcional.

⁶ Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, *ob. cit.*, p.38.

⁷ Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, *ob. cit.*, p. 41.

⁸ Lc22,14-20.

⁹ Jacob Milgrom, «The Biblical Diet Laws as an Ethical System – Food and Faith», *Interpretation*, 17, 1963, Union Theological Seminary, Virginia, pp. 288-301.

seguiram. Na verdade, enquanto instituição, a refeição sempre procurou exprimir sentimentos de amizade íntima¹⁰.

Já nos tempos pré-bíblicos, quer nos banquetes particulares, quer nos reais, o prazer da refeição tomada em comum valorizava mais a partilha e o convívio, do que a sua composição. Contudo, a hierarquização dos convivas mantinha-se impiedosa no caso dos banquetes reais e no das classes mais favorecidas, uma vez que até a distribuição e qualidade dos alimentos se fazia de maneira diferente, conforme a posição social dos convidados. Este género de banquete provocava a discriminação e fazia acepção de pessoas, desvalorizando especialmente as mais pobres. A transversalidade deste modelo encontrava-se de tal modo arraigada nas sociedades de então, que Jesus se viu na necessidade de combater esta norma, como se depreende da narrativa evangélica, especialmente em S. Mateus e S. Lucas¹¹.

Nos banquetes reais, além dos rígidos rituais próprios da mesa, dispunham-se sobre ela, entre outros, os seguintes pratos: carnes grelhadas e guisadas, bolos de pão, legumes, sobremesas à base de frutos e pastelaria adocicada com mel. Às vezes, para melhorar a refeição, transbordavam os acepipes de grande valor culinário: peixes do rio fritos, ovos de avestruz, cogumelos e pistácios.¹² Durante o próspero período neo-assírio construíram-se muitos palácios reais, cuja inauguração motivava grandes festejos, nos quais nada faltava¹³. Nestes, como em outros eventos, exorbitava-se na comida, como forma de expressar opulência.

Sem esquecer civilizações anteriores e posteriores, a egípcia formava o quadro mais próximo da realidade bíblica, tendo contribuído com um legado histórico impressionante, que ajuda a compreender melhor a história do povo de Israel e a conseqüente mensagem dos Livros Sagrados. O facto de este povo, quando se formou, se ter fixado naquele país, prova esta interacção.

A questão alimentar, tão central para os hebreus, encontra explicação já no mundo egípcio. Terra fértil em produtos alimentares, devido principalmente às inundações periódicas do rio Nilo, assenta a base do seu sustento na agricultura, criação de gado, caça e pesca. Essas actividades

¹⁰ Mary Douglas, «Deciphering a Meal», *Daedalus, Journal of American Academy of Arts*, 101, (t.1), 1972, pp.66.

¹¹ Mt22,14; Lc14, 15-24: «...Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade e traz para aqui os pobres, os estropeados, os cegos e os coxos.»

¹² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp. 43-52.

¹³ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp. 48-49, «Assim procederam Sargão II para o de Dur-Sarrukin, Senaqueribe (705-681 a. C.) para o de Ninive ou Esarhaddon (680-669^a. C.) para o de Ninive. O mais gigantesco destes banquetes foi o que ofereceu Assurnasirpal II (883-859 a.C) depois de terminado o palácio de Kalhu, que convidou 69574 pessoas para um festim que durou dez dias. A lista das vitualhas consumidas abrange várias dezenas de linhas e enumera quantidades gigantescas: 1000 bois gordos, 14 000 carneiros, 1000 cordeiros, várias centenas de espécies variadas de cervídeos, aves de capoeira, entre as quais 20 000 pombos, 10 000 peixes, 10 000 gerbos, 10 000 ovos, sem contar milhares de jarras de cerveja e de odres de vinho. São também citadas e cuidadosamente pormenorizadas quantidades enormes de pães, cestos de legumes e de frutos, bem como de condimentos, demonstrando que aproveitara o contributo de todos os recursos do império; ali se encontram em especial azeitonas vindas da Síria ocidental. A tradição destes festins reais marcou o Próximo Oriente, visto que encontramos na Bíblia alguns episódios destes, como o “festim de Baltazar” em Babilónia, que precede o desmoronamento do império neobabilónico (539 a. C.) ou o que foi organizado por Assuerus/Xerxes no início do livro de Ester.»

proporcionavam uma alimentação variada e nutritiva. A produção de cereais era de tal modo elevada que ainda vendiam os excedentes aos povos vizinhos¹⁴.

O livro do *Génesis* confirma especialmente a sua riqueza em trigo, mas a cevada e a espelta também abundavam¹⁵. Estes cereais destinavam-se principalmente à confecção do pão e de bolos doces para as camadas sociais economicamente mais desfavorecidas. As bebidas alcoólicas também evidenciaram uma realidade gastronómica e cultural egípcia, nomeadamente a cerveja e o vinho¹⁶. As hortas e os pomares forneciam vegetais e frutos abundantes. Nas primeiras, cultivavam-se cebolas, alhos-porros, alhos e alfaces, sendo estas últimas destinadas, sobretudo, a oferecer aos deuses¹⁷. Criavam-se, também, melancias, melões e pepinos, além de algumas leguminosas, como o tremço, o grão-de-bico, a fava, e a lentilha. Os pomares forneciam figos, maçãs, romãs e azeitonas. «Os citrinos só serão cultivados no Egipto a partir da época greco-romana.»¹⁸. Será essa a razão para a ausência de referências a estes frutos no A.T.

A carne bovina, ovina e caprina¹⁹, os lacticínios e o peixe²⁰ proporcionavam abundância alimentar e riqueza proteica nas mesas das classes altas e do povo. No Egipto, sobretudo nas aldeias, a carne de porco tornou-se importante na subsistência das camadas populares. Os gansos, os patos, as codornizes e os pelicanos constituíam, também, uma parte substancial da carne consumida.

O leite, os seus derivados e o mel completavam a lista alimentar das mesas egípcias²¹. Esses alimentos produzidos em tanta abundância no Egipto poderiam não ter estado ao alcance dos hebreus, enquanto lá moraram. O facto de a *Terra Prometida* ser considerada o local onde *corre leite e mel* justifica o desejo de este povo se libertar do cativo sofrido e deslocar-se para um local

¹⁴ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp. 55-56, «As planícies do Nilo, periodicamente inundadas, produziam cereais em quantidades abundantes e suficientes para o consumo nacional e para a exportação. O trigo e a cevada constituíam a base da alimentação e serviam para fabricar pão e cerveja; quanto ao pão de espelta, destinava-se sobretudo às classes mais modestas.»

¹⁵ Gn42,1-6.

¹⁶ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 57-58 «Conhecemos a preparação da cerveja no antigo Egipto graças às cenas pintadas nas paredes de certos túmulos privados e aos “modelos” de fábricas de cerveja. (...) A vinha, que já existia na época pré-dinástica, estava espalhada no delta, no Fayum, e nos oásis ocidentais (Khargyeh, Dakhla, Baharia, Farafrá). Cultivada em espaldeira e sobretudo em latada, dava uvas pretas utilizadas sobretudo para vinificação. Depois da vindima e da pisa, o vinho era acondicionado em ânforas de barro cozido, tornadas menos porosas por meio de um revestimento de resina aplicado na superfície interior, e seladas com argila.»

¹⁷ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.57.

¹⁸ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 58.

¹⁹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 58, «Com o sangue dos bovinos degolados para os sacrifícios, faziam uma espécie de morcela. Entre as entranhas, o baço e o fígado eram as mais apreciadas e a gordura era utilizada como tempero. O filete e o lombo eram cozinhados no forno ou grelhados, enquanto os bocados menos apreciados eram cozidos. (...) Criados em grande número nas aldeias. Os porcos ocupavam um lugar importante na alimentação do Egipto antigo. Provavelmente, esta carne só era proibida nas oferendas rituais.»

²⁰ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 59, «As numerosas cenas de pesca representadas nos túmulos a partir do Alto Império mostram uma grande variedade de peixes, como sargos, tilápias, peixes-gato, carpas, barbos e enguias. Longe de estar reservada às classes inferiores, esta alimentação destinava-se também à corte e os nobres pescavam à linha nos lagos e tanques dos seus palacetes. (...) Ora, apesar destas provas da importância do peixe na alimentação egípcia, este não figura entre as oferendas fúnebres (o “edital”) e só raramente está presente nas mesas de oferendas. Talvez estejamos na presença de uma espécie de “tabu olfactivo” (diferente do religioso, relacionado com certos peixes).»

²¹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.58-60.

onde não sofresse privações. Este desejo acentuou-se durante o período de tempo em que vaguearam através do deserto. Efectivamente, devemos estar no campo simbólico, pois, na realidade, melhores condições de vida era o que o povo eleito mais procurava. Nessa terra abundava a água, fonte de vida²², o que a diferenciava totalmente dos sítios até aí percorridos. O leite e o mel deverão ser encarados como uma metáfora relativa à abundância e à diversidade alimentares.

Contudo, esta variedade encontrada em Canaã pela qual o povo hebreu ansiava, não poderia ser incluída nas refeições, uma vez que Moisés prescreveu, sob mandato de Javé, uma *dieta especial* àquele povo. Se pretendiam ser verdadeiramente o povo eleito, teriam de aceitar formas de condicionamento alimentar, ou seja, a proibição de comer determinados alimentos. Entre muitos outros aspectos da vida quotidiana foi especialmente sobre a carne de certos animais que recaíram os mais rígidos interditos alimentares, os quais pesavam enquanto sinal de pertença a uma identidade nacional e religiosa.

Outras influências fortes que se fizeram sentir na Bíblia, especialmente no N.T. e nos últimos livros do A.T. (323-29 a.C), vieram de outras florescentes civilizações, como foram a helenística e a greco-romana. A primeira influenciou a segunda, estando a romana a atravessar o seu apogeu na época do nascimento de Jesus. Uma boa parte da mensagem do N.T., particularmente a que diz respeito aos Evangelhos, está enraizada no modelo da sociedade greco-latina vigente nessa altura, a qual definia a classe das pessoas pelo que comiam. Essa diferenciação social nota-se bastante nos Evangelhos, precisamente nos episódios relativos aos milagres da multiplicação dos peixes e dos pães, protagonizados por Jesus, para matar a fome ao povo que o seguia²³. Nessa época os pobres constituíam cerca de 90% da população e a sua escassa alimentação era constituída por pão ou papas de cereal (cevada para os gregos e trigo para os romanos), frutos e vegetais, caracóis e marisco. Os ricos, que perfaziam os restantes 10% da população, faziam refeições complexas e sofisticadas (com regras de etiqueta) com variedade de pratos, recorrendo, a maioria das vezes, a profissionais para lhes confeccionarem²⁴.

Não há dúvida que a questão alimentar suscitou enorme centralidade na vida das pessoas ao longo da história, servindo, muitas vezes, como o fiel da balança, entre ricos e pobres, pelo que os autores dos livros sagrados a colocaram como o grande suporte na mensagem que quiseram transmitir. Logo a abrir a Bíblia, no seu primeiro livro²⁵, o *Génesis*, apesar do simbolismo de que se reveste e do metaforismo empregue pelo seu autor, o apelo ao imaginário alimentar é tão forte que

²² Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 585.

²³ Mt14,13-21.

²⁴ Apício, *Ars Coquinaria*, in Inês de Ornellas e Castro (ed. trad., e com.), *O Livro de Cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano*, Colares Editora, Sintra, 1997; P. Phyllis Bober, *Art, culture, and cuisine. Ancient and medieval gastronomy*, The University Chicago Press, Chicago, 1999, cap. 4, pp. 81-98; M. John Wilkins e Shaun Hill, *Food in the ancient world*, Blackwell, Oxford, 2008, 2nd ed) pp.20-24.

²⁵ Félix García López, *El Pentateuco*, Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 2003, pp. 67-126.

interessa fazer uma prévia abordagem à sua mensagem antes de se iniciar uma recolha de elementos alimentares mais específica. Os alimentos mencionados nos restantes livros são previamente apontados no Génesis. Em linguagem simbólica, esse livro assume a função de despensa construída no interior de um enorme edifício, onde há lugar também para cozinhar e comer. Ora, esta questão introduz-nos no âmbito sistemático da ordem sob a qual o mundo seria criado. De facto, na cozinha, a despensa é o espaço onde os alimentos se encontram mais ordenados. Este rigor na arrumação dos bens alimentícios, que encontra paralelo na Criação, conduz o ser humano há muito tempo a usar as actividades de nomear, classificar e listar como forma de conhecer, ou seja, de buscar a ordem na diversidade das coisas que se encontram à sua volta²⁶. Assim, o dar nome e o classificar constituem não só uma forma de apreender o mundo mas também de assumir um domínio sobre ele²⁷. Estabelecer e manter a ordem estiveram ligados à governação como um exercício de poder e de autoridade humana. Os Israelitas interpretaram assim, dessa forma, a ordem e o controle do mundo, como o comprovam certos livros da Bíblia²⁸.

No livro do *Génesis*, o leitor pressente que está iminente uma grande azáfama, semelhante àquela que antecede a construção de uma grande obra. O arquitecto ou o grande Mestre há muito que tinha o seu projecto pronto e estava ansioso que a obra começasse, precisando apenas de alguns colaboradores empenhados, que o ajudassem ou em quem pudesse delegar responsabilidades. Ele desejava construir um faustoso palácio que tivesse uma grande sala e no seu centro uma mesa do tamanho do mundo, onde pudesse reunir-se e comer com todos os seus amigos, mas partilhando também a sua vida, com todos os seres humanos. A bem dizer, Ele concebeu uma obra onde coubesse toda a criação em perfeita harmonia.

No princípio, o Mestre da criação, numa prova de liberdade, deixou que o homem pusesse a mesa onde quisesse, criando-lhe, para isso, um espaço aprazível, acolhedor e com uma estética perfeita²⁹. O autor do livro do *Génesis* aponta Deus como o criador desse espaço³⁰, colocando a pessoa no seu centro, para o dominar e transformar³¹. Ele, como prova de grande amor, concebeu um cenário de rara beleza para ser agradável aos seres humanos. Colocou tudo à disposição e, assim, todas as criaturas poderiam desfrutar das maravilhas de uma mesa farta, onde não faltassem

²⁶ Sl8; Richard Witekettle, «Critical Notes, Taming the Shrew, Shrike, and Shrimp: The Form and Function of Zoological Classification in Psalm 8», *Journal of Biblical Literature* 125, nº4, 2006, pp.749-795; Mary Douglas, *Pureza e Perigo*, edições 70, Lisboa, pp.63 e 73.

²⁷ Richard Witekettle, «art. cit.», p.750.

²⁸ Gn2,19-20; Lv11; Dt14,3-20; 1Rs5,9-14; Pr30,15-31.

²⁹ Gn1,1ss «E Deus viu que isto era bom.»

³⁰ Gn1,1-2 «No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.»

³¹ Félix Garcia López, *ob. cit.*, p.80 «La creación de los seres humanos viene al final, como culmen de toda la obra creadora. La creación del hombre y de la mujer destaca, por su forma y contenido, sobre todas las otras obras de la creación:»; Gn1,26 «Depois, Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.»

bons e deliciosos manjares. Nesse espaço, chamado jardim do Éden, tudo seria perfeito³². Contudo, avisou que, quem não estivesse com Ele ou quem se fizesse mais forte do que Ele, não poderia participar no ritual da mesa, sequer, e seria afastado da sua presença.

Havia, em concreto, um alimento, profundamente apetecível, que estava proibido. Podemos, assim encontrar já no Génesis, ou seja, na obra da criação, o tópico do condicionamento alimentar como modo de relacionamento com Deus.

Esse alimento delicioso, cujo nome nunca foi revelado, apenas designado por fruto da árvore do conhecimento³³, que pela Sua mão foi levado à mesa, mas que não era para comer³⁴, reservou-o Ele para experimentar com que tipo de colaboradores poderia contar. Quem o comesse, morreria. Este episódio reflecte o princípio da fragilidade humana, que, ao desobedecer à ordem do anfitrião, que é Deus, comendo do fruto proibido colocado sobre a mesa, põe em causa o sentido do poder e da imortalidade³⁵. É a partir deste momento que a afirmação da mesa, como centro de acolhimento de todos, deixa de ser incondicional. Com esta transgressão alimentar, a criatura humana desobedeceu ao seu Deus, abrindo um fosso entre ambos. A partir desta desarmonia abriu-se caminho para o alimento interdito. Comer o fruto proibido, foi em última instância, desobedecer e desafiar a hierarquia e a ordem estabelecida. O acto de comer surge como metáfora para o conhecimento não autorizado.

Esse ser Altíssimo, que aparece descrito no livro do *Génesis* a preparar o mundo para uma grande refeição, assume-se como um Deus sem genealogia, sem passado, sem história e, por isso, um Deus que se terá de interpretar fora do tempo e do espaço. É o rei do universo, senhor de todo mundo e dos seres por Ele criados. O modelo maravilhoso de civilização, que Ele imaginou, só seria possível se o homem O reconhecesse como fundamento da criação e do seu sustento, físico e espiritual. Ora, segundo o N.T., o alimento começa por ser Ele próprio³⁶. Na realidade, assim como Deus se deu em alimento a todo o mundo, também toda a criatura humana deveria ser o Seu alimento, de tal modo que a potência que fez explodir a criação foi essa necessidade que Deus e o homem tiveram um do outro. Foi esta relação de cumplicidade forte que se estabeleceu entre o Criador e as criaturas, que fez acender a chama da eternidade.

Esta atmosfera divina atingiu a relação de amor travada entre Deus e o homem, potenciando-se no recurso à imagem da luz³⁷, por parte do autor sagrado. A luz corporiza o grande e inicial sinal

³² Gn2,15.

³³ Maurice Cocagnac, *Les Symboles Bibliques, Lexique théologique*, Cerf, Paris, 1993, pp. 135-142.

³⁴ Gn2,17 «mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que o comerdes, certamente morrerás.»

³⁵ Félix Garcia López, *ob. cit.*, p.82 «En el diálogo de Dios con la pareja humana y en las maldiciones sucesivas, despuntan otros, desequilibrios: el miedo, el dolor y el ansia, la fatiga. Se rompe la solidaridad original entre el hombre y la mujer (...) Se quiebra igualmente la solidaridad original entre el hombre y la tierra.»

³⁶ Jo 6,53-58.

³⁷ Gn1,3.

de que nos fala a Bíblia, desde o primeiro instante. Pelo seu valor real e simbólico, ela poder-se-á elevar à condição de alimento, porque a sua ausência cria um vazio, as trevas da insaciedade e a fome eterna³⁸. Na esfera alimentar, a luz assume um papel fundamental, ao permitir a percepção estética das suas formas, cores e movimentos. A própria reacção ao odor e ao sabor dos alimentos aumenta na presença do estímulo visual proporcionado pela luz.

Antes de Deus criar a luz, o mundo era obscuro³⁹: existia, mas dele não se podia tirar mais proveito do que ausência de forma e vazio. Havia que iluminar a grande sala de refeições, de tal modo que o jardim fosse entendido como dádiva de Deus. De facto, a luz veio dar o brilho à realidade, acabar com a escuridão e iluminar a mesa da refeição⁴⁰.

Outro elemento bíblico de grande significado traduz-se pela água⁴¹. Embora não se enquadre com outros alimentos neste trabalho, ela representa o início das coisas, a continuidade da vida para além da morte e a abundância de espiritualidade. A água compõe o segundo elemento material que aparece descrito na Bíblia. Recorrendo a ela, o Mestre fez a argamassa para ligar cada uma das pedras da construção do mundo. Os autores sagrados designam-na como um sinal do perdão e da abundância celestial⁴². Mas a sua ausência de forma conduz-nos a outras interpretações. A água é um símbolo que expressa o princípio e o crescimento das coisas como a sua decrepitude. Por isso, a simbologia da impureza também se lhe aplicou, mormente pelo povo judaico. Isto mesmo fundamentou Mary Douglas ao citar M. Eliade⁴³.

No mesmo plano, o livro do *Êxodo* advertiu que não se comesse nada cozinhado em água, apenas cozinhado ao fogo⁴⁴. Outrora, como hoje, o assado confere maior excelência à comida, sendo reservado apenas para os grandes momentos da vida, destinado a obsequiar alguém com muita importância ou a comemorar uma data muito significativa, para que fique a perdurar na lembrança das pessoas. Ao penetrar lentamente no seu interior, o fogo, pela acção silenciosa da sua

³⁸ Jb1,9; 8,12;29,3; Is45,7; 60,1-3; 60,19.

³⁹ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.29 «A mitologia é uma espécie de bordado que enfeita as crenças mais sólidas. A verdadeira religião, desde os tempos mais remotos, está enraizada nos valores morais da comunidade. Até os mais primitivos e os mais errantes dos vizinhos de Israel, atormentados por demónios e mitos, mostram alguns sinais de verdadeira religião.»; Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.13-25.

⁴⁰ Alberto Colunga, (coord.), *Bíblia Comentada I*, Madrid, la Editorial Católica, 1967, p. 64 «El régimen alimenticio vegetariana es eco de un mito sobre una edad primitiva de oro de la humanidad, en la que no existía la lucha por la existencia.»

⁴¹ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.53-61; Jean Daniélou, *Sacramentum Futuri*, Beauchesne, Paris, 1950, pp.13-20.

⁴² Gn1,6-10; Sl1,3; 22,2; 41,2; 72,10;Mt3,6; Michel Feuillet, *Lexique des Symboles Chrétiens*, puf, 3ªed., 2004, pp.46-47.

⁴³ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.187 «Na água, tudo se “dissolve”, toda a “forma” se desintegra, toda a “história” é abolida; nada do que anteriormente existiu subsiste após a imersão na água; nenhum perfil, nenhum “sinal”, nenhum “acontecimento”. A imersão equivale, no plano humano, à morte, e no plano cósmico, à catástrofe (o dilúvio) que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial. Desintegrando toda a forma e abolindo toda a história, as águas possuem essa virtude de purificação, de regeneração e de renascimento (...). As águas purificam e regeneram porque anulam a “história”, restauram – ainda que seja por um momento – a integridade auroral.»; Jean Daniélou, *Les symboles chrétiens primitifs*, Éditions du Seuil, 1961, pp.49-64.

⁴⁴ Ex12,8-9 «... nessa mesma noite, comer-se-á a carne assada ao fogo com pães sem fermento e ervas amargas. Não comereis dela nada que esteja cru ou cozido em água...»

chama invisível, transforma a matéria em alimento verdadeiramente sávido. Em contrapartida, o alimento cozido em água reveste-se de pobreza alimentar, sem significado, insípido, sem *alma*, no qual a única coisa boa que se pode aproveitar é a própria água.

De facto, este precioso líquido, especialmente em ebulição, absorve a maioria dos elementos orgânicos aos alimentos. Assim, compreende-se uma certa relutância em comer os alimentos cozinhados desta forma, uma vez que não satisfazem o corpo e o espírito, e não promovem a mesma saciedade como os cozinhados ao fogo⁴⁵. Sabe-se, por outro lado, que a cozedura dos alimentos a 100°C, não é o suficiente para destruir todas as impurezas (micro organismos patogénicos) existentes nos alimentos e, em simultâneo, retira-lhes a sua grandeza em sabor, cor, forma e beleza, tornando-os pouco apreciados pelos que os comem. Contudo, a água está em todos os alimentos e é imprescindível à sua preparação, levando a todas as células o necessário potencial energético. Nesse trajecto, os alimentos reflectem-se na alma humana, onde se aprecia o seu real e verdadeiro valor. A par do ar, do fogo e da luz, a água é uma dos elementos ancestrais da matéria, apresentando-se como um elemento essencial na ligação e união dos ingredientes uns aos outros. A água torna-se o elo de ligação entre o material e o espiritual. Como se faz pão sem água?

A água é evocada nos Evangelhos, como um elemento natural essencial ao corpo, mas sobretudo, um símbolo doutrinal de esperança na eternidade. A água de que fala o autor do *Génesis* toma um significado especial no N.T., por ser usada como um elemento indispensável à vida, pelo qual os cristãos acreditam alcançar o perdão dos pecados, condição essencial para se religarem ao divino.

O Baptismo, de que os Evangelhos fazem eco, constitui o sacramento que concentra na água todo o seu simbolismo. Por ele e nele, a água é sinal de purificação e comunhão entre Deus e os homens. Os cristãos acreditam que esse precioso líquido serve de veículo para levar o espírito de Deus a cada criatura humana. Já no A.T., o poder do Senhor simboliza-se pela água que destrói o mal, através da imagem do dilúvio.

Segundo a mensagem dos evangelistas, a água é também um elemento regenerador, ligado à efusão do espírito iluminador⁴⁶. Por outro lado, dela jorra uma enorme força que São João, no seu Evangelho, no diálogo com a Samaritana, compara à força da união de Deus com cada criatura⁴⁷ e ao amor de Deus para com os homens. Neste episódio, ela toma, ainda, o papel de arauto da paz, uma vez que Jesus e a Samaritana são oriundos de povos inimigos⁴⁸. A partilha da água comum,

⁴⁵ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp. 35-49.

⁴⁶ Mt3,11; Mc1,8.

⁴⁷ Jo4,1ss.

⁴⁸ *Bíblia Sagrada*, p. 1736. «As rivalidades, que vinham dos inícios da monarquia, com a divisão em dois reinos (1Rs12), aumentaram com a reforma de Esdras e Neemias no regresso do Exílio, até que se consumou o cisma religioso. Um judeu praticante devia abster-se de todo o contacto com os samaritanos; os inimigos apodavam Jesus de “samaritano”.» Cf: Jo8,48; 2Rs17,24-41; Esd4,2; Mt10,5; Lc10,33.

tirada do mesmo poço, para tirar a sede, surge, no episódio citado, como um símbolo da paz e da harmonia universal, mas também do prenúncio de uma nova graça trazida por Deus a todos os homens.⁴⁹

Ao percorrer todo o corpo, reconfortando-o, a água leva até ao íntimo de cada ser humano a capacidade libertadora da morte imediata. Ao sofrerem a sua escassez, no caminho até à *Terra Prometida*, os israelitas quase desfaleceram de sede. Foi então que, ao passarem por um lugar chamado Mara, julgaram ir beber muita água, mas não a conseguiram sorver, pois era muito amarga. Por tal razão, revoltaram-se contra Moisés, porque a sede estava a conduzi-los à morte. Roga, então, Moisés a Deus para que lhes desse água pura, e Ele transformou-a em água doce e todos se saciaram⁵⁰. Mais adiante, no mesmo trajecto em direcção à *Terra Prometida*, numa povoação chamada Refindim⁵¹, voltaram a sentir falta de água e a revoltar-se contra Moisés, tendo este de novo pedido a Deus que o ajudasse a saciar aquele povo. Deus disse a Moisés para ferir uma rocha que tivesse por perto com a vara que havia tocado o rio por onde tinham passado, a pé enxuto, os israelitas, a caminho de Canaã, pois dela sairia água para eles beberem até se dessedentarem. Embora saciados, por meio de Moisés, Deus não gostou de ser posto de novo à prova e deu àquele lugar o nome de Massa e Meribá, que é o lugar da prova e do litígio⁵².

A água usa-se igualmente no rito da Eucaristia em, pelo menos, dois momentos: um primeiro para significar a participação de todas as criaturas na divindade de Cristo, quando, no cálice da consagração, se junta ao vinho; num segundo momento, como elemento purificador, seja na aspersão inicial da celebração, seja quando o sacerdote lava as mãos, antes da apresentação do pão e do vinho. A água foi sempre um alimento essencial sobre a mesa da refeição e costuma ser o primeiro a colocar-se sobre ela.

Depois de criada a luz do céu e de a água jorrar em torrentes, por entre as rochas, Deus criou os alimentos vegetais, as ervas verdes e com semente, e as árvores de fruto, preparando um belo e atraente jardim para os animais habitarem. Com esses alimentos ornamentou e recheou a sala das refeições, enchendo a mesa com muitos e deliciosos frutos do horto que vivificou. Esse ambiente de abundância e de dádiva gratuita, criado à volta do mundo, fazia adivinhar uma festa. Os alimentos vegetais indicados por Deus para pôr sobre a mesa, conferiam aos homens o modelo de um regime vegetariano. A recuperação dessa lenda antiga, por parte do autor do Génesis, trouxe de volta o princípio de que todos os animais, incluindo o homem, seriam herbívoros⁵³. A

⁴⁹ Jo4,10.

⁵⁰ Ex15,22-27; Nm33,8-9.

⁵¹ *Bíblia Sagrada*, p. 128, notas, «Refindim, topónimo que significa “espaços” e deve situar-se já muito perto do Horeb/Sinai (área de Cadés), de tal modo que do acampamento em Refindim os “israelitas” iam a Horeb buscar água numa viagem que não deveria ultrapassar as duas horas».

⁵² Ex17,1-7.

⁵³ *Bíblia Sagrada*, p.25, notas, «Segundo este texto, Deus concede às pessoas e animais comer unicamente *ervas*. Uma lenda antiga, que aqui aflora, afirmava que, no princípio, as pessoas e os animais eram herbívoros. Só depois é que se

introdução da carne na alimentação traduziu-se numa certa corrupção⁵⁴, que, ao inverter o sentido das coisas, poderia conduzir ao pecado. Todavia, mais tarde, a carne de certos animais tomava lugar de destaque à mesa da refeição. Outras, porém, foram proibidas ou mesmo abomináveis, na alimentação hebraica. Muito mais do que a carne, o sangue dos animais tornou-se no único elemento culinário totalmente vedado no judaísmo⁵⁵.

Depois de o céu iluminar a terra e os mares, eis que o Mestre precisava de mais alimentos para colocar na mesa. Foi por isso que povoou os mares com todas as espécies de peixes, a terra com todos os animais domésticos e selvagens e o céu com todas as aves⁵⁶. Realce-se a este propósito, que, na Bíblia, todos os animais terrestres e aves são identificados consoante a sua espécie, mas quanto aos peixes, não há qualquer referência a esta matéria. Eles são sempre denominados simplesmente por peixes.

Por fim, Deus criou o homem, um sinal de contradição⁵⁷, mas o mais importante elemento da criação. Ao fazer parte dela, presidiu-lhe, porque foi feito à Sua imagem e semelhança⁵⁸. Agora tendo já a seu lado o homem, dotado de sabedoria, Deus podia aspirar a ter um cozinheiro e um empregado de mesa para o ajudar a preparar as melhores refeições e a servi-las com a maior perfeição e sentido de serviço.

Com o devido valor simbólico, Abraão terá sido o primeiro homem a ser escolhido por Deus, para exercer as funções de chefe de cozinha⁵⁹ e Melquisedec para chefe do serviço de mesa⁶⁰.

foram corrompendo, passando a comer-se uns aos outros.»; Jean – Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.17, «Durante milhões de anos, frutos, folhas ou sementes parecem ter fornecido ao homem pré-histórico o essencial das suas calorias. A preponderância da alimentação vegetal é sugerida pelas dimensões relativamente reduzidas dos territórios explorados e pelo desgaste característico dos dentes dos esqueletos humanóides.»

⁵⁴ *Bíblia Sagrada*, pp. 25-26, notas, «Regime *vegetariano*. Segundo este texto, Deus concede às pessoas e animais comer unicamente *ervas*. Uma lenda antiga, que aqui aflora, afirmava que, no princípio, as pessoas e animais eram herbívoros. Só depois é que se foram corrompendo, passando a comer-se uns aos outros. A Bíblia serve-se desta antiga lenda para manifestar que o ser humano se corrompeu com o pecado e para afirmar que Deus queria um paraíso de paz entre os animais e as pessoas, já que vivem juntos na terra. Mais tarde, Deus condescendeu com o ser humano, permitindo que se alimentasse também de carne; proibiu-lhe, porém, o sangue que, para os hebreus, era a vida (...) (Dt12,23). Trata-se de uma explicação religiosa e popular chocante da “luta pela vida”, lei sangrenta da natureza, que leva os animais a comerem-se uns aos outros, para sobreviverem. O cristianismo aperfeiçoou esta lei e aboliu as proibições do A.T. sobre o uso do sangue (...)»

⁵⁵ Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp. 211-229; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp. 626-682; Francisco Maria Lopez Melús, *Desierto: una experiencia de gracia*, ed. Sigueme, 2ªed., Salamanca, 1994, p.228 «La sangre, donde está lá vida, pertenece solo a Dios; no la puede comer el hombre (Lv3,17; 19,26). La sangre com la grasa se ofrece a Dios»; Gn9, 2-7; Lv11; Dt12, 23; 14.

⁵⁶ Gn1,24-25.

⁵⁷ Lc2,34.

⁵⁸ *Bíblia sagrada*, p.25 «A solenidade com que o ser humano (...) é criado manifesta que ele é o vértice da criação e a “imagem” de Deus sobre a terra. Não uma imagem de pedra ou de barro, como os deuses pagãos, mas uma imagem viva. A ideia de “semelhança” com Deus não reforça mas atenua o termo *imagem*. Ser *imagem e semelhança de Deus* é a vocação essencial do ser humano, criado para aperfeiçoar o mundo, para fazer dele um paraíso.»; Gn8,17; 9,1-7; Mc10,6; Mt19,4.

⁵⁹ Gn18,6-8, «Abraão foi, sem perda de tempo à tenda onde se encontrava Sara e disse-lhe:”Depressa, amassa já três medidas de flor de farinha e coze uns pães no borralho.” Correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que imediatamente o preparou. Tomou manteiga, leite e o vitelo já pronto e colocou-o diante deles. E ficou de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore, enquanto eles comiam.»

O primeiro ordenou a sua mulher e ao seu servo a preparação de uma refeição gorda, variada e requintada, para oferecer às suas visitas, o segundo serviu à mesa o seu amigo com pão e vinho.

Estas funções simbólicas tornaram-se reais nos dias de hoje. Na verdade, num contexto de restauração, o Chefe é a pessoa a quem se confia a organização geral de uma cozinha, esperando dele que nada falte e que todos se sintam profundamente satisfeitos. Tendo em conta a qualidade da sua comida, a sua função é agregar um número cada vez maior de convivas em redor da mesa. Na mesma linha de acção, o Chefe de mesa complementa esse trabalho através do acolhimento e do acompanhamento contínuo que lhes dá, certificando-se sempre de que nada lhes falta. Ele é, ainda, o que tira a conta, mas não é ele que recebe o dinheiro. Não haja, pois, dúvida quanto à profunda unidade de acção dirigida ao mesmo propósito, exercido por ambos, Abraão e Melquisedec.

Todavia, Deus depressa se apercebeu da fragilidade humana. Apesar dos homens por Ele criados representarem o valor supremo da humanidade, não lhes retirava a debilitante e trágica condição de desobediência. Segundo o texto sagrado, a sua insignificância acompanhará o sopro da sua concepção⁶¹. Se o homem não cumprisse a lei, se não comesse apenas dos alimentos que Ele lhe desse e a que tinha direito, esse sopro extinguir-se-ia e ele morreria. Foi norteado por este princípio legal que o povo judeu alicerçou os pilares da sua identidade alimentar.

Toda a linguagem simbólica do *Génesis*, relativa à criação, encontra paralelismo na preparação de uma grandiosa refeição, um banquete e um autêntico festim. Durante os seis dias da Criação, Deus preparou todo o cenário e todos os alimentos para que nada falhasse no sétimo dia. Esse dia foi apresentado no *Génesis* como especial, aquele no qual Deus descansou⁶². Dia destinado a admirar e a usufruir da beleza da criação e a honrar o seu obreiro. Aquele que para os judeus foi considerado o último dia, para os cristãos passou a ser o primeiro⁶³.

Neste contexto, o descanso equivalia a um alimento espiritual, na medida em que, descansando o corpo de todas as suas tarefas diárias, o espírito sentir-se-ia mais desperto, preparado e actuante, para receber e saborear as coisas do Alto como alimento espiritual. Assim interpretaram os Judeus o Sábado, dedicando-o, em exclusivo, às causas do seu Senhor⁶⁴. Esse modelo ultrapassou os limites judaicos ao ser herdado pelo mundo cristão⁶⁵. Este, inspirado em modelos de

⁶⁰ Gn14,17-18, «Quando Abrão regressava vencedor de Cadorlaomer e dos reis seus aliados, o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro no vale de Chave, que é o vale do Rei. Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como era sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou abião, (...)». Cf, Sl110,4.

⁶¹ Gn2, 7.

⁶² Gn2,1-4.

⁶³ Xabier Basurko, *Para Viver o Domingo*, Gráfica de Coimbra, pp. 39-54; Jo20,1-2 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhe: “O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram”».

⁶⁴ Ex20, 8-11; 31,12-17; Lv23,1-3; Nm15, 32-36; Dt5, 12-15.

⁶⁵ Xabier Basurko, *ob. cit.*, p.55 «Desde que o Domingo cristão viu a luz no curso da história, manteve uma constante, permanente, relação dialéctica com o sabbat judaico. Isso justifica que lhe dediquemos uma atenção especial. Esta instituição bíblica tem a sua própria fisionomia dentro da religião judaica; é evidente que há uma grande distância entre

obediência, tem valorizado este conceito, dando-lhe uma dimensão mais profunda, que assenta no mistério da presença do Deus da Criação no meio dos homens. É Ele mesmo que, ao tornar-se carne, por meio de Jesus, vai à mesa da Eucaristia e serve de alimento a todos os que se preparam para o receber⁶⁶.

As árvores de fruto tomam um relevo extraordinário em toda a extensão da Bíblia, pelo seu simbolismo histórico e doutrinal, mas também pelo profundo sentido antropológico⁶⁷ que lhes foi concedido pelos autores sagrados. A figueira, como a primeira árvore de fruto a ser conhecida no judaísmo, confirma essa tese⁶⁸. Não sendo decerto a árvore que mais abundava na Palestina, ela cultivava-se desde tempos imemorráveis. De entre outras, o seu fruto era muito apreciado⁶⁹. Embora assim fosse, ela passou para o texto bíblico, de um modo especial para o livro do *Génesis*, como o símbolo da vergonha, pois, apenas as suas folhas serviram para cobrir os corpos desnudados das criaturas desobedientes a Deus.

No âmbito das actividades profissionais mencionadas na Sagrada Escritura, a de lavrador e a de pastor emergem com insistência⁷⁰, conquistando natural relevo ao longo da narração bíblica, consentâneo com as práticas profissionais dominantes no mundo antigo. A História de Abel e Caim constitui o exemplo mais marcante. Caim, o lavrador, descontente por o Senhor não o ter valorizado, matou seu irmão Abel, que era um pastor predilecto do Senhor. Prefigurou-se, por certo, nesta passagem, a morte do bom pastor, Jesus Cristo⁷¹.

Após esta desavença entre irmãos, a maldade alastrou pelo mundo. Nesta atmosfera de maldades e corrupção, surgiu o Dilúvio como castigo⁷². O senhor ordenou a Noé que construísse uma arca e levasse consigo para o seu interior a sua família, sete pares de animais puros e um par de animais impuros⁷³. E assim, logo que a bonança regressasse ao mundo, este seria outra vez povoado, com uma nova geração de homens e a terra renovar-se-ia. A imagem do dilúvio sugere uma atitude vincadamente positiva para os dias de hoje, mostrando que devemos acreditar que é sempre possível recomeçar uma nova vida. Repare-se como é interessante verificar a sobreposição de tempos diferentes de composição: teoricamente, só a lei mosaica explicitou os animais puros e

as suas origens e a sua casuística sabática dos escribas e fariseus. A determinação do seu sentido como dia de celebração festiva e como dia de repouso revela-se um processo histórico muito longo, difícil de reconstruir em todos os seus detalhes.»

⁶⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, pp. 299-317.

⁶⁷ Lc6,43-45; 13,6-9; Mt3,8; Mc11,14.

⁶⁸ Gn3,7.

⁶⁹ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.588 «Entre los árboles frutales figura en primer lugar el *olivo*, muy apreciado ya por los antiguos israelitas y hoy por los árabes y judíos. También la *vid* tuvo mucha importancia entre los israelitas de Antiguo Testamento. Com frecuencia encontramos alusiones en la Biblia al vino a la viña. La *higuera* se cultiva igualmente en Palestina desde tiempo imemorial.»

⁷⁰ Gn4,2 «Abel foi pastor, e Caim, lavrador». Há 11 referências no AT e 8 no NT, para a profissão de lavrador; e há 92 referências no AT e 21 no NT, para a profissão de pastor.

⁷¹ Jean Daniélou, *Sacramentum Futuri*, pp.3-12.

⁷² Gn6,1ss.

⁷³ Gn7, 1-3.

impuros, mas essa categorização já surge na era pré-diluviana, tal como no Êxodo, quando os israelitas no deserto não anseiam por espécies impuras. A escrita posterior condiciona o registo do passado.

Dessa forma, Deus destruía o mundo pela maldade dos homens, mas deixava sempre um resto, a partir do qual voltaria a erguê-lo. Tome-se como exemplo a destruição do Templo de Jerusalém, que tantas vezes foi destruído e outras tantas reconstruído. Na verdade, ao ler-se a Bíblia, damos-nos conta de que existe sempre um pequeno nada que resta, do qual Deus se serve para fazer grandes coisas.

Após esta análise introdutória dos alimentos mais marcantes no A.T. e nos Evangelhos, aborda-se, de seguida, de uma forma mais abrangente, a sua centralidade, no aspecto simbólico e real.

O critério a adoptar quanto ao modo de os considerar estará de acordo com a ordem pela qual hoje vão à mesa. Normalmente, os primeiros alimentos a colocar sobre ela, para além da água, são o pão, o vinho e os acepipes. Depois servem-se as sopas de legumes e leguminosas. Em seguida, levam-se os peixes à mesa, com os respectivos acompanhamentos. Após estes, oferecem-se as carnes com as guarnições, que fazem parte dos pratos principais. Poderão ainda apresentar-se os queijos com mel e alguns doces. A terminar a refeição colocam-se as frutas e os doces. Como remate último, aduzem-se as bebidas fortes, como os licores ou mesmo o absinto. Se a refeição for abundante, vão aproveitar-se os restos, para voltarem a ser servidos, em nova e succulenta refeição.

O trabalho que se segue consiste em abordar toda a espécie de alimentos presentes nos textos bíblicos, correspondentes ao A.T. e aos Evangelhos. Nesse sentido, iniciar-se-á a sua colocação por famílias, cada uma no seu quadro, segundo as suas características reais e simbólicas. Os alimentos permitidos no judaísmo surgirão em primeiro lugar. Depois abordar-se-ão os que se tornaram proibidos. Vai interpretar-se o significado dos alimentos no âmbito do A.T. e dos Evangelhos e estaremos atentos às diferenças de número e de tipologia de ocorrências.

Terminar-se-á com uma ementa de degustação, onde consta o resumo dos alimentos de tipologia judaico-cristãos. A apresentação dessa ementa, no final deste trabalho, vai vincar a ordem alimentar rígida seguida pelos hebreus, as suas proibições e permissões, a ética e a estética seguidas à mesa e o sentido hierárquico que atribuíam aos alimentos. Vamos ainda ficar a saber como o modelo alimentar judaico-cristão continua vivo na nossa civilização e como ele se tornou revelador de uma das maiores fontes culturais da humanidade.

1 - Os alimentos permitidos no judaísmo

1.1 – Os cereais panificáveis

Quadro IV

| Localização | | | | | | | |
|--------------|--------|--|---|---------|-------|--|--|
| A.T. N.T. | Livros | Trigo | Cevada | Centeio | Milho | Farinha | Pão |
| A.T. | Gn | 41,35; 41,49; 41,57; 42,1; 42,2; 42,3; 42,6; 42,19; 42,25; 42,26; 42,33; 43,2; 44,2; 45,23; 47,14 | | | | 18,6 | 3,19; 14,18; 18,5; 21,14; 25,34; 27,17; 28,20; 40,16; 41,54; 41,55; 45,23; 47,13; 47,15; 47,16; 47,17; 47,19; 49,20 |
| A.T. | Ex | 9,32; 29,2; 34,22 | 9,31 | 9,32 | | 29,2; 29,40 | 12,15; 12,19; 12,20; 13,3; 16,3; 16,4; 16,8; 16,12; 16,15; 16,32; 23,18; 23,25; 29,23; 29,32; 29,34; 34,25; 34,28 |
| A.T. | Lv | 26,5 | 27,16 | | | 2,1; 2,2; 2,4; 2,5; 2,7; 5,11; 6,8; 6,13; 7,12; 14,10 | 8,31; 8,32; 21,6; 21,8; 21,17; 21,21; 21,22; 23,14; 23,18; 23,20; 26,5; 26,26 |
| A.T. | Nm | 18,12; 18,27 | | | | 5,15; 6,15; 7,13; 7,19; 7,25; 7,31; 7,37; 7,43; 7,49; 7,55; 7,61; 7,67; 7,73; 7,79; 8,8; 15,4; 15,6; 15,9; 15,20; 15,21; 28,5; 28,9; 28,12; 28,13; 28,20; 28,28; 29,3; 29,9; 29,14 | 4,7; 14,9; 15,19; 21,5 |
| A.T. | Dt | 7,13; 8,8; 11,14; 12,17; 14,23; 18,4; 23,26 | 8,8 | | | | 8,3; 8,9; 9,9; 9,18; 16,3; 23,5 |
| A.T. | Js | 5,11 | | | | | 9,5; 9,12 |
| A.T. | Jz | 6,11; 15,1; 15,5 | | | | 6,19 | 7,13; 8,5; 8,6; 8,15; 19,5; 19,19; |
| A.T. | Rt | 2,7; 2,23 | 1,22; 2,17; 2,18; 2,23; 3,2 | | | | 1,6; 2,14 |
| A.T. | 1 Sm | 12,17 | | | | 1,24; 28,24 | 2,36; 10,3; 16,20; 21,4; 22,13; 25,11; 30,11 |
| A.T. | 2 Sm | 4,6; 17,28 | 14,30; 17,28; 21,9; | | | 13,8; 17,28 | 3,35; 4,42; 12,3 |

| | | | | | | | |
|-------------|------|---|----------------------------------|--|-------|--------------------------|---|
| | | | 21,10; | | | | |
| A.T. | 1Rs | | | | | 17,12; 17,14 | 13,8; 13,9; 13,16; 13,17; 13,22; 14,3; 17,6; 17,11; 17,12; 17,13; 19,6; 22,27 |
| A.T. | 2Rs | 4,42; 18,32 | 7,1; 7,16; 7,18; | | | 4,41; 7,1; 7,16; 7,18 | 6,22; 18,32 |
| A.T. | 1Cr | 21,20; 21,23 | 11,13 | | | 9,29; 23,29 | 16,3 |
| A.T. | 2Cr | 2,9; 2,14; 27,5; 31,5; 32,28 | 2,9; 2,14; 27,5 | | | | |
| A.T. | Esd | 6,9; 7,22 | | | | | |
| A.T. | Ne | 5,2; 5,3; 5,10; 5,11; 10,40; 13,5; 13,12 | | | | | 5,14; 5,15; 9,15; 13,2 |
| A.T. | Tb | | | | | | 4,17; 4,18 |
| A.T. | Jdt | 11,13 | 8,2 | | | | 10,5 |
| A.T. | 2Mac | | | | | 1,8 | |
| A.T. | Jb | 5,26; 31,40 | 31,40 | | | | 3,24; 22,7; 28,5; 31,17 |
| A.T. | Sl | 4,8; 64,10; 71,16; 80,17 | | | | | 13,4; 36,25; 40,10; 52,5; 77,20; 77,25; 79,6; 101,5; 101,10; 103,15; 104,16; 104,40; 126,2; 131,15; 145,7 |
| A.T. | Pr | 3,10; 11,26 | | | | | 4,17; 6,26; 9,5; 9,17; 12,11; 17,1; 20,13; 20,17; 22,9; 28,19; 28,21; 30,8; 30,22; 31,27 |
| A.T. | Sb | | | | | | 16,20 |
| A.T. | Sir | | | | | 35,2; 38,11 | 10,27; 12,5; 15,3; 20,17; 29,21; 33,25; 34,22; 45,20 |
| A.T. | Ct | 7,3 | | | | | |
| A.T. | Is | 17,5; 27,12; 28,25; 28,28; 36,17; 41,15; 55,1; 62,8; 62,9 | 28,25 | | 28,25 | 47,2 | 3,1; 3,7; 4,1; 21,14; 30,20; 30,23; 33,16; 44,15; 44,19; 47,14; 51,14; 55,10; 58,10 |
| A.T. | Jr | 12,13; 31,12; 41,8 | 41,8 | | | | 5,17; 37,21; 38,9; 42,14; 44,17 |
| A.T. | Lm | | | | | | 1,11; 2,12; 4,4; 5,6; 5,9 |
| A.T. | Ez | 4,9; 27,17; 36,29; 45,13 | 4,9; 4,12; 13,19; 45,13 | | 4,9 | 16,19; 46,14 | 4,9; 4,15; 4,16; 4,17; 5,16; 12,19; 13,19; 14,13; 16,19; 18,7; 18,16; 24,17; 24,22; 44,7 |
| A.T. | Os | 2,10; 2,11; 2,24; 7,14; 9,1; 14,8 | 3,2 | | | 8,7 | 2,7; 9,4 |
| A.T. | Jl | 1,10; 1,11; 1,17; 2,19; 2,24 | 1,11 | | | | |
| A.T. | Am | 4,9; 5,11; 8,5; 8,6 | | | | | 4,6; 7,12; 8,11 |
| A.T. | Ag | 1,11; 2,16 | | | | | 2,12 |
| A.T. | Zc | 9,17 | | | | | |
| N.T. | Mt | 3,12; 12,1; 13,25; 13,26; 13,27; 13,29; 13,30 | | | | 13,33 | 4,4; 6,11; 7,9; 15,26; 15,33; 16,5; 16,7; 16,8; 16,11; 16,12; 26,26 |
| N.T. | Mc | | | | | | 6,8; 6,37; 7,2; 7,5; 7,27; 8,4; 8,14; 8,16; 8,17; 14,22 |

| | | | | | | | |
|------------------------------|----|-------------------------------------|--------------|----------|----------|-----------|--|
| N.T. | Lc | 3,17; 6,1; 12,42; 16,7; 22,31 | | | | 13,21 | 4,3; 4,4; 7,33; 9,3; 11,3; 11,11; 15,17; 22,19; 24,30; 24,35 |
| N.T. | Jo | 12,24 | 6,9; 6,13 | | | | 6,5; 6,7; 6,23; 6,31; 6,32; 6,33; 6,34; 6,35; 6,41; 6,48; 6,50; 6,51; 6,58; 13,18; 13,26; 13,30; 21,9; 21,13 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 98 | 29 | 1 | 2 | 63 | 180 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 13 | 0 | 0 | 0 | 2 | 49 |
| Total | | 111 | 29 | 1 | 2 | 65 | 229 |

Este quadro dá visibilidade às muitas citações sobre cereais panificáveis, a respectiva farinha e o pão. O critério usado para os enquadrar foi a ordem de importância real e simbólica que eles concentram no texto bíblico. Tomámos ainda em linha de conta o trajecto dos cereais na operação de panificação. Pela leitura do quadro anterior, verifica-se que o trigo é, de todos, aquele que mais vezes vem referenciado nos textos bíblicos. Assim sendo, conclui-se, que para além de ter sido um produto abundante na época¹ em que foram escritos os livros sagrados, também seria o mais apreciado na alimentação do povo², de um modo especial, no fabrico do pão. Antes de desenvolver a temática do pão, faz, portanto, todo o sentido investigar os cereais que se encontram na sua génese.

1.1.1 – O trigo³

Apreciado como planta na beleza dos trigais, como semente na eira do lavrador, como provisão nos celeiros do povo e como farinha de excelente qualidade, o trigo foi sempre uma planta predilecta ao longo da história, servindo, na Bíblia, para esclarecer o leitor quanto à interpretação de muitos episódios aí apresentados. Decerto, que pela importância desses cereais no quotidiano das pessoas e pelo significado que lhes foi conferido, eles tomaram sempre o mesmo nome, quer se tratasse da semente, da planta ou do fruto. Refira-se, a este propósito, que se trata de produtos alimentares que adquiriram um significado mais real no A.T. e mais simbólico nos Evangelhos, a ponto de os cristãos usarem a imagem do trigo na iconografia religiosa.

Das cerca de cem aparições do trigo no A.T. e nos Evangelhos, a primeira aconteceu logo no *Génese*, em contexto de prevenção contra a fome⁴, numa época em que esta estava às portas do

¹ Gn41,49 «José acumulou trigo como a areia do mar, em tão grande quantidade que deixaram de o medir, pois era incalculável.»

² Js5,11 «Nesse mesmo dia, comeram dos frutos da região: pães ázimos e trigo tostado.»

³ Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, Routledge, London, 2003, pp. 348-349.

Egipto. Na realidade, quem tivesse trigo em abundância teria menos probabilidade de lhe faltar o pão, uma das bases de sustento nas épocas bíblicas, quer para os israelitas quer para os povos vizinhos. O trigo, que por razões da pouca fertilidade dos solos, mal se cultivava nas terras da Palestina,⁵ tornava-se em alimento apetecido pelo povo de Israel. Havia necessidade de o preservar, pois constituía uma enorme fonte de riqueza para quem o cultivava em grande quantidade⁶. Por aqui se pode concluir que o exotismo alimentar não é um fenómeno recente, mas antes uma realidade enraizada no passado. Pelos vistos, como a Palestina não produzia muito trigo, havia que o comprar, para satisfazer os valores gastronómicos mais exigentes e requintados.

Sabemos, a partir da Bíblia, que das primeiras e das melhores colheitas, era retirado o trigo que se entregava ao Senhor, por meio dos Sacerdotes e Levitas, como se pode verificar da narração das reformas levadas a cabo pelo profeta Neemias. Tratava-se das primícias dos frutos da terra⁷ que eram oferecidas pelo povo a Javé, como uma dádiva de excelente qualidade. Em troca destas oferendas, o seu Deus retribuía-lhe com abundância de graças, abençoando-o e multiplicando os seus bens⁸.

Este cereal toma, neste contexto, a função de prémio, na medida em que a sua entrega favorecia uma boa relação dos homens com Deus. Tão boa, que Ele abençoava a prosperidade humana, ao ponto de ter premiado a terra de Canaã com trigo da melhor qualidade, para que o povo eleito quando aí chegasse encontrasse os celeiros repletos⁹. Essa terra, rica em água, permitia obter uma vida com mais comida. Com a promessa de uma vida próspera e farta o povo hebreu vislumbrava, em Canaã, o símbolo do anti-egipto e o do anti-deserto¹⁰.

Quando a abundância gerava riqueza, tornava-se imperioso reparti-la, sendo a recolha do dízimo uma dessas formas. Na verdade, os que possuíam muito ficavam obrigados ao pagamento de uma parte do trigo, que deveria ser comido no santuário, na presença do Senhor. O dízimo tinha um fim de solidariedade social para com os que nada possuíam, como era o caso dos levitas¹¹. Apesar

⁴ Gn41,35; 42,1-2 «Sabendo Jacob que havia trigo à venda no Egipto, disse aos seus filhos: “Porque olhais uns para os outros?” e disse ainda: “Ouvi dizer que há trigo à venda no Egipto. Ide lá comprá-lo, para nós continuarmos vivos e não morrermos”.»

⁵ Ez36,29-31 «Libertar-vos-ei de todas as manchas; farei crescer o trigo e o multiplicarei, e nunca mais vos enviarei a fome.»; Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, p. 17 «Sabemos, por ejemplo, que las formas primitivas de nuestras principales especies de cereales, trigo y cebada, que aparecen en la estepa, com toda probabilidad se cultivaron por primera vez en las comarcas situadas al este del Jordán y en la Mesopotâmia superior.»; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 587; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.55-56.

⁶ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.55-56; Jz6,11; Sl4,8 «Pois Tu dás uma alegria maior ao meu coração do que a daqueles que têm trigo e vinho em abundância.»

⁷ Ne10,40; 13,5; 13,12; Nm18,12-13; 18,27 «E esse será considerado por vós o vosso tributo como o trigo da eira e a colheita do lagar.»

⁸ Dt7,13 «Ele te amará, abençoará e há-de multiplicar; abençoará o fruto das tuas entranhas e o fruto da tua terra: o teu trigo...»

⁹ Pr3,10; Is36,17; Dt8,7-8.

¹⁰ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.63; Dt8,7-10 «O Senhor, teu Deus, vai introduzir-te numa terra ótima, terra de torrentes de água, de fontes e de nascentes profundas, que jorram por vales e montes; terra de trigo (...); Dt11,11-12.

¹¹ Dt18,4 «Dar-lhe-ás as primícias do teu trigo.»

de assentar em modelos próprios, essa prática atravessou o judaísmo e o cristianismo, permanecendo actual nas igrejas modernas, principalmente nas cristãs. Estas experiências de partilha introduzem-nos no âmbito do jejum e da abstinência de certos alimentos nas comunidades cristãs ao longo da sua história¹². De facto, numa terra fértil em trigo¹³, além da riqueza alimentar, reinava a paz e a prosperidade.

Tanto quanto a Bíblia nos narra, no reinado de Salomão e em outras épocas da história de Israel, o pagamento de certas trocas comerciais efectuava-se recorrendo ao trigo como moeda, o mesmo acontecendo com os salários¹⁴.

A alta importância que o trigo desfrutava nas sociedades da época levou alguns autores bíblicos a revesti-lo com o manto messiânico. Com o seu peculiar sentido poético, assim exaltavam os salmos este cereal¹⁵. Também por isso, o recurso a este bem alimentar, por parte do povo, simbolizava, ainda, a vida guiada segundo uma nova aliança¹⁶. A devastação e perda dos trigais, assim como de outros produtos da terra, pelo contrário, provocavam a angústia das pessoas. Era tal o desgosto e o sofrimento, que o profeta Joel os comparava à donzela que perdia o seu marido¹⁷.

A centralidade de que desfrutou esta planta no A.T. viu-se reforçada nos Evangelhos. Na verdade, o trigo tornou-se numa planta fulcral para os evangelistas, ao servir de termo de comparação entre os seres humanos que viviam segundo a verdade de Jesus e os que O renegavam. Os evangelistas apresentaram a humanidade como um campo de trigo que sobressairia e perduraria sobre o joio que crescia a seu lado¹⁸. Eles comparavam a trigo os homens que conduziam a sua vida segundo os desígnios divinos, e a joio, os pecadores. Ou ainda, aqueles que andavam no bom caminho eram recolhidos por Deus, como o trigo no celeiro, e os que não trilhavam os passos certos ou não tinham fé, eram rejeitados, como a palha do trigo a arder sem cessar, ou então, joeirados para fora do crivo.

É curioso também verificar como o ciclo do trigo, assim como o da cevada, desde a sua sementeira até à sua colheita, correspondia à contagem do tempo nas várias épocas do ano¹⁹. Os acontecimentos importantes referenciavam-se segundo o ciclo das plantas, numa íntima ligação aos

¹² João Evangelista Pimentel Lavrador, *Pensamento Teológico de D. Miguel da Anunciação, Tesis Doctoral*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1995, pp.145-158.

¹³ 2Rs18,32 «até que eu venha e vos translade para uma terra semelhante à vossa, terra fértil em trigo...»

¹⁴ 2Cr2,9; 2,14; 27,5; Ez27,17 «Judá e o país de Israel também comerciavam contigo, fornecendo-te em troca o trigo...»

¹⁵ Sl71,16 «Haverá nos campos fartura de trigo, ondulando pelo cimo dos montes; tudo se cobrirá de frutos, como no Líbano; as cidades florescerão como a erva dos prados.» Ver Os14,6-9.

¹⁶ Jr31,12 «Regressarão jubilosos às alturas de Sião, e afluirão aos bens do Senhor: Ao trigo, ao vinho e ao azeite, às crias de ovelhas e de vacas. A sua alma será como um jardim bem regado, e não voltarão a desfalecer.»

¹⁷ Jl1,8-11 «Os campos estão devastados, a terra enlutada porque o trigo foi destruído, o vinho perdido e o azeite, estragado.»

¹⁸ Mt13,25-29; Lc3,17 «Tem na mão a pá de joeirar, para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; mas queimará a palha num fogo inextinguível.»

¹⁹ Lv26,5; Jz15,1; Rt1,22; 2Sm21,9; Jdt8,2.

ritmos da vida rural, como por exemplo: *...na época da ceifa do trigo/até ao tempo das sementeiras/ início da colheita...*

1.1.2 – A cevada, o centeio, o milho

Como se sublinhou atrás, o trigo foi o cereal mais realçado ao longo do texto bíblico, deixando os restantes a uma larga distância. A cevada, porém, aparece referenciada aproximadamente trinta vezes, sendo o segundo cereal mais destacado. Os Evangelhos da versão bíblica em análise nada dizem sobre a cevada, o que confirma a sua pouca relevância enquanto alimento nobre. Porém, o pão multiplicado por Jesus no milagre que operou junto da multidão que o seguia seria confeccionado a partir da cevada²⁰. Essas pobres e famintas pessoas, não aspirariam a outro pão que não fosse feito com este cereal, o que já por si constituía um belo sustento.

As fontes relativas ao consumo deste cereal, nessa época, indicam que fazia parte dos mais comuns na alimentação. Já na Mesopotâmia, no Egipto e na Fenícia, antes e depois da formação do povo hebreu, algum do pão e das papas que serviam de sustento às populações confeccionavam-se a partir da cevada²¹. E não espantará também, se lhe atribuirmos valor na constituição de ração para os animais. Ligado a este cereal, mas com menor expressão alimentar e com muito menos valor gastronómico, aparecia a espelta, (exclusiva na alimentação das classes sociais mais modestas), razão talvez suficiente para explicar a sua quase nula referência nos textos bíblicos²².

A cevada estava intimamente ligada à festa dos pães sem fermento, uma solenidade de origem cananéia. Esta festividade celebrava o início da sua colheita, a primeira do ano que acontecia na Palestina. Nessa ocasião, durante uma semana, comiam-se ázimos feitos a partir deste cereal. Nessa altura também se ofereciam as suas primícias a Deus, os primeiros frutos das colheitas, que, como sempre, se doavam ao Senhor²³.

²⁰ Mt14,17-19.

²¹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.75-76 «A Bíblia informa-nos de que, na época do rei Salomão, a cevada e o trigo são mercadorias de troca entre Israel e a cidade fenícia de Tiro e, segundo o profeta Isaías (Is23,3), o Egipto é uma fonte importante de aprovisionamento de trigo para esta cidade. (...) Os cereais são consumidos sob a forma de papas – tal como em todo o Próximo Oriente desde a pré-história -, de pães e de bolos de trigo de vários tipos. A difusão deste alimentos nas regiões limítrofes da Fenícia, particularmente e Ougarit, é confirmada por uma abundante terminologia relativa às diversas “papas de cereais e de pães” e os herdeiros dos fenícios no Ocidente – isto é, os cartagineses – ainda comem, na época romana, papas de farinha, pão e bolos de trigo de tradição oriental.»; Siegfried Herrmann, *ob. cit.*, p. 17; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.587; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.45-47.

²² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.55, «Embora se continue a discutir acerca de qual foi o primeiro cereal cultivado no Egipto, um facto é certo: foi encontrado cevada nas estações arqueológicas pré-históricas do delta datadas de cerca de 4000 a. C., à qual devem juntar-se o trigo e a espelta. As planícies do Nilo, periodicamente inundadas, produziam cereais em quantidades abundantes e suficientes para o consumo nacional e para exportação. (...) quanto ao pão de espelta, destinava-se sobretudo às classes mais modestas.»

²³ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.736-737 «La primera espiga era triturada en el pátio del templo, y parte de ella se quemaba sobre el altar, y el resto se daba a los sacerdotes.»

Contudo, não é de estranhar que a cevada se visse menos mencionada do que o trigo, uma vez que sempre produziu alimentos menos nobres, desde logo, e pelo seu aspecto mais escuro, que contrasta com o dourado do trigo. Por outro lado, como um cereal característico de terrenos pobres, nunca se constituiu nutritivamente em alimento rico. A nobreza dos cereais reconhece-se em grande medida pela qualidade do pão que produzem, logo, a cevada, não sendo um cereal de primeira categoria, o seu pão também não o era.

Além do centeio e do milho-miúdo²⁴, outros cereais que não foram colocados no quadro anterior, como a espelta e a aveia, constituem referências residuais, como já se disse, apesar de se cultivarem nessa época. Considerados de pouco valor alimentar, os autores dos livros da Bíblia não se referiram a eles com tanta frequência, para expressarem a sua mensagem.

Segundo o livro do *Êxodo*, uma boa porção da farinha usada para confeccionar os pães ázimos extraía-se da semente do centeio²⁵. A prova disso surge da narração da sétima praga infligida por Javé ao Egipto, a que implica a destruição de muitos bens alimentares, excepto dos que faziam falta para os ázimos.

No que diz respeito à cevada, esta aparece pela primeira vez na Bíblia aliada ao linho, na condição de vítima nas pragas do Egipto, ao ser destruída no lugar do centeio e do trigo. No entanto, fazia parte da lista dos bens alimentares de maior qualidade seleccionados pelo Senhor para prodigalizar ao seu povo, na terra de Canaã²⁶. Quem possuísse cevada em abundância podia considerar-se uma pessoa rica e próspera. Tal como o trigo e outros alimentos, servia também como forma de pagamento de bens e serviços²⁷ ou tributos de guerra²⁸, como se narra no segundo livro das *Crónicas*. Por exemplo, Ezequiel evoca-a como bem desejado pelos falsos profetas, que por umas miseráveis sementes de cevada usadas como se fossem um isco, profanavam o seu Senhor²⁹. Era alimento de uso comum mas apreciado para oferecer ao culto³⁰ e, também, uma forma de conquistar mulher para casar³¹.

O testemunho de outras culturas, também exalta a cevada. As mulheres sentir-se-iam tão atraídas pela cevada, fazendo subir tanto a sua cotação, que a deusa Atena disse ao filho de Ulisses,

²⁴ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.218-219.

²⁵ Ex9, 31-32 «O linho e a cevada foram destruídos, porque a cevada estava em espiga e o linho em flor. O trigo e o centeio não foram destruídos, porque eram serôdios.»; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.285-286.

²⁶ Dt8,8.

²⁷ 2Cr2,9-14 «E eis que darei aos teus servos que vão cortar as madeiras (...) vinte mil coros de cevada...»

²⁸ 2Cr27,5 «Fez guerra ao rei dos Amonitas e venceu-o. Este pagou naquele ano um tributo de cem talentos de prata, dez mil coros de trigo e dez mil de cevada...»

²⁹ Ez13,19 «Vós profanais-me entre o meu povo, por um punhado de cevada (...) fazendo morrer pessoas que não deviam morrer e poupando as que não devem viver, enganando, assim o meu povo que ouve mentiras.»

³⁰ Ez45,13 «Eis a oferta que separareis: a sexta parte de um éfá em cada hómer de trigo; e a sexta parte de um éfá em cada hómer de cevada.»; *Bíblia Sagrada*, nota, p.1415, «O povo fornecia a sexagésima parte do trigo, a centésima parte do azeite, uma ovelha por cada cabeça de gado, para a matéria dos sacrifícios. Era ao príncipe que o povo devia entregar aquelas oferendas e não directamente ao Santuário.»

³¹ Os3,2 «Adquiri-a, pois, por quinze siclos de prata e um hómer e meio de cevada...»

Telémaco, que a cevada era o «tutano dos homens»³². Não espanta, pois, admitir, que o requinte da mesa, por vezes, se alcançava pela presença da cevada nos manjares servidos, como disso são dignas testemunhas as épicas obras de Homero, a *Odisseia* e a *Iliada*³³.

No que respeita aos *Evangelhos*, estes cereais não foram objecto de qualquer citação, o que faz sobressair a importância real e simbólica do trigo para o cristianismo, em detrimento da cevada.

1.1.3 – A farinha

Deixe-se agora a planta e concentremo-nos nos seus frutos. É deles que, depois de moídos, se extrai a farinha, substância essencial ao fabrico do pão.

Das cerca de sessenta e cinco ocorrências nos livros bíblicos, sessenta e três no A.T. e duas nos Evangelhos, a maioria das vezes aparece como flor de farinha, o que leva a supor que se tratava de uma farinha de qualidade extra, produzida a partir do melhor grão, limpa e peneirada por um crivo mais fino. Como a maioria das cenas bíblicas traduzem uma relação de intimidade entre os homens e Deus, a Quem se procura oferecer do melhor que se possui, não se estranha por isso o recurso a essa nobre farinha. Ela é a apropriada para fazer o pão da mesa do Senhor. Assim aconteceu um dia a Abraão com a visita que teve de três seres misteriosos, que, segundo os exegetas, prefiguravam as três pessoas da Santíssima Trindade. Esse patriarca ofereceu a esses seus visitantes pão de flor de farinha³⁴, por ser de melhor qualidade, amassado pelas mãos de sua mulher Sara.

De mesmo modo, a flor de farinha usava-se na confecção das ofertas concedidas aos sacerdotes, aquando da sua consagração³⁵ e, ainda, nos rituais de oblação de sacrifícios, às vezes juntamente com os animais dos holocaustos³⁶.

Toda a farinha, mas sobretudo a flor de farinha, fazia parte dos produtos vegetais oferecidos como sacrifícios não cruentos. Eram uma oblação mais barata³⁷ do que a dos animais, por isso mais popular e que podia ser oferecida separada como uma oferta de aroma agradável a Javé³⁸.

³² Homero, *Odisseia*, II, vv.288-291, p.46; «Mas agora regressa a casa e junta-te aos pretendentes, prepara provisões nos recipientes que lhe são próprios: vinho nas ânforas; e cevada, que é o tutano dos homens, em fortes alforges (...)»

³³ Homero, *Odisseia*, X, vv. 233-236, p.212; Homero, *Iliada*, XI, vv. 628-640 Frederico Lourenço trad., Editora Cotovia, 2005, pp.236-237.

³⁴ Gn18,6 «Depressa, amassa já três medidas de flor de farinha e coze uns pães no borralho.»

³⁵ Ex29,1-2 «Procederás como se segue, para os consagrares como sacerdotes ao meu serviço: separarás (...) pães sem fermento, tortas sem fermento amassadas com azeite e filhós sem fermento, untadas de azeite. Tudo será preparado com flor de farinha de trigo.»

³⁶ Ex29,40 «Com o primeiro cordeiro, oferecerás um décimo de efá de flor de farinha...»

³⁷ Lev5,11, «se não tiver meios suficientes para as duas rolas ou duas pombas ainda novas, apresentará, como oferta pelo seu pecado, a décima parte de um efá de flor de farinha, como sacrifício expiatório...»

³⁸ Lv2,2-9; Nm7,61; 7,67; 15,9; 28,5; 29,3; 29,9.

A estas ofertas vegetais também se chamavam dons³⁹. Estes dividiam-se em duas partes: uma para Deus e outra para o sacerdote. Estas oferendas apresentavam-se de duas maneiras diferentes: cruas ou cozinhadas⁴⁰. Destas, as cozinhadas podiam ser cozidas, fritas e assadas⁴¹.

Como se assinalou atrás, no tocante aos cereais, também a abundância de farinha significava riqueza e fartura alimentar.⁴² O profeta Elias foi quem o afirmou, ao aconselhar a pobre viúva que cozesse pães da pouca farinha que possuía. Ela preparou os pães como ele lhe dissera e jamais teve fome. Este episódio tentou realçar uma conduta de vida baseada numa atitude de desprendimento pelos bens materiais, que se reflectiu no princípio seguinte: o pouco, por acção de Deus, transformase em muito.

Ao mesmo tempo, a sua posse simbolizava a intervenção divina no meio dos homens. Segundo o autor de *O Primeiro Livro dos Reis*, Deus envolveu-se com os homens, usando as sagacidades mais simples da vida. Veja-se a imagem da sopa, que esse autor procurou, para demonstrar essa ligação afectiva. Como na sopa havia veneno, Eliseu teve que recorrer à farinha para a confeccionar de um modo sã. A farinha representava simbolicamente a acção de Deus, explicitando a Sua intromissão na vida dos homens, salvando-os dos perigos⁴³. O profeta Eliseu foi o protagonista desse episódio da sopa, ao realçar o valor da farinha como o elemento salvífico. Neste caso, como afirmou o profeta, a planta venenosa colocada no caldo transformou-se em alimento sadio, por acção da farinha. Ao interpretar este episódio estritamente no âmbito culinário, a farinha constituiu-se como um elemento de ligação. O veneno a que se alude, não seria mais que o deslaçar da sopa ou, até, a sua acidificação, sendo a farinha usada para a salvar da destruição e permitir que fosse comida sem problemas.

Esta narração antecipa, com certeza, o grande anúncio feito por Jesus no dia do milagre da multiplicação dos pães, servidos para matar a fome ao seu povo. Os evangelistas Lucas e Mateus também aproveitaram a imagem da farinha como o sinal de um alimento transformador, libertador e saciador. A farinha misturada com fermento simboliza a dinâmica do reino de Deus, que se reconhece pela acção silenciosa e discreta dessa levedura catalisadora.⁴⁴ Na realidade, a farinha aparece somente com funções simbólicas, nos Evangelhos.

³⁹ Félix Garcia López, *ob. cit.*, p. 221; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp. 643-644.

⁴⁰ Lv2,1-16; Félix Garcia López, *ob. cit.*, p. 220.

⁴¹ Lv2,4-10; Félix Garcia López, *ob. cit.*, p. 220.

⁴² 1Rs17,12-15 «A panela de farinha não se esgotará, nem faltará o azeite na almotolia até ao dia em que o Senhor mandar chuva sobre a face da terra. (...) Nem a farinha se acabou na panela, nem o azeite faltou na almotolia, conforme dissera o Senhor pela boca de Elias.»

⁴³ 2Rs4,41 «Eliseu disse-lhes: “trazei-me farinha.” Deitou então a farinha na panela e disse: “serve agora, para que todos comam.” E já não havia na panela nada de amargo.»

⁴⁴ Jo6,1ss; Lc13,20-21: «Disse ainda: “A que posso comparar o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que certa mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até ficar levedada toda a massa”.»

1.1.4 – O pão⁴⁵

O pão é um dos alimentos de maior centralidade na Bíblia. Constitui nela o grande alimento. Representa todas as formas de saciedade. O pão é o ícone do equilíbrio do ser humano, que por ele mata e por ele morre. O desejo de o possuir justificou no aparecimento de rios de sangue humano, que, ao longo da história, têm corrido sobre a terra. Concentra em si valores espirituais e humanos insondáveis e incontáveis. Os autores bíblicos recorreram a ele para exprimirem inúmeros sentimentos e situações de vida. Os textos sagrados referem-se ao pão cerca de duzentas e trinta vezes para aludirem ao seu nobre valor alimentar, indispensável ao corpo e ao espírito⁴⁶.

Desde os alvares da humanidade até aos dias de hoje, passando pelas épocas bíblicas, a abundância de pão na terra promovia um reinado de felicidade e de prazer de viver⁴⁷. O bem-estar que esse alimento provocava nas pessoas surge retratado pelo autor do livro do *Gênesis*, ao referir-se à qualidade do pão que produziria a terra da tribo de *Aser*. As características superiores desse pão relacionavam-se com a óptima qualidade do trigo que se cultivava na região onde se instalou essa tribo, que foi a planície costeira de Haifa, entre o Monte Carmelo e a Fenícia. Esta região, como já se viu, era bastante fértil sobretudo em trigo e oliveiras⁴⁸. A falta de pão autêntico levou o povo hebreu a revoltar-se contra Deus e contra Moisés, a caminho da *Terra Prometida*. Esse povo saturou-se de comer sempre o mesmo maná, ouvindo dizer que era pão que descia do céu⁴⁹.

No quadro em análise, o pão aparece como o corolário do ciclo dos cereais. Das ocorrências citadas, na maioria das vezes o pão surge como ázimo, o mesmo é dizer, pão sem fermento. Esta espécie de pão depara-se-nos no livro do Êxodo⁵⁰ em diante, sendo até aí designado por pão.

Melquisedec, sacerdote e rei contemporâneo de Abraão, protagonizou uma das mais belas cenas da Bíblia. Quando veio ao encontro desse patriarca, trouxe-lhe pão e vinho como presentes,

⁴⁵ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.58-62; Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.169-177.

⁴⁶ Sir29,21 «O essencial da vida do homem é a água, o pão, o vestuário...»; Lm1,11 «Geme todo o seu povo à procura de pão.»; Paula Barata Dias, «As Mesas Comestíveis da *Eneida* – Alguns Aspectos da Culinária Romana», *Boletim de Estudos Clássicos* – 49, pp. 35-39; Jean-Louis Frandrin, *ob. cit.*, p.103, «Durante toda a Antiguidade, desde a época dos poemas homéricos até ao Império Romano, a civilização mediterrânica é o mundo do pão ou, pelo menos, dos cereais e dos alimentos que servem para preparar as papas, o pão e os bolos. Tem-se defendido que a alimentação na micénica – portanto pré-homérica – era diferente: que os cereais devem ter desempenhado um papel apenas secundário numa economia essencialmente pastoral e que a alimentação deve ter sido mais variada e mais rica em carne. Esta hipótese não passou, porém, de letra morta; nenhuma investigação recente a confirmou. Assim, se exceptuarmos esta época arcaica e menos conhecida, a alimentação greco-romana era quase de certeza, à base de cereais e o papel desempenhado pela carne era apenas secundário. Homero identifica os homens como “comedores de pão” (...).»

⁴⁷ Gn49,20 «Quanto a *Aser*, o seu pão será abundante; é ele que proverá os prazeres dos reis.»; *Bíblia Sagrada*, p., 96 «*Aser* faz lembrar a “felicidade” e o prazer; porque esta tribo estabeleceu-se na planície costeira de Haifa, entre o Monte Carmelo e a Fenícia, terra fértil em todo o género de frutos, especialmente trigo e oliveiras.»

⁴⁸ Jean-Louis Frandrin, *ob. cit.*, p.76.

⁴⁹ Nm21,5 «O povo falou contra Deus e contra Moisés: “Porque nos fizestes sair do Egipto? Foi para morrer no deserto, onde não há pão nem água, estando enjoados com este pão levíssimo?”»

⁵⁰ Ex12,15 «Durante sete dias comereis pão sem fermento. No primeiro dia, fareis desaparecer o fermento das vossas casas, pois todo aquele que comer pão fermentado, do primeiro dia ao sétimo dia, será eliminado de Israel.»; João Evangelista Pimentel Lavrador, *ob. cit.*, pp.159-174.

reforçando, neste episódio, uma das suas mais nobres funções, a promoção da intimidade na diferenciação.

O mesmo sentiria Homero quando na *Odisseia* referia que o homem que come pão é um homem como ele⁵¹. Esse sinal de Melquisedec foi interpretado pela teologia cristã como a prefiguração das duas espécies eucarísticas⁵², que concentram o poder da inclusão. O invocar do pão em alturas de fome pode significar, apenas, o evocar do alimento em geral, ou seja, o pão assume-se como termo colectivo para toda a espécie de alimento, o que é nobilitante. Quando se ouve “dá-me pão” da boca de um esfomeado, em qualquer época e mesmo hoje, está-se a dizer: “dá-me aquilo que certamente tens, porque é um alimento omnipresente, mas dá-me o que quer que tenhas como pão, ou seja, que se possa comer⁵³”.

A dimensão da saciedade total que o pão provoca, também ficou patente na saída do povo hebreu do Egipto ao não abdicar deste alimento na sua viagem. Nessa ocasião, optaram pelo pão ázimo. Confeccionado à pressa, tornou-se alimento próprio para quem caminhava, pois, não azedando, poderia ser consumido durante um período mais alargado. Essa espécie de pão representava a tribulação e a aflição daquele povo, desde a sua saída da escravatura do Egipto até à terra de Canaã, a *Terra Prometida*⁵⁴.

Na segunda parte da oração do *Pai-nosso*, que se refere ao pão de cada dia e que vem descrita nos Evangelhos⁵⁵, foi antecipada pelo autor do *Êxodo*. Na verdade, este autor recomendava ao povo do seu tempo que a quantidade de alimento precisa para cada ser humano não deveria ultrapassar o que cada um necessitava para o seu dia-a-dia, sem ambicionar por mais. Esta poderia também ser uma lição, dada por Moisés, de igualdade de oportunidades, de sobriedade alimentar⁵⁶. Nos Evangelhos, essa petição de pão, por parte do povo, segundo Mateus, dizia respeito a *hoje*, e segundo Lucas era pedido para *cada dia*⁵⁷. Tanto num excerto como no outro, os evangelistas tornam explícita a condenação da posse egoísta do que sobra, dos excedentes.

O comer pão era sinal de sedentarismo⁵⁸, ao passo que a sua ausência significava vida nómada⁵⁹. Os homens privados de pão estavam condenados à errância. Este estado contrariava o

⁵¹ Homero, *Odisseia*, IX, vv. 80-95, p.147, «Durante nove dias fui levado por ventos terríveis sobre o mar piscoso. Ao décimo dia desembarcámos na terra dos Lotófagos, que comem alimento floral. Aí pisámos terra firme e tirámos água doce. E logo os companheiros jantaram junto às naus velozes. Mas depois de termos provado a comida e a bebida, mandei sair alguns companheiros para se informarem acerca dos homens que daquela terra comiam pão.»

⁵² Gn14,18 «Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho...»

⁵³ Gn25, 29-34 «Então Jacob deu-lhe um pão e um prato de lentilhas. Esaú comeu e bebeu; depois ergueu-se e partiu.»

⁵⁴ Dt16,3-4 «Não comerás pão fermentado com essas vítimas. Durante sete dias, comerás com elas ázimos, o pão da aflição, porque foi à pressa que saíste do Egipto, para assim te recordares durante toda a tua vida do dia da tua partida.»

⁵⁵ Lc11,2.

⁵⁶ Pr30,8; Ex16,15-21 «Cada um tinha recolhido conforme o que comia.»

⁵⁷ Mt6,11; Lc11,3.

⁵⁸ Jz7,13 «“acabo de ter um sonho: eis que um pão de cevada, rolando pelo acampamento dos Madianitas, chegou junto da tenda, sacudiu-a violentamente provocando a sua queda”»

⁵⁹ Hesíodo, «Mito das Cinco Idades», *Trabalhos e Dias*, in Pereira, Maria Helena da Rocha, *Hélade*, Guimarães Editores, 10ªed., 2009, pp. 109-111.

que os autores sagrados queriam transmitir como ideal, que era apresentar o homem a cultivar. Na verdade, sem se fixar, sem cultivar, o ser humano não se realiza. O reconhecimento dos outros é feito pela partilha do pão⁶⁰. Tal situação demonstra que quem comia pão, o sedentário, pertencia a uma comunidade mais evoluída, organizada e com laços de família; ao contrário, aqueles que não o comiam eram nómadas. Foi por isso que o livro de Tobite alertava para a solidariedade e partilha, valores intrínsecos à função do pão. Este tema foi particularmente realçado nos Evangelhos⁶¹, de um modo especial, na *parábola do grande banquete*⁶². Partir o pão significava que ele chegaria a todos: os desfavorecidos, os indefesos, os servos e as crianças.

A arte na sua partilha potenciava uma adesão aos valores humanista da fidelidade, da amizade e da lealdade⁶³. O povo de Israel veio circunscrever este princípio, ao expressar que quem não lhe pertencesse, não teria direito a comê-lo. Para esse povo, o pão deveria ser recusado ao ímpio, para evitar que ele se tornasse mais poderoso. O mesmo se deveria fazer para com os incircuncisos⁶⁴. Uma forma de afirmação do povo hebreu, em relação aos outros povos, como um povo diferente, fazia-se através da alimentação. Por isso, não admira que o autor sagrado tivesse associado o pão à ideia de exclusão do não judeu. Conviver com incircuncisos tinha a mesma carga profanatória que o partilhar do pão com eles.⁶⁵

O pão é ainda evocado como exemplo chave para a constituição de um código moral e de justiça: a importância do trabalho expressava-se pela abundância de pão nas casas dos homens laboriosos.⁶⁶ Mas também se aludia a uma realidade muito mais importante, a de que a paz valia mais que o pão⁶⁷. Segundo o autor do livro dos *Provérbios*, o apreço dado à honestidade foi sempre determinante para se ter direito a adquirir pão⁶⁸. Pelo contrário, a inveja, a insensatez e a avareza assumiam-se como pecados nascidos da ganância dos homens, por quererem possuir mais pão do que precisavam, ficando assim à mercê da indigência⁶⁹. Por sua vez, o autor do livro do *Ben Sira* condena veementemente a usurpação do salário (pão), por parte de alguém⁷⁰. Também a posse de

⁶⁰ Homero, *Odisseia*, IX, vv. 80-95, p.147.

⁶¹ Tb4,17-18; ver Jb22,7; 31,17; Pr22,9; Sir33,25; Lm4,4; Is58,10 «...se repartires o teu pão com o faminto e matares a fome ao pobre, a tua luz brilhará na tua escuridão, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia.»

⁶² Lc14,15-24; Mt22,1-14.

⁶³ Sl40,10; Ez18,7 «...distribui pão aos famintos, cobre o nu.»

⁶⁴ Sir12,5; «Faz bem ao humilde, e nada dês ao ímpio; recusa-lhe o pão, não lho dês, a fim de que não se torne mais forte que tu...»

⁶⁵ Ez44,7 «Introduzistes no meu Santuário estrangeiros incircuncisos (...) oferecestes o meu pão...»

⁶⁶ Pr12,11; 20,13; 28,19.

⁶⁷ Pr17,1 «Vale mais um bocado de pão seco, com paz, do que uma casa cheia com banquetes e discórdia.»

⁶⁸ Pr20,17 «O pão mal adquirido é saboroso para o homem, mas depois de encher a boca, é só areia.»

⁶⁹ Pr30,8 «Afasta de mim a falsidade e a mentira, não me dês pobreza nem riqueza, concede-me o pão que me é necessário.»

⁷⁰ Sir34,22 «Quem tira a um homem o pão do seu trabalho, é como quem mata o seu próximo; e derrama sangue o que defrauda o salário do operário.»

pão, sendo privilégio de alguns, tornava-se uma forma externa de legitimar o exercício do poder, a autoridade e a diferenciação social.⁷¹

Até aqui analisou-se o pão na óptica dos autores do A.T., saboreando-o mais com os sentidos físicos e pela sua valorização como modo de exprimir valores dominantes de cooperação, de justiça e até de segregação. Daqui em diante, saboreá-lo-emos com o coração, como nos é sugerido pelos evangelistas, tornando-se em alimento simbólico.

O pão referido nos Evangelhos, cerca de cinquenta vezes, toma um significado muito para além do que ele representa enquanto alimento natural. Ele tornou-se tão sobrenatural que Jesus o usou na Última Ceia, para afirmar junto dos apóstolos que com Ele participavam na celebração da Páscoa, que o pão colocado sobre a mesa era o seu corpo verdadeiro, que havia de servir de alimento aos homens, para a sua eternidade⁷². O pão, nos Evangelhos, é facultado a todos os que dele se aproximam, ao contrário do que sucedia no A.T., que se restringia aos membros do povo judeu. Por atingir essa dimensão, Jesus valorizou de tal modo o alimento pão, que ele passou a concentrar uma total abrangência, tornando-se no maior e mais importante alimento. Jesus ao auto-intitular-se como o «pão da vida»⁷³ conferiu sacralidade ao pão, ao mesmo tempo que mostrou que nesse elemento vital se redime e reencontra a comunidade dos homens.

Como sabemos, a enorme popularidade do pão no mundo antigo fez com que ele fosse tantas vezes chamado aos textos Bíblicos do N.T. Por assumir uma tão grande importância alimentar na sociedade contemporânea de Jesus, na qual existia uma elevada assimetria social que grassava nessa época, o pão constituía a imagem perfeita para exprimir os valores da partilha e da solidariedade⁷⁴.

⁷¹ Is3,7 «...na minha casa não há pão nem tenho manto; não me façais chefe do povo.»

⁷² Mt26,26; Mc14,22; Lc22,19.

⁷³ Jo6,48-49 «Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram.»; Jim Grimshaw, «Luke's Market Exchange, District: Decentering Luke's Rich Urban Center», in *Semeia* 86, *Food And Drink In The Biblical Worlds*, by the Society of Biblical Literature, 1999, p.38.

⁷⁴ Jim Grimshaw, «art. cit. », pp. 33-47.

1.2 – As bebidas alcoólicas

Quadro V

| A.T. | | Livros | Vinho | Absinto | Licor |
|------------------------|-----|--------|---|----------------|-------------------------|
| N.T. | | | | | |
| A.T. | Gn | | 9,21; 14,18; 19,33; 27,25; 27,28; 27,37; 49,11; 49,12 | | |
| A.T. | Ex | | 29,40 | | |
| A.T. | Lv | | 10,9; 23,13 | | |
| A.T. | Nm | | 6,3; 6,20; 15,5; 15,7; 15,10; 18,12; 18,27; 28,14 | | |
| A.T. | Dt | | 7,13; 11,14; 12,17; 14,23; 14,26; 18,4; 28,39; 28,51; 32,14; 32,33; 32,38; 33,28; | | 14,26 |
| A.T. | Js | | 9,4; 9,13 | | |
| A.T. | Jz | | 9,13; 13,4; 13,7; 13,14; 19,19 | | |
| A.T. | 1Sm | | 1,14; 1,15; 1,24; 10,3; 16,20; 25,18; 25,37 | | |
| A.T. | 2Sm | | 13,28; 16,1; 16,2 | | |
| A.T. | 2Rs | | 18,32 | | |
| A.T. | 1Cr | | 9,29 | | |
| A.T. | 2Cr | | 2,9; 2,14; 11,11 | | |
| A.T. | Esd | | 3,7; 6,9; 7,22 | | |
| A.T. | Ne | | 2,1; 5,11; 5,15; 5,18; 10,38; 10,40; 13,5; 13,12; 13,15 | | |
| A.T. | Tb | | 4,17 | | |
| A.T. | Jdt | | 10,5; 11,13; 12,20; 13,2 | | |
| A.T. | Est | | 1,7; 1,10; 5,6 | | |
| A.T. | 2Ma | | 15,39 | | |
| A.T. | Jb | | 1,13; 1,18; 32,19; | | |
| A.T. | Sl | | 4,8; 59,5; 74,9; 77,65; 103,15 | | |
| A.T. | Pr | | 3,10; 4,17; 9,2; 9,5; 20,1; 21,17; 23,20; 23,30; 23,31; 31,4; 31,6 | 5,4 | 20,1 |
| A.T. | Ecl | | 2,3; 9,7; 10,19 | | |
| A.T. | Ct | | 1,2; 1,4; 4,10; 5,1; 7,3; 7,10; 8,2 | | 8,2 |
| A.T. | Sb | | 2,7 | | |
| A.T. | Sir | | 19,2; 26,8; 31,25; 31,26; 31,27; 32,6; 40,20; 49,1 | | |
| A.T. | Is | | 1,22; 5,11; 5,12; 5,22; 22,13; 24,9; 24,11; 25,6; 28,7; 29,9; 36,17; 49,26; 51,21; 55,1; 56,12; 62,8; 62,9; 65,11 | | 5,22; 28,7; 56,12 |
| A.T. | Jr | | 13,12; 23,9; 25,15; 35,2; 35,5; 35,6; 35,14; 40,10; 40,12; 48,33; 51,7 | 9,14; 23,15 | |
| A.T. | Lm | | 2,12 | | |
| A.T. | Br | | | | |
| A.T. | Ez | | 27,18; 44,21 | | |
| A.T. | Dn | | 1,5; 1,8; 1,16; 5,1; 5,4; 5,23; 10,3 | | |
| A.T. | Os | | 2,10; 2,11; 4,11; 7,5; 7,14; 9,2; 9,4 | | |
| A.T. | Jl | | 1,5; 2,19; 2,24; 4,3; 4,18 | | |
| A.T. | Am | | 2,8; 2,12; 5,11; 6,6; 9,14 | 5,7; 6,12 | |
| A.T. | Mq | | 2,11; 6,15 | | |
| A.T. | Na | | 1,10 | | |
| A.T. | Sf | | 1,13 | | |
| A.T. | Ag | | 2,12; 2,16 | | |
| A.T. | Zc | | 9,15; 9,17; 10,7 | | |
| N.T. | Mt | | 9,17; 26,29; 27,34 | | |
| N.T. | Mc | | 2,22; 14,25; 15,23 | | |
| N.T. | Lc | | 1,15; 5,37; 5,38; 5,39; 7,33; 10,34; 22,18 | | |
| N.T. | Jo | | 2,3; 2,9; 2,10; 4,46 | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | | 176 | 5 | 6 |
| Nº de ocorrências N.T. | | | 17 | 0 | 0 |
| Total | | | 193 | 5 | 6 |

Neste quadro concentram-se as referências feitas às bebidas alcoólicas, pelos autores do A.T. e dos Evangelhos.

Pelo facto de exercer uma larga primazia em relação às outras bebidas, o vinho foi colocado na primeira coluna. A ordem alfabética foi o modelo utilizado para as restantes bebidas. Realce-se o facto de não haver qualquer referência ao absinto e ao licor nos Evangelhos, o que leva a concluir, que a mensagem bíblica no N.T. assentou profundamente no valor simbólico dado ao vinho. Das cerca de cento e noventa e três citações de que é objecto na Bíblia a sua ambivalência sagrada e profana é a sua principal característica. Uma bebida de real valor que, desde tempos imemoráveis, tem ido à mesa dos mais simples e à dos mais imponentes, chega à Bíblia assumindo dois desígnios: no A.T. uma bebida normal que conduz muitas vezes ao desvario, nos Evangelhos uma bebida totalmente simbólica de carácter ascético.

Pelo facto da vinha se cultivar na Palestina¹ e nos territórios aos quais estiveram ligados os povos vizinhos do povo hebreu, o vinho assume na Bíblia um lugar de relevo. A superior qualidade do vinho produzido na Palestina demonstra-se no facto de ele ter sido comprado para fazer parte da lista dos víveres que constavam de uma refeição preparada para um faraó da XIX dinastia e respectivo séquito durante uma viagem oficial². Tornava-se tão importante para as pessoas, que Jesus, por vezes, nas parábolas que proferia, recorria ao acto de o cultivar, como forma de explicitar a sua posição em relação aos seus adversários³. Ao ter sido uma bebida tão apreciada por essas civilizações mais antigas, os autores dos livros sagrados introduzem-na nos textos, com a finalidade de expressarem as mais diversas situações do quotidiano.

Além da sua importância no Egipto antigo⁴ e na Fenícia, onde se cultivava e consumia em abundância, no mundo greco-romano o seu valor atingiu talvez o seu expoente máximo. Por um lado, esse valor era-lhe conferido no *symposion* grego pelo carácter religioso que assumia⁵; por outro, evocava-se nas *Popinae* romanas pelo seu lado profano⁶. Contudo, em ambos os casos assumia uma certa marca da transgressão. O cume dessa importância atingia-se no culto de Dionísio – Baco, no qual o vinho se torna mediador para estados alterados de consciência, isto é transe místico.

¹ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 588; Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, p.151.

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.55.

³ Lc20,9-19; Mt21,33-46; Mc12,1-12; Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp. 156-157.

⁴ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.76, «Em meados do II milénio, os anais egípcios descrevem a fertilidade dos jardins que se estendem em volta da cidade de Oullaza, na região de Biblos, conquistada pelo faraó Tutmósis III: o vinho “corria como água” e o trigo era mais abundante nos socalcos das montanhas que a areia à beira do mar”.»

⁵ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.149.

⁶ Tonnes Kleberg, *Hôtels, Restaurants et Cabarets Dans L’Antiquité Romaine, Études historiques et philologiques*, 1957, p.107.

1.2.1 – O vinho⁷

Tal como já ficou dito em relação ao pão, o vinho assumiu uma enorme centralidade nos textos sagrados do A.T. e nos Evangelhos, tendo sido na antiguidade a mais prestigiada bebida especialmente nas culturas grega e romana⁸. Esta bebida, que para a grande maioria do povo judeu não passava de um líquido inebriante, segundo a tradição cristã, transformou-se em bebida sagrada, no próprio sangue de Cristo. É esta a verdade que os Evangelhos atestam ao anunciarem que, quem beber o vinho da Eucaristia, bebe exactamente o sangue de Jesus⁹.

Um néctar para uns, uma bebida banal para outros, um alimento consumido ao longo dos tempos, umas vezes para dar alegria, outras para trazer a tristeza. A primeira referência ao vinho na Bíblia tem que ver com um caso de embriaguez. Era neste estado que Noé se encontrava na tenda, que lhe serviu de guarida, depois de ter saído da arca, com seus filhos. Não admira este excesso de vinho, pois, como narra o livro do *Génesis*, Noé era agricultor e foi o primeiro homem a plantar uma vinha¹⁰. O lado mau dessa bebida não ficou por esse episódio, tomando até um rumo mais deplorável: um pai embriagado foi levado a cometer o incesto com as suas filhas¹¹.

Esta conotação negativa do vinho surge muito frequentemente no A.T., não sendo objectivo deste trabalho escarpelizar esta temática. Contudo, e apesar do diferente enredo que contém, o livro de Judite aborda-a de uma forma singular, ao introduzir no campo da embriaguez as malhas da paixão e da traição. Neste sentido, Holofernes, importante general do rei Nabucodonosor, foi decapitado por Judite, depois de esta ter esperado que ele se embriagasse com vinho. Este acto acabou por despoletar a libertação do cativo¹².

Como se comprova pelas várias narrações bíblicas, os excessos de vinho criavam uma chaga social, pelo que o autor do livro dos *Provérbios*, numa linguagem pedagógica, advertia para os seus perigos e apontava soluções. Esse livro apresenta, lições de vida perfeitamente actuais, pois alerta os homens para as perturbações que o vinho provocava, quando ingerido em quantidades exorbitantes. Chamava-se a atenção para o facto de a embriaguez aniquilar o dom da sabedoria,

⁷ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.350-352; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.125-126; Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.151-166; Jean Daniélou, *Les symboles chrétiens primitifs*, pp.33-48.

⁸ José Ribeiro Ferreira, *Espelho Da Alma, O vinho na poesia grega*, museu do vinho, Anadia, 2006.

⁹ Jo6,55 «...e o meu sangue uma verdadeira bebida.»

¹⁰ Gn9,21.

¹¹ Gn19,33-38; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.79, «A tradição bíblica situa em Noé a primeira “experiência” dos efeitos do vinho: devido ao seu tipo de terreno e ao seu clima, a região sírio-palestina prestava-se tão bem à cultura da vinha que os vizinhos, como o Egipto e a Assíria, importavam o seu vinho. O profeta Oseias (Os14,8) recorda a fama dos vinhos do Líbano e um baixo-relevo assírio do século VII a.C. mostra o cerco de uma cidade provavelmente fenícia rodeada de vinhas. Mais tarde, Plínio o Velho (*História Natural* XIV, 22, 2) atribui ao vinho dos montes do Líbano “um perfume de incenso”, esclarecendo que esta bebida é oferecida em libações aos deuses; o naturalista romano elogia os vinhos de Trípoli, de Berite e de Tiro. Também sabemos que o vinho, tal como o azeite, fazia parte das mercadorias de troca que Hiram I, rei de Tiro, pedia ao rei Salomão, isto embora Tiro fosse afamada pela excelência do seu azeite e dos seus vinhos.»

¹² Jdt12,20; 13,2.

porque narcotiza, amargura a alma de quem comete excessos e a dos que estão à sua volta e leva ao desnordeio¹³. Ainda hoje, muitas vezes, o abuso de bebidas alcoólicas está ligado a situações de vida difíceis, a problemas pessoais, familiares e sociais. Por esse motivo, o texto sagrado remete a sabedoria como um caminho possível para as pessoas saírem da maldição do álcool.

Uma outra pedagogia bíblica apresentada no livro do *Ben Sira* tornou-se bastante elucidativa e pertinente acerca desta matéria, ao relacionar o consumo de vinho com as mulheres¹⁴. O verdadeiro sábio, para este autor, sabia comportar-se segundo as regras da sociedade vigente, não se deixava arrastar pela mediocridade, sabia relacionar-se com a natureza e com os homens e tinha a medida das coisas na sua inteligência. Em suma, o verdadeiro sábio deveria beber com moderação, pois o essencial da vida não era o vinho, mas a água, o pão, o vestuário e uma casa¹⁵. Encontra-se implícita, neste excerto bíblico, a intenção de valorizar as pessoas que não bebiam, mas que se preocupavam com a edificação do seu carácter.

Além disso, este autor, estabeleceu uma espécie de norma de conduta para a vida em sociedade, explorando a necessidade de se saber beber, para que não se abram feridas no coração e não se caia na insensatez, na soberba, na perdição, na prostituição e na censura desmesurada. A principal preocupação do texto bíblico foi a de advertir para os enormes prejuízos físicos, morais, éticos e sociais, que o vinho, bebido em excesso, pode causar¹⁶. Nota idêntica se evidencia no livro do *Levítico*, ao colocar o vinho como causador da morte¹⁷.

Se obedecessem às normas estipuladas de misturar água no vinho, decerto que o tornariam mais leve e por isso menos prejudicial, procedimento que não agradava ao autor do livro de Isaías¹⁸, apesar de ser uma prática corrente na época¹⁹. As oblações de vinho, sobretudo para libações aos deuses, eram um costume arraigado no mundo antigo, também adoptado pelo povo judeu.

Numa perspectiva diferente da tratada anteriormente, o livro de Isaías, profundamente messiânico, veio relatar a tristeza sentida pelas pessoas quando privadas de vinho. A festa em que se envolvia convidava à alegria, desde o cultivo da videiras, à pisa das uvas nos lagares até chegar à mesa. Isaías não concebia a vida sem a alegria do vinho, por achar que ele estava associado à manifestação de alegria dos homens. Este profeta condoía-se com a situação do seu povo que, estando em terra estrangeira, sofria a ausência da sua pátria e da presença consoladora do Senhor. Mas foi também Isaías que ofereceu os melhores motivos para a esperança, para a alegria e para a

¹³ Pr20,1 «Escarnecedor é o vinho (...) Quem a eles se entrega não é sábio.»

¹⁴ Sir19,2 «O vinho e as mulheres fazem sucumbir os próprios sábios.»

¹⁵ Sir29,21.

¹⁶ Sir31,25 «Com o vinho não sejas fanfarrão, porque o vinho tem perdido muitos.»

¹⁷ Lv10,9 «Não beberás vinho (...) para não morrerdes.»

¹⁸ Is1,22 «...eras como bom vinho, que agora se misturou com água.»

¹⁹ Apício, *ob. cit.*, pp.64-69; Jean-Louis Fladrin, *ob. cit.*, p147, «A história do symposion começa na aurora da época arcaica, quando a braseira dá lugar à elegante cratera destinada a misturar a água e o vinho. Na epopeia homérica – que combina fases diferentes da idade média grega -, os convivas reúnem-se para beber e para comer, mas o consumo de vinho é por vezes um momento à parte, que se segue à refeição.

festa que ele comparou, neste caso, ao festim onde se serve vinho²⁰. Este significado dado ao vinho por Isaías já se tinha manifestado no *Gênesis*, onde o sentido messiânico da dita bebida começava a despertar²¹.

Ao pronunciar-se sobre essa bebida, o profeta Isaías denominou o vinho como «velho e purificado», reconhecendo-lhe qualidade e dimensão superiores. Ao referir-se assim a ele, colocava-o a caminho do altar. O vinho velho significava a excelência, a confiança, a experiência, a certeza e a confirmação. Foi por isso que Isaías aconselhou a degustá-lo com todos os sentidos. Antevia profeticamente o que iria acontecer: o vinho, colocado sobre a mesa, transformar-se-ia em sangue, segundo o relato evangélico, e este em alimento eterno.

Além disso, o vinho, no A.T., concentrava uma enorme expressividade que se reflectia no quotidiano das pessoas. Nessa época, era comum designar o vinho por sangue,²² assim como torná-lo indispensável no farnel que se levava nas viagens²³. Às mulheres grávidas estava proibido dá-lo a beber, para que não perturbasse o seu estado.²⁴ Um das vezes oferecia-se como presente²⁵, outras como forma de revitalizar as forças²⁶. A riqueza e prosperidade de uma terra mediam-se pela quantidade e qualidade do seu vinho²⁷. O apreço do vinho levava a que os sacerdotes e outras pessoas ligadas ao serviço do santuário o consumissem, pois ele fazia parte do seu inventário²⁸. Numa alusão aos falsos profetas, Isaías, simbolicamente, dizia que, ao bebê-lo em excesso, os sacerdotes ficavam estonteados, cambaleando durante a sua marcha²⁹.

Tal como acontecia com o pão, também o vinho era usado como forma de pagamento de salários³⁰. As cidades fortificadas não o dispensavam como vívere³¹. Mas era nas mesas dos grandes banquetes que o vinho se exibia com maior e mais alto esplendor, ao ser servido em taças douradas, em abundância e sem constrangimentos³². O que mais importava nestes casos era o luxo e o requinte dos festins, mesmo que as taças de vinho fossem roubadas no Templo de Jerusalém³³. A Babilónia foi comparada a uma taça de ouro cheia de vinho, com a qual Deus embriagava toda a

²⁰ Is16,10 «A alegria e o regozijo desapareceram dos campos. Nas vinhas não há cânticos e gritos de júbilo, não mais se pisa vinho nos lagares, cessaram as canções dos pisadores.»; Ver Jr48,33.

²¹ Gn49,11 «O seu vestuário vai ser lavado em vinho e a sua túnica, no sangue das uvas.»

²² Dt32,14 «Bebestes o sangue vermelho das uvas.»

²³ Js9,4 «Carregaram os seus jumentos de sacos velhos, odres de vinho remendados e velhos.»

²⁴ Jz13,4 «Doravante abstém-te, não bebas vinho nem qualquer bebida alcoólica.»

²⁵ 1Sm16,20 «Jessé tomou um jumento carregado com pão, um odre de vinho e um cabrito e enviou esses presentes a Saul...»

²⁶ 2Sm16,2 «...o vinho, para beberem aqueles que desfalecerem no deserto.»

²⁷ 2Rs18,32 «...até que eu venha vos traslade para uma terra semelhante à vossa, terra fértil em trigo e vinho, terra de pão e de vinhas...»

²⁸ 1Cr9,29 «...outros, ainda, cuidavam dos utensílios do santuário, da flor de farinha, do vinho...»

²⁹ Is28,7 «Também os sacerdotes e os profetas cambaleiam por causa do vinho.»

³⁰ 2Cr2,9 «E eis que darei aos teus servos que vão cortar as madeiras (...) vinte mil batos de vinho...»

³¹ Cr11,11 «E tendo-as fortificado com muralhas (...) dotou-as de depósitos de víveres, azeite e vinho.»

³² Est1,7 «Os convidados bebiam por taças de ouro de várias formas; o vinho do rei servia-se em abundância, oferecido pela liberalidade régia.» Ver Est1,10.

³³ Dn5,3 «Trouxeram, pois, os vasos de ouro que tinha sido roubados ao templo de Deus em Jerusalém.»

terra e de onde todas as nações bebiam, até ficarem transtornadas³⁴. O profeta Daniel considerou o vinho como um alimento delicado, por isso devia evitar-se nos dias de penitência³⁵. Também Joel dizia que ele era fonte e sinal de alegria e que simbolizava o júbilo da libertação³⁶.

O valor real e simbólico do vinho mudou de feição nos Evangelhos, em nítido confronto com o significado que o judaísmo lhe conferira. A nova era que se passou a viver, na qual Jesus se tornou a figura central, foi comparada ao vinho novo deitado em odres novos³⁷. Sendo este uma bebida bastante apreciada pelos homens da sua época, que tanto ia à mesa dos pobres como à dos ricos, Jesus levou-o à mesa da ceia pascal, para beber com os seus discípulos. Durante a ceia terão bebido vinho e, no fim da refeição, Jesus tomou nas suas mãos o cálice com o que restava, abençoou-o e entregou-o aos que com Ele estavam a comer. Eles aceitaram o cálice com vinho, mas beberam-no já transmutado no sangue de Jesus. Foi este o momento que Jesus, de uma forma solene, instituiu a *Nova Aliança* com os homens, quebrando a *Antiga Aliança* que Moisés havia estabelecido com o seu povo³⁸. Jesus quis assentar os pilares da Nova Aliança e dar a conhecer o *Reino dos Céus*, a partir do vinho, um alimento simples e comum (?).

Na realidade, o vinho e o pão resultam da maceração e transformação de elementos primários e simples. Essa transformação ocorre na solidão da noite, em silêncio e sem a vista dos homens (a fermentação). Os dois alimentos prefiguram, no seu ritual de transformação (tortura, aniquilação, morte) e enquanto produto final, Cristo ressuscitado. Há, assim, óbvios pontos de contacto entre o processo de obtenção destes alimentos e a revelação central do Cristianismo. Jesus Cristo proporcionou esta leitura, nas palavras, que bem referiu, da Última Ceia, ao aludir aos dois alimentos em conjunto.

O pão e o vinho tornam-se, deste modo, em símbolos eloquentes da Eucaristia. De tal maneira que o reino foi sempre apresentado a partir de coisas simples, que depois se transformam em coisas grandes, como testemunham os exemplos das *parábolas do grão de mostarda; do fermento; do trigo e do joio; da rede*³⁹. Este alimento inefável e inebriante, que dava alegria e prazer a quem o tomava, foi recusado por Jesus na sua paixão, quando lho quiseram dar a beber misturado com fel. Esta recusa poderá interpretar-se como um dos episódios mais reveladores da profunda mensagem de liberdade que Jesus quis irradiar.

Outro relato carregado de simbolismo no qual o vinho surge como elemento central é no *Evangelho de S. João* traduzido no milagre operado por Jesus, nas bodas de casamento em Caná da

³⁴ Jr51,7 «A Babilónia era uma taça de ouro na mão do Senhor com a qual Ele embriagava toda a terra; as nações beberam do seu vinho...»

³⁵ Dn10,3 «...não entrou em minha boca nem carne nem vinho...»

³⁶ Jl2,24 «As eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e azeite.»

³⁷ Mt9,17 «Nem se deita vinho novo em odres velhos; de contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho e estragam-se os odres. Mas deita-se o vinho novo em odres novos...» Ver Lc5,37-39.

³⁸ Mt26,27-29; Mc14,22-26; Lc22,18.

³⁹ Mt13,1ss.

Galileia, no qual Jesus transforma a água em vinho, por indicação de Sua mãe. O vinho assume a essência do amor, prenunciando a suprema dádiva. Para os cristãos, essa refeição, concebida nos moldes judaicos, expressou ao máximo a comunhão entre Deus-Pai e os homens.

O vinho assumiu o significado de passagem, sentido de mudança e retorno, quando encarado na sua dimensão pascal. Facilmente se entende esta mudança referente ao caminho que se abriu a este alimento, desde um simbolismo simplista e obscuro, à transformação em personificação absoluta. O vinho, bebida inebriante dos homens, transformou-se em sangue no N.T., ganhando uma outra densidade. Reforçando o que já se disse, a Ceia Pascal marcou definitivamente a história desta espécie alimentar. O vinho já estava associado, na cultura antiga, à mesa dos bons e deliciosos manjares e, a um espaço de partilha e de comunhão.

A Última Ceia veio dar um novo significado ao acto de comer, nomeadamente à arte culinária, ao ambiente da mesa, à própria mesa, à forma de nela estar, ao cerimonial e ao protocolo. Criou-se à sua volta um novo sentido estético, ético e social. O vinho, graças ao papel assumido na Última Ceia, de central importância, trouxe para as celebrações cristãs o conteúdo da festa, da celebração da vitória, da partilha afectiva, mas também a comunhão do sagrado, deslocada, de um gesto do quotidiano festivo, para o ritual de contacto íntimo com o divino. Esta graça, acreditam os cristãos, enriqueceu-o quanto à capacidade de sentir o belo e o absoluto, contribuindo diariamente para a sua caminhada para a santidade.

1.2.2 – O absinto⁴⁰ e os licores⁴¹

O absinto, os licores e a cerveja fazem parte de um rol de bebidas com poucas citações bíblicas. Sobretudo a cerveja, uma bebida alcoólica feita a partir de cereais, especialmente da cevada, consumida no antigo Egipto, mas que não alcançou notoriedade junto dos autores dos livros da Bíblia. Quanto ao absinto e aos licores não se encontraram outras fontes dignas de crédito, para além das bíblicas, quanto ao seu consumo nessa época.

O absinto é uma bebida de elevado teor alcoólico, de sabor forte, ligeiramente amargo e com grande capacidade embriagadora, roçando a toxicidade. Pelos relatos bíblicos disponíveis no A.T., esta bebida não seria muito diferente do que é hoje, do mesmo modo que os licores teriam também características semelhantes às da actualidade.

Tais bebidas representam situações bíblicas diferentes. O livro dos *Provérbios* comparava o fim trágico da mulher leviana⁴² com os efeitos provocados pelo consumo de absinto. Segundo o autor desse livro, quem a ele se entregava veria um fim tão amargo como o absinto. Por sua vez, o

⁴⁰ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.5.

⁴¹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.4.

⁴² Pr5,4 «Mas o seu fim é mais amargo que o absinto.»

profeta Jeremias aludia a este narcótico alimento, para incentivar as pessoas do seu tempo a lutarem contra a idolatria, que nessa época soprava da Babilónia. Por isso os deuses pagãos foram comparados ao absinto⁴³. Já o profeta Amós o usou no sentido de dizer às pessoas do seu tempo que tinham de buscar o Senhor para os ajudar na prática da justiça⁴⁴. Este profeta alertava para a perversão que havia nos juízes de Israel, comparando-os ao absinto.

Os licores deveriam ser bebidas bastante apreciadas, uma vez que até faziam parte da lista dos alimentos que era lícito comprar com o dinheiro proveniente dos dízimos que não se destinavam ao santuário⁴⁵. Todavia, como o excesso de licores poderia levar à perdição e ao desvario, a moderação era boa conselheira. Assim, bebidos com parcimónia, poderiam tornar-se em alimento afrodisíaco.⁴⁶

⁴³ Jr9,14; 23,15 «hei-de alimentá-los com absinto e dar-lhes-ei a beber água envenenada.»

⁴⁴ Am5,7 «Convertem o direito em absinto e deitam por terra a justiça.» Ver Am6,12.

⁴⁵ Dt14,26 «Comprarás com esse dinheiro tudo o que te agradar, gado miúdo, vinho, ou licores fortes...»

⁴⁶ Ct8,2 «...dar-te-ei a beber do vinho perfumado, do mosto das minhas romãs.» Ver Is28,7; 56,12.

1.3 - Leguminosas e legumes frescos

Quadro VI

| Localização | | Favas | Lentilhas | Pepinos | Urtigas | Legumes |
|-------------------------------|--------|----------|--------------|----------|----------|------------|
| A.T. | Livros | | | | | |
| N.T. | | | | | | |
| A.T. | Gn | | 25,34 | | | |
| A.T. | Nm | | | 11,5 | | |
| A.T. | 2Sm | 17,28 | 17,28; 23,11 | | | |
| A.T. | 2Rs | | | | | 4,39 |
| A.T. | Jb | | | | 30,7 | |
| A.T. | Pr | | | | 24,31 | 15,17 |
| A.T. | Is | | | | 34,13 | |
| A.T. | Jr | | | 10,5 | | |
| A.T. | Ez | 4,9 | 4,9 | | | |
| A.T. | Dn | | | | | 1,12; 1,16 |
| A.T. | Os | | | | 9,6 | |
| A.T. | Sf | | | | 2,9 | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 2 | 4 | 2 | 5 | 4 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | | 2 | 4 | 2 | 5 | 4 |

Depois de se terem colocado sobre a mesa o pão e o vinho, servir-se-ão as entradas: as sopas de legumes, as saladas e os guisados de leguminosas. Na verdade, o guisado era um método de confecção bastante usado no mundo antigo. Além deste, o assado e o frito perfaziam os mais comuns e populares métodos de cozinhar. Estas formas de confecção e o valor que conferiam aos respectivos alimentos serão analisadas no III capítulo. Estas técnicas culinárias primitivas serviram de inspiração aos autores dos Livros Sagrados, que lhe deram especial relevo, relegando para segundo plano o cozido em água.

Como a mensagem bíblica tem sempre o objectivo de expressar o deleite e a saciedade, estes métodos de confecção assumem essa função, ao passo que os cozidos em água eram desvalorizados. Os próprios utensílios de cozinha conhecidos dessa época levam-nos a admitir que esses métodos de confecção constituíam a generalidade para a confecção dos alimentos: caçarolas, frigideiras de barro cozido, de cobre, e, mais tarde, de bronze eram os mais usados no antigo Egipto e países vizinhos¹.

Apesar de se saber que os legumes faziam parte das refeições do homem antigo, verificam-se escassas menções bíblicas a estes alimentos. Esta situação prende-se, talvez, ao facto de os alimentos vegetais não possuírem o carácter saciador que os autores sagrados buscavam na alimentação corrente.

¹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.61.

Mas, desde o antigo Egito e Fenícia, a passar pela Palestina até ao mundo greco-romano, os legumes e as leguminosas sempre foram cultivados, ora nos campos ora nas hortas, como elementos importantes na alimentação dos diversos povos.

Mesmo antes destas civilizações, a fusão dos glaciares (8000 a.C.)² mudou o clima, criando condições ao aparecimento de legumes e frutas na região mediterrânica³, como as lentilhas, a ervilhaca, os mirtilos e as framboesas. Tanto assim aconteceu, que numa viagem oficial protagonizada por um faraó do Egito, além de uma lista enorme de outros alimentos que faziam parte das provisões, aludia-se a uma grande variedade de legumes.⁴

De facto, de um regime alimentar baseado no consumo de vegetais, as pessoas não alcançam o mesmo valor nutritivo que em outros alimentos, nem tão pouco, o equilíbrio anímico. Os alimentos de origem vegetal, de uma forma geral, estavam ligados a uma alimentação fraca, própria das camadas sociais de mais baixa condição social, ou, então, preenchiam o recurso alimentar possível nas situações de maior míngua. As leguminosas secas, mais ricas em proteínas, encontravam-se associadas a pratos mais requintados e fortes. Por tal razão, os autores sagrados serviram-se delas para exprimirem, por vezes, uma certa abundância. Destaque-se o caso de não se citarem legumes nem leguminosas nos Evangelhos. O pão e o vinho corporizam, na verdade, os grandes alimentos dos evangelistas.

O quadro nº VI concentra as referências às leguminosas e aos legumes frescos encontrados no A.T., bem como os legumes cujo nome não é anunciado. Tais alimentos foram colocados por ordem alfabética, estando, na última coluna, a contagem dos legumes indiferenciados. A seguir vão interpretar-se as citações mais importantes relacionadas com estes alimentos e dos quais os livros sagrados fazem eco.

1.3.1 – As favas⁵ e as lentilhas⁶

As favas e as lentilhas faziam parte da relação dos víveres que se ofereceram ao rei David e à sua gente, para lhes retemperar as forças, após terem chegado de uma viagem pelo deserto, na

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.35.

³ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.35.

⁴ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.55, «30 potes de sementes de polpa de alfarroba, 100 pés de salada, 50 cachos de uvas correntes e 1000 cachos de uvas do oásis, 300 réstias de figos, 50 potes de mel de favos, 50 potes de pepino, 60 cestos de bolbos de alho-porro, isto é, 120 punhados; óleo da região (óleo de sésamo e óleo doce de Moringa), óleo importado (óleo de Chipre, óleo do país dos hititas, óleo-*nekefeter* da Babilónia, óleo da região de Amor, óleo da Síria, óleo de Naharina), para os soldados dos carros. Sem esquecer a bebida *paur* para os servos, a cerveja da Síria e o vinho da Palestina.»

⁵ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.49.

⁶ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.194.

qual passaram fome.⁷ Numa nítida alusão às suas qualidades energéticas, as mesmas leguminosas foram mandadas reservar para que não faltassem ao povo de Israel, enquanto este permanecesse no exílio da Babilónia⁸.

Muito embora fossem vegetais, a verdade é que as lentilhas guisadas que Esaú comeu, preparadas pelo seu astuto irmão Jacob, constituíram um bem tão sedutor que ele abdicou do seu direito de primogenitura. A fome tornou-se, portanto, determinante no desfecho desta acção familiar. A sua riqueza nutritiva, especialmente em proteínas, constitui razão suficiente para justificar a sua enorme profusão alimentar nas populações, ao longo dos séculos, principalmente nas épocas de maior míngua. Não admira, pois, que Jacob as tivesse cozinhado para seu irmão e que este ficasse tão satisfeito.

⁷ 2Sm17,28 «Logo que David chegou (...) ofereceram-lhe camas, tapetes, copos e vasilhas, bem como trigo, cevada, farinha, grão torrado, favas, lentilhas...»

⁸ Ez4,9 «Recolhe, por conseguinte, trigo cevada, favas, lentilhas (...) faz deles o teu alimento...»

1.3.2 – Os pepinos⁹ e as urtigas¹⁰

Os pepinos faziam parte dos alimentos deixados no Egipto pelos israelitas, quando lá viviam. Durante a caminhada pelo deserto em direcção à *Terra Prometida*, almejavam tê-los como comida, porque eram refrescantes e hidratantes.¹¹ Efectivamente, esses legumes eram cultivados nos campos da Palestina em grande quantidade, nos tempos narrados no livro de *Jeremias*, abastecendo-se com eles as mesas da época.¹²

Por outro lado, as urtigas que cresciam de uma forma selvagem, prejudicando as culturas, poderiam não constituir, nessa época, opção alimentar *gourmet*, mas eram importantes plantas medicinais. Trouxeram-se a este quadro, por se considerarem vegetais com qualidade gastronómica superior e assumirem uma versatilidade culinária digna de registo. Nos tempos modernos, tanto se poderão usar em sopas e saladas como em guisados ou em certas guarnições.

A sua condição de planta selvagem foi a característica mais procurada, pelos autores sagrados, para definir certos comportamentos humanos. Levando em linha de conta as passagens bíblicas que se referem a estas plantas selvagens, concluiremos que, nessa altura, os campos não seriam mondados, uma vez que as urtigas se encontravam facilmente nos períodos húmidos do ano, no meio das searas ou das árvores de fruto.

O autor do livro dos *Provérbios* invocava os preguiçosos, comparando-os a estas plantas. Da mesma forma que elas se reproduziam nos campos, impedindo as boas searas de crescer e dar o seu fruto, também os ociosos vagueavam pelo mundo, obstando o seu desenvolvimento¹³. Elas foram, também, um recurso de linguagem por parte de Isaías, quando as mencionou como ervas ruins nas fortalezas dos pagãos. Do mesmo modo o profeta Oseias comparava a urtigas as pessoas que se afastassem do verdadeiro caminho traçado por Deus, tendo-as em pouco apreço¹⁴. O livro de *Sofonias* apontava, ainda, a soberba e a arrogância dos homens como dois comportamentos altamente condenáveis. E comparava a um campo de urtigas, com poder semelhante ao sal, aqueles que se comportavam segundo esses critérios¹⁵. Segundo a perspectiva do autor deste livro, o destino a dar a tais homens seria a sua eliminação. No âmbito da abordagem deste vegetal, poderíamos colocar em evidência o paralelismo que parece existir entre o significado da urtiga no A.T. e o

⁹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.214-215.

¹⁰ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.230-231.

¹¹ Nm11,5 «Lembramo-nos do peixe que comíamos de graça no Egipto, dos pepinos...»

¹² Jr10,5 «Estes deuses assemelham-se a espantalhos num campo de pepinos.». Curioso é notar que Israel é hoje uma potência em matéria de hortifruticultura. Desenvolveu as técnicas de cultivo, o que potenciou uma grande produção de legumes frescos e frutas, que exporta para muitos países do mundo.

¹³ Pr24,31 «e vi que tudo estava cheio de urtigas, que as silvas cobriam o chão e que o muro de pedra estava por terra.»

¹⁴ Is34,13; Os9,6: «Ei-los que partem por causa da devastação. O Egipto os reunirá, Mênfis os sepultará; as suas jóias de prata herdá-las-ão as urtigas, os abrolhos invadirão as suas tendas.»

¹⁵ Sf2,9 «Por isso, pela minha vida – diz o Senhor do universo, Deus de Israel – Moab tornar-se-á como Sodoma e os filhos de Amon como Gomorra: um campo de urtigas, uma região de sal, um deserto para sempre. O resto do meu povo os saqueará, os que subsistirem da minha nação serão os seus herdeiros.»

significado do joio no N.T.¹⁶. Ambos remetem para a problemática da rejeição, ou seja, são metáforas para indicar os que não pertencem ao grupo. Note-se que os alimentos vegetais, ainda que não se incluam na lista oficial de excluídos ou abomináveis, também eram hierarquizáveis: as urtigas, o joio, o vinagre, o absinto (produto de um vegetal) são amargos e a eles se associam valores negativos (metáforas para a rejeição). Sublinhe-se, ainda, que as urtigas pertencem à família das nabiças e dos nabos, versões domesticadas e “apuradas” da planta selvagem.

1.3.3 – Os legumes indiferenciados

Para além dos legumes atrás mencionados, existem outros, com enorme significado, mas que não foram identificados. As couves, as beldroegas, o aipo, a ervilha, as favas, as lentilhas e o grão-de-bico, entre muitos outros, formam um grupo de legumes que se cultivavam, nos campos e nas hortas, nas civilizações contemporâneas da Bíblia¹⁷. Um exemplo marcante na utilização desses produtos alimentares encontra-se a sopa confeccionada à base de legumes que Eliseu preparou para matar a fome aos filhos dos profetas. Todavia, esta refeição ficou marcada por uma particular desgraça: dos legumes silvestres recolhidos para a sopa, um era venenoso. Os comensais só se aperceberam de tal situação quando estavam a degustá-la e ela sabia mal. Nesta circunstância, Eliseu deitou farinha na sopa e o veneno desapareceu. Além de outras ilações de carácter teológico que deste episódio se poderão retirar, vinca-se o facto de os alimentos poderem ser considerados medicamentos ou venenos¹⁸.

No livro dos *Provérbios*, surge uma reflexão sobre as diferenças entre a amizade e o ódio. Para o seu autor, um simples prato de legumes comido com amizade se sobrepuja ao mais rico manjar da carne de um vitelo gordo, se comido com ódio.¹⁹ Este confronto gastronómico mostra como a dietética se tornou uma forma de estabelecer juízos de valor do povo judeu. O profeta Daniel enalteceu os legumes, ao atribuir-lhes o estatuto de alimentos nobres. Assim, não aceitou comer nem beber das provisões da mesa do rei, rejeitando os acepipes, as carnes gordas e o vinho, que pretendiam que ele comesse. Contrariando as ordens reais (Nabucodonosor), pediu que lhe

¹⁶ Mt13,36-43.

¹⁷ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp. 76-77 «A Fenícia parece ter sido também grande consumidora de legumes. Os textos de Ugarit mencionam, com efeito, hortas e pomares, enquanto a Bíblia evoca a existência, na Palestina, de hortas bem cuidadas. Além disso, em função das características geomorfológicas da costa sírio-palestiniense, e em especial da região fenícia, a cultura de frutos, legumes e arbustos devia ser das mais fáceis de pôr em prática.»; P. Phyllis Bober, *ob. cit.*, pp. 81-98; M. John Wilkins e Shau Hill, *ob. cit.*, pp.20-24; Apício, *ob. cit.*, pp.17-24; Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.194.

¹⁸ 2Rs4,38-41.

¹⁹ Pr15,17 «Mais vale um prato de legumes com amizade, do que um vitelo gordo com ódio.»

servissem pratos de legumes às refeições. Ao fim de alguns dias, ao contrário do que previu o rei, Daniel estava com melhor aspecto e com mais robustez²⁰.

Como já se afirmou, a questão alimentar era um problema religioso dos judeus, em ambiente desconhecido, devido aos interditos a que estavam sujeitos. Daniel não fugia à regra. Este profeta, ao optar por este tipo de regime, preparava integralmente o seu corpo e o seu espírito para desenvolver, da melhor maneira, o seu sacerdócio²¹. De uma forma simples, prenunciava a mensagem da purificação pela abstinência ou pela rejeição de alimentos ricos e nobres, a acompanhar períodos probatórios, que veremos vingar como mensagem nos Evangelhos e como disciplina no cristianismo²². No N.T., verifica-se a ausência dos legumes como referente alimentar. Pensamos que tal se deve ao facto de eles serem neutros do ponto de vista da actualização da simbologia do A.T., ou seja, neste caso, como em tantos outros, os Evangelhos não acompanharam, nem ao nível do referente real, nem ao nível da simbologia, o A.T.

²⁰ Dn1,11-16 «Então, Daniel disse ao oficial, a quem o chefe dos criados tinha confiado o cuidado de Daniel, Hananias, Michael e Azarias: “Por favor, faz uma experiência de dez dias com os teus servos: que se nos dê apenas legumes a comer, e água a beber. (...) Concordou com esta proposta e submeteu-os à prova, durante dez dias. Ao fim deste prazo, verificou-se que tinham melhor aspecto e estavam mais robustos que todos os jovens que comiam os acepipes da mesa real”.»

²¹ Dn1,20 «Em qualquer assunto de sabedoria e inteligência que os consultasse, o rei achava-os dez vezes superiores a todos os escrivães e magos do seu reino. Assim viveu Daniel, até ao primeiro ano do reinado de Ciro.»

²² *Catecismo da Igreja Católica, ob. cit.*, pp. 319-327; João Lavrador, *ob. cit.*, pp. 219-222.

1.4 – Os peixes e o sal

Quadro VII

| Localização | | | |
|------------------------|--------|--|--------------------|
| A.T. | Livros | Os peixes | O Sal |
| N.T. | | | |
| A.T. | Gn | 1,26; 1,28; 9,2 | 19,26 |
| A.T. | Ex | 7,18; 7,21 | 30,35 |
| A.T. | Lv | | 2,13 |
| A.T. | Nm | 11,5; 11,22 | 18,19 |
| A.T. | Dt | 4,18 | 29,22 |
| A.T. | Jz | | 9,45 |
| A.T. | 2Rs | | 2,20; 2,21 |
| A.T. | Esd | | 4,14; 6,9; 7,22 |
| A.T. | Ne | 13,16 | |
| A.T. | Tb | 6,2; 6,4; 6,7; 6,17; 11,4; 11,8 | |
| A.T. | Jb | 12,8 | 6,6 |
| A.T. | Sl | 8,9; 104,29 | |
| A.T. | Ecl | 9,12 | |
| A.T. | Sb | 19,10 | 10,7 |
| A.T. | Sir | | 39,26 |
| A.T. | Is | 50,2 | |
| A.T. | Ez | 29,4; 29,5; 38,20; 47,9; 47,10 | 16,4; 43,24; 47,11 |
| A.T. | Os | 4,3 | |
| A.T. | Jn | 2,1; 2,2; 2,11 | |
| A.T. | Hab | 1,14 | |
| A.T. | Sf | 1,3 | 2,9 |
| N.T. | Mt | 7,10; 13,47; 14,17; 14,19; 15,36; 17,27 | 5,13 |
| N.T. | Mc | 6,38; 6,41; 6,43 | 9,50 |
| N.T. | Lc | 5,6; 9,13; 9,16; 11,11; 24,42 | 14,34 |
| N.T. | Jo | 6,9; 6,11; 21,6; 21,8; 21,9; 21,10; 21,11; 21,13 | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 32 | 18 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 22 | 3 |
| Total | | 54 | 21 |

Da ementa que se está a preparar, chegou agora o momento de levar à mesa os pratos de peixe. Apesar do esforço, é impossível a sua identificação, uma vez que as fontes em análise nada evocam a esse respeito. A razão subjacente a esta questão prende-se com o facto de alguns peixes, nessa altura, serem considerados, uns impuros¹, outros, profanos e vulgares, sem valor como entidades sacrificáveis a Deus. Entre os judeus, constituíam uma alimentação de baixa condição.

Como o conceder nome às coisas e aos animais é uma forma de os distinguir, de lhes dar importância e de os dominar, os judeus ficaram-se apenas pela oposição entre os peixes comestíveis

¹ Mary Douglas, *Pureza e Perigo*, p. 64 «Os peixes com barbatanas e escamas que são admitidos pela Lei simbolizam a resistência e o autocontrolo, ao passo que os peixes interditos se deixam levar pela corrente, incapazes de resistir à força do rio. (...) os peixes sem barbatanas e escamas eram considerados impuros: são as almas que não se elevaram pela oração e que não estão revestidas com as escamas da virtude.»

e os abomináveis². Apesar de os peixes serem inominados, no âmbito bíblico, a certeza, porém, é de que imensas espécies abundavam no mar Mediterrâneo, tais como linguados, rodovalhos, atuns, congros, ruivos, salmonetes, douradas, pescadas, variedade de moluscos e crustáceos³. Segundo a nossa fonte principal, os peixes abundavam na região de Tiro e no lago Tiberíades, e o seu comércio gerava um negócio a que algumas pessoas se dedicavam, uma vez que Neemias e o Evangelho de *S. João* narram esse facto. Neemias conta mesmo que os habitantes de Tiro vendiam peixe aos judeus em Jerusalém⁴, o que leva a concluir que esse alimento seria consumido, por esse povo, com grande frequência.

O quadro VII reúne as citações feitas acerca dos peixes e do sal pelos autores dos livros do A.T. e dos Evangelhos. Decidiu-se colocar o sal e os peixes no mesmo quadro, porque ambos os alimentos se encontram no seio da água, especialmente na do mar. Por outro lado, o sal é um ingrediente essencial para temperar, conservar e realçar o sabor dos alimentos. Embora se reconheça esta importância ao sal, o peixe ultrapassa-o em valor real e simbólico, sendo, por isso, colocado na primeira coluna. Tal valor resulta do facto de o peixe simbolizar Jesus Cristo, a partir das primeiras comunidades cristãs, como o demonstra a iconografia paleo-cristã.

1.4.1 – Os peixes⁵

O facto de os peixes serem dos primeiros animais a aparecerem descritos no *Génese* é significativo. À luz da exegese cristã posterior, o modo como este livro os tratou visava transmitir a mensagem de que os peixes imersos nas águas dos mares significavam os homens banhados por Deus. Esse banho colocava o homem em patamar divino, com poderes de domínio sobre a Criação. Num plano mais real e objectivo, dominar os peixes significava, por certo, apropriar-se deles à medida das necessidades alimentares. Pelo facto de eles terem sido das primeiras criaturas a surgir sobre a terra, os peixes são, ainda, seres pré-diluvianos, isto é, sem interferência de Noé, constituindo-se como a única espécie sobrevivente da primeira criação. Por esta razão, atribuíam-se-lhe o epíteto de seres misteriosos, entre o temido, o monstruoso, o desconhecido e o sagrado⁶.

Certamente, os peixes não faziam parte da lista dos alimentos mais apreciados dos povos antigos, apesar de irem às suas mesas com bastante regularidade. A sua condição de alimento

² Richard Witekettle, «art. cit.», pp.749-755; A. D. Fraser, «The Ancient Fish-Taboo», *The Classical weekly*, 15, 21, apr. 3, 1922, pp. 164-165; Sl8.

³ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp. 145-149; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 86; Andrew Dalby and Sally Grainger, *The Classical Cookbook*, The British Museum press, 2ªed., 2000, pp.16, 61, 63, 64, 77, 131; Apício, *ob. cit.*, 83-84.

⁴ Ne13,16 «Havia também alguns habitantes de Tiro estabelecidos na cidade, que traziam peixe e toda a espécie de mercadorias, que vendiam em dia de sábado aos judeus, em Jerusalém.»

⁵ Jean Daniélou, *Les symboles chrétiens primitifs*, pp. 49-64.

⁶ Paula Barata Dias, «O peixe para os Judeus e para os Cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana», *Humanitas*55, 2010, pp.1-17.

inferior emergência do facto de nem sequer servirem para os sacrifícios. Em todos os livros da A.T. não existe uma única referência ao sacrifício de um peixe. A baixa qualidade que adquiria na Palestina, principalmente o que se capturava no Jordão e no lago de Tiberíades, proporcionava uma alimentação pobre e de má qualidade⁷. No entanto, o povo hebreu, a desfalecer de fome, quando caminhava pelo deserto, rumo à *Terra Prometida*, pediu peixe a Moisés. Na falta de melhor comida e estando saturados do *maná*, o peixe, alimento tão acessível, seria o reconforto total⁸. Concluiremos a partir desta narração que o Egipto era rico em peixe e que o povo hebreu, enquanto lá permaneceu, se alimentava dele com algum prazer. Importa, no entanto, referir que a pouca importância dada ao peixe pelo povo hebreu constituiu um fenómeno sobre o qual os autores da Bíblia fazem eco, retratando, por certo, uma reacção contra um alimento do qual os povos vizinhos das planícies alagadas do Delta do Nilo e do corredor mesopotâmico se serviam para seu sustento⁹. Não duvidemos, no entanto, do valor dado ao peixe no mundo antigo, já que Plutarco o exalta de tal modo que o elevava à condição de «manjar»¹⁰.

O livro de *Tobite*, em relação ao peixe, traz informação sobre o uso do peixe no domínio da medicina e da magia. O profeta indicou em pormenor como o dissecava, de tal maneira que ficou a saber-se qual a parte destinada a curar uma determinada enfermidade¹¹. Neste episódio somos colocados perante o peixe como um medicamento.

O implacável poder divino, que se aflora no livro de *Job*, poderá ser interpretado com o recurso à contemplação da natureza. Os peixes, pela simplicidade que se lhes reconhecia, foram escolhidos, pelo autor desse livro, para interpretar o papel de Deus¹² na qualidade de um confidente amigo sobre o qual se depositava toda a confiança. Job pretendia assim anunciar um Deus que falava aos homens por meio da natureza por Ele criada, em particular a que se apresentava no seu estado mais primordial, mais próximo da primeira criação do Génesis.

O livro de *Jonas* veio mostrar outra imagem do peixe¹³, apresentando-o como um animal monstruoso onde permanece escondido o homem enquanto espera pela salvação. O autor desse livro mostra o peixe como prefiguração da libertação humana. Na verdade, o homem, como ser prevaricador, tem necessidade da acção divina para a sua libertação. A passagem da morte à vida, protagonizada mais tarde por Jesus, encontra-se prefigurada nesta imagem de Jonas. A morte, que

⁷ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 589 «Los peces del Jordán y del lago de Tiberíades, aunque no son de gran calidad, son comestibles y sirven de sustento a ciertos sectores de la población palestinese. Sus especies están emparentadas con las de Etiopía y Egipto.»

⁸ Nm11,5 «Lembramo-nos do peixe que comíamos de graça no Egipto...»

⁹ Paula Barata Dias, «art. cit.», *Humanitas*55, pp.13-14.

¹⁰ Plutarco, *Obras Morais, No Banquete*, Livros I – IV, Carlos de Jesus trad., Coimbra, 2008, pp.234-240.

¹¹ Tb6,1-9 «Então, Tobias perguntou ao anjo: “Irmão Azarias, que poder medicinal há no coração, no fígado e no fel do peixe?” Ele respondeu: “O coração e o fígado queimados sobre as brasas afugentarão com o seu fumo toda a espécie de maus espíritos ou demónios, de um homem ou mulher. Desaparecerão definitivamente, sem deixar nenhum rasto. Quanto ao fel, serve para ungir quem sofra de cataratas, pois com ele ficará curado”.» Ver Tb11,4; 11,8.

¹² Jb12,8 «conversa com a terra e ela te responderá e com os peixes do mar e eles te darão lições.»

¹³ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.90.

deveria sobrevir ao acto de ser devorado, surge para Jonas como uma realidade não definitiva, da qual qualquer ser humano se poderá libertar. Mas Jonas, ao fim de três dias, retornou à vida. Igualmente Jesus, depois de ter sofrido a morte, ao terceiro dia, ressuscitou¹⁴. Pela ressurreição, Jesus apresentou-se como Aquele que é capaz de derrotar a morte.

A lição de Jonas abre portas para um novo significado do peixe nos Evangelhos. Os evangelistas compararam o mundo dos homens ao dos peixes do mar. *S. Mateus* narra, em linguagem simbólica, que os peixes maus e os bons coabitavam enquanto andavam nas águas, mas, quando o pescador lançava a sua rede e os trazia para a praia, aí separava os bons dos maus. Os primeiros colocar-se-iam na canastra do Senhor e com eles se faria um banquete, os segundos jogar-se-iam fora para serem queimados¹⁵. Este episódio, simbolizado no peixe, veio acentuar o fenómeno da separação: de um lado, o bem, e do outro, o mal. Como veremos mais adiante, acontecia o mesmo com os animais: os cabritos colocavam-se do lado esquerdo e os cordeiros do lado direito. A justiça é outro poder que se realça e que é representada na figura do pescador. Este recolhe todos os peixes, mas não fica com todos, pois os maus são excluídos.

Pelas vinte e duas vezes que o peixe é citado, apercebemo-nos do valor que este alimento obteve para os evangelistas, o qual transmitia sinais de abundância e de saciedade, como se espelha no relato do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes¹⁶. Enquanto no A.T. este alimento era secundário, nos Evangelhos o peixe adquiriu um papel central de agregação na mesa do povo. Jesus, ao ter oferecido tantas vezes peixe aos seus discípulos e às multidões, materializava neste alimento o desejo de satisfazer os mais pobres e abandonados. Neste âmbito, estaremos a entrar na retórica do escândalo, que assentou na aceitação incondicional dos rejeitados. O peixe é um dos elementos que prefigura essa rejeição, pois está ao mesmo nível que a cruz de Cristo, os pecadores, os coxos, os estropiados e as crianças¹⁷. Os peixes do mar ou dos rios formam uma comunidade de tal maneira variada, que se assemelha à humana, onde se podem identificar seres de várias condições, cores e raças. Eles são seres livres, mansos, cândidos, frágeis, delicados, que, debaixo das águas, se escondem sem preocupação com a sua imagem; são inspiradores da bondade, da beleza e da graça¹⁸.

A maneira como ele se cozinhava também vem contada nos Evangelhos. Não foi por acaso que o Evangelista focou esse detalhe. Ele teve a intenção de valorizar os alimentos cozinhados ao fogo. Este método de confecção trespassa de calor forte o alimento, cozinhando-o em profundidade. Não obstante estarem juntos à praia, no final de uma faina de pesca protagonizada pelos discípulos

¹⁴ Jn2,1-11; Jo20,9.

¹⁵ Mt13,47-50 «...escolhem os bons para as canastras, e os ruins, deitam-nos fora.»

¹⁶ Mt14,19; Mc6,38; Lc9,13-17; Jo6,9-11.

¹⁷ Mt11,25-27; Lc6,20-26.

¹⁸ Lc11,11 «Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente?»

de Jesus, dos quais grande parte pescadores, Ele convidou-os para uma refeição de peixe assado nas brasas com pão¹⁹. Além desta acção alimentar, a mensagem que este episódio produz ficou bem retratada na imagem do fogo provocado pelas brasas, que, ao entranhar-se no peixe, o transformou em alimento delicioso. Esse fogo representa a acção do Espírito Santo sobre os homens, que, ao penetrar neles, os transmuta em novas criaturas agradáveis a Deus.

Da leitura do quadro VII concluiremos que, no judaísmo, o peixe resumia uma realidade profana, enquanto, nos Evangelhos, ele surge como uma metáfora da reabilitação dos humildes. Os animais aquáticos eram proibidos pelo judaísmo, não só por não terem escamas e barbatanas, mas por questões de superstição popular e, também, porque se veneravam pela população filisteia, povo pagão, tradicionalmente inimigo de Israel²⁰. Como os Evangelhos se destinavam não só a ser lidos por uma comunidade semita, mas também greco-latina, não interessaria reabilitar um alimento com conotações sagradas dentro das religiões politeístas pagãs, como acontecia com a generalidade das espécies terrestres. Portanto, a importância do peixe no cristianismo, tem que ver com a sua neutralidade em termos de conotação religiosa e com o seu enquadramento no quotidiano alimentar, um recurso para as classes mais modestas²¹.

1.4.2 – O sal²²

O sal não aparece muitas vezes referenciado ao longo dos livros que formam a Bíblia, mas nas poucas em que surge assume-se como um elemento de enorme significado. Este alimento foi marcante para os autores dos livros sagrados, pela mensagem que dele pretendiam extrair. Não admira a presença deste bem alimentar nos textos bíblicos, na medida em que ele abundava na região mediterrânea. Os povos das épocas bíblicas mantinham uma grande relação com o sal, pela proximidade que existia entre ambos. Este elemento culinário tornava-se precioso na conservação dos peixes, das carnes e na confecção de algumas iguarias, como disso é exemplo o caso do *garum* romano²³. O sal tornou-se importante para a variedade alimentar numa dieta tendencialmente vegetariana, como era a do mundo mediterrânico antigo²⁴.

¹⁹ Jo21,9 «logo que saltaram para terra, viram ali umas brasas com peixe em cima e pão.»

²⁰ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.679.

²¹ Paula Barata Dias, «art. cit.», *Humanitas*55, pp.1-17.

²² Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, A to Z*, pp.290-291.

²³ Apício, *ob. cit.*, pp.21-22.

²⁴ Apício, *ob. cit.*, pp.18 «Ainda no tempo de Catão consumia-se mais do dobro de sal que nos nossos dias (18,5 g diários). Provinha das salinas da foz do Tibre, as *Romanæ Salinae* e, e a sua comercialização chegava a Roma através da Via Salária. Cientes da sua importância na alimentação, os Romanos garantiam que o sal, mesmo sendo caro, chegasse a todos, pelo que segundo Plínio (Nat.31,89), eram feitas distribuições gratuitas desde o rei Anco Márcio (640-616 a.C.)».

O sal transmitia o sabor e o tempero à comida e, por isso, o seu sentido disseminou-se para o tempero dado à vida²⁵.

A sua dimensão de substância da incorruptibilidade explorou-se nos textos bíblicos, para significar a imortalidade do ser humano. Ao misturar-se na água, o sal perde a sua configuração física, mas a sua acção torna-se ainda mais eficaz. A sua eficiência é tão profunda e a sua actividade silenciosa tão perfeita que S. Mateus assemelhou a sua acção à do espírito de Deus sobre os homens²⁶. Este evangelista trouxe à ribalta do seu texto o valor desta substância marinha como um ingrediente de salvação, pronunciando uma exortação de Jesus aos seus discípulos, implorando-lhes que fossem o *sal da terra*. Assim como o sal dá sabor aos alimentos e os conserva, também os seguidores de Jesus devem incorporar essas qualidades no seio das suas comunidades. Na comunidade judaica, a aplicação deste elemento na conservação e confecção dos alimentos cárneos assumiria também o papel de expurgante, na medida em que estes produtos alimentares teriam que ficar completamente limpos de sangue para poderem ser comidos, pois o sangue gozava de estatuto sagrado, que só a Deus pertencia.

No A.T., os crentes usavam o sal misturado com incenso e outras plantas na preparação de substâncias aromáticas, destinadas a queimar nos santuários em honra do Senhor. O fumo libertado na combustão deste preparado era considerado uma *coisa santíssima*²⁷.

O livro do *Levítico* alude ao sal da aliança que Moisés consolidou com Deus. Este alimento deveria fazer parte de todos os sacrifícios para que essa aliança não fracassasse. Da mesma forma que o sal conservava os alimentos, também ele protegia da corrupção a aliança entre Deus e os homens, tornando-a duradoura²⁸. Este episódio realça ainda o valor do sal como um dos ingredientes da comida. Nestes casos, os sacrifícios tomavam a forma de banquetes celebrativos que se faziam com a divindade. Estes usos vinham do passado, já que, nas primeiras civilizações, a partilha do sal à mesa simbolizava as relações amistosas que as pessoas nutriam entre si²⁹.

Muito embora o sal tivesse um profundo sentido edificador ao longo dos textos bíblicos, ele também aparece, por vezes, como o exemplo do castigo, quando aplicado em grandes quantidades³⁰. Todavia, a interacção que o sal estabelece com a água torna-se de tal modo perfeita que os dois formam um só corpo. Esta união simbolizava, pois, a relação de amor que o *Todo Poderoso* preconizava para o homem. Contudo, a sua utilização desmesurada conduzia à destruição. O mesmo acontecia com a água, com o fogo e com o ar. Assim, temos presente o quadro da

²⁵ Jb6,6 «Come-se um manjar insípido, sem sal?»

²⁶ Mt5,13 «vós sois o sal da terra...»

²⁷ Ex30,35 «Farás com esta mistura um perfume preparado com sal.»

²⁸ Lv2,13 «Deitarás sal em todas as oblações; e não permitirás que falte o sal da aliança do teu Deus sobre a tua oblação.»

²⁹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.23 «Durante a refeição, também se partilha o sal, que é símbolo da relação amistosa.»

³⁰ Dt29,22; Jz9,45: «...destruí a cidade e semeou-a com sal.» Ver Sf2,9.

filosofia dos opostos, em que a água, o fogo e o ar se assumem como fontes de vida e de destruição³¹.

Nestas circunstâncias, o sal inibe a água da sua acção vivificadora, acabando por dominar o processo onde ambos interajam. Assim, a aplicação exagerada de sal nas comidas torna-as impróprias como elemento regenerador do corpo.

Noutro lugar das Escrituras, aparecem outras águas, que se haviam tornado salobras e impróprias para beber, mas o profeta Eliseu ao juntar-lhes sal voltou a torná-las saudáveis. Com esse sinal, o profeta confiou ao sal a imagem de elemento purificador³².

O livro de *Esdra*s apresenta o sal com um valor distinto, ao colocá-lo como soldo, isto é, o símbolo da submissão. Esta passagem introduz a questão da relação laboral que se estabelecia entre o patrão (o Senhor) e o empregado (servo), entre aquele que sustentava e aquele que era sustentado³³. Pagamentos em sal foram constantes ao longo da história da humanidade, de um modo especial nas regiões quentes do globo, onde este bem se tornava essencial ao equilíbrio psicossomático das pessoas, ao permitir a estabilização de água no organismo e assim evitar desidratações, que poderiam levar à morte.

Os Evangelhos apenas abordam o sal três vezes, aludindo, simplesmente, ao seu simbolismo³⁴.

³¹ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp. 13-65; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.105-106; Dt29,22; Jz9,45: «...destruiu a cidade e semeou-a com sal.» Ver Sf2,9.

³² 2Rs2,20-21 «Trazei-me um prato novo e ponde nele sal (...) Tornei saudáveis estas águas...»

³³ Esd4,14 «Nós, porém, tendo em vista o sal que comemos no teu palácio e não achando conveniente ver menosprezado o rei ...»

³⁴ Michel Feuille, *ob. cit.*, pp.105-106.

1.5 – As plantas aromáticas e as especiarias

Quadro VIII

| Localização | | Livros | Incenso | Açafrão | Alho | Arruda | Cebola | Coentro | Cominhos | Canela | Hortelã | Mostarda | Nardo |
|-------------|------|--------|---|---------|------|--------|--------|---------|-----------------|--------|---------|----------|------------------------|
| A.T. | N.T. | | | | | | | | | | | | |
| A.T. | Ex | | 25,6; 30,34; 35,8; 35,28 | | | | | 16,31 | | 30,23 | | | |
| A.T. | Lv | | 5,11; 6,8; 10,1; 24,7 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Nm | | 4,16; 5,15; 16,7; 16,17; 16,18; 16,35; 17,5; 17,11; 17,12 | | 11,5 | | 11,5 | 11,7 | | | | | |
| A.T. | Dt | | 33,10 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 1Sm | | 2,28 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 1Rs | | 3,3; 11,8; 12,33; 22,44 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 2Rs | | 12,3; 14,4; 15,35; 16,4; 17,11; 18,4; 22,17; 23,5; 23,8 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 1Cr | | 9,29 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 2Cr | | 2,6; 13,11; 25,14; 26,16; 26,18; 28,25; 29,7; 29,11; 32,12; 34,25 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 1Mac | | 4,50 | | | | | | | | | | |
| A.T. | 2Mac | | 10,3 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Sl | | 140,2 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Pr | | 27,9 | | | | | | | 7,17 | | | |
| A.T. | Ct | | 3,6; 4,6; 4,14 | 4,14 | | | | | | 4,14 | | | 1,12; 4,13; 4,14 |
| A.T. | Sb | | 18,21 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Sir | | 38,11; 39,14; 45,16; 50,8; 50,9 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Is | | 43,23; 60,6; 65,7; 66,3 | | | | | | 28,25; 28,27 | | | | |
| A.T. | Jr | | 1,16; 6,20; 7,9; 11,12; 17,26; 19,4; 19,13; 41,5; 44,5; 44,8; 44,15; 44,17; 44,18; 44,19; | | | | | | | 6,20 | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|----|------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------------|----------|----------|
| | | 44,21; 44,23; 44,25 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Ba | 1,10 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Ez | 6,13; 23,41 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Dn | 3,38 | | | | | | | | | | |
| A.T. | Ml | 1,11 | | | | | | | | | | |
| N.T. | Mt | 2,11 | | | | | | | 23,23 | 13,31; 17,20 | | |
| N.T. | Lc | | | | 11,42 | | | | 11,42 | 13,19; 17,6 | | |
| N.T. | Mc | | | | | | | | | 4,31 | 14,3 | |
| N.T. | Jo | | | | | | | | | | 12,3 | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 82 | 1 | 1 | 0 | 1 | 2 | 2 | 4 | 2 | 0 | 3 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 2 |
| Total | | 83 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 4 | 2 | 5 | 5 |

1.5.1 – O incenso

O quadro VIII concentra as alusões à grande maioria das plantas aromáticas e especiarias encontradas nos livros do A.T. e nos Evangelhos. O critério que presidiu à colocação dos alimentos, neste quadro, foi o seguinte: sendo o incenso uma planta aromática de restrito uso alimentar actualmente, é, na Bíblia, o aromático mais referenciado. O incenso representa a beleza odorífera que os alimentos tomam ao serem cozinhados. Torna-se de tal maneira forte a função olfactiva produzida por este aromático, que o acto de aromatizar uma comida se poderá designar por *incensar*, realçando-lhe, assim, a sua dimensão sagrada. Na verdade, o significado que o incenso assume na esfera sagrada assemelha-se ao adoptado no mundo alimentar, especialmente no gastronómico, no qual o seu uso funciona como um ingrediente que desperta os sentidos, conduzindo estes a apreciar com mais rigor a qualidade do que se come. A colocação dos restantes alimentos aromáticos no quadro seguiu o critério da ordem alfabética.

Na ementa que propomos, o prato de peixe para ir à mesa, além do sal, precisará das plantas aromáticas e das especiarias, ingredientes indispensáveis para emprestarem a esta iguaria um aroma agradável e profundo. Tais componentes provocavam sensações de prazer que o olfacto levava à alma. Como um dos sentidos de maior importância na percepção e confirmação do valor e da qualidade dos alimentos, o olfacto evidenciava a elevação dos alimentos ao patamar divino.

Os aromáticos, pelo odor que exalavam, funcionavam como um atractivo aos comensais, de forma a fidelizá-los à mesa. Os autores dos livros do A.T. elevaram o aroma libertado por eles, de um modo particular pelo incenso, à condição de *odor agradável a Deus*. O fumo que resultava da combustão destes alimentos destinava-se ao Senhor, como uma dádiva graciosa dos homens.

Na verdade, o incenso, pelo seu aroma intenso, tornava-se cativante, sendo, por isso, a planta da qual os autores sagrados mais se serviram para explorar o seu sentido de transcendência. Das cerca de cento e oito ocorrências encontradas para as plantas aromáticas, cerca de oitenta e três referem-se ao incenso, o que realça bem o seu interesse, a extensão do seu uso e a sua utilização no contexto religioso.

A referência a este aromático aparece pela primeira vez na Bíblia no livro do *Êxodo*, como uma oferta, requerida por Deus, por intermédio de Moisés, para colocar no santuário¹. A combustão dessas ofertas destinava-se a honrar o Senhor, como forma de agradecimento por Ele ter retirado o povo hebreu do cativeiro do Egito. Esta contínua solicitação à gratidão dos homens para com Deus constituiu uma constante doutrinal, por parte dos autores livros sagrados. Isso mesmo se passa, num excerto interessante narrado no livro do *Ben Sira*, no qual se encorajam as pessoas a difundirem as obras divinas, pois elas, como autênticas belezas da criação, comparavam-se ao incenso a difundir o seu aroma nos céus².

Uma certa mística do incenso surgiu ainda nos Evangelhos por fazer parte dos presentes que os três Reis Magos ofereceram a Jesus por ocasião do seu nascimento³. Na realidade, depois de tantas situações por que passou no A.T., somente uma vez se apresentou no Evangelho de Mateus, como uma simbólica prenda que os Magos entregaram ao Deus menino. Com este gesto sincero e simples, os magos estabeleciam a passagem do velho modelo religioso judaico para o novo modelo cristão.

Na verdade, a palpitante diferença que se nota sobre o valor deste aromático no N.T. levamos a concluir que o Deus do povo hebreu é um Deus distante, que precisava de ser incensado para se chegar a Ele. Por outro lado, os Evangelhos desmontaram essa ritualização e trouxeram um novo sentido de aproximação de Deus aos homens que se materializou na presença de Jesus no meio deles.

1.5.2 – Os outros aromáticos

As plantas aromáticas e as especiarias que mais se usavam na alimentação aparecem escassas vezes na Bíblia, mas as suficientes para se esboçar um fresco de sabores. Conforme a sua natureza, e tendo em vista as poucas referências dadas a estes vegetais, as funções para as quais se destinam passam ao lado muitas vezes das alimentares. Sabemos, no entanto, da sua grande importância na alimentação do passado como ingredientes indispensáveis no tempero das comidas e

¹ Ex25,6 «azeite para o lampadário, aromas para o óleo da unção e para o incenso de queimar...»

² Sir39,14 «como o incenso, espalhai um aroma suave, desabrochais em flores como o lírio, difundi perfume e entoai cânticos, bendizei o Senhor por todas as suas obras.»

³ Mt2,11 «e, entrando em casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.»

também como elementos constituintes de algumas iguarias. A sua função odorífera seria a mais explorada, mas também a sua riqueza em vitaminas e sais minerais se tornava de primordial importância⁴.

De entre outros, o açafraão é disso exemplo, pois, sendo um alimento de sabor e aroma fortes, estando presente na alimentação primitiva, na Bíblia não surge associado à cozinha, passando para a lista dos perfumes do amor⁵.

O mesmo se passa em relação ao nardo, pois, a avaliar a importância que obteve nos Evangelhos, ele seria, certamente, um perfume de enorme fragrância. Por duas vezes se relata a grandeza do seu aroma no episódio da mulher que com ele unge os pés de Jesus⁶. Pensamos que neste caso, o acto de ungir confere reconhecimento à autoridade de Jesus e a submissão da mulher.

O lado sensual despertou-se ao aludir-se a esse aromático. O livro *Cântico dos Cânticos* contribuiu, de uma forma decisiva, para o considerar um poderoso aroma, que, ao exalar-se, e ao ser aspergido pelo esposo no corpo de sua mulher amada, despertava a paixão amorosa⁷. No mesmo livro encontramos um significado distinto atribuído a uma outra planta aromática, a alfena. O ambiente bucólico e amoroso percorrido pelo autor deste livro encontra refúgio no poder desta planta que preserva conotações poéticas.

Os alhos e as cebolas terão sido talvez os alimentos mais ecléticos no mundo antigo e moderno, produzindo-se, a partir deles, as melhores especialidades gastronómicas. Contudo, a baixa condição de ambos impediu que fossem à mesa das elites. A título de exemplo, Apício, cozinheiro das elites romanos, não refere uma única vez o alho no seu livro – *De re coquinaria* -, no seu lugar usava o sílfio, erva importada do Norte de África e, de cujas raízes, se extraía um sumo, o *laser*⁸. Sabemos que os fenícios, os cartagineses, os gregos e os romanos cultivavam estes produtos vegetais e que os cozinhavam para a alimentação humana⁹. Tanto assim era que a cebola e o alho aparecem somente no *Livro dos Números*¹⁰, fazendo parte da lista das delícias alimentares que o povo de Israel tinha deixado no Egipto. Naquela altura de forte carência alimentar, os alhos e as cebolas que ficaram para trás formavam um conduto tão perfeito para os cozinhados que a sua

⁴ Apício, *ob. cit.*, pp.77-80.

⁵ Ct4,14 «...nardo e açafraão, cálamo e canela, com toda a espécie de árvores de incenso, mirra e aloés, com todos os bálsamos escolhidos.» Ver Pr7,17; Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, University of Califórnia press, Los Angeles, 2000, pp.138-139.

⁶ Mc14,3; Jo12,3: «Então, Maria ungiu os pés de Jesus com uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, e enxugou-lhos com os seus cabelos. A casa encheu-se com a fragrância do perfume.»

⁷ Ct1,12-14 «Enquanto o rei está no seu divã, o meu nardo dá o seu perfume, uma bolsinha de mirra é o meu amado para mim, que repousa entre os meus seios; um cacho de alfena é o meu amado para mim, (...).»

⁸ Apício, *ob. cit.*, p.72; Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, pp.17-19.

⁹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p. 77 «Plínio o Velho, conta-nos que o alho, a cebola, o alho-porro, e o pepino eram cultivados e que o *allium ascalonicum* (a nossa chalota) deve o seu nome à cidade filisteia de Ascalon (...).»; Homero, *Iliada*, XI, vv.628-640, «Primeiro junto deles pôs ela uma mesa bela, com pés de precioso azul, bem polida; e sobre ela colocou um cesto de bronze e uma cebola, para temperar a bebida, (...).»; «Phyllis P Bober, *ob. cit.*, pp. 81-98; John M. Wilkins and Shaun Hill, *ob. cit.*, pp.20-24.

¹⁰ Nm11,5.

confeção resultaria numa bela e reconfortante refeição. No meio das dificuldades por que passaram e pela fome que sentiram, o povo de Israel sentir-se-ia bem se tivesse alhos e cebolas para comer.¹¹

O coentro¹², planta de requintado aroma, evocava cozinha de qualidade. Alguns povos utilizam-no como um dos primeiros temperos da sua comida. Contudo, ele aparece no *Pentateuco*, somente nos livros do *Êxodo* e dos *Números*. Este aromático e fino ingrediente não deixou grande memória no texto bíblico e apenas os autores destes livros o mencionaram, comparando-o ao maná, o verdadeiro alimento do deserto.¹³

O mesmo aconteceu com a arruda e a hortelã, plantas referidas apenas nos Evangelhos, não para temperar a comida, mas para advertir os fariseus¹⁴, quanto à importância em valorizar a justiça e o amor a Deus em vez de pagar o dízimo correspondente às suas colheitas.¹⁵

Recorrendo ao exemplo do cultivo dos cominhos¹⁶ e do seu valor alimentar, Isaías formulou uma sábia lição aos homens do seu tempo. O lavrador que preparava a sua terra para sementeira não poderia deixar de lhe lançar a semente, pois caso contrário não poderia recolher mais tarde os seus frutos. Se quisesse apreciar o sabor e o aroma do cominho na sua mesa, teria primeiro que trabalhar a terra e semeá-la, depois cuidar da plantação com todo o empenho e quando fosse o tempo da colheita, saber recolhê-lo. O profeta usou essa imagem para indicar o valor da sementeira do bem entre os homens¹⁷.

Este tema, antecipado por esse profeta, tomou um significado mais profundo nos Evangelhos, com a alusão à mostarda. Este alimento, do qual o A.T. não fala, apresentado na forma de semente, a mais pequena no mundo vegetal que, uma vez semeada, se transformava numa árvore gigantesca. Tal imagem de exaltação da pequenez desta semente pretendeu exprimir o significado do Reino do Céu. Assim a mostarda, cujo início é pequeno, mas, depois de crescer atinge a plenitude¹⁸. Da narração dessa parábola, emerge o conceito de *resto*. O significado que foi conferido a esta semente nos Evangelhos traduz-se na exaltação que se pretende dar aos mais pequenos e fracos. Neste contexto, voltamos novamente para a temática da reabilitação dos pequenos, dos fracos e dos humildes, que assume um valor central no N.T.¹⁹. A esperança na

¹¹ Nm11,5 «Lembramo-nos do peixe que comíamos de graça no Egito, dos pepinos, dos melões, dos alhos-porros, das cebolas e dos alhos.»

¹² Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, p.126.

¹³ Nm11,7; Ex16,31 «A casa de Israel deu-lhe o nome de maná. Era como semente de coentro, branco, e o seu sabor, como um bolo de mel.»

¹⁴ Os fariseus eram pessoas que constituíam uma classe social média, que viveram no tempo de Jesus e que eram muito fiéis às leis de Moisés.

¹⁵ Lc11,42; Mt23,23: «Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas, porque pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho e desprezais o mais importante da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade! Devíeis praticar estas coisas, sem deixar aquelas.»

¹⁶ Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, p.127.

¹⁷ Is28,25-27 «Depois de ter aplanado a terra, não semeia a nigela e o cominho?»

¹⁸ Lc13,19; Mc4,31; Mt13,31: «O Reino do Céu é semelhante a um grão de mostarda...»; Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, pp.133-134; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.106.

¹⁹ Mt19,14 «“Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino de Céu”»

justiça, como um instrumento do amor, será outra dimensão expressa, ao referir-se o grão de mostarda.

A canela, na qualidade de produto alimentar de forte aroma, é mencionada nos livros sagrados com fins mais cultuais do que alimentares. Era de certeza um produto de importação, sendo, por isso, muito valioso, utilizado somente em situações especiais. A presença deste produto na Bíblia desperta-nos para a realidade das trocas comerciais que existiam nessa época.

O valor que, muitas vezes, as celebrações mais importantes atingiam no passado já lhes era conferido pelo exotismo alimentar. Em alguns passos da Sagrada Escritura, em vez da palavra canela vem descrita *cinamomo*²⁰, que significa a mesma coisa. De facto, ela aparece misturada no meio dos produtos que são pedidos pelo Senhor a Moisés, para a unção²¹. Além desta função religiosa, alguns autores bíblicos atribuíram-lhe qualidades afrodisíacas, por se deitar como perfume nos leitos nupciais²².

Outras plantas aromáticas teriam grangeado grande importância no passado, tanto para o povo hebreu como para outros povos. É de estranhar, contudo, a ausência do louro na Bíblia. Este elemento vegetal, tanto do gosto dos cozinheiros portugueses, na Antiguidade, simbolizava a vitória e exaltava os heróis, como se deduz das coroas de louro colocadas sobre a cabeça dos campeões nas antigas olimpíadas. Pensamos que essa ausência se deve ao facto de o louro estar conotado com a religião pagã, nomeadamente, com o culto a Apolo.

²⁰ Andrew Dalby, *Dangerous tastes the story of spice*, p.152.

²¹ Ex30,23-25 «Toma dos melhores aromas: mirra virgem, quinhentos siclos; cinamomo, metade do anterior – duzentos e cinquenta siclos; junco odorífero, duzentos e cinquenta siclos; cássia, quinhentos siclos, segundo o peso do siclo do santuário; e um hin de azeite de oliveira. Farás com isto um óleo para a unção sagrada e um perfume composto, de harmonia com a arte de perfumista. Será este o óleo para a unção sagrada.»

²² Ct4,14; Pr7,17: «Perfumei o meus leito com mirra, aloés e cinamomo.»

1.6 – As árvores de fruto e o azeite

Quadro IX

| A.T. N.T. | Livros | Figueira | Oliveira e seu derivado | | Macieira | Romãzeira | Videira |
|--------------|--------|-------------|---------------------------|---|----------|-----------|---------------------------|
| | | | A Planta | O Azeite | | | |
| A.T. | Gn | 3,7 | 8,11 | | | | 49,11 |
| A.T. | Ex | | | 25,6; 29,2 | | | |
| A.T. | Lv | | | 2,1; 2,2; 2,4; 2,5; 2,6; 2,7; 2,15; 2,16; 5,11; 6,8; 14,15; 14,17; 14,18; 14,26; 14,27; 14,28; 14,29 | | | |
| A.T. | Nm | 20,5 | | 6,15; 7,19; 7,37; 7,49; 7,55; 18,12 | | | |
| A.T. | Dt | | 24,20; 28,40 | 12,17 | | | |
| A.T. | Js | | 24,13 | | | | |
| A.T. | Jz | 9,10; 9,11 | 9,8 | | | | 9,12; 9,13 |
| A.T. | 1Sm | | | | | 14,2 | |
| A.T. | 2Sm | | 15,30 | | | | |
| A.T. | 1Rs | | 6,23; 6,31; 6,32; 6,33 | 17,14 | | | |
| A.T. | 2Rs | 18,31 | 5,26 | | | | |
| A.T. | 1Cr | | 27,28 | 9,29 | | | |
| A.T. | 2Cr | | | 2,9; 2,14; 31,5; 32,28 | | | |
| A.T. | Esd | | | 3,7; 7,22 | | | |
| A.T. | Ne | | 5,11; 8,15 | 5,11; 10,38; 10,40; 13,5 | | | |
| A.T. | Jdt | | | 11,13 | | | |
| A.T. | 1Mac | 14,12 | | | | | |
| A.T. | 2Mac | | 14,4 | | | | |
| A.T. | Jb | | 15,33 | | | | |
| A.T. | Sl | 104,33 | 51,10; 127,3 | | | | |
| A.T. | Pr | 27,18 | | 5,3; 27,16 | | | |
| A.T. | Ecl | | | 10,1 | | | |
| A.T. | Sir | | | 39,26 | | | |
| A.T. | Ct | 2,13 | | | 2,3; 8,5 | 7,13 | |
| A.T. | Is | 34,4; 36,16 | 17,6; 24,13; 41,19 | | | | |
| A.T. | Jr | 5,17; 8,13 | 11,16 | 41,8 | | | 2,21 |
| A.T. | Ez | | | 27,17 | | | 15,2; 17,6; 17,7; 17,8 |
| A.T. | Os | 2,14 | | | | | |

| | | | | | | | |
|-----------------------------------|-----|--|--------------------------|-------------|----------|----------|---------------------|
| A.T. | Jl | 1,7; 1,12; 2,22 | | | 1,12 | 1,12 | |
| A.T. | Am | 4,9 | | | | | |
| A.T. | Mq | 4,4 | | | | | |
| A.T. | Na | 3,12 | | | | | |
| A.T. | Hab | 3,17 | 3,17 | | | | |
| A.T. | Ag | 2,19 | 2,19 | | | 2,19 | |
| A.T. | Zc | 3,10 | 4,3; 4,11; 4,12; 14,4 | | | | |
| N.T. | Mt | 21,19; 21,20; 21,21; 24,32 | | | | | |
| N.T. | Mc | 11,13; 11,14; 11,20; 11,21; 13,28 | | | | | 14,25 |
| N.T. | Lc | 13,6; 13,7; 21,29 | | 10,34; 16,6 | | | 22,18 |
| N.T. | Jo | 1,48; 1,50 | | | | | 15,1; 15,4; 15,5 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 23 | 28 | 45 | 3 | 4 | 8 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 14 | 0 | 2 | 0 | 0 | 5 |
| Total | | 37 | 28 | 47 | 3 | 4 | 13 |

O quadro IX reúne as árvores de fruto¹ às quais a Bíblia concedeu grande relevo. Por uma questão de método, o fruto e a sua árvore surgem em conjunto no quadro produzido. Mas a oliveira merece um destaque especial, e, pela sua importância, assinalámos no quadro as ocorrências do azeite. Por não haver outra mais pura gordura que se lhe assemelhe, pela importância que sempre teve na alimentação e pelo valor simbólico que ostenta no mundo bíblico, especialmente no A.T., ele foi colocado junto de sua *mãe*, a oliveira. O critério seguido para a elaboração deste quadro foi colocar a figueira em primeiro lugar, por ter sido a primeira árvore a aparecer ligada à criação do mundo e à criação do modelo humano, tal como se conhece hoje, homem imperfeito. Em segundo lugar, juntou-se a oliveira, por ter sido esta a árvore escolhida pelo autor do Génesis para simbolizar a paz, a esperança e a consequente habitabilidade da terra; o azeite surge neste enquadramento em terceiro lugar, como o fruto da oliveira, porque o verdadeiro fruto, a azeitona, parece não ter entusiasmado os autores dos textos bíblicos.

¹ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, p.135«La végétation en général, mais l'arbre en particulier possèdent un grand pouvoir de fascination. L'arbre est in signe de la presence de l'eau et donc de la vie. Son ombrage est un abri. Ses fruits peuvent nourrir l'homme, mais aussi l'intoxiquer ou lui laisser croire qu'il est Dieu. Quand ses feuilles sont caduques, l'arbre devient un symbole de mort et de résurrection. L'arbre bourgeonne, verdit, se déploie, renaît d'une souche que l'on croyait inerte. L'arbre toujours vert évoque l'éternité. La graine d'un grand arbre est sans commune mesure avec l'espace qu'il occupe dans le ciel et sous la terre. L'arbre peut être d'une essence commune, mais il existe des espèces rares qui fournissent les bois précieux, capables d'ennoblir la demeure du roi et de refléter la gloire du Seigneur en son Temple. L'arbre peut être un piège si on l'adore, mais les prophètes et les sages connaissent le langage de l'arbre qui peut parler de Dieu.»

Em relação à videira, não foram tidas em conta as ocorrências em que aparecem palavras relacionadas, como cepa, bacelo, parreira e vide, porque aumentaria desmesuradamente o quadro, embora o facto de Jesus fazer uso desta planta para expor a Sua dimensão de estrutura principal, como um tronco, ao qual se ancora a humanidade, ou seja, os seus ramos, nos permitisse uma reflexão mais vasta, neste domínio. É interessante evidenciar o facto de os alimentos predilectos e de maior valor doutrinário, enquanto metáforas, quer para os autores do A.T. quer para os autores dos Evangelhos, serem os que se sujeitavam ao processo de fabrico que consistia na transformação dos frutos. São os casos do azeite, que se obtém por esmagamento das azeitonas; do pão, que sofre duas mutações, a do esmagamento do cereal para obter a farinha e a da cozedura no forno a alta temperatura; e o do vinho, que se obtém a partir do esmagamento das uvas no lagar. Por certo, os livros sagrados quererão, indicar que, para se chegar à perfeição (Deus), os homens terão de percorrer um longo e árduo caminho².

A centralidade e o mediatismo que estas árvores desfrutam na Bíblia tem que ver com o facto de abundarem nas regiões do mediterrâneo desde tempos imemoriais, fazendo parte integrante da paisagem que circundava o povo de Israel e seus vizinhos, e da qual desfrutavam³. Pensamos que a razão principal, pela qual, a videira e a figueira, quase sempre, aparecem referidas em conjunto, se prende ao facto de se associarem à auto-suficiência agrícola. A propriedade agrícola de então associaria as duas espécies, até pelo consumo intensivo dos seus frutos, que perfaziam a base alimentar⁴.

A seguir vamos analisar o significado que adquiriram em alguns dos mais importantes passos dos livros da Bíblia.

² O mesmo vai acontecer com a ementa que se está a preparar. Para continuar a desenvolvê-la e a cozinhar o peixe, de modo a que ele fique a saber bem, precisamos de lhe adicionar o azeite e um viçoso pauzinho de figueira.

³ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.588, «Antigamente parece ser que en Palestina y en el Líbano abundaban los bosques y la vegetación arbórea. Sería debido a la invasión árabe y después a la ocupación turca de estos territorios el que los bosques comenzaram a ser talados y destruídos.»; (...) «Entre los árboles de frutales figura en primer lugar el olivo, muy apreciado ya por los antiguos israelitas y hoy por los árabes y judíos. También la vid tuvo mucha importancia entre los israelitas del Antiguo Testamento. Com frecuencia encontramos alusiones en la Biblia al vino y a la viña. La higuera se cultiva igualmente en Palestina desde tiempo imemorial. El manzano se planta y se cultiva también, aunque en menor cantidad y en lugares frescos bien determinados.»; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.58 «Graças às trocas com os países vizinhos, sobretudo asiáticos, que não deixam de aumentar a partir da XVIII dinastia, surgem novidades nos pomares, onde os egípcios começam a cultivar árvores antes desconhecidas como a macieira, a romãzeira ou ainda a oliveira.»

⁴ Homero, *Odisseia*, XXIV, vv. 331-344, 2003, p.388; Mais uma prova da sua importância, embora em outro contexto, vem retratada na *Odisseia*, na qual, Ulisses ao pretender ser reconhecido pelo seu pai, Laertes, pôs-se a nomear as árvores que este lhe havia dado: «Agora nomear-te-ei as árvores que me deste no bem tratado pomar, quando eu, ainda criança, te seguia pelo jardim. Passámos por essas árvores: tu disseste os nomes e explicaste como era cada uma. Deste-me treze pereiras, dez macieiras, e quarenta figueiras. Prometeste-me também cinquenta renques de cepas; (...)»

1.6.1 – A figueira⁵

O povo de Israel, quando caminhava rumo à *Terra Prometida*, no meio do deserto, morto de fome e de sede, clamou a Moisés pela figueira⁶, não para comer a planta, mas o seu fruto, o figo, que era cotado como um dos melhores frutos da época. O primeiro livro dos *Macabeus* reforça esta alusão, do mesmo modo que o faz o segundo livro dos *Reis*⁷.

Como árvore de abundante fruto, tornava-se imperioso possuí-la para sustentar a população, sendo a sua destruição considerada uma tragédia, um grande castigo.⁸ Para que esta catástrofe não acontecesse e a fome não surgisse, o livro dos *Provérbios* aconselhou os homens daquela época a cuidarem muito bem desta árvore, e assim poderem usufruir dos seus frutos.⁹

A caducidade das suas folhas era comparada aos povos derrotados, ao extermínio completo dos inimigos do povo de Israel, tal como narra o profeta Isaías.¹⁰ Esses povos pagãos teriam de ser aniquilados e transformados em criaturas insignificantes, como as folhas mortas de figueira. Mas, com o sentido da razoabilidade que caracterizava este profeta, também aconselhava a promoção da paz entre os homens.

Por isso, Isaías, que sofreu os malefícios da guerra, desejava a paz para poder comer com o seu povo dos mais belos e deliciosos frutos, incluindo o fruto da figueira¹¹. Na verdade, esta árvore assumia uma enorme utilidade para o povo de Israel, pois sempre que se falava de destruição, por castigo do Senhor, a figueira era mencionada entre as grandes perdas. Caso o povo de Israel fosse infiel ao seu Senhor, a devastação destas árvores significavam a Sua ira, como mostra o profeta Jeremias.¹²

A este propósito, a mensagem deixada por Oseias direcciona-se no mesmo sentido. Diz ele, que o Senhor devastou os pomares de figueiras, por razões de infidelidade do seu povo¹³. Ora, esta cena fornece dados indispensáveis para se perceber o grau de centralidade da figueira na vida dos israelitas. A sua destruição conduziria a um revés alimentar de enormes proporções para aquelas populações. Mas como o Senhor de Israel se mostrava compassivo e manso, perdoava e voltava a dar uma nova oportunidade aos homens, deixando que tudo recomeçasse e que tudo renascesse. Foi essa mensagem que o profeta Joel deixou, até aos dias de hoje, recorrendo à imagem da figueira a

⁵ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, p.144; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.54; Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, 2003, pp.143-144.

⁶ Nm20,5 «Foi para nos fazer vir para este lugar mau, que não é lugar de sementeiras, nem de figueiras...»

⁷ 2Rs18,31; 1Mac14,12: «Cada um descansava à sombra da sua parreira ou da sua figueira...»

⁸ Sl104,33 «Destruíu as suas vinhas e figueiras...»

⁹ Pr27,18 «Aquele que cuida da figueira comerá do seu fruto, e o que vela pelo seu senhor será honrado.»

¹⁰ Is34,4 «O exército das estrelas desfalece, os céus enrolam-se como um pergaminho, os seus exércitos extinguem-se, e caem como folhas mortas de vinha ou de figueira.»

¹¹ Is36,16 «Fazei a paz comigo (...) e cada um de vós poderá comer o fruto da sua vinha e da sua figueira...»

¹² Jr5,17 «Devorará as tuas searas e o teu pão, os teus filhos e as tuas filhas, os teus rebanhos e o teu gado, as tuas vinhas e as tuas figueiras; destruirá à espada as tuas cidades fortes, nas quais depositas a tua confiança.»

¹³ Os2,14; Jl1,7; 1,12.

produzir frutos em abundância.¹⁴ E Miqueias acrescentava que, em estado de graça, os homens até podiam descansar à sombra das figueiras, sem que ninguém lhes fizesse algum mal.¹⁵ Esse profeta aspirava a uma reconciliação de todos os povos, para que pudessem viver em Jerusalém numa autêntica comunidade fraterna. Esta árvore aparece neste passo da Bíblia, como um sinal de protecção divina sobre a humanidade.

O simbolismo de que goza a figueira atinge o seu ponto alto nos Evangelhos, pela sua carga antropológica e conotação sagrada. Representa a relação do homem com Deus na sua máxima potência – a santidade¹⁶. Verde, viçosa, e carregada de frutos, simboliza, na plenitude¹⁷, Deus como alimento e o homem saciado por Ele. A figueira seca personifica o corte desta relação, a fome.¹⁸ Os Evangelistas deixam perceber também que as folhas verdes e frondosas da figueira representam a grandiosidade do Templo de Jerusalém. Por outro lado, a árvore seca simboliza os que no seu interior se reúnem, mas de onde as suas preces não chegam aos Céus.

No seguimento da análise, S. Mateus assegura que a árvore que não dá fruto deverá ser cortada, numa alusão severa àqueles que não oram. Neste sentido, a forma de contacto entre Deus e os homens, que Jesus recomendou, poder-se-á comparar à rega de uma planta. Assim como a água ao ser absorvida torna a planta viçosa, assim a oração torna mais vicejante a relação do homem com Deus. Na verdade, a presença e a acção de Deus em cada homem encontram-se assimiladas ao ciclo regenerador da figueira.¹⁹

1.6.2 – A oliveira e o derivado do seu fruto²⁰

É de salientar como a figueira, a oliveira e a videira, as três árvores com mais relevância nos textos sagrados, principalmente pela qualidade dos seus frutos, aparecem descritas logo no livro do *Génese*. Neste caso, a oliveira, pelo seu carácter robusto e duradouro, simboliza o recomeço. O dilúvio dizimou quase tudo, mas uma pequena folha verde de oliveira garantiu a fé e a esperança de um reinício²¹. Josué aponta a posse de oliveiras como um sinal de generosidade de Deus para com o seu povo.²²

¹⁴ Jl2,22 «Não temais, animais dos campos, porque as pastagens do deserto reverdecerão, as árvores darão o seu fruto, a figueira e a vinha produzirão abundantemente.»

¹⁵ Mq4,4 «Cada um repousará debaixo da sua parreira e da sua figueira, sem que ninguém o amedronte. Pois foi o Senhor do universo que falou.»

¹⁶ Mary Douglas, *Puresa e Perigo*, pp.66 «A santidade é o atributo de Deus. A sua raiz significa: separar (*set apart*).»

¹⁷ Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.66-68 « (...) a ideia de santidade compreende também a de totalidade, de plenitude.

¹⁸ Mt21,19-21; Mc11,13-21; Lc13,6-7.

¹⁹ Mc13,28; Lc21,29; Mt24,32 «...quando os seus ramos se tornam tenros e as folhas começam a despontar, sabeis que o Verão está próximo.»

²⁰ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, p.143.

²¹ Gn8,11 «...trazendo no bico uma folha verde de oliveira.»

²² Js24,13 «Dei-vos, pois, uma terra que não lavrastes, cidades que não edificastes e que agora habitais, vinhas e oliveiras que não plantastes e de cujos frutos vos alimentais.»

A centralidade alimentar desta árvore não reside tanto em si, mas no seu fruto, o azeite. Este óleo extraído da azeitona, para além de ter sido considerado um excelente alimento no passado²³, era também usado para a iluminação, para a conservação de alimentos, para a higiene e cuidados corporais, de natureza curativa ou estética. No plano religioso, o azeite servia para a unção, para as oferendas e para os sacrifícios. A sua primeira aparição acontece no livro do Êxodo, como elemento indispensável para a iluminação do santuário, pedido pelo Senhor a Moisés²⁴. A dimensão da luz, cujo valor assenta no conteúdo organolético desta gordura vegetal, atravessou toda a história da Igreja como sinal da presença divina no meio dos homens²⁵. Há na narração do Êxodo a intenção do seu autor em mostrar o azeite como a luz do mundo, sinal da presença de Deus no meio dos homens²⁶.

Ainda no mesmo livro, ele assumiu o lugar de ingrediente principal nas receitas das tortas e das filhoses mandadas confeccionar para oferecer na consagração sacerdotal²⁷. Tal como o referido em relação à farinha, também o azeite constituiu um ingrediente habitual nas ofertas de alimentos de origem vegetal destinadas ao Senhor²⁸. Destaca-se a singularidade verificada nessa oferta, que tem a ver com o facto de não se dever misturar cereais preparados com fermento, uma vez que este simbolizava a corrupção, estando, por isso, a oblação impedida de chegar a Javé.²⁹ Na purificação dos leprosos, o azeite também fazia parte dos ingredientes no ritual de reparação deste terrível mal.³⁰ Este óleo apresenta, neste passo, uma função curativa, mas assumia já o papel de uma unção sagrada. De igual modo, no Evangelho de S. Lucas, na parábola do bom samaritano, o azeite, ao misturar-se com vinho, converteu-se num eficaz curativo. Sublinha-se, a este propósito, o uso que a Igreja católica faz deste óleo nas celebrações sacramentais, simbolizando a plenitude do Espírito Santo sobre os homens.

Como um bem de excelsa qualidade, as suas primícias não podiam deixar de fazer parte do sustento dos sacerdotes e dos levitas, assim como do inventário dos bens de consumo do santuário, juntamente com o vinho e alguns aromas.

Pelas suas características nutricionais, pelo seu belo aspecto e pelo seu natural aroma, o azeite mereceu sempre o epíteto de uma gordura sã. Era, também, no mundo mediterrânico, uma gordura fácil de adquirir, dado ser obtida por processos exclusivamente mecânicos, e dada a relutância, entre

²³ Caton, *De L'Agriculture*, v.76, Raoul Goujard trad., Les Belles Lettres, Paris, 1975, p.61; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.239-240; Jean-Louis Fladrin, *ob. cit.*, p.77, « Desde o III milénio que a Síria e a Palestina produziram óleo a partir da azeitona e de outros frutos. Foram descobertos em Ougarit, em camadas que correspondem ao início da Idade do Bronze, vestígios de instalações que serviam para a produção de azeite, além de inúmeros fragmentos de grandes potes destinados a guardar o precioso líquido.»; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.80-81.

²⁴ Ex25,6 «...azeite para o lampadário...»

²⁵ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.319-326.

²⁶ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.13-32.

²⁷ Ex29,2 «...tortas sem fermento amassadas com azeite, e filhós sem fermento, untadas de azeite.»

²⁸ Félix García López, *ob. cit.*, pp.220-221.

²⁹ Lv2,1-16.

³⁰ Lv14,15-29.

os povos da bacia mediterrânica, em recorrer ao uso alargado do abate de animais, particularmente os de médio e de grande porte, preciosos enquanto estivessem vivos, e pela dificuldade em conservar a gordura do leite.

Não admira, pois, que os autores dos livros sagrados tanta relevância lhe tivessem dado. Graças a esta centralidade, espelhada no recurso ao imaginário alimentar, emerge a imagem da sopa na panela e do azeite na almotolia³¹.

Como alimento de textura suave, tornava-se agradável ao ser degustado, por isso, o livro dos Provérbios, evocou o tema da sensualidade, associando os prodígios do azeite à boca de uma mulher³². Torna-se curiosa a comparação feita pelo autor, exactamente por colocar ao mesmo nível, a prova do azeite e a prova de um ósculo.

Tal como sucedia com outros alimentos, este servia também como uma moeda de troca no pagamento de salários. Assim, quando se procedeu à reconstrução do templo de Jerusalém e sendo necessário envolver muita mão-de-obra, alguma viu-se paga ou com dinheiro ou com géneros alimentícios, entre os quais o azeite³³.

1.6.3 – As outras árvores

Para seguir a ordem do quadro, referiremos a macieira e a videira. Ignorar-se-á a romãzeira por não se vislumbrar no texto bíblico ocorrências importantes, apesar de no mundo antigo ser uma das árvores cultivadas em larga escala³⁴.

A macieira³⁵ que abundava na antiga Palestina e um pouco por todo o mundo, embora não ocupe um lugar de destaque nos textos bíblicos, mas nas poucas vezes que é referenciada, evidencia a sua importância. Sendo actualmente uma árvore de pomar, teria sido selvagem nas épocas mais recuadas. Contudo, ela surge na Bíblia com particularidades próprias de uma planta que emana doçura, sendo comparada a um noivo e ao dossel sob o qual ele nasceu.³⁶ Enquanto árvore, não terá sido emblemática, mas o seu fruto, a maçã, foi bastante apreciado. O livro *Cântico dos Cânticos* evocou a maçã como o fruto do amor.

³¹ 1Rs17,14.

³² Pr5,3.

³³ Esd3,7 «Foram, então, contratados canteiros e carpinteiros, aos quais deram dinheiro; e aos habitantes de Sídon e de Tiro deram víveres, azeite e vinho, para que trouxessem por mar a madeira dos cedros, desde o Líbano até Jope, segundo a autorização que lhes dera Ciro, rei da Pérsia.»

³⁴ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.83-84 «Plínio o Velho cita várias variedades de pereiras e macieiras e, noutra passagem, o naturalista romano chama à romãzeira *malum punicum*, para homenagear a qualidade e a quantidade da produção cartaginesa, que também provocava a admiração de outros autores clássicos.

³⁵ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, p.145.

³⁶ Ct2,3; 8,5.

A omnipresença da videira³⁷ nos textos bíblicos, tal como já foi referido relativamente à figueira, justificar-se-á sua dimensão antropológica. Esta característica foi bastante evocada nos Evangelhos, ao comparar-se Jesus a esta árvore. Concluiremos assim que Jesus teria a intenção de agarrar a humanidade a si, designando os homens por ramos de videira³⁸.

O significado que o vinho adquiriu na mesa da Páscoa de Jesus começou a emergir a partir desta alegoria. A mensagem contida neste episódio relança o preceito doutrinal que a videira assumiu no A.T., principalmente nos livros de Isaías e de Jeremias.

Recorrendo à imagem da vinha, Isaías descreveu a ingratidão do povo de Israel para com Deus e, usando palavras poéticas, apelidou os homens de agraços. Já no livro de Ezequiel, a frequência com que a imagem da videira foi abordada na Bíblia dirige-se para um sentido interpretativo distinto em relação aos anteriores profetas. Para ele, Israel mostrava-se como um povo que não dava frutos e, por isso, deveria ser destruído, tal como o tronco da videira, ou a cepa, que só servia para queimar³⁹.

Ao ler o quadro relativo às árvores de fruto, ressalta de imediato um dado pertinente, que é o do número de ocorrência que a figueira obteve nos Evangelhos, o que veio contribuir decisivamente, por um lado, para confirmar o facto de ela abundar na região da Palestina e, por outro lado, nos assegura que se tratava de uma árvore com enorme valor simbólico. O mesmo acontece com a videira, que, apesar de ocorrer menos vezes nos Evangelhos, concentra uma carga simbólica semelhante. As restantes árvores não foram chamadas aos Evangelhos, sendo o azeite, apenas citado duas vezes, não como alimento, mas como medicamento. Pensamos que mais uma vez se nota que os evangelistas procuraram a ruptura com o judaísmo. O caso do azeite torna-se paradigmático, uma vez que ele estava conotado com as religiões pagãs greco-romanas. Contudo, as igrejas cristãs, especialmente a católica, conseguiu realizar a conciliação ao trazer para as suas práticas sacramentais o uso dos óleos e do sal.

³⁷ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.151-158.

³⁸ Jo15,1-5 «Eu sou a videira; vós, os ramos.»

³⁹ Ez15,1-7.

1.7 – Animais de criação ou domésticos

O quadro X resume as referências feitas aos bovinos, pelos autores dos livros do A.T. e dos Evangelhos. Depois de analisados os alimentos que já foram servidos no *menu*, os próximos a ser preparados serão as muitas e variadas carnes. Decidiu-se começar por aquelas que actualmente mais se consomem no mundo ocidental e as que o judaísmo permitia na sua alimentação.

As carnes dos animais que completam este quadro, apesar de serem todas da mesma espécie, tomam significados diferentes, como se verá daqui em diante. Nos tempos antigos, quando ainda a Palestina era uma zona de densos bosques, os animais selvagens existiam em grande número. Com a progressiva desflorestação, esses animais foram desaparecendo e a domesticação de alguns passou a ser a regra. O elefante existia na Palestina nos tempos pré-históricos e manteve-se, em certas regiões da Síria, até ao século XV a.C. O leão habitaria o vale do Jordão, na Idade Média. No deserto eram frequentes as hienas e os chacais. No campo, também se davam os javalis e as gazelas. O lobo corria na alta Galileia e no Líbano. Os cervos e as corças existiram até aos começos do século XIX. Também nos finais do século XIX ainda se assinalam crocodilos. As principais aves seriam a avestruz, a cegonha, o gavião, o falcão, a águia, o corvo, a perdiz, a pomba e a rola. Quanto aos animais domésticos, destacam-se os bovinos, os ovinos, os caprinos e os equídeos. O camelo era também um animal muito apreciado na Palestina, principalmente para transporte¹.

Apesar de os textos bíblicos darem um grande destaque aos animais, na verdade, o consumo de carne no mundo antigo era diminuto, uma vez que a base alimentar das pessoas se fixava nos cereais e mais tarde no pão². Serviam para os sacrifícios, como força de trabalho e, no caso das reses fêmeas, para dar o leite. A carne ia à mesa esporadicamente, tendo como destino principal a dos mais privilegiados. Assim, nos finais do longo período da Antiguidade, os animais não eram criados tanto por causa da carne. A excepção era o porco, o único animal sem outra utilidade para além do fornecimento da sua carne. O carneiro era criado por causa da lã e o boi para puxar a charrua e trabalhar a terra. Abater um boi de lavoura era considerado um crime – *bovicídio*. Os atenienses puniam este crime com a mesma pena que o homicídio³. Todas estas vicissitudes, relativas aos animais, foram absorvidas pelos autores da Bíblia, os quais, incluíram a riqueza história, económica e social que esses animais continham, como forma de expressarem inúmeras situações doutrinárias.

¹ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, pp. 589-590.

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.103 «Durante toda a Antiguidade, desde a época dos poemas homéricos até ao Império Romano, a civilização mediterrânica é o mundo do pão ou, pelo menos, dos cereais e dos alimentos que servem para preparar as papas, o pão e os bolos.»

³ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.104 «Esta tradição é confirmada por numerosos textos da literatura antiga que classificam o boi como um animal humano, bem como pelos restos de ossos encontrados durante escavações arqueológicas na Grécia e na costa tirrena de Itália, que revelam que estas populações matavam e comiam poucos bovinos e, em todo o caso, quase nunca animais mortos.»

Tendo como pano de fundo o conhecimento empírico do mundo no que respeitava à relação dos homens com os animais e, de uma forma geral, com a natureza, o povo hebreu aderiu a uma filosofia diferente e única. Este povo, ciente da necessidade de criar uma identidade própria, enquanto cidadãos de uma nação diferente de todas as outras, levou-os a fixar a lei mosaica. Esta lei obrigava à auto-disciplina como a primeira condição para se chegar à santidade⁴.

Importa, todavia, deixar uma nota relativa à questão da divisão dos animais nos tempos do A.T. Consideravam-se, então, de certa forma, como uma ameaça a si próprios⁵. De acordo com a tradição israelita, estes vivem segundo os seus planos e intenções, não sendo controlados nem influenciados pelos seres humanos. Os judeus reconheciam que a grande maioria destes viviam e moviam-se inteiramente fora do controlo e autoridade humana. Nessa medida, então, era necessário classificá-los e listá-los. Este ordenamento conferia uma certa ordem hierárquica⁶, o que possibilitava ao homem uma melhor governação, reflectindo-se na sua autoridade em relação ao mundo que o rodeava⁷.

Por outro lado, a ordem conduzia à pureza, fundamento da Criação, em cujo povo israelita se reviam e que estava de acordo com a lei de Moisés.⁸

As proibições alimentares, de um modo especial, as de algumas carnes, impostas pelos judeus, constituíam uma forma de eles se distinguirem como um povo único, um povo santo⁹. Por isso, o princípio da santidade e da pureza mantem uma relação muito estreita, sem que se pretenda confundi-los. Nos textos sacerdotais, o conceito de santidade empregava-se no sentido cultural ou ritual, mas também podia ter um sentido moral¹⁰. A santidade de Israel aparece associada à experiência do êxodo como vem expresso no livro do *Levítico*¹¹. A santificação significa a separação, por isso, existe uma correspondência entre a santificação de Israel e a sua separação de entre as outras nações. O livro do *Levítico* dá-nos conta da relação que existe entre a santidade do povo hebreu e a sua saída do Egipto. A lei de santidade expressa nesse livro insistia na ideia de que um povo santo e separado das outras nações não podia comportar-se como os povos dessas nações, das quais se separara.

⁴ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.60.

⁵ Lv26,22; Dt28,26; Is18,6; Jr15,3; Richard Witekettle, *Journal of Biblical Literature*, 125, nº4, 2006, p.749.

⁶ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.63.

⁷ Sl8; Richard Witekettle, «art. cit.», p.752 «O ser humano há muito tempo que usa as actividades de nomear, classificar e listar como formas de trazer a ordem à pluralidade diversa das coisas que se encontram no mundo à volta dele. Estabelecer e manter a ordem estão, com certeza, associados à governação. Não surpreende, portanto, que em várias épocas e em vários lugares, o nomear, o classificar e o listar das coisas, especialmente plantas e animais tenha sido visto como técnicas ou instrumentos necessários aos seres humanos para governar o mundo com sucesso, e como um reflexo ou uma demonstração de poder e da autoridade humana sobre o mundo. Também os israelitas perceberam que o nomear, o classificar e o listar das coisas podiam ser actos de autoridade que reflectiam ou estabeleciam a ordem e o controlo sobre o mundo.

⁸ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.50.

⁹ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.66; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.215-218.

¹⁰ Lv11,15; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.215-218.

¹¹ Lv22,32-33.

Os sacerdotes esforçaram-se por levar estes preceitos à prática, isto é, por defender que Israel deveria ser santo e não simplesmente puro, no sentido da pureza ritual. O código da Lei de Santidade pretendia transcender o marco da ritualidade, colando-se à moral. Não bastavam os ritos, requeria-se a circuncisão do coração. Por isso, o sentido de santidade não equivaleria somente à separação, pretendia chegar à totalidade e à perfeição do ser humano. A santidade exigia que os indivíduos se ajustassem à classe a que pertenciam e que não se misturassem com indivíduos de outra espécie. Requeria a manutenção clara e inequívoca das distintas categorias da Criação.

Estas observações remetem-nos para a teologia expressa no *Génesis*¹²: a ideia de separar o puro, que é santo, do impuro, que é comum, que pode entender-se como uma maneira de preservar a disposição e as distinções próprias da Criação do mundo. De facto, o que o Levítico faz é apresentar a regulação do cosmos como trabalho divino, no qual aparece o Deus da criação ordenada¹³.

Antes de se abordarem os animais e as suas carnes, faz sentido dar atenção ao significado das leis dos sacrifícios e das oferendas¹⁴. Em linhas gerais, os sacrifícios eram rituais realizados para dar graças ou suplicar a Deus, como forma de reconhecer os Seus dons, expiar os pecados e restabelecer a comunhão com Ele e com a comunidade. Na realidade, as ideias de expiação, de purificação e santificação formam a essência dos sacrifícios. O seu principal objectivo consistia em manter ou restaurar a ordem divinamente estabelecida, pelo recurso à mediação do sobrenatural. Para que a impureza fosse afastada e a ordem divina restabelecida, requeria-se a confissão das faltas e respectivo arrependimento¹⁵. O sangue dos sacrifícios estava associado à purificação e à santificação, porque o sangue não expia por si mesmo, já que transporta a vida, que é dom de Deus. O Senhor Altíssimo é quem purifica e santifica. O grande objectivo destas práticas consistia em manter ou restaurar a ordem divina estabelecida. Os sacrifícios tinham, sem dúvida uma finalidade exclusivamente religiosa.

O livro do Levítico¹⁶ menciona quatro classes diferentes de sacrifícios de animais: holocaustos, sacrifícios de comunhão, sacrifícios de purificação e sacrifícios de reparação. O holocausto encabeça o conjunto dos sacrifícios, na medida em que era o mais comum e provavelmente o mais antigo. Nos dias normais realizava-se duas vezes ao dia e nos festivos várias vezes. Terá sido o único sacrifício realizado em público. A característica principal do holocausto consistia em queimar a vítima na sua totalidade. Neste ritual, conforme as posses económicas e a importância da situação, sacrificava-se o gado maior, gado menor e aves. A expiação era a principal função do holocausto.

¹² Gn1,1ss.

¹³ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.619-624; Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.57-91; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.63-73; Jean Potin, *ob. cit.*, pp.437-445.

¹⁴ Félix García López, *ob. cit.*, pp.218-223.

¹⁵ Lv5,5-6.

¹⁶ Lv1-7.

Os sacrifícios de comunhão tinham como função principal a congregação das pessoas. Estes terminavam com um banquete, no qual os ofertantes comiam parte da vítima. Só as gorduras e as entranhas se queimavam para Javé. Assentava neste eixo sacrificial a solidariedade, na medida em que a divindade e os oferentes partilhavam da mesma vítima, dando a ideia de comunhão entre Deus e os homens.

Os sacrifícios de purificação realizavam-se, em primeiro lugar, para limpar os pecados, se bem que, se poderiam realizar sem este objectivo. O holocausto, por exemplo, também expiava os pecados.

O mais característico desses sacrifícios era os rituais de sangue. Este concentrava em si mesmo um valor purificador e protector, por isso, tratava de purificar das impurezas ocasionadas pelos pecados. Mas estes só poderiam ser os praticados sem consciência formada ou por inadvertência. Reconhecia-se que se o pecado manchava a terra muito mais mancharia o santuário. Deste princípio resultavam os ritos de purificação pelo sangue.

Os sacrifícios de reparação diferenciavam-se dos anteriores pelas vítimas que imolavam e pelo tipo de ofensa cometida. Mas acrescentava-se-lhes a reparação dos danos causados ao próximo, porque, na sua óptica, uma ofensa feita a outra pessoa era uma ofensa a Deus¹⁷.

Depois desta análise, podemos verificar que ao compararmos a referência concreta e figurada ao sacrifício de animais entre o AT e os Evangelhos, estes mantêm a essência sacrificial em continuidade, já que o ritual da Eucaristia assenta, em linguagem e em simbologia, no valor que os sacrifícios revestem no A.T.¹⁸.

O que às leis de pureza ritual diz respeito deixaremos o seu desenvolvimento para o capítulo dos animais abomináveis.

¹⁷ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.619-624; Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.57-91; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.63-73; Jean Potin, *ob. cit.*, pp.437-445; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.218-223.

¹⁸ Francisco Maria López Melús, *ob. cit.*, p.227 «La dimensión principal de la misa es el sacrificio y los ritos del sacrificio que aparecen, a través del antiguo testamento, acaban confluendo en ella.» ; Jean Daniélou, *ob. cit.*, pp. 69-74.

1.7.1 – Os bovinos

Quadro X

| A.T. N.T. | Livros | Boi | Vaca | Novilho/Touro | Bezerro | Vitelo |
|--------------|--------|--|---|---|--|---------------|
| A.T. | Gn | 13,5; 20,14; 21,27 | 32,16; 41,2; 41,3; 41,4; 41,18; 41,19; 41,20; 41,26; 41,27; | 32,16; 49,6 | | 18,7; 18,8 |
| A.T. | Ex | 9,3; 10,9; 10,24; 12,32; 12,38; 20,17; 20,24; 21,28; 21,29; 21,31; 21,32; 21,33; 21,35; 21,36; 22,9; 23,4; 23,12; 34,3 | | 24,5; 29,3; 29,10; 29,11; 29,12; 29,14; 29,36 | 32,4; 32,8; 32,19; 32,20; 32,24; 32,35 | |
| A.T. | Lv | 7,23; 17,3; 22,23; 27,26 | | 1,5; 4,3; 4,4; 4,5; 4,7; 4,8; 4,10; 4,11; 4,14; 4,15; 4,16; 4,19; 4,20; 4,21; 8,2; 8,14; 8,17; 9,4; 9,18; 9,19; 16,3; 16,6; 16,11; 16,14; 16,15; 16,18; 16,27; 23,18 | | |
| A.T. | Nm | 7,3; 7,6; 7,7; 7,8; 7,17; 7,23; 7,29; 7,35; 7,41; 7,47; 7,53; 7,59; 7,65; 7,71; 7,77; 7,83; 7,88; 11,22; 15,11; 22,4; 22,40; 31,30; 31,33; 31,38; 31,44 | 18,17; 19,2; 19,5; 19,6; 19,8; 19,9; 19,10 | 7,15; 7,21; 7,27; 7,33; 7,39; 7,45; 7,51; 7,57; 7,63; 7,69; 7,75; 7,81; 8,8; 8,12; 15,8; 15,19; 15,24; 23,1; 23,2; 23,4; 23,14; 23,29; 23,30; 28,12; 28,14; 28,20; 28,28; 29,3; 29,9; 29,14; 29,18; 29,21; 29,24; 29,27; 29,30; 29,33; 29,36; 29,37 | | |
| A.T. | Dt | 5,14; 5,21; 14,4; 22,1; 22,4; 22,10; 25,4; 28,31 | 32,14 | 17,1; 33,17 | 9,16; 9,21 | |
| A.T. | Js | 6,21; 7,24 | | | | |
| A.T. | Jz | 3,31; 6,4 | | 6,25; 6,26; 6,28 | | |
| A.T. | 1Sm | 11,5; 11,7; 12,3; 14,32; 14,34; 15,3; 15,15; 15,21; 22,19; 27,9 | 6,7; 6,10; 6,12; 6,14 | 1,24; 1,25 | 6,7; 6,10; 14,32; 28,24 | |
| A.T. | 2Sm | 6,6; 6,13; 12,2; 12,4; 24,22; 24,24 | | | | |
| A.T. | 1Rs | | | 18,23; 18,25; 18,26 | 1,9; 1,19; 1,25; 12,28; 12,29; 12,30; 12,32 | |
| A.T. | 2Rs | 5,26; 16,17 | | | 10,29; 17,16 | |
| A.T. | 1Cr | 12,41; 13,9; 21,23; 27,29 | | 15,26; 29,21 | | |

| | | | | | | |
|-------------------------------|-----|--|------------|--|--|---------------------------|
| A.T. | 2Cr | 4,3; 4,4; 4,15; 5,6; 18,2; 29,33 | | 7,5; 11,15; 13,9; 29,21; 29,22; 29,32; 30,24 | 13,8 | |
| A.T. | Esd | | | 6,9; 6,17; 7,17; 8,35 | | |
| A.T. | Ne | 5,18 | | | 9,18 | |
| A.T. | Tb | | | | 1,5 | |
| A.T. | Jb | 1,3; 1,14; 24,3; 39,9; 42,12 | 21,10 | 6,5; 21,10; 42,8 | | |
| A.T. | Sl | | | 21,13; 28,6; 49,9; 49,13; 65,15; 67,31; 68,32 | 105,19 | |
| A.T. | Pr | | | | | 15,17 |
| A.T. | Ecl | 2,7 | | | | |
| A.T. | Sir | 38,25 | | 6,2 | 38,26 | |
| A.T. | Is | 1,3; 11,7; 22,13; 30,24; 32,20; 65,10; 65,25 | 7,21; 11,7 | 11,6; 34,7 | | 1,11; 27,10 |
| A.T. | Dn | 4,22; 4,29; 4,30; 5,21 | | | | |
| A.T. | Os | 5,6 | | | | |
| A.T. | Am | 6,12 | | 6,4 | | |
| A.T. | Jr | | | 34,18; 34,19; 50,27 | 46,21 | |
| A.T. | Ez | 1,7 | | 1,10; 39,18; 45,22; 45,23; 45,24; 46,11 | 43,19; 43,21; 43,22; 43,23; 43,25; 45,18; 46,6 | |
| A.T. | Os | | | | 8,5; 8,6; 10,5 | |
| A.T. | Mq | | | 6,6 | | |
| A.T. | Ml | | | | 3,20 | |
| N.T. | Mt | 22,4 | | | | |
| N.T. | Lc | 13,15; 14,5; 14,19 | | | | 15,23; 15,27; 15,30 |
| N.T. | Jo | 2,14; 2,15 | | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 112 | 22 | 122 | 38 | 5 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 6 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| Total | | 118 | 22 | 122 | 38 | 8 |

1.7.1.1 – O boi

O boi constitui um dos animais de maior estimação no mundo antigo, devido à sua robustez física. A sua importância começou por ser realçada no *Génesis*, quando este assinala que Abraão e Lot os possuíam em grande número¹⁹. A sua posse significava, portanto, riqueza e prosperidade, tal como se prova pela história desses dois homens. O segundo livro de Samuel vem confirmar esta afirmação ou talvez reforçá-la²⁰. Estamos perante um bovino com tal prestígio no mundo bíblico, que servia até, para oferecer como presente, pagamento de grandiosos serviços ou elevados favores.²¹ O relevo que adquiria, nessa época, ficou bem patente no facto de ter sido um dos poucos

¹⁹ Gn13,1-5 «Lot, que acompanhava Abraão, possuía, igualmente, ovelhas, bois...»; Ver Jb1,3.

²⁰ 2Sm12,2 «O rico tinha ovelhas e bois em grande quantidade...»

²¹ Gn20,14; 21,27 «...tomou ovelhas, bois (...) e deu-os de presente a Abraão...»; Ver Nm7.

animais que acompanhou o povo de Israel na sua saída do Egito.²² Essa importância materializava-se ainda no facto de esses animais serem oferecidos para os holocaustos ou outros sacrifícios. No entanto, o autor sagrado ressalva uma circunstância em que ele perdia essa estima. Se ele fosse agressivo para com as pessoas, teria que ser rejeitado²³. O trabalho por ele realizado reflectia-se no seu valor e, ao ser objecto de cobiça por parte de algumas pessoas, invejando a sua posse, ainda mais o valorizava²⁴.

Este quadrúpede pertencia ao rol dos animais considerados puros na alimentação do povo hebreu, por obedecer às características exigidas pela lei²⁵. Segundo o *livro do Deuterónimo*, a sua carne poderia ser cozinhada e servida às pessoas, sem qualquer restrição, uma vez que provinha de uma rez que tinha a pata com unha fendida e ruminava. Essa carne era, pois, muito apreciada. Podemos verificar isto em Isaías quando refere, a tal propósito, que um dia, o Senhor convidou o seu povo à penitência, mas este não lhe obedeceu, preferindo abater bois e comê-los. Numa atitude materialista, aqueles homens quiseram valorizar mais as coisas da terra do que as do céu, provocando assim a ira do Senhor, o qual não os perdoou²⁶. Segundo o profeta Oseias, esses homens ainda foram em busca do Senhor com os seus bois, mas não O encontraram, porque Ele, ofendido, se afastou deles.

Pela sua constituição física, pela sua força e pela utilidade do seu trabalho, o gado bovino serviu também de inspiração ao autor do *livro do Deuterónimo* para criar a imagem do homem trabalhador. Na óptica deste autor, quem trabalha tem direito a comer do fruto do seu trabalho²⁷.

Nos Evangelhos, apesar de ser citado apenas seis vezes, a imagem deste animal tomou lugar central na mesa, por possuir carnes mais gordas, suculentas, por isso, as que mais saciavam. Na realidade, estamos no campo simbólico, na medida em que, a mensagem dos Evangelhos vai no sentido de romper com a valorização que o judaísmo colocava sobre certos animais. Mas, como sabemos, o boi durante o império romano era um animal muito estimado, pelo que os Evangelhos foram recuperar essa imagem, para mostrarem como a força de Deus se manifestava através do seu jugo. O jugo terá de se interpretar como fonte de liberdade, em oposição ao legalismo judaico e às prescrições farisaicas que se sentiam nessa época²⁸. Simbolicamente, os homens são os animais do rebanho que carregam o Seu suave jugo. Por esta razão, talvez, a carne de boi fosse designada no

²² Ex12,38 «...partiu com eles, juntamente com ovelhas, bois...»

²³ Ex21,28-29 «...o boi será apedrejado e a sua carne não será comida...»

²⁴ Dt5,21 «Não cobiçarás (...) nem o seu boi...»; Ver 1Cr12,41.

²⁵ Dt14,4 «Estes são os animais que podereis comer: o boi...»

²⁶ Is22,13 «Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.»

²⁷ Dt25,4 «Não porás o cofinho ao boi que debulha.»

²⁸ Mt11,28-30 «“vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”...»

N.T. como das preferidas para os banquetes e, de um modo especial, para as bodas nupciais²⁹. Esta chamada frequente do tema simbólico das bodas, por parte dos evangelistas, remete para o desígnio de comunhão que o Pai deseja manter permanentemente com o seu povo.

1.7.1.2 – A vaca

Os textos bíblicos deram pouca relevância à vaca e respectiva carne. Apesar do escasso protagonismo que assumiu, poder-se-ão extrair dela alguns sinais gastronómicos e certos elementos simbólicos. A sua primeira ocorrência surgiu a simbolizar circunstâncias irreais. Ela apareceu em sonhos ao faraó do Egipto, anunciando uma terrível fome que se iria abater sobre a sua terra³⁰. Nessa época, a vaca era considerada uma grande fonte de riqueza, devido à produção de leite e continuação da espécie, por isso não deveria abater-se. No antigo Egipto sacrificavam-se bois e vitelos, mas as vacas não poderiam sacrificá-las, pois estavam consagradas a Ísis³¹.

Como alimento de primeira classe nunca a carne de vaca foi mencionada, ao contrário dos seus primogénitos, cuja carne, depois de sacrificada, ia à boca da maioria das pessoas. No caso da vaca, se o povo israelita quisesse oferecê-la em sacrifícios, seria necessário que ela cumprisse as seguintes condições: ser gorda, não ter manchas, não ter trabalhado e não ter defeitos físicos³². Não obstante a sua carne não ser muito apreciada, mas decerto pela qualidade do leite que produzia e pelas crias que dela nasciam, ela fazia parte, juntamente com outros animais, como o touro, do presente que Jacob ofereceu a seu irmão Esaú³³.

Poderemos relacionar o flagelo da fome, uma realidade de todos os tempos e de todos os locais, com a imagem da vaca magra, que aparece descrita no *Génesis*. A imagem da fome apareceu, tal como hoje, no género feminino. A imagem da mãe que procura dar comida ao seu filho, sem a ter, continua na retina de quem olha à sua volta.

1.7.1.3 - O novilho e o touro

Os textos bíblicos ora mencionam o novilho, ora o touro, para representarem as mesmas situações, razão pela qual os incluímos conjuntamente. O novilho simboliza as situações mais dóceis, enquanto o touro simboliza a força e a fúria, mas também a beleza³⁴. A Bíblia refere-se aos

²⁹ Lc14,19; Mt22,4 «...abateram-se os meus bois e as minha reses gordas; tudo está preparado.»

³⁰ Gn41,2-27 «E do Nilo saíram sete vacas, belas e gordas, que se puseram a pastar a erva; depois destas saíram do rio outras sete vacas, enfezadas e magras...»

³¹ Segundo a mitologia egípcia, Ísis era a deusa da maternidade e da fertilidade.

³² Nm19,2-10 «...tragam uma vaca vermelha, sem defeito, que não tenha manchas nem tenha carregado o jugo.»

³³ Gn32,16 «...trinta camelas que amamentavam, com as suas crias; quarenta vacas e dez touros...»

³⁴ Dt33,17 «É belo como touro gordo!»; Ver Jz6,25-28.

touros de *Basan*³⁵ como os mais valentes e ferozes. Por isso, o touro representa o poder, logo, exprime a onnipotência de Deus.

Nos sacrifícios de holocaustos, o novilho contava-se como um dos animais preferidos para imolar, oferecendo-se também aos sacerdotes como sinal de honra nas cerimónias da sua consagração³⁶. Tais animais faziam parte dos que se imolavam nos ritos de expiação. O povo israelita revia nestes cerimoniais o seu estatuto de vida, porque era por intermédio deles que se uniam em torno de ideais de profundo misticismo nos quais acreditavam, inserindo-se, deste modo, num contexto de santidade e de pureza. Por tal razão, a festa da expiação tornou-se das mais importantes do povo judeu³⁷. Os novilhos constavam da oferta em holocausto na festa do Pentecostes, como uma oferta queimada de odor agradável a Deus.

Os animais em questão teriam que ser oferecidos sem defeito algum, sob pena de ser castigado o ofertante, porque a Deus só se entregavam dádivas puras³⁸. Tão puras e em tamanha quantidade, que, no dia da sagração de Salomão como rei de Israel, foram oferecidos, para além de milhares de outros animais, mil touros para imolar em holocausto³⁹. Contaram-se tantos nesta nessa cerimónia, quantos o rei Ezequias, rei de Judá, deu à sua assembleia e aos sacerdotes, pela sua conversão e purificação⁴⁰. Muito maior ainda foi a quantidade de animais sacrificada na consagração do Templo de Jerusalém.⁴¹

Três novilhos foram oferecidos por Ana como gesto de agradecimento pelo nascimento de seu filho Samuel. No entanto, esta oblação ao Senhor só aconteceu depois de Samuel estar desmamado. Nessa época, no dia em que uma criança deixava de se amamentar, toda a comunidade festejava, em particular a família. Já havia acontecido o mesmo com Isaac, filho de Abraão e Sara, no dia em que deixou de se alimentar ao peito da mãe, seu pai oferecera um grande banquete⁴². Recorde-se a este propósito, que na cultura judaica, a mulher enquanto amamentava incorria em estado de impureza⁴³.

Pelo livro do profeta Amós, fica a saber-se que estes animais produziam as carnes de melhor qualidade para a cozinha, confeccionando-se a partir das melhores peças os manjares deliciosos, as quais levariam a uma certa gula, transgressão, aliás, que haveria de ser punida. Quem só delas comesse, dando largas ao luxo e à riqueza, sucumbiria aos pés do Senhor e Ele deportá-los-ia à frente dos cativos. A volúpia da mesa, enquanto espaço somente de satisfação do prazer fisiológico,

³⁵ *Bíblia Sagrada*, p.859, notas, «Basan, região a leste de Tiberíades, era famosa pela criação de gado e nomeadamente pelos seus touros valentes.»

³⁶ Ex29,3-36; Lv1,5; 4,3-21; 8,2-17; 9,4-19.

³⁷ Lv16,3-27.

³⁸ Dt17,1 «Não imolarás ao Senhor, teu Deus, touro e ovelha que tenham qualquer tara ou defeito.»

³⁹ 1Cr29,21 «...ofereceram em holocausto mil touros...»

⁴⁰ 2Cr30,24 «Ezequias, rei de Judá, dera à assembleia mil touros...»

⁴¹ 2Cr 7,5 «O rei Salomão imolou vinte e dois mil touros...»

⁴² Gn21,8; 1Sm1,24-25.

⁴³ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.683.

viu-se, assim, condenada, porque manifestava o vazio espiritual das pessoas, e revelava a perdição das nações.⁴⁴ Segundo esse livro, não seria concerteza essa a dimensão que Deus desejava que a mesa tivesse. Ela havia sido concebida para comer bem, é certo, mas sobretudo para criar o sentido de família, como espaço de acolhimento, partilha, comunhão e perdão.

O touro com tanta importância que teve no A.T., sendo cento e vinte e duas vezes citado, não obteve qualquer referência por parte dos evangelistas. Isto quereria, por certo, dizer, que o poder e a força, que este possante animal representava para os judeus, foi aniquilada pela chegada de alguém (Jesus), que quis romper com o passado e afirmar os mais fracos. Segundo as escrituras do N.T., exaltou e acolheu estes com tanta veemência e amor, que se fez igual a eles.

1.7.1.4 – O bezerro

O bezerro, tal como o vitelo, é a cria dos bovinos. No entanto, o nome de bezerro possui uma conotação mais negativa, aplicando-se às crias mais viris dos animais mais ferozes. Talvez por isso, adquira, na Bíblia, o significado de animal preferido dos idólatras, não para levar à mesa da refeição, mas ao altar da adoração. Se fosse para comer, concerteza que não ficaria o Senhor zangado com Aarão. Só que, no caminho que o povo de Israel trilhou com destino à *Terra Prometida*, enquanto Moisés se demorou a orar em cima do monte, Aarão, com o ouro que as pessoas levavam consigo, construiu um bezerro de ouro, para ser adorado⁴⁵. Num outro episódio, a sua carne foi cozinhada e servida como uma refeição reconfortante e copiosa, tendo sido o Rei Saul, num dos dias em que se sentia fraco e abatido, o protagonista de tal refeição.⁴⁶ Era, portanto, um alimento associado à mesa dos poderosos e, sobretudo, ao restabelecimento do vigor.

A imagem deste jovem e rebelde animal colocava decerto sobre a mesa a questão da virilidade e da robustez física como atributo manifesto do poder, que o povo hebreu tanto exaltava e protegia, contrariando a igualdade de todos protagonizada no N.T.⁴⁷. Por ser um animal jovem, não castrado, por isso cheio de vitalidade, seria o ideal para apresentar em situações que merecessem desafio, vitalidade e força. Será esta a razão pela qual este possante animal em ouro, construído pelos judeus no deserto, teria que ser um bezerro e não um outro animal qualquer.

Os Evangelhos, tal como aconteceu com o boi, não lhe fazem qualquer menção.

⁴⁴ Am6,4.

⁴⁵ Ex32,4-35; 1Rs12,28-32; 2Rs17,16; 2Cr13,8.

⁴⁶ 1Sm28,24-25 «A mulher tinha em casa um bezerro cevado. Apressou-se em matá-lo (...) Serviu-o a Saul...»

⁴⁷ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.683.

1.7.1.5 – A (o) vitela (o)

As poucas vezes que o vitelo aparece referenciado nas escrituras bíblicas são o suficiente para ele assumir uma capital importância. O vitelo, assim como a maior parte dos animais recém-nascidos, gozava de uma especial predileção dos povos antigos e, de um modo especial, do povo hebreu. Pelo facto de serem muito jovens, estes animais associavam-se a um certo estado de pureza e candura. Por essa razão, fazia parte dos animais cuja carne era apetecida nas mesas dos mais importantes e nas ocasiões de maior festa. A sua carne estava associada não só à mesa recheada de bons e apetitosos pratos, mas também à mesa farta de alegria. Foi este tipo de mesa que se apresentou às três figuras misteriosas que visitaram Abraão, quando este descansava junto aos carvalhos de Mambré. Tais figuras simbolizavam Deus trino, que veio ao encontro de Abraão dizer-lhe que a sua mulher Sara, apesar de velha, iria conceber um filho. Abraão não encontrou melhor forma para obsequiar aquelas figuras, pela jubilosa notícia que traziam, senão matar o melhor, mais gordo e tenro vitelo que passeava no rebanho⁴⁸. O autor refina a linguagem ao atribuir ao vitelo a característica de tenro, o que se pode traduzir também por terno.

Foi nesta atmosfera de ternura e de amor que Lucas dirigiu aos homens do seu tempo a parábola do filho pródigo. O vitelo aparece neste episódio como símbolo da abundância e da qualidade da refeição servida pelo pai. A mesa farta de carne de vitelo significava a grande quantidade de graças derramadas pelo Senhor sobre as pessoas que se arrependiam do mal praticado⁴⁹. A mesa, neste episódio narrado por Lucas, adquire o significado maior do que aquela que lhe é dada pelo simples acto de comer, uma vez que apelava ao reencontro, à comunhão, à partilha e ao perdão.

No caso do vitelo⁵⁰, que aparece citado sensivelmente na mesma proporção no A.T. e nos Evangelhos, podem explorar-se semelhanças significativas. De facto, o seu surgimento acontece como uma moeda de câmbio, quase como se tratasse de uma compra por espécie. No episódio do livro do *Génesis*, Abraão e a mulher cozinham um vitelo àqueles homens, porque esperam em troca um filho que pensavam já não ir ter. Em Lucas, aquele pai matou e cozinhou um vitelo dos melhores que possuía, porque tinha perdido o seu filho e voltou a recuperá-lo. Nestes episódios, além do significado decorrente do animal, emerge o acto de cozinhar, envolvido de um sentido de intimidade profundo. Este assume, no primeiro caso, a condição de criar e, no segundo, evoca a recriação. O sentimento de intimidade não se encontra somente nos alimentos em si e na sua

⁴⁸ Gn18,7-8 «Correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que imediatamente o preparou.»

⁴⁹ Lc15, 11ss; 23-30 «Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.»

⁵⁰ O facto de nunca se referenciar a fêmea, tem que ver com o facto de no mundo judaico os animais machos e sem defeito serem os preferidos, por questões de pureza.

partilha, mas também no puro acto de os cozinhar. Isto porque esta tarefa celebra a presença e a proximidade do cozinheiro junto daqueles para quem preparou a refeição. Estes, ao degustarem a refeição, apreciam os vários sentimentos por que passou o cozinheiro enquanto a confeccionou.

1.7.2 – Os ovinos

Quadro XI

| Localização | | | | |
|-------------|-------|--|--|--|
| A.T. | N.T. | Carneiro | Ovelha | Cordeiro |
| | Livro | | | |
| A.T. | Gn | 22,13; 31,38; 32,14 | 12,16; 13,5; 20,14; 21,27; 21,28; 29,2; 29,7; 29,10; 30,38; 30,41; 31,19; 31,38; 38,12; 38,13 | 30,32; 30,33; 30,35; 30,39; 30,42 |
| A.T. | Ex | 25,5; 26,14; 29,2; 29,3; 29,15; 29,17; 29,18; 29,19; 29,22; 29,26; 29,27; 29,31; 35,7; 35,23; 36,19; 39,34 | 9,3; 10,9; 10,24; 12,32; 12,38; 20,24; 34,3 | 12,3; 12,4; 12,5; 29,38; 29,39; 29,40; 29,41; 34,20 |
| A.T. | Lv | 5,15; 5,16; 5,18; 5,25; 8,2; 8,18; 8,21; 8,22; 8,29; 9,2; 9,4; 9,18; 9,19; 16,3; 16,5; 19,21; 19,22; 23,18 | 5,6; 5,7; 7,23; 14,10; 22,19; 27,26 | 1,10; 3,7; 4,32; 4,35; 9,3; 12,6; 12,8; 14,10; 14,12; 14,13; 14,21; 14,24; 14,25; 22,23; 22,27; 23,12; 23,18; 23,19; 23,20 |
| A.T. | Nm | 5,8; 6,14; 6,17; 6,19; 7,15; 7,17; 7,21; 7,23; 7,27; 7,29; 7,33; 7,35; 7,39; 7,41; 7,45; 7,47; 7,51; 7,53; 7,57; 7,59; 7,63; 7,65; 7,69; 7,71; 7,75; 7,77; 7,81; 7,83; 7,87; 7,88; 15,6; 15,11; 23,1; 23,2; 23,4; 23,14; 23,29; 23,30; 28,11; 28,12; 28,14; 28,19; 28,20; 28,27; 28,28; 29,2; 29,3; 29,8; 29,9; 29,13; 29,14; 29,17; 29,18; 29,20; 29,21; 29,23; 29,24; 29,26; 29,27; 29,29; 29,30; 29,32; 29,33; 29,36; 29,37 | 6,14; 11,22; 18,17; 22,40; 31,32; 31,36; 31,43 | 6,12; 6,14; 7,15; 7,17; 7,21; 7,23; 7,27; 7,29; 7,33; 7,35; 7,39; 7,41; 7,45; 7,47; 7,51; 7,53; 7,57; 7,59; 7,63; 7,65; 7,69; 7,71; 7,75; 7,77; 7,81; 7,83; 7,87; 7,88; 15,5; 15,11; 28,3; 28,7; 28,8; 28,9; 28,11; 28,13; 28,14; 28,19; 28,21; 28,27; 28,29; 29,2; 29,4; 29,8; 29,10; 29,13; 29,15; 29,17; 29,18; 29,20; 29,21; 29,23; 29,24; 29,26; 29,27; 29,29; 29,30; 29,32; 29,33; 29,36; 29,37 |
| A.T. | Dt | 32,14 | 14,26; 17,1; 18,3; 22,1; 28,4; 28,18; 28,31; 28,51; 32,14 | 14,4; 32,14 |
| A.T. | Js | | 6,21; 7,24 | |
| A.T. | Jz | | 6,4 | |
| A.T. | 1Sm | 15,22 | 14,32; 14,34; 15,3; 15,14; 15,15; 15,21; 16,11; 17,34; 17,35; 22,19; 24,4; 25,2; 27,9 | 7,9; 15,9; 25,18 |
| A.T. | 2Sm | | 7,8; 12,2; 12,3; 12,4; 12,6; 13,23; 13,24; 17,29 | |
| A.T. | 1Rs | | 1,9; 1,19; 1,25; 8,5; 8,63 | |
| A.T. | 2 Rs | 3,4 | 5,26 | 3,4 |
| A.T. | 1Cr | 15,26; 29,21 | 5,21; 17,7; 21,17; 27,31 | 29,21 |

| | | | | |
|-------------------------------|-----|--|--|---|
| A.T. | 2Cr | 13,9; 17,11; 18,2; 29,21; 29,22; 29,32 | 5,6; 7,5; 14,14; 14,16; 15,11; 29,33; 30,24 | 29,21; 29,22; 29,32; 35,7; 35,8; 35,9; 35,11 |
| A.T. | Esd | 6,9; 6,17; 7,17; 8,35; 10,19 | | 6,9; 6,17; 7,17; 8,35 |
| A.T. | Ne | 5,18 | 10,37 | |
| A.T. | Jb | 42,8 | 1,3; 1,16; 31,20; 42,12 | 21,11 |
| A.T. | Sl | 65,15; 113,4; 113,6 | 43,12; 43,23; 77,70; 78,13; 94,7; 99,3; 119,176 | 113,4; 113,6 |
| A.T. | Pr | | | 27,26 |
| A.T. | Sb | | | 19,9 |
| A.T. | Sir | | | 13,17; 46,16 |
| A.T. | Ecl | | 2,7 | |
| A.T. | Ct | | 4,2; 6,6 | |
| A.T. | Is | 34,6; 60,7 | 7,21; 22,13; 40,11; 43,23; 53,6; 53,7 | 1,11; 5,17; 11,6; 16,1; 34,6; 40,11; 53,7; 65,25; 66,3 |
| A.T. | Ez | 27,21; 34,17; 39,18; 45,23; 45,24; 46,6; 46,7 | 25,5; 34,4; 34,5; 34,6; 34,8; 34,10; 34,11; 34,12; 34,15; 34,16; 34,17; 34,19; 34,20; 34,22; 34,31; 45,15; 46,4; 46,5; 46,6; 46,7; 46,11 | 27,21; 39,18; 46,4; 46,7; 46,5; 46,11; 46,13; 46,14; 46,15 |
| A.T. | Dn | 8,3; 8,4; 8,6; 8,7; 8,20 | | |
| A.T. | Jr | 51,40 | 13,20; 23,3; 25,34; 50,6; 50,17; 50,45 | 11,19; 49,20; 51,40 |
| A.T. | Ez | 27,21; 34,17; 39,18; 45,23; 45,24; 46,6; 46,7 | 25,5; 34,4; 34,5; 34,6; 34,8; 34,10; 34,11; 34,12; 34,15; 34,16; 34,17; 34,19; 34,20; 34,22; 34,31; 45,15; 46,4; 46,5; 46,6; 46,7; 46,11 | 27,21; 39,18; 46,4; 46,7; 46,5; 46,11; 46,13; 46,14; 46,15 |
| A.T. | Os | | 5,6 | 4,16 |
| A.T. | Jl | | 1,18 | |
| A.T. | Am | | | 6,4 |
| A.T. | Mq | 6,7 | 2,12; 5,7 | |
| A.T. | Hab | | 3,17 | |
| A.T. | Zc | | 11,7; 11,16; 13,7 | |
| N.T. | Mt | | 7,15; 10,6; 12,11; 12,12; 15,24; 18,12; 25,32; 25,33; 26,31 | |
| N.T. | Mc | | 6,34; 14,27 | |
| N.T. | Lc | | 15,4; 15,6 | 10,3 |
| N.T. | Jo | | 2,14; 2,15; 10,1; 10,2; 10,3; 10,4; 10,7; 10,8; 10,10; 10,11; 10,12; 10,13; 10,14; 10,15; 10,16; 10,26; 10,27; 21,16; 21,17 | 1,29; 1,36; 21,15 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 139 | 135 | 140 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 30 | 4 |
| Total | | 139 | 165 | 144 |

Este quadro número XI agrupa os ovinos que os autores dos livros do A. T. e dos Evangelhos usaram para melhor poderem expressar a sua mensagem doutrinal. A colocação destes animais no quadro acima apresentado foi feita tendo em conta o seu agregado. Em relação a esta família de animais, existirão muitas mais ocorrências do que as contempladas no quadro. Todavia, foram ignoradas, porque o seu nome específico não aparece identificado na Bíblia. Em boa parte dessas alusões há apenas referência a gado miúdo e graúdo.

No âmbito da ementa de degustação que se está a preparar, vão agora apresentar-se mais três animais que aparecem referenciados nos livros sagrados cerca de quatrocentas e cinquenta vezes. De entre eles, o cordeiro é aquele que mais se abona em termos doutriniais, pelo facto de no N.T. simbolizar o próprio Jesus Cristo. Para manter a metodologia usada até aqui, abordaremos cada um deles em separado e, caso se justifique, serão relacionados.

Estes animais lanígeros abundavam na Palestina e nas regiões próximas, antes das épocas bíblicas. Existem indicações que no Irão já se domesticavam por volta do ano 9000 a.C. A Bíblia surge, por certo, como a fonte literária que mais abona quanto à relevância destes animais, visto que, figuras bíblicas como Abel⁵¹, Abraão⁵², Lot⁵³ e Job⁵⁴ os possuíam em enorme número. A qualidade da sua carne seria uma das razões que levou estes animais a serem tão procurados para a alimentação ao longo dos tempos e a terem chegado às sociedades modernas com um valor gastronómico tão acentuado. Mas, na antiguidade, a sua importância residia, especialmente, no facto de serem bons fornecedores de lã, e de leite⁵⁵, bens essenciais do quotidiano e da economia de então. Não admira, pois, que os autores dos livros sagrados lhes tivessem dado tanto relevo. Os machos sem defeito formavam o grupo de animais desta espécie, mais apreciados pelos judeus, para sacrificarem em holocaustos e outros sacrifícios.

⁵¹ Gn4,2.

⁵² Gn13,2.

⁵³ Gn13,5.

⁵⁴ Jb1,3.

⁵⁵ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.300.

1.7.2.1 – O carneiro⁵⁶

A carne de carneiro era mais consumida nos sacrifícios cruentos do que na cozinha, como se comprova pela quantidade de vezes que aparece com essa finalidade nos livros do *Êxodo*, do *Levítico* e dos *Números*. A carne dura e fibrosa do carneiro não seria do agrado das pessoas para cozinhar e, ao mesmo tempo, poucos machos chegavam à idade adulta. Pelo facto de as pessoas não necessitarem deles nestas condições, estes animais eram comidos enquanto borregos. Contudo, na actualidade, em muitos países, cristãos e muçulmanos, a carne de carneiro tem um lugar de destaque, sendo uma belíssima alternativa no quotidiano alimentar.

No mundo antigo, como vem narrado nos textos bíblicos, a sua pele tinha muita procura e era muito apreciada, fazendo parte, desde logo, da lista das ofertas que o Senhor havia pedido a Moisés, para colocar no santuário. Dessas peles tingidas de vermelho executavam-se as coberturas das tendas das reuniões sagradas⁵⁷.

Nos Evangelhos, não existem quaisquer alusões a este animal nem à sua carne. Esta realidade leva-nos a pensar na ruptura entre a nova doutrina, que soprava na época dos Evangelhos e a doutrina judaica. Evidencia-se nela a rejeição de uma conduta, porque tinha surgido um outro modelo, protagonizado por Jesus. Do mesmo modo, não precisavam de animais para sacrificar, pois a maneira de chegar a Deus fazia-se através do *Emanuel – Deus conosco*. Esta forma de abordar a questão sustenta-se no facto de o Emanuel ter sido a antítese de Adão. Adão a figura do paraíso pecador, simbolizado no carneiro, Jesus a figura do novo paraíso, simbolizado no cordeiro⁵⁸. Por outro lado, esta ausência de citações relativas ao carneiro, bem como aos outros machos que conservavam na sua virilidade, a simbolizando o poder e da autoridade, poderá estar fundamentada, no facto de o cristianismo se ter baseado na maternidade, na figura feminina nos valores da igualdade, e da entreatura e cooperação como pilares da harmonia entre os homens. Esta valorização contraria o modelo judaico, baseado no culto da hierarquia, do masculino, do domínio do mais forte, dos líderes, como são o touro e o carneiro entre os grupos da sua espécie.

1.7.2.2 – A ovelha⁵⁹

A ovelha constitui um dos animais com maior peso simbólico na grande maioria dos textos bíblicos, sobretudo nos Evangelhos. Esta centralidade provinha da sua meiga condição de mãe do cordeiro, porque produzia leite e amamentava os seus filhos, porque era fiel ao pastor e ao rebanho.

⁵⁶ Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.17-18.

⁵⁷ Ex26,14 «Farás para a tenda uma cobertura de peles de carneiro...»

⁵⁸ Jean Daniélou, *ob. cit.*, pp.7-8; Cf., o que foi dito sobre o touro na nota 438. Veja-se ainda Mt19,14: “deixai vir a mim as criancinhas”: a nova religião valoriza tudo o que representa a inocência e a paz.

⁵⁹ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.22; Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.300.

Assume maior carga simbólica nos Evangelhos do que no A.T., por ser mencionada diversas vezes como o exemplo da docilidade e dos mais fracos. Assim, ao comparar a humanidade a um rebanho de ovelhas, Jesus pretendia sensibilizar os homens para a partilha e comunhão uns para com os outros e para com Ele⁶⁰. Por outro lado, apresentava um modelo de comunidade mais equilibrado, integrando a figura da mulher, rejeitando o protagonismo absoluto que o homem tinha no judaísmo.

Veja-se como David, filho de Jessé, precursor de Jesus, antes de ser ungido rei, por Samuel, andava a apascentar um rebanho de ovelhas. Essa cerimónia de unção decorreu à mesa, enquanto se servia uma refeição, mas não se sabe o tipo de alimento que estava a ser consumido. Sabemos, porém, que essa refeição não começou a ser servida sem que primeiro David estivesse sentado no meio dos seus irmãos⁶¹.

Na verdade, a ovelha, apesar de animal recomendado para a alimentação pelas leis judaicas, não surge muito cotado como alimento de ir à mesa, antes assume o papel de animal exemplar para certos sacrifícios, tal como apontam os livros do *Pentateuco*⁶². Para este fim, também no reinado de Salomão, se sacrificaram inúmeras ovelhas. Tantas teriam sido que o autor sagrado informa que *não se podiam contar*. Este episódio aconteceu quando esse rei trasladou a Arca da Aliança para o Templo⁶³. No final desse capítulo, o autor rematava com os números precisos das vítimas imoladas no sacrifício de comunhão e, apesar de não as identificar, parece não haver dúvidas de que seriam bois e ovelhas.⁶⁴

Mesmo assim, alguns textos dão conta do seu papel na alimentação, como é o caso narrado no livro dos *Juízes*, quando os madianitas, povo nómada da época, vieram atacar Israel e deixaram os seus homens sem subsistência, porque lhes levaram as ovelhas e os outros animais⁶⁵. Mais tarde, no reinado de Saul, o povo esfomeado degolou as ovelhas e comeu-as com o seu sangue, praticando uma enorme abominação.⁶⁶

Nos Evangelhos, as alusões feitas à ovelha são exclusivamente simbólicas. Estes animais, em alguns casos, representavam os gentios, as pessoas que andam afastadas de Deus⁶⁷, noutros casos, os mais fracos e pobres.⁶⁸ Mas, para confirmar o enorme significado que este animal tinha nos Evangelhos, S. Mateus, ao anunciar o juízo final, colocou os cabritos, os maus, à esquerda de

⁶⁰ Jo21,16 «apascenta as minhas ovelhas.»

⁶¹ 1Sm16,10-13 «Resta ainda o mais novo, que anda a apascentar as ovelhas.»

⁶² Ex20,24 «Farás para mim um altar de terra e oferecerás sobre eles os teus holocaustos, os teus sacrifícios de comunhão, as tuas ovelhas e os teus bois.»

⁶³ 1Rs8,5 «O rei Salomão e toda a assembleia de Israel reunida junto dele caminhavam à frente da Arca e iam sacrificando tão grande quantidade de ovelhas e bois que não se podiam contar nem numerar.»; Ver 2Cr5,6.

⁶⁴ 1Rs8,63 «Salomão ofereceu em sacrifício de comunhão vinte e duas mil cabeças de gado graúdo e cento e vinte mil de gado miúdo.»; Ver 2Cr7,5.

⁶⁵ Jz6,4 «... não deixando subsistência alguma para Israel, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos.»

⁶⁶ 1Sm14,32-34.

⁶⁷ Lc15,4-6 «Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.»

⁶⁸ Mt18,10 «Livrai-vos de desprezar um só destes pequeninos...»

Deus e as ovelhas, os bons, à Sua direita.⁶⁹ Jesus, ao apresentar-se como o bom pastor, fá-lo referindo-se sempre às ovelhas, porque como dizia, numa simbólica de docilidade, elas escutavam a sua voz⁷⁰.

Pelo grande número de ocorrências que a ovelha obteve, proporcionalmente, nos Evangelhos constata-se a mesma ruptura com a linguagem dos rituais antigos, destacando-se a valorização dada aos mais fracos.

1.7.2.3 – O cordeiro⁷¹

O cordeiro evoca o messianismo, remetendo logo para a festa da Páscoa. Esta festa foi sempre simbolizada por alimentos que, em toda a história do povo de Deus, se descreveram como os mais puros e nobres, próprios das mesas de festa.

A Páscoa judaica celebrava-se à volta de animais jovens, porque eles representavam a pureza e a candura. O cordeiro representava a vítima inocente que, sobre a mesa, se dava em alimento. Para os cristãos, o espírito da Páscoa imbuía-se dessa relação íntima que se travava entre Deus, que em Jesus Cristo se apresenta como o cordeiro imolado, e os homens que d'Ele se alimentavam.

O cordeiro assumiu o maior protagonismo na história do povo de Deus, especialmente a partir de João Baptista, quando este disse para Jesus: *Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*⁷². Deste modo, todo o peso simbólico que este animal adquiriu na sagrada escritura aí se resumia.

Esta relação forte travada entre Deus e o homem já vem projectada em Moisés, quando ele saiu com o seu povo do Egipto. Avisou então os israelitas que tomassem um cabrito ou um cordeiro sem defeito para poderem celebrar aquela que havia de ser a sua primeira grande Páscoa, pois marcava a passagem da escravidão do Egipto à liberdade.

No meio da azáfama da saída, Moisés aconselhou que cada família levasse um cordeiro. Mas, se a família fosse pouco numerosa, o animal comer-se-ia juntamente com os vizinhos. Estava nesta ordem intrínseca uma grande lição de solidariedade para com os filhos de Israel. Nestas palavras de Moisés, percebe-se bem a acção social que a mesa exerce sobre uma comunidade, pois ela, para além do alimento, reforça laços, edifica amizades, reforça a vida dos que nela se sentam e desenvolve a intimidade⁷³.

⁶⁹ Mt25,33 «à sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos»

⁷⁰ Jo10,1-27 «As minhas ovelhas escutam a minha voz...»; ver Sl119,176; Ez34,4-31.

⁷¹ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.6; Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, p.300.

⁷² Jo1,29.

⁷³ Mary Douglas, *Deciphering a meal*, pp.61-66.

O escrupuloso cuidado com que os judeus cumpriam os seus preceitos retratava-se nos pormenores que acompanham a escolha dos animais para as oblações e sacrifícios. Por exemplo, os cordeiros deveriam ser machos e sem defeito, porque o que se oferecia a Deus tinha de possuir o máximo de perfeição⁷⁴. Assim era para Deus e para os homens. Efectivamente, nem todas as carnes serviam ao povo judeu, mas o cordeiro era uma das preferidas.

Segundo o livro dos *Números*, a maioria dos sacrifícios recaía sobre o cordeiro. Para além da Páscoa, ele imolava-se nos sacrifícios diários, fazia parte das oferendas na celebração do Sábado, nos ritos mensais, no Pentecostes, nas festas de aclamação, de expiação e das tendas.⁷⁵

Pelo reduzido número de ocorrências, apenas quatro, que o cordeiro obteve nos Evangelhos, elas evocam apenas o metafórico. De facto, pelo número de ocorrências (oitocentas e onze) que Jesus obteve nos Evangelhos, estaremos, deste modo, diante do verdadeiro cordeiro. Jesus, ao assumir essa condição estava a colocar-se ao nível dos mais simples e a dar novo significado ao passado.

⁷⁴ Ex12,5 «...será um cordeiro sem defeito, macho e com um ano de idade; podereis escolher um cordeiro...»; ver Lv1,10.

⁷⁵ Nm28-29; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.878-881.

1.7.3 – Os caprinos

Quadro XII

| Localização | | | | |
|------------------------|--------|---|--|---|
| A.T. | Livros | Bode | Cabra | Cabrito |
| N.T. | | | | |
| A.T. | Gn | 30,35; 32,14 | 15,9; 30,32; 30,33; 30,35; 31,38; 32,15 | 27,9; 27,14; 27,16; 37,31; 38,17; 38,20; 38,23 |
| A.T. | Ex | | 25,4; 26,7; 35,6; 35,23; 35,26; 36,14 | 12,5; 23,19; 34,26 |
| A.T. | Lv | 4,23; 4,24; 9,3; 9,15; 10,16; 16,5; 16,7; 16,8; 16,9; 16,10; 16,15; 16,18; 16,20; 16,21; 16,22; 16,26; 16,27; 23,19 | 3,12; 4,28; 5,6; 5,7; 7,23; 17,3; 22,19 | 22,27 |
| A.T. | Nm | 7,16; 7,17; 7,22; 7,23; 7,28; 7,29; 7,34; 7,35; 7,40; 7,41; 7,46; 7,47; 7,52; 7,53; 7,58; 7,59; 7,64; 7,65; 7,70; 7,71; 7,76; 7,77; 7,82; 7,83; 7,87; 7,88; 15,24; 28,15; 28,22; 28,30; 29,5; 29,11; 29,16; 29,19; 29,22; 29,25; 29,28; 29,31; 29,34; 29,38 | 15,27; 18,17; 31,20 | 15,11 |
| A.T. | Dt | | 14,4 | 14,21; 32,14 |
| A.T. | Jz | | | 6,19; 13,15; 13,19; 14,6; 15,1 |
| A.T. | 1Sm | | 19,13; 19,16; 25,2 | 10,3; 16,20; 24,3 |
| A.T. | 1Rs | | 20,27 | |
| A.T. | 2Cr | 11,15; 17,11; 29,21; 29,23 | | 35,7 |
| A.T. | Esd | 6,17; 8,35 | | |
| A.T. | Sl | | 103,18 | 49,9; 49,13; 65,15 |
| A.T. | Pr | 27,26; 30,31 | 27,27 | |
| A.T. | Ct | | 4,1; 6,5 | 1,8 |
| A.T. | Is | 1,11; 34,6 | | 5,17; 11,6 |
| A.T. | Ez | 27,21; 34,17; 43,22; 43,25; 45,23 | | |
| A.T. | Dn | 8,5; 8,7; 8,8; 8,21 | | |
| A.T. | Jr | | | 50,8; 51,40 |
| A.T. | Ez | | | 39,18 |
| A.T. | Zc | 10,3 | | |
| N.T. | Mt | | | 25,32; 25,33 |
| N.T. | Lc | | | 15,29 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 80 | 31 | 31 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 0 | 3 |
| Total | | 80 | 31 | 34 |

Este quadro reúne os animais de raça caprina que aparecem mencionados no A. T. e nos Evangelhos. O enquadramento foi feito segundo as tipologias mais comuns evocadas, isto é, por género e por desenvolvimento.

Pelas razões que irão ser apontadas, os Evangelhos não lhe prestaram qualquer atenção gastronómica ou doutrinal, enquanto o A.T. se debruçou sobre eles com algum desdém.

Tornaram-se animais domesticáveis a partir do início do período Neolítico, tendo sido importantes ao longo dos tempos pelo seu leite, sua carne e seu pêlo. Os primeiros caprinos terão chegado à Grécia por volta de 6000 a.C., mas a confecção do queijo a partir do leite só se verificou por volta de 3000 a.C.⁷⁶. Quanto ao valor alimentar, a carne desses animais não teria sido muito apreciada nas mesas judaicas, à excepção do cabrito, que aparece algumas vezes como manjar alternativo. O cabrito, como filho destes animais pouco amados, não obteve a mesma importância sobre a mesa, como outros gados jovens do seu tempo, nomeadamente o cordeiro. Mas, mesmo assim, quando era de tenra idade, acolheu alguma simpatia por parte dos comensais. Isto acontecia no passado tal como se passa actualmente nas mesas onde se come cabrito, seja assado ao fogo, seja guisado, ou grelhado.

Nessa altura, o povo judeu oferecia a Javé os cabritos e outros animais de tenra idade como parte das primícias alimentares de que fala a Sagrada Escritura⁷⁷. Por ser carne de um animal que representava a pureza, era bastante apreciada, principalmente, na cozinha judaica. Actualmente, a carne de cabrito ocupa um lugar de destaque nos cardápios dos melhores restaurantes de todo o mundo e, em casa, favorece requintadas e copiosas refeições de dias festivos.

1.7.3.1 – O bode

O bode, pelo que foi dito atrás, não fazia parte dos animais eleitos nas mesas do povo judeu. Contudo, em muitas situações da vida, consideravam-no indispensável, principalmente, para o imolar em sacrifícios pelos pecados. Como os animais mais velhos se conotavam bastante com as faltas graves, certas vezes, o povo entregava bodes novos para serem sacrificados. Esta experiência sacrificial tinha como objectivo transmitir maior e melhor pureza no odor que chegava a Javé. Nos grandes dias da expiação, o povo oferecia dois bodes, sendo um para o Senhor e o outro para *Azazel*⁷⁸. O bode, pela sua estrutura física e pelo seu carácter teimoso, indomável, representava as forças do mal, em linguagem moderna, o demónio.

⁷⁶ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.160.

⁷⁷ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.717.

⁷⁸ *Bíblia Sagrada*, p., 187, notas, «A esta palavra, que ocorre exclusivamente no (Lv16), foram dadas diversas interpretações. As versões antigas nem sempre a consideraram como nome próprio. Modernamente, os estudos dos textos das religiões vizinhas (hitita, babilónica-assíria) levam-nos a ver em Azazel o nome próprio de um demónio que a crença popular julgava habitar no deserto e ao qual era oferecido um bode. Para Israel, como acontecia noutros povos,

Não se sabe bem qual a razão, mas o livro dos *Provérbios* destaca este animal como elemento de fortuna, ao anunciar que as pessoas que os possuíssem em quantidade eram consideradas abastadas, podendo, inclusivamente, comprar terrenos com o dinheiro que revertia da sua venda⁷⁹.

Muito embora representasse esse valor material, não impedia que fosse visto com uma forte carga negativa por parte dos judeus, na medida em que este povo comparava ao bode os inimigos da sua nação⁸⁰.

1.7.3.2 – A cabra

A qualidade da carne de cabra considerar-se-ia, pelos povos antigos, similar à do bode, para ser levada à mesa. Ainda assim, como animal que paria cabritos e dava leite, sentia-se por ela alguma simpatia, a ponto de poder ser levada ao sacerdote, à tenda da reunião, para ser imolada em sacrifício de comunhão⁸¹. Não sendo a cabra um animal rico em termos alimentares, a pele constituía o seu grande atributo. Dada a sua importância, uma boa parte das referências bíblicas centra-se no destino a dar ao seu pêlo⁸², já que a carne deste animal não era servida como refeição. Então, o seu pêlo brilhantava, pelos belos tapetes fiados, a sala em que a mesa se instalava.

1.7.3.3 – O cabrito

A bíblia é uma das raras fontes quanto à importância do cabrito no mundo antigo. Cabrito gordo foi o prato suculento preparado por Rebeca, mulher de Isaac, para o seu filho Jacob servir ao pai deste, que estava cego e à beira da morte. Isaac pediu um prato guisado, bastante nutritivo e que reparasse as suas forças. Este seu pedido veio trazer, mais uma vez, ao cerne da linguagem bíblica, a dimensão extraordinária dos actos de cozinhar e comer, pelo sentido de intimidade que revelam e a criatividade que manifestam. Ele tinha solicitado ao seu filho primogénito, Esaú, que lhe cozinhasse uma peça de carne que tivesse caçado. Enquanto este se deslocou ao campo a procurar caça para confeccionar o guisado suculento que lhe fora pedido, o seu irmão Jacob, disfarçado de Esaú, serviu o pai com uma refeição que a mãe preparara.

A grande intimidade que havia entre Esaú e Isaac revelou-se quando este pediu ao filho que cozinhasse para ele. Igual relação afectiva não existia com Jacob, uma vez que não foi ele que

este tornou-se o portador dos pecados do povo ou “*bode expiatório*”. Com a sua morte, os pecados ficam simbolicamente eliminados»; ver Lv16,20-26.

⁷⁹ Pr27,26 «...ainda tens os cordeiros para te vestir e os bodes para comprares um campo...»

⁸⁰ Dn8,5-21; Zc10,3.

⁸¹ Lv3,12.

⁸² Ex26,7; 35,6-26; 36,14; 1Sm19,13-16.

cozinhou para seu pai, mas a mãe. Poderá estar implícito, neste episódio, o papel silencioso, quase despercebido, mas muito decisivo, da mãe de Jesus nas bodas de Caná. Tanto num caso como noutro, a intervenção da mãe provoca o desfecho final. No primeiro, a bênção de Jacob, no segundo a entrada de Jesus na vida pública. Rebeca foi a responsável por Jacob suceder a Isaac e Maria foi quem intercedeu perante o Seu Filho no sentido de Ele reconhecer a situação dos convivas e de transformar a sua carência em alegria.

Quanto ao acto de comer, o objectivo foi alcançado plenamente. Isaac, após tomar das mãos de Jacob um cabrito gordo como refeição, abençoou-o e tornou-o senhor de muitas coisas. Esaú viu-se amaldiçoado pelo pai, porque não o alimentou a tempo⁸³.

Um outro caminho percorrido pelos cabritos de um ano e sem defeito era o da Páscoa judaica. Umaz vezes seguiam sozinhos o caminho da imolação, outras iam em companhia dos cordeiros⁸⁴.

Ao analisar atentamente os animais que compõem o quadro XII, verifica-se que o bode e a cabra não tiveram qualquer referência nos Evangelhos, o que nos leva a supor que esta posição se prendeu com a radicalidade do corte com o passado, especialmente com o judaísmo, com o qual estavam conotados. Os cabritos foram referenciados três vezes, sempre com o mesmo peso negativo. A imagem do cabrito transportou para os Evangelhos a ideia do suplício eterno, porque representava a lei judaica, a lei dos mais fortes. Os Evangelhos tiveram como missão afastar os que se identificavam com esta linha, por isso, colocaram as ovelhas do lado direito do *Rei* e os cabritos do lado esquerdo. A direita representava os *benditos do Pai* e a esquerda os malditos, que serão *queimados pelo fogo eterno*⁸⁵. Na prossecução deste pensamento, julgamos que fica bem vincada, nos Evangelhos, a oposição entre o bem e o mal, representados respectivamente pela ovelha ou cordeiro (a direita) e pelo cabrito (a esquerda).

⁸³ Gn27,1ss.

⁸⁴ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.441-460; Félix Garcia López, *ob. cit.*, p.164 «En su origen, la pascua era una fiesta típica de las culturas nómadas y seminómadas, en especial de las tribus dedicadas al pastoreo. El ritual de la pascua, tal como se refleja en Ex12, conserva bastantes rasgos de la cultura y de las celebraciones pastoriles. La pascua se festejaba en familia, a la caída de la tarde, despues de haber recogido el ganado. La ley mandaba degollar una res del ganado, cordero o cabrito, de un año, sin mancha ni defecto, y asarla al fuego.»; Ex12,5-8.

⁸⁵ Mt25,31-46.

1.8 – Os animais selvagens

Quadro XIII

| Localização | | | | | | | | |
|-------------|--------|-----------------|------------|-----------------------|--|--------|--|---------------------------------|
| A.T. | Livros | Búfalo | Corça | Gamo | Gazela | Javali | Leão | Veado |
| N.T. | | | | | | | | |
| A.T. | Gn | | 49,21 | | | | 49,9 | |
| A.T. | Ex | | | | | | | |
| A.T. | Lv | | | | | | | |
| A.T. | Nm | 23,22; 24,8 | | | | | 23,24; 24,9 | |
| A.T. | Dt | 14,5; 33,17 | 14,5 | 14,5 | 15,22 | | | 12,15; 12,22; 14,4; 15,22 |
| A.T. | Jz | | | | | | 14,5; 14,6; 14,8; 14,9; 14,18 | |
| A.T. | 1Sm | | | | | | 17,34; 17,36; 17,37 | |
| A.T. | 2Sm | | | | 2,18; 22,34 | | 1,23; 17,10; 23,20 | |
| A.T. | 1Rs | | | 5,3 | 5,3 | | 7,29; 7,36; 10,19; 13,24; 13,25; 13,26; 13,28; 20,36 | 5,3 |
| A.T. | 2Rs | | | | | | 17,25; 17,26 | |
| A.T. | 1Cr | | | | 12,9 | | 11,22; 12,8 | |
| A.T. | 2Cr | | | | | | 9,18; 9,19 | |
| A.T. | Esd | | | | | | | |
| A.T. | Ne | | | | | | | |
| A.T. | Jdt | | | | | | | |
| A.T. | 1Mac | | | | | | 2,60; 3,4 | |
| A.T. | 2Mac | | | | | | 11,11 | |
| A.T. | Jb | | 39,1 | | 39,1 | | 4,10; 10,16 | |
| A.T. | Sl | 21,22; 91,11 | 21,1; 41,2 | | | 79,14 | 7,3; 16,12; 21,14; 21,22; 90,13; 34,17; 56,5; 57,7 | 17,34 |
| A.T. | Pr | | 5,19 | | 5,19; 6,5 | | 19,12; 20,2; 22,13; 26,13; 28,15; 30,30 | |
| A.T. | Ecl | | | | | | 9,4 | |
| A.T. | Ct | | 2,7; 3,5 | 2,9; 2,17; 8,14 | 2,7; 2,9; 2,17; 3,5; 4,5; 7,4; 8,14 | | 4,8 | |
| A.T. | Sb | | | | | | 11,17 | |
| A.T. | Is | 34,7 | | | 13,14 | | 5,29; 11,6; 11,7; 15,9; 30,6; 31,4; 35,9; 38,13; 65,25; | |
| A.T. | Jr | | | | 14,5 | | 2,30; 4,7; 5,6; 12,8; 25,38; 49,19; 50,44; 2,15; 50,17; 51,38 | |
| A.T. | Lm | | | | | | 3,10 | |
| A.T. | Ez | | | | | | 1,10; 19,3; 19,5; 19,6; 22,25; 32,2; 41,19; 19,2; 38,13 | |
| A.T. | Dn | | | | | | 6,8; 6,13; 6,17; 6,20; 6,21; 6,23; 6,25; 6,28; 7,4; 14,30; 14,31 | |
| A.T. | Os | | | | | | 5,14; 11,10; 13,7 | |

| | | | | | | | | |
|------------------------|-----|---|------|---|----|---|----------------------|---|
| A.T. | Jl | | | | | | 1,6 | |
| A.T. | Am | | | | | | 3,4; 3,8; 3,12; 5,19 | |
| A.T. | Mq | | | | | | 5,7 | |
| A.T. | Na | | | | | | 2,12; 2,13 | |
| A.T. | Hab | | 3,19 | | | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 7 | 9 | 5 | 16 | 1 | 101 | 6 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | | 7 | 9 | 5 | 16 | 1 | 101 | 6 |

Até ao momento, foram objecto da nossa análise os animais de criação doméstica, aqueles que, por força do trabalho, nascem, crescem e morrem, quer para alimento humano, quer para alimento de Javé. Esses foram os animais apreciados para os holocaustos e outros sacrifícios, uma vez que o povo eleito só oferecia a Deus o fruto do seu trabalho que também era alimento que ia à sua mesa. Pelo contrário, este quadro junta, por ordem alfabética, os animais selvagens apresentados no A.T. pelos autores dos Livros Sagrados que poderiam ser servidos à mesa, mas não se usavam nos sacrifícios¹.

Como se pode verificar, os Evangelhos não fazem qualquer referência a esses animais. No mundo actual, eles vivem exclusivamente nos bosques e florestas, mas, nos tempos antigos, tinham, pela sua abundância, o seu habitat mais próximo do homem. Não nos admiremos porque, outrora, as populações viviam mais ligadas à natureza e em maior vizinhança do que nos dias de hoje. Após a fusão dos glaciares (8000 a.C) e a consequente mudança de clima (temperado húmido), desenvolveram-se progressivamente os bosques. Neles instalou-se uma fauna característica: veados, javalis, cabrito-montês, pequenos carnívoros de pelagem.²

Esta mudança ofereceu ao homem antigo a possibilidade da caça mais abundante e variada de espécies selvagens. Essa situação de mudança permitiu ao homem antigo escolher com mais rigor os animais que poderiam fazer parte da sua alimentação. O livro do *Deuterónimo*³ nomeia alguns desses animais considerados puros, isto é, adequados para a alimentação humana. O estado de pureza por parte dos animais tornava-se essencial para que o povo judeu os colocasse nas suas ementas. Desses animais, contavam-se o veado, a corça e o gamo.

Este grupo, apesar de não fazer parte dos animais que forneciam carne para os sacrifícios, pelo número de ocorrências, formou um grupo de distinto valor simbólico em relação aos animais domésticos congéneres.

¹ Mary Douglas, *Pureza e Perigo*, p.71 «Os bovinos são literalmente domesticados como os escravos. Para que disfrutem da bênção, urge integrá-los na ordem social. A diferença entre o gado e os animais selvagens é que estes não têm nenhuma aliança que os proteja. É possível que os israelitas, como outros povos pastores, não apreciassem a caça. Os Nuer do Sudão meridional desprezam aqueles que dela vivem.»

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.35.

³ Dt15,5 «Estes são os animais que podeis comer: (...) o veado, a corça, o gamo...»

Se tivermos em atenção o quadro XIII, poder-se-ão escolher os animais cujas carnes poderão fazer parte da ementa de degustação que se está a servir. O primeiro a ser escolhido será o búfalo⁴. Como rês de grande resistência, aparece na Bíblia ligado ao poder da força física. Todas as citações encontradas vão nesse sentido. Na verdade, esse seu vigor, que vem expresso nos textos sagrados, deverá ser equivalente à força espiritual que levará o ser humano à graça divina.

Por outro lado, pela sua beleza e sentido de liberdade, e pelas bonitas crias geradas, as corças serviram de comparação à tribo de *Neftali*. Não admira a relação citada pelo autor sagrado, uma vez que esta tribo, depois de formada, se instalou numa zona de bosques, na região do Líbano⁵. Job, por seu lado, reforça o sentido de autonomia que as corças inspiram nos seres humanos, e por isso exalta o modelo de simplicidade que este animal traduz. A suprema liberdade inspirada por este animal do bosque, no A.T., evocava ressonâncias messiânicas. Assim, a alegoria do veado sedento que anseia pelas águas correntes tornou-se uma poderosa expressão da ânsia do homem pela fonte inesgotável do Senhor. Conforme nos revela o Sl21, o homem pode deambular incerto nos prados da vida, mas saciado pela água viva, que é Deus, poderá ter esperança de encontrar a beleza da sua existência. O baptismo, a vida mística e a morte revêem a sua essência na água, que é a prefiguração do segundo paraíso que virá após a renovação pelas águas, na plenitude da existência⁶.

O veado e o gamo foram mencionados praticamente nos mesmos livros que a corça, tomando significados semelhantes⁷.

O javali apresentou-se somente no livro dos *Salmos*, com o propósito de dar a imagem de destruição. De facto, este animal, pela sua compleição e aspecto físico e pelo seu instinto destruidor, personificava as forças do mal e o caos dos campos.

Ao leão, por outro lado, conferia-se a força e o poder, características realçadas por Jacob à tribo de Judá. Este vulto bíblico, ao abençoar todas as tribos de Israel, teve um gesto de particular significado e carinho para com a de Judá, ao compará-la a um *leãozinho*.⁸ Sabe-se que foi a partir desta tribo que se constituiu a linhagem de David, da qual havia de nascer Jesus. Este animal representava a realeza de Deus sobre os homens e sobre o mundo que ele habitava. Também vários leões de bronze foram colocados na estrutura do palácio de Salomão, sobretudo em redor do seu trono de marfim, como símbolo do seu poder e da sua magnificência⁹.

Além disso, alimentado por intermédio da mesa divina, o homem ficava mais forte do que um leão, com capacidade de enfrentar qualquer contrariedade¹⁰. Este simbolismo foi objecto de

⁴ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.347.

⁵ *Bíblia sagrada*, p.96, nota, «*Neftali* estabeleceu-se nos bosques, junto do Líbano.»; ver Dt33,23; Js19,32-39; Jz5,18.

⁶ Jean Daniélou, *ob. cit.*, p.16.

⁷ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.114.

⁸ Gn49,9-21.

⁹ 1Rs7,29-36; 10,19.

¹⁰ Jz14,5-18; 1Sm17,34-37; Sl90,13 «Poderás caminhar sobre serpentes e víboras, calcar aos pés leões e dragões.»

profundos estudos pelos autores dos *bestiários medievalistas*¹¹. Este animal aparece nesses estudos, não tanto como um alimento, mas como um alimentado. A fundamentação desta realidade assenta na imagem deste a lambar as crias ao nascer.

O realce dado à sua língua prende-se com facto de este órgão ser indispensável ao acto de comer, mas, principalmente, para dar relevo à Voz e à Palavra, símbolos da autoridade. Outra imagem importante surge do quadro em que o leão insufla ar na sua cria, de modo a que ela ressurja na vida. Isto, porque, conforme se acreditava, após o nascimento, as crias das leoas permanecem três dias inanimadas. Então, o progenitor assume a responsabilidade de as reavivar. O sopro vital, do qual Deus se serviu para criar o homem, pode ser visto nesse gesto do leão. Como a vida só se torna possível por acção directa do pai, podemos ver nesta figuração a vitória da vida sobre a morte, identificada na ressurreição¹².

Constatamos que, dos animais que fazem parte do quadro XIII nenhum deles foi citado nos Evangelhos. Esta omissão não é casual, e insere-se dentro da renovação e ruptura que os evangelistas quiseram impor ao passado judaico, o qual valorizava o alimento concreto, em comparação com o N.T. que reforçava o seu valor simbólico. A acção narrativa dos Evangelhos é também de contexto mais urbano e humanizado, o que explica, naturalmente, a ausência da referência aos animais selvagens.

¹¹ Segundo a autora, Angélica Varandas, “A Idade Média e o Bestiário” *Medievalista on-line*, ano 2, nº2, 2006; o mais importante Bestiário é o de Cambridge, datado do século XII, preservado na Biblioteca de Cambridge.

¹² Júlia Butiña Jiménez e Ricardo da Costa, *Aristocracia e Nobreza no Mundo Antigo e Medieval*, Mirabilia 9, 2009; Maurice Cocagnac, *Les Symboles Bibliques, Lexique théologique*, pp. 193-199.

1.9 – As aves

Quadro XIV

| Localização | | | | | | | |
|------------------------|--------|---|--------------|-------------------------------------|---------|--------|---|
| A.T. | Livros | Pomba (0) | Codorniz | Galo | Galinha | Perdiz | Rola |
| A.T. | Gn | 8,8; 8,9; 8,10; 8,12; 15,9 | | | | | 15,9 |
| A.T. | Ex | | 16,13 | | | | |
| A.T. | Lv | 1,14; 5,7; 5,11; 12,6; 12,8; 14,22; 14,30; 15,14; 15,29 | | | | | 1,14; 5,7; 5,11; 12,6; 12,8; 14,22; 14,30; 15,14; 15,29 |
| A.T. | Nm | 6,10 | 11,31; 11,32 | | | | 6,10 |
| A.T. | Dt | | | | | | |
| A.T. | 1Sm | | | | | 26,20 | |
| A.T. | Jb | | | 38,36 | | | |
| A.T. | Sl | 54,7; 55,1; 67,14 | 104,40 | | | | |
| A.T. | Pr | | | 30,31 | | | |
| A.T. | Ct | 1,15; 2,14; 4,1; 5,12; 6,9 | | | | | 2,12 |
| A.T. | Sb | | 16,2; 19,12 | | | | |
| A.T. | Is | 38,14; 59,11; 60,8 | | | | | |
| A.T. | Jr | 48,28 | | | | 17,11 | 8,7 |
| A.T. | Ez | 7,16 | | | | | |
| A.T. | Os | 7,11; 11,11 | | | | | |
| A.T. | Na | 2,8 | | | | | |
| N.T. | Mt | 3,16; 10,16; 21,12 | | 26,34; 26,74; 26,75 | 23,37 | | |
| N.T. | Mc | 1,10; 11,15 | | 13,35; 14,30; 14,68; 14,72 | | | |
| N.T. | Lc | 2,24; 3,22 | | 22,34; 22,60; 22,61 | 13,34 | | 2,24 |
| N.T. | Jo | 1,32; 2,14; 2,16 | | 13,38; 18,27 | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 31 | 6 | 2 | 0 | 2 | 13 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 10 | 0 | 12 | 2 | 0 | 1 |
| Total | | 41 | 6 | 14 | 2 | 2 | 14 |

Este quadro XIV reúne um conjunto de aves que são mencionadas na Bíblia como predilectas e puras. Pela importância simbólica que desfruta nos livros sagrados, a pomba viu-se colocada na primeira coluna do quadro. As restantes aves foram ordenadas segundo o critério da

ordem alfabética. Atendendo à escassez de referências bíblicas e à falta de relevo no actual mundo alimentar, nem todas foram contempladas nesta abordagem.

Até aqui analisaram-se os alimentos que se encontram ligados à terra e à água dos mares ou dos rios. Neste quadro abordar-se-ão os ligados ao ar. As aves apresentam, como as criaturas marinhas, a capacidade de habitarem e percorrerem ambientes inacessíveis e em grande parte desconhecidos do homem (neste caso, o ar) pelo que desde tempos ancestrais adquiriram o simbolismo de seres misteriosos e mágicos, mediadores entre os homens e os deuses.

Inspirados pela cena das codornizes que caíram em abundância no deserto de Sin¹ e que saciaram a fome à comunidade dos filhos de Israel, quando caminhava rumo à *Terra Prometida*, vamos preparar as aves que constam neste quadro, como iguaria superior, no nosso *menu* de degustação.

1.9.1 – A (o) pomba (o)²

A pomba terá sido provavelmente uma das primeiras aves domesticadas na época faraónica, e fazia parte da alimentação e, por vezes, dos sacrifícios. Além do valor alimentar que continha, esta adquiriu na Bíblia um profundo sentido simbólico. Após o dilúvio, foi ela a escolhida para voltar a trazer a esperança à humanidade. Nesse âmbito, constituiu-se em mensageira da esperança. A folha de oliveira, que transportou até à arca de Nóe, provou que Deus voltava a confiar no ser humano. A leitura a extrair deste episódio narrado no primeiro livro da Bíblia manifesta um Deus, que ao mesmo tempo que castiga, acolhe os homens com toda a sua misericórdia. A pomba, referida nesse livro, simbolizava a vida e a esperança, a passagem do mundo velho da iniquidade para o mundo novo da justiça³. Já aí, ela prefigurava o baptismo, um sacramento de adesão a Deus, cuja água é o elemento de ligação e purificação⁴.

Desta forma, no episódio do baptismo de Jesus, ela é a escolhida como manifestação visível do Espírito Santo, que desce sobre Ele⁵.

A imagem da água e da pomba tornaram-se tão marcantes para o Cristianismo que a iconografia cristã lhes deu um relevo extraordinário, ao colocá-la na maioria dos baptistérios, um pouco por todas as igrejas. Além disso, a sua presença na Bíblia evoca-a como o símbolo da simplicidade⁶, da gentileza, da fidelidade e da inocência. Integra o conjunto dos símbolos do

¹ Gn16,1.

² Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.260; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.33-34.

³ Gn8,8-12.

⁴ Jean Daniélou, *Sacramentum Futuri*, pp.16-17.

⁵ Mc1,10; Lc3,22; Jo1,32; Mt3,16 «...e viu o espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele.»

⁶ Mt10,16 «...sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.»

Espírito Santo, ao lado da água⁷, do fogo⁸, do ar⁹ e dos óleos¹⁰. A sua voz foi ainda motivo de exaltação por parte do profeta Isaías ao evocar o seu arrulhar como uma súplica para as curas das doenças graves¹¹.

O povo israelita, além de se servir delas como refeição, usava-as em sacrifícios e holocaustos¹². Tanto assim se passou, que, por ocasião da apresentação de Jesus no templo, ofereceram ao Senhor duas rolas e duas pombas, conforme estava escrito na lei de Moisés¹³.

Quem as levava para imolar eram as pessoas com menos recursos económicos. Assim, pode deprender-se que, nesse tempo, as pombas seriam alimentos baratos, dos quais a maioria das pessoas podiam usufruir. Talvez devido a isso, a sua venda no templo ocorria com regularidade, contrariando as regras impostas pelas leis religiosas vigentes, que impediam o negócio na casa de oração¹⁴. A facilidade com que se criavam as pombas seria uma boa razão para o facto de estas aves serem abundantes.

Seria, sem dúvida, um animal apreciado pela sua estética agradável. serviu de inspiração ao autor do livro *Cântico dos Cânticos* para expressar a beleza dos olhos da amada as mais belas manifestações amorosas¹⁵. Em vários passos desse livro, a mulher amada (povo de Israel - igreja) foi comparada à pomba, elevando-a quase à condição de Afrodite.

Não surpreende, pois, que seja a ave mais citada na Bíblia. Como vimos, a pomba ia à mesa da refeição tanto no judaísmo e no cristianismo, mas, nos Evangelhos, ela toma um maior valor simbólico, sobretudo enquanto símbolo do Espírito Santo. Pensamos estar perante um dos casos em que o valor alimentar teve continuidade do judaísmo para o cristianismo, apesar de soprar neste uma nova mentalidade, ou seja, a pomba deixa de ser vista como um animal disponível para o sacrifício, real ou simbólico, o que já não acontece com o cordeiro.

1.9.2 – As outras aves

Além das pombas, destacam-se na Bíblia as codornizes, o galo, a galinha a perdiz e a rola. Curiosamente, todas estas aves, ao longo dos tempos, formaram excelentes alternativas gastronómicas, bastante apreciadas não só pelos povos antigos como pelos actuais. Mas, no

⁷ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.53-65; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.346-347; Michel Feuillet, *ob. cit.*, 46-47.

⁸ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.35-48; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.53-54.

⁹ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.69-87.

¹⁰ Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, pp.319-321; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.62; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.239-240.

¹¹ Is38,14 «Pio como uma andorinha, arrulho como a pomba.»

¹² Lv5,7 «Se não tiver meios para comprar uma ovelha ou uma cabra, oferecerá ao Senhor, em expiação do seu pecado, duas rolas ou duas pombas ainda novas...»; Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.680; Feliz Garcia López, *ob. cit.*, p.220; Mary Douglas, *ob. cit.*, p.72; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.66.

¹³ Lc2,23-24 «...e para oferecerem em sacrifício, como se diz na Lei do Senhor, *duas rolas ou duas pombas.*»

¹⁴ Mc11,15;Jo2,14; Mt21,12 «Derrubou as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas...»

¹⁵ Ct1,15 «Ah! Como és bela minha amiga! Como são lindos os teus olhos de pomba!»

contexto bíblico, não assumiram especial função, com exceção das codornizes, o que tem a ver com os hábitos de nomadismo dominantes no A.T. Assim, as aves não voadoras, facilmente domesticadas, não faziam parte do quotidiano dos povos que tinham como actividade central a pastorícia. O aparecimento milagroso das codornizes, que caíram sobre o acampamento dos filhos de Israel, numa altura em que Moisés estava a ser contestado por causa da fome sentida pelo povo, é disso um exemplo: tal recurso foi disponibilizado sem interferência humana, causando espanto entre os homens a quantidade de codornizes caídas sobre a terra.

Esta generosa dádiva deveu-se ao pedido feito pela comunidade israelita a Javé, para matar a fome¹⁶. Este fenómeno poder-se-á compreender melhor se for analisado à luz da possibilidade de ter ocorrido um fenómeno natural, comum naquela época, ou seja, o facto de estas aves serem migratórias e voarem em grandes bandos, a baixa altitude. Elas viriam do Norte de África, teriam atravessado o mar Mediterrâneo e, depois de batidas por ventos fortes, pousariam na região do Sinai¹⁷. A verdade, porém, é que estas aves, no mundo antigo, assumiam um sentido de abundância alimentar. No entanto, a narração bíblica não indica mais nenhum pormenor sobre a forma como as pessoas as comiam.

O único aspecto conhecido foi que o povo de Israel andava ansioso por comer carne enquanto vagueava pelo deserto, uma vez que no Egipto a comia com fartura¹⁸.

As aves referidas no quadro supra mencionado colmatavam este seu desejo gastronómico. O *livro da Sabedoria* apura este conceito ao atribuir a qualificação de *alimento delicioso* à ingestão de codornizes, preparadas por Deus para o seu povo.

O galo, ave citada no quadro XIV, não assume a qualidade de alimento em si mesmo, mas sim o sinal de vigilância e de sabedoria, virtudes centrais no cristianismo. Aparece ligado às negações que o apóstolo Pedro proferiu em relação a Jesus. O seu canto foi usado como um relógio que marcava as horas, enquanto Pedro negava o conhecimento que tinha do Mestre¹⁹. Um outro sinal advem já do A.T., no qual se refere que Job se questionou sobre os mistérios do universo. Achava este que até a inteligência do galo fora dada por Deus. Sabe-se que, na Antiguidade,

¹⁶ Sl104,40 «A seu pedido, deu-lhes codornizes e saciou-os com o pão do céu.»

¹⁷ Nm11,31-32; Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.274; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.23; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.175-176, «El fenómeno de las *codornices* guarda relación con la emigración de las aves. Después de muchas horas de vuelo, impulsadas por el viento del mar, las codornices caían extenuadas en la costa, siendo fácil su captura (cf. Num 11,31s; Sal78,26s). Detrás del fenómeno natural, se puede descubrir la mano providente de Dios.»

¹⁸ Sb16,2 «...para satisfazer o ardor do seu apetite, preparaste-lhe codornizes, alimento delicioso.»; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.59 «As aves, selvagens ou de criação – os gansos e os patos, as codornizes, os pombos, os pelicanos – constituíam uma grande parte da carne para alimentação. Os gansos e os pombos eram comidos assados. Os gansos e os patos, com penas e preparados para ser cozinhados, eram conservados em gordura (e talvez mesmo em sal), dentro de grandes recipientes. Quanto ao frango, só será introduzido no Egipto no fim da época romana.»

¹⁹ Mt26,34; 26,74-75; Mc14,30-72; Lc22,60-61; Jo18,27 «Pedro negou Jesus de novo; e nesse instante cantou um galo.»; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.35.

atribuia-se a este animal a capacidade de prever a meteorologia. Não espanta, pois, que Job tivesse essa deferência para com ele²⁰.

Quanto à rola, as suas aparições no contexto bíblico são semelhantes às da pomba. Grande parte das vezes é mencionada nos mesmos versículos e com a mesma aplicação que aquela. No entanto, não teve idêntico significado nem igual visibilidade como a pomba, no mundo bíblico, uma vez que o seu aspecto físico não se apresentava tão belo como o daquela.

No caso da perdiz, os textos nos quais foi mencionada, não lhe atribuíram qualquer peso alimentar, apenas a colocaram como a imagem dos homens que juntavam riquezas fraudulentas²¹. Todavia, durante o Império Romano, devido à qualidade da sua carne e da sua beleza física, esta ave assumia nas mesas de então um carácter *gourmet*²², sendo os seus ovos indicados como bons alimentos na dieta dos inválidos.

Sendo a galinha uma ave oriunda da Índia, a arqueologia fornece grandes testemunhos acerca da sua presença na Europa, encontrando-se os primeiros vestígios desse aparecimento gravados em antigos vasos datados do século VI a.C.²³. Deste galináceo extraía-se uma das carnes mais apreciadas nas mesas das classes favorecidas das épocas pós - bíblicas. No entanto, no A.T. constata-se a nulidade da sua relevância. Ao contrário, nos Evangelhos viu-se mencionada duas vezes, mas sem fins alimentares. Tanto Mateus como Lucas lhe deram uma imagem que expressa acolhimento e protecção. Estes evangelistas aludiram ao exemplo da galinha que aconchega todos os seus pintainhos debaixo das asas, para aclarar o cerne da mensagem de Jesus em relação ao povo de Israel. Baseando-nos nessa simbologia, reconhecemos que Cristo mostrava ao seu povo a importância de estar unido a Ele, valorizando, deste modo, os benefícios que os fiés encontravam nessa protecção²⁴.

Estas aves terão, contudo, sido banidas da alimentação judaica por serem consideradas seres imundos e por terem um estatuto híbrido, isto é, sendo aves, não apresentarem uma das suas principais características, que é a capacidade de voar. Os galináceos vivem em contacto com a terra e com tudo o que de mais sujo ela contém. Esta prática tornava-se contrária ao escrúpulo alimentar do povo judeu, uma vez que a alimentação destas aves, muitas das vezes, era constituída a partir de sobras de alimentos, lixo das casas, insectos ou vermes encontrados no solo.

A galinha, referida apenas duas vezes nos Evangelhos, representa a maternidade da igreja, a congregação e a protecção dos seus membros.

²⁰ Jb38,36 «Quem deus sabedoria ao íbis, ou quem deus a inteligência ao galo?»

²¹ Jr17,11.

²² Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.250.

²³ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.83-84; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.92.

²⁴ Mt23,37; Lc13,34 «Quantas vezes Eu quis juntar os teus filhos, como a galinha junta a sua ninhada debaixo das asas, e não quiseste!»

Como no A.T. os alimentos tomavam um valor mais real que simbólico, esta ave não obteve qualquer citação, por não obedecer aos critérios dietéticos judaicos. A perdiz foi mencionada apenas duas vezes no A.T. e não teve qualquer referência nos Evangelhos. Pensamos que a sua regular presença nas mesas reais gregas e romanas terá sido a razão para a sua exclusão. As mesas cristãs valorizavam a nobreza da mesa sob o ângulo do pão, do vinho e de outros alimentos simples.

1.10 - O leite e seus derivados

Quadro XV

| Localização | | | | | | |
|------------------------|--------|--|----------|-------|--------|------------|
| A.T. | Livros | Leite | Manteiga | Natas | Queijo | Requeijão |
| N.T. | | | | | | |
| A.T. | Gn | 18,8; 49,12 | 18,8 | | | |
| A.T. | Ex | 3,8; 3,17; 13,5; 23,19; 33,3; 34,26 | | | | |
| A.T. | Lv | 20,24 | | | | |
| A.T. | Nm | 13,27; 14,8; 16,13; 16,14 | | | | |
| A.T. | Dt | 6,3; 11,9; 14,21; 26,9; 26,15; 27,3; 31,20; 32,14 | 32,14 | | | |
| A.T. | Js | 5,6 | | | | |
| A.T. | Jz | 4,19; 5,25 | | 5,25 | | |
| A.T. | 1Sm | | | | 17,18 | |
| A.T. | 2Sm | | 17,29 | | 17,29 | |
| A.T. | Jdt | | | | 10,5 | |
| A.T. | Jb | 10,10 | | | 10,10 | |
| A.T. | Pr | 27,27; 30,33 | 30,33 | | | |
| A.T. | Ct | 4,11; 5,1; 5,12 | | | | |
| A.T. | Sir | 39,26; 46,8 | | | | |
| A.T. | Is | 7,22; 55,1; 60,16 | | | | 7,15; 7,22 |
| A.T. | Jr | 11,5; 32,22 | | | | |
| A.T. | Lm | 4,7 | | | | |
| A.T. | Br | 1,20 | | | | |
| A.T. | Ez | 20,6; 20,15; 25,4; 34,3 | | | | |
| A.T. | Jl | 4,18 | | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 44 | 4 | 1 | 4 | 2 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | | 44 | 4 | 1 | 4 | 2 |

Este quadro mostra o número de vezes que os autores dos livros do A.T. usaram o leite e seus derivados.

Em relação à ementa de degustação que se está a servir, vão agora preparar-se as sobremesas. Os queijos serão os primeiros a irem à mesa e só depois serão servidos os doces e as frutas. O critério que presidiu à sua hierarquização no quadro está relacionado com o seu grau de importância. Colocou-se, em primeiro lugar o leite, pois é dele que os outros produtos provêm. Os restantes, isto é, os seus derivados, elencaram-se por ordem alfabética. Foi difícil ficar a saber-se concretamente de que leite trata cada uma das ocorrências, ao longo da Bíblia. Julga-se, no entanto, que a maioria das citações se refere ao leite de ovelha e de cabra. Na verdade, por se tratar de um alimento completo, o leite destes animais, especialmente o de ovelha, proporciona equilíbrio nutricional, prazer degustativo e saciedade. A sua brancura, o seu aroma e o seu sabor tornam-se essenciais na obtenção da qualidade dos respectivos derivados. Embora o leite de ovelha e o de

cabra tivessem sido os mais usados na alimentação do povo de Israel, o de vaca também se consumia com alguma regularidade. Decerto que o povo não lhe reconheceria o mesmo grau de qualidade, mas nem sempre se podia comer do melhor¹.

1.10.1 – O leite

O leite constituiu um dos alimentos com mais significado no contexto bíblico. A sua importância vinha do passado, uma vez que já servira de alimento a povos anteriores² e continuou a sê-lo nas civilizações contemporâneas da Bíblia, chegando à actualidade como um dos elementos gastronómicos mais transversais. Este alimento simbolizava a abundância, a fertilidade e o conhecimento³. Além de uma opção alimentar altamente nutritiva, representa a continuidade da vida, da qual se realça o sabor, o perfume e a beleza. O leite assume a condição de alimento em si mesmo, não precisando de ser cozinhado. Atendendo a esse motivo, tornou-se óptimo para os nómadas levarem nas viagens⁴. Sendo um alimento completo, desde sempre foi entendido como o ideal para dar às crianças e a às pessoas debilitadas.

O leite aparece no primeiro livro da Bíblia ligado a uma refeição muito especial que Abraão ofereceu a três caminheiros misteriosos que lhe apareceram na sua tenda, junto dos carvalhos de Mambré. Além do leite, serviu-lhes outros alimentos, como por exemplo a manteiga⁵. Enquanto os caminheiros comiam, Abraão ficou de pé junto à mesa, em sinal de serviço, mas também à espera de uma palavra que o confortasse, ao passo que a sua mulher, Sara, permanecia na cozinha, talvez a arrumá-la. No fim de tomarem a sua refeição e de estarem profundamente saciados, anunciaram a Sara, mulher de Abraão, que iria conceber um filho, apesar da sua avançada idade.

Para além do mais, o leite concentra em si mesmo o sumo da vida abundante, do prazer, do bem-estar, da liberdade, da paz, da justiça e da concórdia. Logo, os autores dos livros sagrados, especialmente os do *Pentateuco*, apresentaram a *Terra Prometida* como a terra do leite e do mel⁶. O mesmo é dizer ao povo de Israel que se tratava de uma terra onde poderiam ser felizes para sempre. Essa mesa repleta de leite e mel simbolizava a doçura divina, podendo funcionar também como um tónico contra a fadiga e o desalento.

¹ Dt32,14 «...manteiga das vacas, e leite das ovelhas...»; Pr27,27 «...leite de cabra suficiente para o teu sustento, para o sustento da tua casa e subsistência das tuas servas.»

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.55; Andrew Dalby and Sally Grainger, *The Classical Cookbook*, p.25; Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, pp.217-218; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.65-66.

³ Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.65-66.

⁴ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.64 «Uma terra “de leite e mel”: o leite é o alimento básico para os nómadas que os hebreus voltaram a ser (...)».

⁵ Gn18,8.

⁶ Ex3,8 «desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel...»

O simbolismo do leite e do mel remete também para o desejo de o homem voltar ao seio materno, à regeneração, onde a felicidade se vive nos limites da plenitude. Poderá ainda remeter para a morte, como passagem de um estado atribulado, a outro, pleno de vida. Na perspectiva cristã, a terra de leite e mel corresponde ao paraíso eterno, onde tudo é perfeito. Essa perfeição remete para a imagem do filho amamentado pelo leite da mãe, consubstanciando a relação íntima entre Deus e o seu povo. Na linguagem profética, nomeadamente em Isaías, Deus cuida do seu povo com amor de mãe, oferecendo-se como alimento gratuito⁷.

O livro do *Ben Sira* concede um grande destaque ao leite na vida do povo de Israel. Este considerava-o parte do seu cabaz de víveres, sendo um dos ingredientes mais relevantes na sua existência⁸. Essa importância também ficou vincada no facto de o leite e o mel terem sido os únicos alimentos a restarem na terra de Israel, depois de esta ter sido devastada pelos Assírios, numa época em que a dominaram⁹ (séc.VIII a.C – V a.C). Atendendo a esta narração, o leite e o mel significam o retorno e o reinício, isto é, o acreditar numa nova vida, recheada de esperança.

Uma outra dimensão do leite, tratada pelo autor do *Êxodo*, remete para uma proibição severa imposta ao povo eleito, que se caracterizava pelo facto de não se poder cozinhar o cabrito no leite de sua mãe. Tanto quanto se apurou, esta era uma prática pagã de fecundidade que consistia em ferver os cabritos em leite das suas mães e depois vertê-lo no chão para que a terra ficasse mais produtiva¹⁰. Por outro lado, a mistura do leite com a carne das crias da mesma espécie consistia numa espécie de hibridismo avesso à prática alimentar do judaísmo.. Uma vez que os israelitas eram escrupulosos respeitadores da ordem como um dever religioso, a forma de manter acesa a chama do pacto que lhes garantia a protecção do seu Senhor era o cumprimento da lei. Ora, este era um hibridismo que contrariava este princípio, acordando ancestralmente o fantasma de um modo de canibalismo e mesmo de incesto. De todo o modo, a ordem estabelecida pela criação genesíaca encontrava-se, com esta prática alimentar interdita, subvertida, pela quebra da sucessão regular das gerações. Então, a lei de Moisés era clara quanto às regras alimentares, por isso, todas as práticas que contrariassem as normas levíticas eram condenadas. Este exercício culinário poderá increver-se no quadro das anomalias sociais, como a homossexualidade e o incesto, as quais deveriam ser sancionadas com a pena de morte. Na mesma linha de pensamento, esta prática denotava ainda uma espécie de incesto culinário, na medida em que juntava na mesma marmitta a mãe e o filho¹¹.

⁷ Is55,1 «...Levai vinho e leite, que é de graça.»

⁸ Sir39,26 «As coisas mais necessárias à vida do homem são: a água, o fogo, o ferro, o sal, a farinha de trigo, o leite e o mel, o sumo de uva, o azeite e o vestuário.»

⁹ Is7,22 «...pela grande abundância de leite, comerão requeijão e mel todos os que ficarem na terra.»

¹⁰ *Bíblia sagrada*, pp.139 e 280, notas, «Acção análoga foi encontrada nos textos de Ras-sharam. Rito pagão de fecundidade que consistia em ferver um cabrito em leite, aspergindo depois o solo com esse leite, tornando-o produtivo.

¹¹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.67-68.

O livro *Cântico dos Cânticos* expressa a intimidade que Deus estabelecia com o seu povo, a partir do recurso à união conjugal entre o homem e a mulher. Daí surgirem o leite e o mel, alimentos da doçura, como elementos da sensualidade.¹².

1.10.2 – Os seus derivados

Os derivados de qualquer alimento, não tendo a mesma pureza que a sua base, contêm, no essencial, a sua substância e, neste caso, uma idêntica simbologia. A sua qualidade é-lhes conferida pelo alimento primordial, o qual, lhes lega o seu património nutricional.

Quanto à manteiga, poder-se-á afirmar que, nas épocas em que foram escritos os livros da Bíblia e nas eras mais primitivas, embora rara, era um produto alimentar de grande requinte¹³. Continha, ainda, nos textos dessa época, uma simbologia de comida farta e de cerimónia. Essa ambivalência estava contida na mesa que Sara, mulher de Abraão, preparou para as três figuras misteriosas, que vieram ao seu encontro. Nessa mesa, foram colocados dos melhores manjares que se poderiam confeccionar na época. Esta surgiu depois, em mais dois contextos importantes: num primeiro, como sinal de abundância e saciedade dos filhos de Israel fiéis ao seu Deus¹⁴ e, num segundo, como um dos agradáveis e distintos alimentos na mesa de David¹⁵.

A nata do leite foi citada uma só vez no A.T. com um valor e uma riqueza gastronómica extraordinários, não só pelo que representava como alimento, mas pela estética que o autor reproduziu ao referir-se a ela. Este produto não valia por si só, mas também pela forma como era servido e degustado «em nobre taça», valorizando, assim, a estética e a ética da alimentação¹⁶.

O valor da nata era já bastante significativo no Egipto antigo, como se pode constatar pela lista de víveres que acompanhou uma viagem oficial de um faraó da dinastia XIX e seu numeroso séquito. Da enorme quantidade e variedade de alimentos consumidos nessa deslocação constavam também o leite e a nata¹⁷.

O queijo surge na Bíblia, após ver a sua fama reconhecida por vários povos, entre os quais os fenícios¹⁸. A cultura homérica, também mencionou o queijo: a *Ilíada*, por sua vez, fez chegar até

¹² Ct4,11 «Os teus lábios destilam doçura, ó minha noiva; há mel e leite sob a tua língua...»

¹³ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.65; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.58, «A partir do leite de animais de criação e de abate (bovinos, ovinos, caprinos), preparavam manteiga e queijos, de que foram encontrados restos em vasilhas cilíndricas colocadas nos túmulos de Abydos datadas da I dinastia; não é absolutamente certo que conhecessem a utilização do alúmen para coalhar o leite.»

¹⁴ Dt32,14 «...deu-lhe a beber mel do rochedo, e azeite da pedra dura, manteiga das vacas e leite das ovelhas, ...»

¹⁵ 2Sm17,29 «Logo que David chegou a Maanaim (...) ofereceram-lhe (...) mel, manteiga, queijo e ovelhas.»

¹⁶ Jz5,25 «Pedi água; leite fresco ela lhe deu! Em nobre taça lhe serviu a nata!»

¹⁷ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.55, « (...) 60 medidas de leite, 90 medidas de nata (...) »

¹⁸ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp. «Existe um texto de Ugarit dedicado à produção de queijo e, graças ao Antigo Testamento, que refere várias vezes a manteiga e o leite azedo, sabemos que estes alimentos também eram consumidos na Fenícia.»

hoje ecos dos queijos de cabra ralados sobre o *vinho de Pramno*¹⁹. A *Odisseia* também lhe dá um grande destaque ao descrever, inclusivamente, a ordenha dos animais e certos utensílios de acondicionamento do leite²⁰. O mundo greco-romano não foi indiferente aos seus créditos gastronómicos. Nessa época, principalmente, durante o Império Romano, do leite de ovelha e do leite de cabra preparavam-se queijos bastante apreciados. Nessa civilização, costumavam também confeccionar-se queijos a partir da mistura desses dois leites²¹.

O seu valor alimentar não se esgotava em si próprio, mas concentrava em si a emoção, o carinho, o amor, o afecto e a saudade. Sentimentos que se concentravam nos dez queijos que Jessé enviou ao comandante das tropas de seu filho Saul, pela mão de seu irmão David, para a frente de batalha, que travava com os filisteus. Esta dimensão de presença transmitida pela comida, tal como nos relata este passo das Escrituras no A.T., poderá prefigurar a refeição eucarística, em que o mistério da presença de Deus sobre a mesa se manifesta pelo pão e pelo vinho²².

Além disso, o queijo tornou-se alimento poderoso no alforje levado pela serva de Judite, quando ambas foram ao encontro de Holofernes, súbdito de Nabucodonosor, para o matar. Ela precisava de se alimentar bem para poderem cumprir o seu desejo, que era o de libertar o seu povo²³. Em relação ao requeijão, não se lhe descobre mais nenhum significado para além do que foi dado ao queijo.

Depois de analisar este quadro que foi formado pelos alimentos lácteos, constatamos que estes não foram objecto de qualquer citação nos Evangelhos. Tal será devido ao facto de o cristianismo não pretender evocar o passado judaico, criando antes, uma ruptura completa com os seus costumes e práticas. Observámos que estes alimentos, ao conterem um acentuado valor real para os hebreus, os evangelistas suprimiram-nos dos seus textos. No entanto, este alimento vem a ser, mais tarde, incorporado no cristianismo nascente.

Atendendo a que o leite despertava o desejado pela *terra prometida*, não fazia sentido destacá-lo nos textos cristãos, porque neles, essa terra é o paraíso²⁴ e o verdadeiro alimento chama-

¹⁹ Homero, *Ilíada*, XI, vv. 628-640, pp236-237 «Outro homem só a custo a levantaria da mesa se estivesse cheia; mas o ancião Nestor erguia-se sem esforço. Nesta taça, a mulher semelhante às deusas misturou vinho de Pramno, e por cima ralou queijo de cabra com um ralador de bronze; e polvilhou depois a branca cevada.»

²⁰ Homero, *Odisseia*, IX, vv. 215-230, p.151 «Chegámos rapidamente à gruta, mas não o encontramos lá dentro; é que apascentava no campo os gordos rebanhos. Entrámos no antro e tudo mirámos, espantados. Havia cestos cheios de queijos; e os currais estavam apinhados de cordeiros e cabritos, todos separados, cada um em seu sítio: os que tinham nascido primeiro; os que vieram depois; e os recém-nascidos. Havia vasilhas bem feitas, cheias de coalho; baldes e tigelas para a ordenha. Antes de mais, suplicaram-me os companheiros para levarmos alguns queijos e fugir; depois, que rapidamente conduzíssemos dos currais para as naus os cordeiros e os cabritos, para com eles navegarmos sobre o mar salgado.»

²¹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.80-81.

²² 1Sm17,18 «Entrega estes dez queijos ao comandante e pergunta se os teus irmãos vão bem ou se têm necessidade de alguma coisa.»

²³ Jdt10,5 «Deus à sua serva (...) um bolo de frutos secos, pães e queijo.»

²⁴ Jean Daniélou, *ob. cit.*, p.8, «L'affirmation du Nouveau Testament, c'est que ce Nouveau Paradis est arrive avec Jésus. Ceci apparaît de façon frappante dans de seul texte de l'Évangile où le mot Paradis se rencontre et qui est la parole de Jesus au bom larron: "aujourd'hui tu seras avec moi dans le Paradis". L'accent n'est pas mis sur le fait d'être

se *Emanuel*. Por outro lado, pela grande quantidade de vezes que estes produtos se vêm cotados no A.T. leva-nos a concluir, que nessa época, estávamos perante uma grande comunidade pastoril.

dans le Paradis. Ceci les Juifs l'espéraient bien. (...)C'est cet *Aujourd'hui* qui est l'essence du christianisme. Nous avons dit que le Paradis n'était pas pour la Bible un Age d'or révolu, ce qui est la conception païenne d'êe choses. Mais le Paradis n'est pas non plus pour le christianisme, ce qu'il est pour l'Ancien Testament, un avenir indéterminé. Le Paradis est là. C'est une presence».

1.11 – Os insectos e o mel

Quadro XVI

| A.T. N.T. | Livros | Abelhas | | Gafanhotos |
|------------------------|--------|-----------|---|--------------------|
| | | O Insecto | O Mel | |
| A.T. | Ex | | 3,8; 3,17; 13,5; 33,3 | 10,4; 10,12; 10,19 |
| A.T. | Lv | | 2,11; 20,24 | 11,22 |
| A.T. | Nm | | 13,27; 14,8; 16,13; 16,14 | |
| A.T. | Dt | 1,44 | 6,3; 11,9; 26,9; 26,15; 27,3; 31,20; 32,13 | |
| A.T. | Js | | 5,6 | |
| A.T. | Jz | 14,8 | 14,8; 14,9; 14,18 | 6,5 |
| A.T. | 1Sm | | 14,25; 14,26; 14,27; 14,29; 14,43 | |
| A.T. | 2Sm | | 17,29 | |
| A.T. | 1Rs | | 14,3 | 8,37 |
| A.T. | 2Cr | | 31,5 | 7,13 |
| A.T. | Jb | | 20,17 | |
| A.T. | Pr | | 5,3; 16,24; 24,13; 25,16; 25,27; 27,7 | 30,27 |
| A.T. | Sl | 117,12 | 18,11; 80,17; 118,103 | 77,46 |
| A.T. | Ct | | 4,11; 5,1 | |
| A.T. | Sir | | 24,20; 46,8; 49,1 | |
| A.T. | Sb | | | 16,9 |
| A.T. | Is | 7,18 | 7,15; 7,22 | 33,4; 40,22 |
| A.T. | Jr | | 11,5; 32,22; 41,8 | 46,23; 51,14 |
| A.T. | Ba | | 1,20 | |
| A.T. | Ez | | 3,3; 16,13; 16,19; 20,6; 20,15; 27,17 | |
| A.T. | Jl | | | 1,4 |
| A.T. | Am | | | 4,9; 7,1; 7,2 |
| A.T. | Na | | | 3,17 |
| N.T. | Mt | | 3,4 | 3,4 |
| N.T. | Mc | | 1,6 | 1,6 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 4 | 56 | 19 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 0 | 2 | 2 |
| Total | | 4 | 58 | 21 |

O quadro anterior apresenta dois insectos mencionados pelos autores dos livros do A.T. e dos Evangelhos: a abelha e o gafanhoto. O primeiro, atendendo ao senso comum, simbolizava o labor e a vida em sociedade, e, na Bíblia, tornou-se num dos símbolos da salvação humana. As abelhas evocavam, por seu lado, a justiça divina, assinalavam a luz de Cristo no mundo e exaltavam

a sabedoria de Deus¹. Dos segundos, os gafanhotos, emergem duas representações antagónicas: a destruição e a ascese. No primeiro caso, a explicação tem que ver com a sua ligação à oitava praga sobre o faraó do Egipto. No segundo caso, a explicação encontra-se ligada ao tipo de alimentação que João Baptista praticava enquanto permaneceu no deserto².

Além destes dois animais, aparece no quadro também o mel. Este doce alimento colocou-se nessa posição de destaque, pelo facto de ser produzido pelas abelhas, pelas suas características alimentares e pela sua relevância na mensagem bíblica. Como já se disse repetidas vezes, o mel e o leite surgiam associados, traduzindo ambos, quase sempre, idêntico significado, isto é o desejo de uma vida melhor ligado ao transcendente. A título de curiosidade, o queijo, um dos derivados do leite, sempre foi arrogado como um alimento que interagiu na perfeição com o mel, e juntos constituem das iguarias mais apreciadas pelos gastrónomos. Na verdade, o mel devido à sua doçura, ao seu aroma campestre e ao seu sabor profundo, tornou-se, desde a sua génese, um alimento predilecto, quer na mesa da refeição, quer como um elemento curativo e do desejo.³

Terá sido dos primeiros alimentos a ser conhecidos pela humanidade, por isso, desde logo, o acesso a ele garantia um manancial de prazer, de satisfação física, e psicológica. Desde a antiguidade, que o homem, ao apreciar o mel, degusta a natureza na sua máxima potência, trazendo à mesa o sabor dos campos, o odor dos bosques e a fragrância das flores.

A antiga Grécia e depois o Império Romano constituíram dois exemplos de civilizações nas quais o mel desempenhava um papel alimentar importante⁴. A sua riqueza nutricional permitia fazer uma alimentação rica sob o ponto de vista orgânico, mas simultaneamente saudável e equilibrada, proporcionando um bom plano dietético.

O país de Canaã, pelas suas condições naturais, era rico em mel, o que perfazia mais uma razão pela qual os hebreus tanto desejavam lá chegar. A importância que assumiu no quotidiano alimentar do homem antigo, especialmente do povo eleito, foi confirmada nos textos bíblicos, nos quais, tantas vezes, foi chamado ao cerne do texto, na tentativa de condensar os anseios reais, como aqueles que se referiam às verdadeiras promessas da *Terra Prometida*⁵. O leite e o mel exprimem a saciedade, condensam, portanto, a simbologia dos outros alimentos.

¹ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.5.

² Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.104; Ex10,12-20; Mt3,4.

³ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.179-180; Jean-Louis Fladrin, *ob. cit.*, p.59; Homero, *Odisseia*, X, vv. 233-236, p.212 «Circe sentou-os em assentos e cadeiras e serviu-lhes queijo, cevada e pálido mel com vinho de Pramno (...)»

⁴ Jean-Louis Fladrin, *ob. cit.*, p.123, «O queijo desempenha um papel fundamental. Constitui, com a cevada e os figos, a ementa básica das refeições comunitárias espartanas. É consumido quer directamente quer sob a forma de bolos doces, com uma grande quantidade de ingredientes, entre os quais o mel. Este serve muitas vezes de conservante e de adoçante e surge em inúmeras receitas de pastelaria ou misturado em pratos salgados.»

⁵ Siegfried Herrmann, *História de Israel en la época del Antiguo Testamento*, p.29.

1.11.1 – As abelhas e o mel

O *Pentateuco* eleva o mel à condição de alimento da esperança e do conforto absoluto. A abelha, porém, como animal, não assumiu qualquer valorização alimentar. O mel é o produto do seu labor tomando o significado de alimento da fortaleza humana. Esta dimensão pode ser atestada no episódio de Sansão, a comer mel de um favo que as abelhas fizeram sobre o cadáver de um leão que ele havia despedaçado e morto, segundo a narração bíblica, pelo poder do espírito do Senhor. Tal como nos apresenta o livro dos *Juízes*, este homem, fortalecido por uma refeição de mel, apareceu cheio de força para derrotar os filisteus, povo inimigo de Israel⁶. Também Jónatas, filho do rei Saul, contrariando uma ordem dada por seu pai, levou mel à boca com a ponta do seu bastão, restaurando as forças e recuperando a vista. O povo alertou-o para a desobediência a seu pai, mas Jónatas disse ao povo que, se tivessem comido mel, a derrota dos filisteus teria sido muito mais pesada⁷.

O profeta Aías, que morava em Silo, recebeu mel de presente das mãos da mulher do rei Jeroboão quando esta foi saber de seu filho doente junto desse profeta. Nessa ocasião, esse doce produto desempenhou a dupla função de pagamento de um grande favor e de um reconfortante, ou revigorante.⁸

Este doce toma um carácter de sociabilidade e de sã convivência no livro dos *Provérbios*. Aí, realça-se que os conflitos, discórdias, zangas, opróbrio e vinganças, decorrem, tantas vezes, das palavras azedas que os homens dirigem uns aos outros. O autor desse livro, recorrendo à metáfora do mel, exortou para a necessidade de mudar esta atitude, de maneira a que os homens passem a ser mais amáveis uns com os outros⁹. Também os *Salmos* exortavam fortemente o povo de Israel, chamando-os à obediência, para assim poder ser alimentado, pelo Senhor, *com mel silvestre*¹⁰. Esta alusão ao mel, por parte do salmista, poderá traduzir referências messiânicas, pois, certamente prefigurava no mel a doçura de Emanuel.

Jesus representa, na leitura cristã, a experiência fundadora dessa doçura, no qual, a alma humana se identifica e assume a sua verdadeira dimensão. Esse espaço pessoal de confluência é o paraíso, a *Terra Prometida* de que fala a Bíblia, no qual, Jesus assumiu o autêntico simbolismo do leite e o mel. Por meio d'Ele, tal como reflectiram as primeiras comunidades de discípulos, brotava outra abundância e outra qualidade melhores que em Canaã. Na realidade, segundo elas, Jesus, sendo este alimento intemporal, configura o desejo de conquista de «uma nova terra e de novos

⁶ Jz14,8-9 «...mas afastou-se do caminho para ver o cadáver do leão; e eis que na carcaça do leão, havia um enxame de abelhas e mel. Recolheu-o na palma das mãos e, enquanto caminhava, foi comendo dele.»

⁷ 1Sm14,25-43 «Meu pai fez mal à nossa terra. Vós mesmos vistes como se me iluminaram os olhos, porque comi um pouco deste mel.»

⁸ 1Rs14,3 «Leva contigo dez pães, bolos e um pote de mel e vai ao seu encontro. Ele te contará o que está para acontecer ao rapaz.»

⁹ Sl118,103; Pr16,24 «As palavras amáveis são como um favo de mel; doçura para o paladar e força para os ossos!»

¹⁰ Sl80,17 «Alimentaria o meu povo com flor de trigo e saciá-lo-ia com o mel silvestre.»

céus», a partir do qual pode recolher-se «mel em abundância», para encher o cálice amargo da vida e dele desfrutar com prazer¹¹.

As palavras de inspiração divina que os profetas proferiam ao seu povo, encontraram a sua máxima expressividade na evocação do mel. A doçura, o aroma e o sabor foram atributos sensoriais que reforçaram o valor deste doce. Estas características que Ezequiel realçou no seu livro, são transpostas e utilizadas para exprimir a beleza inefável das palavras, que transmitem ao homem a mesma doçura que o mel¹².

Vivendo em profundo estado de despojamento e de liberdade, João Baptista alimentava-se com mel no deserto, enquanto pregava ao seu povo. As características de saciedade do mel silvestre que João tomava viram-se realçadas pelos evangelistas Mateus e Marcos, cuja intenção seria explorar a sua capacidade agregadora. Esta aptidão ficou bem vincada nos que iam ao seu encontro, caminhando de Jerusalém, da Judeia e da região do Jordão. Ficamos, deste modo, com a firme convicção de que João Baptista, ao fazer este regime alimentar simples, visionava um estado de pureza, ficando mais disponível do ponto de vista físico e espiritual para o serviço a Deus¹³.

1.11.2 – Os gafanhotos

A primeira ocorrência bíblica dos gafanhotos refere-se ao seu poder destruidor, manifestado no Egito, quando os filhos de Israel quiseram libertar-se e sair desse país. Como o faraó não deixava sair do Egito os israelitas, Moisés, sob as ordens de Deus, avisou-o de que iria enviar sobre os seus campos uma praga de gafanhotos que destruiria tudo quanto existisse sobre a terra. Essa ameaça, transmitida por Moisés, implicava pressionar o faraó a deixar sair o povo de Israel da escravidão a que ele o tinha submetido¹⁴.

Por sua vez, os israelitas tratavam o povo madianita como um bando de gafanhotos. A fundamentação mais plausível para esse tratamento explica-se pela inimizade existente entre este povo nómada e Israel. Na época dos Juízes, esse povo habitava a região da Transjordânia e o

¹¹ Jean Daniélou, *ob. cit.*, p.7, «Surtout ce qui s'éclaire est la prophétie d'Is., VII, 14-15 sur la naissance de l'enfant messianique. "Le lait et le miel" décrivent la félicité paradisiaque. "Les choix du bien et le regret du mal" peut s'opposer à "la connaissance du bien et du mal" de Gen., III. L'Emmanuel, est le "nouveau point départ de l'humanité, l'antithèse d'Adam pécheur". Enfin, le passage mystérieux sur la Vierge, mère de l'Emmanuel, se comprend beaucoup mieux s'il ne s'agit pas de la mère d'un roi quelconque, mais si "l'Emmanuel est un nouveau premier homme, s'il est donc la postérité de la femme promise par Gen., III, 15. On peut supposer en effet alors que la "femme", future mère de ce Sauveur eschatologique, avait été glorifiée par la tradition religieuse d'Israel"».

¹² Ez3,2-3 «Abri então a boca e Ele deu-me o manuscrito a comer. E disse-me: "Filho de homem, alimenta-te e sacia-te com este manuscrito que agora te dou." Comi-o e ele foi, na minha boca, doce como o mel.»

¹³ Mt3,4; Mc1,6 «João (...) alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.»

¹⁴ Ex10,4 «Pois se te recusas a deixar partir o meu povo, eis que Eu farei vir amanhã gafanhotos para o teu território.»

deserto da Síria¹⁵, pelo que, os gafanhotos, neste quadro, tomam mais o papel de exército devastador do que de alimento¹⁶.

Não obstante a praga de gafanhotos despertar para um sentido sagrado, por parte do autor do livro do *Êxodo*, esta calamidade de que fala esse livro acontecia com frequência nos países do Mediterrâneo¹⁷. Sem querer retirar mística a certas narrações bíblicas, a verdade porém, é que alguns dos episódios mais singulares dos seus textos, sobretudo do A.T., podem ser explicados por fenómenos naturais. Recordemos, a esse propósito, o caso da passagem do povo hebreu a pé enxuto pelo Mar Vermelho.

O gafanhoto destruidor transformou-se em animal puro, sendo recomendado para a alimentação, pelo autor do livro do *Levítico*. Fazia parte do grupo dos animais que o código da pureza ritual permitia que se comessem¹⁸.

Esta permissão justificava-se pelo facto de o gafanhoto viver no ar, de se alimentar de vegetais puros e limpos. A sua pureza alimentar, em suma, resultava da sua relação perfeita com a ordem da criação. Estes requisitos, muito apreciados pelos judeus, levaram a que este povo os colocasse nos seus *menus*.

Além do mel, do qual já se fez referência, os gafanhotos faziam parte da alimentação de João Batista quando ele pregava ao seu povo no deserto. João Batista com esta dieta, indicava, assim, que mais importante do que o alimento físico o importante é o espírito¹⁹.

Considerando o número de ocorrências das abelhas, do mel e dos gafanhotos no quadro aqui apresentado, constata-se que a abelha não teve no A.T. valor alimentar digno de realce, acontecendo o mesmo nos Evangelhos, nos quais não teve qualquer citação. O mel assume assim um valor real bem acentuado no A.T., caindo para uma situação residual nos Evangelhos. A sua importância para os evangelistas é de carácter ascético, tomando em linha de conta a circunstância em que era tomado por João Batista no deserto. Quer o mel quer os gafanhotos não foram citados mais do que duas vezes.

Na esfera alimentar, o valor dado aos gafanhotos toma o mesmo caminho que o mel. Aparecem somente citados duas vezes nos Evangelhos para dar conta das refeições penitenciais que João Batista degustava no deserto. O comer gafanhotos está na mesma linha de rejeição do caminho fácil e do conforto que o vestir peles de camelo.

¹⁵ Jz6,5 «Com efeito, vinham eles e os seus rebanhos, com as suas tendas, chegavam numerosos como vasta nuvem de gafanhotos.»; ver Jr46,23.

¹⁶ Na3,17; Jl1,4.

¹⁷ Jl1,2; 2,17; *Bíblia Sagrada*, p.115, notas, «Calamidade frequente nos países quentes do sul do Mediterrâneo.»

¹⁸ Lv11,22 «Podeis, então, comer os seguintes: toda a espécie de gafanhotos...»; Mary Douglas, *ob. cit.*, p.73 «O verme é o protótipo e o modelo das criaturas que fervilham. Tal como os peixes pertencem ao mar, os vermes dizem respeito ao reino da sepultura, da morte e do caos. O caso dos gafanhotos é interessante e consistente. A prova de que são puros e, por consequência, comestíveis é dada pelo modo como se movem sobre a terra. Se rastejam são impuros. Se saltam são puros.»; Félix García López, *ob. cit.*, pp.162-163; Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.680.

¹⁹ Mt3,4; Mc1,6.

1.12 - As frutas frescas e secas

Quadro XVII

| Localização | | | | | | | | |
|-------------------------|--------|----------------------|---|-----------|----------|---------------------------|----------------|--------------------------------|
| A.T. | Livros | Amêndoa/ Pistácio | Figo | Maçã | Melão | Romã | Uva seca | Uva |
| N.T. | | | | | | | | |
| A.T. | Gn | 43,11 | | | | | | 40,10; 40,11; 49,11 |
| A.T. | Ex | | | | | 28,33; 39,24; 39,25 | | |
| A.T. | Lv | | | | | | | 25,5 |
| A.T. | Nm | 17,23 | 13,23 | | 11,5 | 13,23; 20,5 | | 6,3; 13,20; 13,23 |
| A.T. | Dt | | | | | 8,8 | | 23,24; 32,14; 32,32 |
| A.T. | Jz | | | | | | | 9,27 |
| A.T. | 1Sm | | 25,18; 30,12 | | | | 25,1830,1 2 | |
| A.T. | 2Sm | | | | | | 16,1 | |
| A.T. | 1Rs | | | | | 7,18; 7,20; 7,42 | | |
| A.T. | 2Rs | | 20,7 | | | 25,17 | | |
| A.T. | 1Cr | | 12,40 | | | | | 12,40 |
| A.T. | 2Cr | | | | | 3,16; 4,13 | | |
| A.T. | Ne | | 13,15 | | | | | 13,15 |
| A.T. | Jdt | | 10,5 | | | | | |
| A.T. | 1Mac | | | | | | | 6,34 |
| A.T. | Pr | | | 25,11 | | | | |
| A.T. | Sir | | | | | 45,9 | | |
| A.T. | Ct | | 2,13 | 2,5; 7,10 | | 4,13; 8,2 | | 1,14; 2,5 |
| A.T. | Is | | | | | | | 5,2; 5,4; 16,7; 24,13; 65,8 |
| A.T. | Jr | | 24,1; 2,2; 24,3; 24,5; 24,8;29, 17 | | | 52,22; 52,3 | | 31,29; 31,30; 48,33 |
| A.T. | Ez | | | | | | | 18,2 |
| A.T. | Os | | | | | | | 3,1; 9,10 |
| A.T. | Mq | | 7,1 | | | | | |
| A.T. | Na | | 3,12 | | | | | |
| N.T. | Mt | | 7,16 | | | | | 7,16 |
| N.T. | Mc | | 11,13 | | | | | |
| N.T. | Lc | | 6,44 | | | | | 6,44 |
| Ocorrências A.T. | | 2 | 16 | 3 | 1 | 15 | 3 | 27 |
| Ocorrências N.T. | | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Total | | 2 | 19 | 3 | 1 | 15 | 3 | 29 |

O quadro XVII reúne as mais importantes frutas frescas e secas encontradas nos livros do A. T. e nos Evangelhos.

Por se considerar que nenhuma delas goza de privilégios especiais, a sua sequência foi feita tendo em conta a sua ordem alfabética. No âmbito da ementa de degustação que se está preparar, as frutas vão agora ser levadas à mesa. Ao finalizar uma farta e copiosa ementa, nada melhor do que comer uma peça de fruta fresca e reservar as secas, uma vez que estas acompanham na perfeição os queijos, ou ainda a confecção de um doce.

Os livros da Bíblia não se alargaram nas referências literárias ou gastronómicas nem aos legumes ou produtos hortícolas, nem às frutas, especialmente as frescas. Não quer dizer-se com isto que elas não existissem em abundância, mas apenas que seriam alimentos com menor grau de saciedade do que os alimentos de origem animal.

A dimensão alimentar a que os autores bíblicos mais recorreram foi ao desejo de saciedade, para que fosse enfatizado o sentido doutrinal que esta questão levantava e que sempre esteve subjacente aos seus escritos.

Não admira, pois, que frutas como a maçã, o melão ou a melancia, que já eram abundantes nos alvares bíblicos e que continuaram a sê-lo daí em diante, não apareçam como um recurso alimentar privilegiado do povo hebreu.

Tanto assim era que estes frutos faziam parte da alimentação egípcia já antes do Alto Império. Eles tanto surgiam cultivados em hortas como cresciam espontaneamente. Graças às trocas comerciais que o Egipto mantinha com outros países, nomeadamente asiáticos, que não paravam de aumentar a partir da XVIII dinastia, surgem, então, os pomares, nos quais eram plantadas macieiras, romãzeiras e oliveiras¹. Também os fenícios e os cartagineses, como resultado do cultivo de muita variedade de árvores, possuíam frutos em abundância: tâmaras, pistácios, lótus, romãs, figos e uvas². O mesmo veio a confirmar-se no período greco-romano, no qual estes alimentos formavam um cabaz alimentar muito importante³. Na Palestina, os frutos constantes do quadro em análise davam-se muito bem. Por essa razão, cultivavam-se ou recolhiam-se em plantas ou em árvores silvestres⁴.

Ao analisar primeiramente a amêndoa e o pistácio (frutos secos), sobressai neles uma particularidade muito importante: integravam os melhores produtos alimentares que existiam na terra de Israel. De entre muitos outros frutos, estes eram escolhidos para ofertas⁵. Não se deverá esquecer que se tratava de alimentos ricos em gorduras vegetais e frutose, pelo que desempenhavam

¹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.57-58.

² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.78.

³ Andrew Dalby and Sally Grainger, *The Classical Cookbook*, pp.13.

⁴ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 588.

⁵ Gn43,11 «...metei nas vossas bagagens os melhores produtos do país e levai-os como homenagem a esse homem: um pouco de bálsamo, um pouco de mel, láudano, pistácios e amêndoas.»

um papel muito importante numa dieta equilibrada. A sua excelência tomou tal alcance que o autor do livro dos *Números* apresentou simbolicamente a vara de Aarão, símbolo do seu poder, a fazer desabrochar dela flores de amêndoa. O florescimento a que alude este autor significava a superioridade que detinha a tribo de Levi, comparativamente às outras.

Esta distinção não é estranha, uma vez que a amêndoa já possuía muita importância na alimentação real, quer nas várias civilizações que antecederam a Bíblia, quer nas suas contemporâneas⁶. Pelo seu interior de brancura imaculada, revestida por uma casca muito forte, a amêndoa viria a representar no simbolismo cristão a natureza de Jesus no interior do Homem⁷.

O pistácio ficou conhecido como alimento no terceiro milénio antes de Cristo, na região do Afeganistão, sendo depois divulgado na Grécia e na Roma Antiga⁸.

Se a amêndoa representava um dos melhores produtos alimentares da terra, os figos não lhe ficavam atrás. Na verdade, esta fruta, por ser rica em açúcar e proteínas, concentrava um valor nutricional elevado e despertava, nos crentes, o apetite para uma alimentação rica e equilibrada. Esta terá sido uma razão válida para que os autores sagrados a usassem como regalo sensorial, proporcionando momentos de forte degustação.

Moisés, antes de entrar com o seu povo terra de Canaã, quis certificar-se de que lá se encontravam alimentos de qualidade para que não passasse fome. Esses homens chegaram no tempo das primeiras uvas⁹, o que levou dois deles a cortarem um cacho. Além das uvas, também havia romãs e figos. Aqueles juntaram essas frutas e trouxeram-nas para oferecer a Moisés e Aarão, que assim ficaram a saber que aquela terra, para além de *leite e mel*, possuía bons e apetecíveis frutos¹⁰.

Nem sempre os figos se consumiam frescos. Julga-se até que, a maior parte das vezes, seriam comidos secos ou preparados em diversos tipos de bolos. A sua riqueza em frutose permitia que, depois de secos, se conservassem por muito tempo, podendo ser um governo alimentar durante todo ano. A doçaria da época desenvolvia decerto as melhores receitas nas quais os figos se utilizavam como ingrediente principal. Abigaíl, mulher de Nabal¹¹, confeccionou cem tortas de uvas passas e duzentos bolos de figos secos¹² para levar de presente a David e aos seus homens, por eles não terem atacado o seu marido, depois de este os ter desafiado.

Outra maneira de comer os figos secos seria em forma de pasta. Tal especialidade foi oferecida por David a um escravo egípcio, abandonado pelo seu senhor em Besor, por este o ter

⁶ Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, p.6.

⁷ Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.7-8.

⁸ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.262.

⁹ Nm13,20.

¹⁰ Nm13,23 «Chegaram ao vale de Escol onde cortaram um ramo com um cacho de uvas; dois homens o levaram e também romãs e figos.»

¹¹ 1Sm25,1ss.

¹² 1Sm25,18.

ajudado a combater os amalecitas¹³. Mais do que um alimento, esse concentrado de figo resultou em medicamento muito valioso que curou uma úlcera muito perigosa que Ezequias¹⁴ tinha contraído e que quase o levava à morte¹⁵.

Os figos voltaram a ter um lugar importante entre os víveres que foram levados para Hebron pelo povo hebreu, quando se juntaram nessa região os guerreiros das várias tribos, para aclamar David como rei de Israel. A quantidade era tal, que o transporte desse e de outros alimentos teve que ser efectuado por intermédio de mulas, bois, jumentos e camelos¹⁶.

Outro episódio em que os figos surgem evocados ocorre durante o cativeiro da Babilónia. No seu livro, o profeta Jeremias apresentou as duas faces do exílio, recorrendo a um quadro alimentar de rara beleza. Segundo o que esse profeta afirmou, o Senhor Deus de Israel colocou diante do templo de Jerusalém dois cestos de figos: um com os de boa qualidade e o outro com os de má qualidade. Como é sabido, naquele quadro bíblico, Deus continuou a proteger os que são levados para a Babilónia, sendo, por isso, por Ele abençoados. Essa facção de israelitas predilecta de Deus foi representada pelo cesto de figos bons. Os segundos, que ficaram em Israel, representados pelo cesto de figos maus, seriam desprezados pelo Senhor¹⁷.

Não há dúvidas quanto ao grau de saciedade que este fruto produzia. Confirmamos esta verdade pelo facto de um certo dia, Jesus, perto de Betânia, ao sentir fome, se ter abeirado de uma figueira para comer dos seus figos. Acabou por não os ingerir, porque, segundo Ele, ainda não tinha chegado o seu tempo, mas ficou vincado o seu proveito alimentar¹⁸.

Além disso, este fruto serviu de metáfora para as acções dos homens, sendo estas o fruto da árvore, que é o homem. Segundo o testemunho de Lucas, o bom fruto produzia-se a partir de uma boa árvore, «não se colhendo figos dos espinhos nem uvas dos abrolhos». Assim, também só poderão sair boas obras de homens bons¹⁹.

A centralidade desfrutada pelo figo ao longo dos textos bíblicos acontece pelo facto de este fruto ter sido uma das base alimentares, desde o homem primitivo, até às grandes civilizações bíblicas e pós-bíblicas. Terá sido dos frutos mais referenciados nas fontes escritas e arqueológicas, uma vez que já há 8000 anos a.C. o seu consumo estava bastante implantado por parte das populações, sendo muito apreciado na Palestina²⁰. A sua importância, segundo algumas

¹³ 1Sm30,12 «Deram-lhe pão para comer e água para beber e ainda pasta de figos secos e dois cachos de uvas secas.»

¹⁴ Foi rei de Judá (716-687 a.C).

¹⁵ 2Rs20,7 «“Trazei uma pasta de figos”. Trouxeram-lha, ele aplicou-a sobre a úlcera e o rei recobrou vida.»

¹⁶ 1Cr12,41 «...traziam-lhes víveres (...) farinha, figos, uvas passa, vinho, azeite, vacas e ovelhas em abundância, porque havia alegria em Israel.»

¹⁷ Jr24,1-8.

¹⁸ Mc11,13.

¹⁹ Lc6,44 «Cada árvore conhece-se pelo seu fruto; não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos.»

²⁰ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.143; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.588.

interpretações, poderá vir do fruto narrado no Génesis. Como já se disse atrás, a espécie de fruto da Árvore do Conhecimento nunca foi revelada²¹.

No que se refere à maçã, tratava-se de um fruto comum²². Talvez, por esta razão, não tivesse uma grande relevância na Bíblia. No entanto, constituía um dos frutos mais apreciados na Palestina, bem como em territórios vizinhos²³. Os fenícios, os gregos, os etruscos e os romanos adoptaram-na como um fruto de excelência²⁴.

O livro dos *Provérbios* leva-nos a apreciar a maçã segundo uma perspectiva diferente da gastronómica. Para o autor desse livro, tal fruto representa as pessoas que privilegiam a sensatez e que aplicam a palavra certa no momento certo²⁵. A qualidade deste fruto emerge pelo simbolismo que esta análise concentra. De facto, as suas qualidades físicas e simbólicas ultrapassaram o mero âmbito alimentar. Ela surge elevada ao patamar do desejo amoroso, constituindo-se como um tónico na relação entre o homem e a mulher (o mesmo é dizer, entre Deus e o Seu povo), como tão bem expressa o livro *Cântico dos Cânticos*²⁶.

O melão, fruta doce e refrescante, foi um dos produtos alimentares que mais chegou à lembrança do povo de Israel, quando, no deserto, a caminho da *Terra Prometida*, se encontravam desnutridos e nada tinham para comer. Apesar da escravatura a que tinham estado sujeitos no Egipto, não há dúvida de que usufruíam da abundância deste fruto. Este, de grandes dimensões e de casca grosseira, é originário do Oeste de África, sendo cultivado nos países mediterrâneos a partir do início do primeiro milénio antes de Cristo²⁷.

A romã conta-se entre os frutos com uma enorme popularidade desde os tempos mais remotos²⁸. Pela sua beleza exterior e pelo facto de o seu interior ser constituído por inúmeras sementes unidas entre si por uma espécie de tela em forma de favo, ela identificou-se com o fruto do amor²⁹, da fecundidade, da fertilidade, da unidade e da fortuna³⁰. Esta terá sido, com certeza, a razão pela qual as vestes sacerdotais da época da formação de Israel, e daí em diante, se

²¹ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.54 «Le fruit défendu, celui de l'Abre de la Connaissance du bien et du mal (Gn2,9, 16-17; 3), a été assimilé à une figue par la tradition: cette précision a été suggérée par le fait que la *genèse* rapporte qu'Adam et Ève, après avoir mangé du fruit défendu, couvrirent leur nudité d'une feuille de figuier (Gn3,7). Lorsque l'Enfant Jesus est représenté en train de tenir une figue, il est fait allusion à sa mission de futur Rédempteur.»

²² Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.90-91.

²³ Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p. 588.

²⁴ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.19; Homero, *Odisseia*, XXIV, vv.331-334, p.388.

²⁵ Pr25,11 «Maças douradas em bandeja de prata, assim são as palavras oportunas.»

²⁶ Ct 7,10; 2,5 «...fortaleçam-me com maçãs, porque eu desfaleço de amor.»

²⁷ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.57-58; Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.214-215.

²⁸ Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.266.

²⁹ Ct4,13 «Os teus rebentos são como um pomar de romãzeiras...»

³⁰ Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.59-60 «Densément remplie de grains, la grenade est un symbole de fécondité, de fertilité. C'est dans ce sens que doit être interprétée sa présence dans l'iconographie, au sein du jardin de l'Annonciation ou dans les mains de l'Enfant-Jésus: c'est un signe de naissance fructueuse, mais aussi, du fait de la couleur rouge de son jus et de sa chair, de sang verse, de la passion. Le goût sucré du fruit signifie la jouissance de Dieu à laquelle son appelés les après la Résurrection. La régularité avec laquelle sont rangées sous une même écorce ronde les innombrables graines fait de la grenade un symbole d'Église, une Église unitaire que ne vient entamer aucune hérésie.»

estampavam com figuras de romãs. Para além desta fruta, os paramentos eram *entremeados com campainhas em ouro*, como motivo decorativo de alto sentido estético, permitindo assim dar às celebrações uma dignidade única³¹.

A sua sumptuosidade elevou-se ao mais alto grau ao ser esculpida nas majestosas colunas do palácio de Salomão, com o propósito de enriquecer ainda mais a decoração que o embelezava³².

No que respeita à dieta alimentar dos povos antigos não há dúvida quanto à sua prodigalidade. Pela reclamação que o povo fez a Moisés, por falta de romãs no deserto, a caminho da *Terra Prometida*, reconhece-se, com absoluta certeza, que o povo eleito delas se alimentava enquanto permaneceu no Egito³³.

Outra das épocas em que este fruto teve honras *gourmet* foi no período greco-romano. Durante o Império Romano, contava-se entre os frutos de maior requinte gastronómico, ao lado dos figos, das maçãs, das ameixas, das pêras, das cerejas e até dos marmelos³⁴.

Quanto à uva, muito embora todas as frutas que atrás se mencionaram ocupassem um lugar importante no quotidiano das populações bíblicas, a verdade é que esta terá sido a fruta mais abundante nos tempos antigos. Alguns autores, ao falarem do vinho nos banquetes mesopotâmicos, referiam-se implicitamente às uvas, que abundavam nessa região³⁵. Para além deste território, as vinhas desenvolviam-se na Síria, na Palestina, no Egito e noutras zonas do Norte de África³⁶.

O livro do *Génesis* apresenta, alegoricamente, a vinha como a primeira plantação executada por Noé, após o dilúvio. Ora, por esta narração, conclui-se facilmente a antiguidade das uvas na alimentação e as consequências do seu sumo fermentado³⁷.

A enorme centralidade que o vinho adquiriu ao longo da história do povo hebreu e, mais tarde, do povo cristão, permitiu reconhecer a uva como a rainha das frutas³⁸. Uma parte destinava-se ao fabrico do vinho, enquanto a outra era consumida fresca ou seca³⁹. Tanto se comia ao natural como depois de transformada em doce⁴⁰.

Tal como já se disse em relação aos figos, também as uvas continham uma grande quantidade de açúcar, o que as tornava agradáveis e energéticas. Esse açúcar assumia-se como o principal responsável pela qualidade do vinho que delas se extraía. Além disso, a sua doçura

³¹ Ex39,24-25; 28,33 «Na barra colocarás romãs de púrpura violácea, de púrpura escarlata, de púrpura carmesim, entremeadas com campainhas de ouro, a toda a volta.»

³² 1Rs7,18-20 «Fez igualmente duas fileiras de romãs em volta das redes para cobrir os capiteis que cobriam as colunas.»; ver 1Rs7,42; 2Rs25,17; 2Cr3,15-17; 36,18-20; Jr52,17-23.

³³ Nm20,5; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.58; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.588.

³⁴ Apício, *ob. cit.*, pp.74-75.

³⁵ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.23.

³⁶ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.163-166; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.588.

³⁷ Gn9,20.

³⁸ Michel Feuillet, *ob. cit.* pp.124-125.

³⁹ 1Sm30,12 «...dois cachos de uvas passas...»; 2Sm16,1 «Tendo David descido um pouco a outra encosta do monte, viu Ciba, servo de Mefiboset, que vinha ao seu encontro com dois jumentos carregados de duzentos pães, cem cachos de uvas secas, cem peças de fruta da estação e um odre de vinho.»

⁴⁰ 1Sm25,18 «...cem tortas de uvas passas...»

permitia que, depois de secas, se conservassem por muito tempo e pudessem ser consumidas fora da época normal.

A vindima, nome pelo qual sempre foi conhecida a colheita das uvas, motivava grande festa no povo. Já na época dos Juízes assim acontecia⁴¹. A alegria não se concentrava somente no acto de apanhar as uvas, mas em todo o processo de vinificação. A pisa das uvas no lagar concorria para um dos momentos maior folgança entre os variados trabalhos agrícolas.

Muitas vezes, os autores sagrados recorriam aos alimentos para manifestarem sentimentos individuais ou para transmitirem o carácter de certos seres humanos. Foi o que aconteceu com Isaías, ao comparar a sorte dos bons a cachos de uvas sumarentos e a sorte dos maus às uvas sem sumo⁴². Ainda nesta linha de pensamento, o imaginário alimentar produziu efeitos no profeta Oseias, conduzindo-o ao casamento com uma mulher adúltera, a quem o seu Senhor apelidava de *torta de uvas*⁴³.

Os Evangelhos, mormente o de Mateus e Lucas, colocam as uvas como símbolo das gerações de homens bons. Sublinham que a boa uva só provém de uma boa cepa.

Ao fazer a leitura global deste quadro, verificamos que as frutas praticamente não surgem nos Evangelhos. As únicas excepções vão para os figos e para as uvas. Mesmo assim, as referências a estas frutas não denotam qualquer valor real, apontando exclusivamente para o seu valor simbólico. Na verdade, estes dois frutos eram bastante apreciados pelas populações da época dos evangelistas, como já acontecia anteriormente. Contudo, os Evangelhos vieram romper com os costumes que estavam ligados ao povo judeu, em nome de uma nova abordagem da relação do homem com o sagrado. Uma das áreas na qual se deu um corte radical foi na alimentar. Os alimentos que normalmente eram valorizados no A.T. chegam aos Evangelhos e tomam valor simbólico ou nem sequer são chamados ao texto bíblico. O caso dos frutos confirma esta regra. São Marcos, ao afirmar que não era o tempo dos figos, estava a estabelecer a ruptura com o modelo de vida judaico. Na verdade, o tempo que ele vivia e pretendia anunciar era o tempo de outros frutos, necessariamente diferentes dos judaicos. Referia-se, portanto, que o mais importante não consistia em comer frutos deliciosos de uma qualquer figueira, mas sim alimentar-se do verdadeiro fruto, que brotava do *rebento do tronco de Jessé*⁴⁴. Como se pôde constatar, a figueira que o evangelista apresenta estava estéril, não dava frutos. Ora, o fruto delicioso que o Evangelho de Marcos pretendia trazer à mesa provinha de uma árvore fecunda. A imagem da esterilidade poderá referir-se à doutrina judaica. O tempo a que se refere Marcos aponta vida em abundância.

⁴¹ Jz9,27 «Saíram para os campos a vindimar as suas vinhas, pisaram as uvas e organizaram festejos de regozijo.»

⁴² Is65,8.

⁴³ Os3,1.

⁴⁴ Is11,1.

A incursão feita por Lucas, pelo universo antropológico na abordagem aos frutos, remetia para uma nova forma de ver o ser humano. O Homem, nesse tempo, teria que se posicionar no sentido de optar pelos critérios da valorização espiritual nas suas mais diversas valências. O que esse evangelista pretendeu realçar foi a essência das coisas, a árvore do Bem, para que os seus frutos se tornassem verdadeiramente um alimento saciador de todos e para todos. Nessa simbólica alusão estava contida a valorização de um novo paraíso, cujo fruto era Jesus⁴⁵.

⁴⁵ Jean Daniélou, *ob. cit.*, p.8.

2 – Os alimentos proibidos no judaísmo¹

Para o povo judeu, o acto de comer revestia-se de uma solenidade religiosa no seu quotidiano. Eles recitavam uma bênção antes da refeição, davam graças depois dela e durante a mesma falavam sobre a *Torah*, para fazer lembrar a fonte da comida. O judaísmo traçou uma relação estreita entre o conceito de mesa e de altar, colocando ambos no mesmo patamar².

A mesa da refeição e o altar do sacrifício foram regulados por princípios rígidos de observância de rituais. Tanto na mesa das refeições como no altar, só aquilo que tornava o homem mais puro e mais próximo de Deus era colocado sobre eles. Nem todos os alimentos que a natureza oferecia poderiam fazer parte das suas refeições, nomeadamente a carne de certos animais. Esse povo definiu com precisão as carnes que poderia comer, escolhendo apenas aquelas que não levassem à impureza³.

Os capítulos onze a quinze do livro do *Levítico* apresentam vários tipos de impurezas e apontam os caminhos para a sua purificação. Não era somente um caso de higiene ou moral, mas sim da aplicação de um critério nos rituais. As pessoas que incorriam em qualquer tipo de impureza estavam impedidas de participar no culto, uma vez que este jogava um papel determinante na religião e na sociedade israelita.

A suportar estas leis encontravam-se os princípios teológicos da santidade⁴. Como já se analisou, distinguir o puro do impuro, o santo do comum, traduzia-se no princípio de separar e de ordenar. Distinguir significava reescrever a criação do mundo. As leis de pureza ritual tinham como finalidade preservar a ordem e a distinção das coisas, tal como foram criadas por Deus. Esta era também uma ideia que se podia relacionar com o conceito de totalidade e perfeição.

¹ Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.211-238; Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.57-74; Jacob Milgrom, «The Biblical Diet Laws as an Ethical System-Food and Faith», pp.288-301; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.677-694; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.63-73; Jean Potin, *a Bíblia devolvida à História*, pp.437-449.

² Jacob Milgrom, «art. cit.», p.297.

³ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.50, «Quando tivermos abstraído a patogenia e a higiene das nossas ideias sobre a impureza, ficaremos com a velha definição nas mãos: qualquer coisa que não está no seu lugar. Este ponto de vista é muito fecundo. Implica, por um lado, a existência de um conjunto de relações ordenadas e, por outro, a subversão desta ordem. A impureza nunca é um fenómeno único, isolado. Onde houver impureza, há sistema. Ela é o subproduto de uma organização e de uma classificação da matéria, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados. Esta interpretação da impureza conduz-nos directamente ao domínio simbólico. Pressentimos assim a existência de uma relação mais evidente com os sistemas simbólicos de pureza. Concebemos a impureza como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados. A impureza é uma ideia relativa (...). Estes alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir ou salpicos de comida num fato (...).»

⁴ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.71, «Eis-nos agora em condições de compreender as prescrições sobre as carnes puras e impuras. Ser santo é ser total, ser uno; a santidade é unidade, integridade, perfeição do indivíduo e dos seus semelhantes. Para as prescrições alimentares basta desenvolver a metáfora no mesmo sentido.»; Jacob Milgrom, «art. cit.», pp.294-295.

Sobre os sacerdotes recaíam as responsabilidades de distinguir o puro do impuro, e daí, a sua importância e seu papel decisivos no campo das leis da pureza ritual⁵. Segundo a interpretação bíblica, não foram eles que criaram as distinções, eles assumiram somente a função de discernir quanto aos limites impostos por Deus e transmiti-lo ao povo eleito. Sobre este cenário, o livro do *Levítico* construiu seis unidades de observância da Lei muito importantes, que se descrevem a seguir, por todas estarem relacionadas com o preceito de pureza:

- 1ª - Animais puros e impuros (Lv13,1-59).
- 2ª - Impureza e purificação das parturientes (Lv12,1-8).
- 3ª - Enfermidades da pele (Lv13,1-59).
- 4ª - Rituais de purificação para a cura da pele (Lv14,33-57).
- 5ª Contaminação e purificação das casas (Lv14,33-57).
- 6ª - Impureza por secreções corporais (Lv15,1-33).

Em cada uma destas unidades está escrito no início: «Esta é a lei...»

Entre a primeira unidade e as restantes cinco existem diferenças importantes. Enquanto, na primeira, os animais formavam a fonte de impureza, nas outras era o homem essa fonte. Existe pois aqui uma abismal discrepância, que se nota no facto de alguns animais serem considerados impuros em si, ao passo que os homens o eram apenas temporariamente.

Concentremo-nos, portanto, na primeira observância mencionada: o *Levítico* divide em primeiro lugar os animais puros e impuros, comestíveis ou não, segundo três categorias: terrestres, aquáticos e aves, e insectos alados. Numa segunda divisão, coloca os animais abomináveis. Na primeira parte, reforça a linha dietética, versão esta que se altera um pouco no livro do *Deuterónimo* (Dt14,3-21). A classificação dos animais nas três categorias, segundo o espaço onde se movem, evoca a ordem traçada no *Génese*. O mundo concebido segundo modelo ordenado da criação tornou-se fundamental na interpretação da antropologia social, na medida em que, a ordem cultural e o sistema social reflectem a ordem cosmológica⁶.

As origens destas classificações deverão ir buscar-se aos costumes de uma anterior economia de pastoreio⁷. Tais costumes precederam o sistema sacerdotal de pureza e alargaram-se a outros povos do Médio Oriente, que baseavam a sua alimentação em carne dos animais domésticos que criavam. Estes eram, pois, oferecidos aos seus deuses. A pureza que o gado doméstico gozava assentava no facto de ter sido sempre comido pelas pessoas. O primeiro e mais importante critério para distinguir um animal puro de um impuro eram a sua integração dentro do grupo dos animais domésticos.

⁵ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.117, «O ritual exorciza o perigo, no sentido em que separa o indivíduo do seu antigo estatuto, isola-o durante algum tempo e insere-o de seguida, politicamente, na sua nova condição. Não apenas a transição é em si mesma perigosa como também os ritos de segregação são a fase mais perigosa do ritual.»

⁶ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.16.

⁷ Jacob Milgrom, «art. cit.», pp. 294-296.

Apesar de a dieta incluir a carne dos animais que se ofereciam aos deuses, as pessoas podiam comer outros não sacrificáveis. Aquilo se colocava aos sacerdotes consistia em distinguir os que poderiam ser comestíveis ou não. Resolveram isto compilando uma dieta análoga entre as pessoas e Deus, isto é, comeriam só os animais que morfologicamente se pareciam com os dos sacrifícios. Foi a partir daqui que os sacerdotes estabeleceram um sistema de classificação mais complexo e mais completo, mas que os fiéis compreendiam facilmente.

Ao altar eram conduzidos os animais de melhor aspecto, mais bem tratados e sem qualquer defeito. Neste ponto, o hibridismo e peculiaridades evidentes tornavam o animal impróprio para Deus, preservando a integridade de que os judeus faziam questão⁸.

Esta disciplina cultural transferiu-se também na mesa judaica. De tal maneira que os judeus consideravam esses animais impuros, logo, abomináveis e imundos. Os livros do *Levítico* e o *Deuteronomio* definiram com mais precisão os animais cuja carne era permitido ou proibido comer-se. A este propósito, o *Levítico* apresenta uma lista mais extensa do que o *Deuteronomio*.

Não terão sido somente questões de ordem dietética ou sanitária que estiveram na base deste modo extremado de ver a alimentação, nem mesmo questões de ordem puramente religiosas. De facto, terá de ser ponderada também a capacidade de estes preceitos de unificar um povo diante de circunstâncias difíceis, ou o sentimento de estranheza diante dos povos vizinhos⁹.

A observância rigorosa da lei constituía um dos aspectos mais característicos do povo judeu. Na verdade, esse povo sempre interpretou a transcendência divina de uma maneira muito própria, acreditando que só os que permanecessem limpos permaneciam em harmonia com o Alto¹⁰.

Além disso, as interdições de comer certas espécies tinham que ver com o facto de se tratarem de alimentos apreciados por povos não judeus. A título de exemplo, a carne de porco considerada sagrada para os babilónios e gregos e, por isso, usada em sacrifícios, era abominável na mesa judaica. A confirmá-lo, foram encontrados vestígios de esqueletos de porcos descobertos nas escavações neolíticas que se efectuaram no santuário de Gezer, presumivelmente pertencentes a cananeus da Palestina.

Alguns autores afirmam que os porcos eram considerados impuros por razões de superstição. Segundo eles, se estes animais enterravam o focinho no solo para se alimentarem, inevitavelmente se relacionavam com espíritos malignos escondidos debaixo da terra¹¹.

⁸ Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.69-70, «A santidade estende-se, ainda segundo outros preceitos, às espécies e às categorias. Os híbridos e outros desalinhados são abominações. (...) Podemos concluir que a integridade é típica da santidade. Esta exige igualmente que os indivíduos se conformem à classe a que pertencem e que não haja confusão entre os diferentes grupos de objectos.»

⁹ Jacob Milgrom, «art. cit.», p.295.

¹⁰ Lv19,2; 21,6; 20,26: «Sede santos para mim, porque Eu o Senhor sou santo e separei-vos dos povos para serdes o meu povo.»

¹¹ Alberto Colunga, *Bíblia Comentada*, pp.677-682.

O laço estreito de consagração que se mantinha entre a comunidade judaica e o seu Deus era-lhe conferido pelo facto de Israel se considerar Seu filho primogénito, isto é, ser um povo com expectativas de superioridade em relação aos povos pagãos¹². A união íntima criada entre ambos superiorizou-se sobre qualquer outra, o que obrigava o povo de Israel a relacionar-se com o seu Deus de um modo mais condicionador da vida quotidiana do que outros povos.

No meio destes encontravam-se os sacerdotes, obrigados à santidade e a dar exemplo, mais do que o seu povo. A conduta dos sacerdotes era determinante nas suas vivências, porque os rituais fomentavam a moral. Por tal razão, a classificação de animais puros e impuros, parecendo aos nossos olhos não fazer qualquer sentido, tinha, naquela época, a missão de vincar o sentido de santidade do povo de Israel para com Javé. O autor do livro do *Levítico* criou nas pessoas uma consciência sacerdotal para o seu tempo e, simultaneamente, um sentido de divindade que se potenciava no conceito de uma nação única, que não podia contaminar-se pelas nações gentias¹³.

Mais tarde, o cristianismo colocou em causa estas práticas culturais. Apesar de Jesus as ter cumprido, levou-as ao seu aperfeiçoamento e adaptação à realidade cristã.

A fé cristã assentou esta doutrina na valorização de tudo o que brota do coração¹⁴, colocando-se numa posição diametralmente oposta ao judaísmo que valorizava unicamente o que se comia, como se comia e com quem se comia. Veio, deste modo, revogar a lei, ao sentar à mesa todas as pessoas com a possibilidade comer de tudo.

A seguir, vão apresentar-se alguns quadros que enumeram os animais que, no âmbito judaico, eram impuros e abomináveis. Habitam os três ambientes possíveis: terra, água e ar.

Apresentar-se-á um quadro de animais terrestres e dois de animais aéreos. Quanto aos peixes, não se elaborou nenhum quadro, porque eles não foram citados segundo as suas espécies. Bastará dizer a este respeito que, os livros atrás referidos apresentam, como abomináveis e imundos, todos os animais que vivem nas águas dos rios ou dos mares e não possuem escamas e barbatanas¹⁵. Razões de ordem supersticiosa estariam na base destas proibições e, junto a estas, o facto de os filisteus, que viviam junto ao mar, venerarem os peixes¹⁶. Se estas razões não forem suficientemente válidas, podemos ainda classificar os peixes como alimentos de baixa condição, que se deixam levar pela corrente dos rios, sendo incapazes de resistir à sua força¹⁷.

¹² Ex4,22 «E dirás ao faraó: Assim fala o Senhor: O meu filho primogénito é Israel.»

¹³ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.65.

¹⁴ Mt15,18-19; Mc7,21.

¹⁵ Lv11,10; Dt14,10: «mas não comereis o que não tiver barbatanas nem escamas; esses serão impuros para vós.»

¹⁶ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p. 679.

¹⁷ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.64, «Os peixes com barbatanas e escamas que são admitidos pela Lei simbolizam a resistência e o autocontrolo, ao passo que os peixes interditos se deixam levar pela corrente, incapazes de resistir à força do rio. Os répteis que serpenteiam arrastando-se pelo ventre simbolizam as pessoas que se entregam à satisfação das suas paixões e dos seus desejos cúpidos. Ao contrário, os animais que rastejam mas que têm patas para saltar são puros, pois simbolizam o sucesso que coroa o esforço moral.»

Relativamente aos insectos, passa-se o mesmo, uma vez que só foram citados os que eram permitidos. Todos os outros, não nomeados, eram considerados imundos¹⁸.

¹⁸ Lv11,20-24 «Podeis, então, comer os seguintes: toda a espécie de gafanhotos, de locustas, de saltões e de grilos. Qualquer outro insecto voador, de quatro patas será para vós considerado imundo.»; Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.680, «De entre los insectos solo se permite comer los pertenecientes a la familia de la langostas, cuya determinación específica no es fácil traducir. Era corriente entre los orientales ya desde la antigüedad comer las langostas.»

2.1 – Os animais abomináveis

2.1.1– Os mamíferos

Quadro XVIII

| Localização | | | | | |
|------------------------|--------|--------------------------------|---|--------|-------|
| A.T. | Livros | Porco | Camelo | Coelho | Lebre |
| N.T. | | | | | |
| A.T. | Gn | | 12,16; 24,10; 24,11; 24,14; 24,19; 24,20; 24,22; 24,30; 24,31; 24,32; 24,35; 24,44; 24,46; 24,61; 24,63; 24,64; 30,43; 31,17; 31,34; 37,25 | | |
| A.T. | Ex | | 9,3 | | |
| A.T. | Lv | 11,7 | 11,4 | 11,5 | 11,6 |
| A.T. | Dt | 14,8 | 14,7 | 14,7 | 14,7 |
| A.T. | Jz | | 6,5; 7,12; 8,21; 8,26 | | |
| A.T. | 1Sm | | 15,3; 27,9; 30,17 | | |
| A.T. | 1Rs | | 10,2 | | |
| A.T. | 2Rs | | 8,9 | | |
| A.T. | 1Cr | | 5,21; 12,41; 27,30 | | |
| A.T. | 2Cr | | 9,1; 14,14 | | |
| A.T. | Esd | | 2,67 | | |
| A.T. | Ne | | 7,68 | | |
| A.T. | Tb | | 10,10 | | |
| A.T. | 1Mac | 1,47 | | | |
| A.T. | 2Mac | 6,18; 7,1; 7,7 | | | |
| A.T. | Pr | 11,22 | | | |
| A.T. | Is | 65,4; 66,3; 66,17 | | | |
| N.T. | Mt | 7,6; 8,30; 8,31; 8,32 | 3,4 | | |
| N.T. | Mc | 5,11; 5,12; 5,13; 5,16 | 1,6 | | |
| N.T. | Lc | 8,32; 8,33; 15,15; 15,16 | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 10 | 40 | 2 | 2 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 12 | 2 | 0 | 0 |
| Total | | 22 | 42 | 2 | 2 |

Este quadro XVIII é constituído pelos quadrúpedes mamíferos abomináveis, segundo a tradição judaica. De um modo especial, os autores dos livros do *Levítico* e do *Deuterónimo* elencaram estes animais de uma forma bastante rígida, no sentido de os identificarem como impróprios para comer. Como a carne de porco actualmente se tornou muito apreciada no mundo

ocidental, o que já acontecia nos povos primitivos¹⁹, e uma vez que faz parte da dieta da maioria das pessoas, foi colocado na primeira coluna. Seguiu-se o ícone das regiões desérticas, o camelo, que representava trabalho, riqueza e transporte. Os restantes animais colocaram-se seguindo a ordem alfabética.

Entre outras razões, a impureza revelada pelo porco manifestava-se por possuir unhas fendidas e não ruminar. O camelo, por sua vez, também se considerava impuro, porque ruminava mas não tinha a unha fendida. O mesmo se passava em relação ao coelho e à lebre²⁰. O rato, apesar de não vir incluído neste quadro, foi citado seis vezes no A.T.. Apenas se lhe faz esta referência, porque não se trata de um animal apreciado na cultura gastronómica ocidental, embora, nas culturas orientais a sua carne, tenha assumido sempre enorme apreço.. Mas seja tido em conta que, se o rato foi citado no livro do Levítico como animal impuro é porque haveria, naquela época, povos, ou comunidades conhecidas dos judeus, que os comiam.

2.1.1.1 – O porco

A domesticação do porco deu-se por volta do sétimo milénio antes de Cristo na Mesopotâmia. A carne deste animal, bastante apreciada pelas populações primitivas, fazia parte da dieta da maioria das pessoas. Tal como hoje, o porco constituía um animal bastante rentável, na medida em que todas as peças de carne se aproveitavam para comer. Na época greco-romana o seu consumo e procura atingiu o seu auge. Estas civilizações não ficaram somente pelo consumo da sua carne, como desenvolveram a produção de derivados, como foi o caso de certos enchidos²¹.

Todavia, a qualidade gastronómica ostentada por este animal não se traduzia em alimento prodigioso para os Judeus, como se irá constatar pelas várias narrações bíblicas que a seguir se apresentam. Assim, na época em que Antíoco IV (175-164 a.C) reinou na Palestina, o culto religioso dos israelitas foi extinto por imposição de um édito assinado por esse rei, que prescrevia a unidade de todo o seu reino. Esse documento fazia saber que todas as leis particulares deviam ser abandonadas. Deste modo, os Israelitas teriam que se adaptar a uma nova vida em comunidade, deixar de guardar o sábado, suspender os sacrifícios e holocaustos e as libações no templo. No meio desta encruzilhada em que o povo de Israel se viu mergulhado, só havia duas saídas: ou obedecer ao édito do rei, não cumprindo a lei judaica e não ficando em desobediência com Deus, ou fugir para esconderijos, onde não fossem encontrados, mas nos quais pudessem cumprir a lei. Esta segunda

¹⁹ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.70-71.

²⁰ Dt14,3ss «Não comereis coisa alguma abominável (...) não comereis, porém, dos que ruminam mas que não tenham a unha fendida, isto é, o camelo, a lebre, o coelho, porque ruminam, mas não têm a unha fendida. Estes são impuros para vós. O porco, porque tem a unha fendida, mas não ruminam, será impuro para vós. Não comereis da carne destes animais nem tocareis nos seus cadáveres.»

²¹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.268-269.

solução era muito perigosa porque, se fossem encontrados a realizar actos de culto contrários aos vigentes, seriam mortos.

Ainda assim, houve muitos israelitas que não comeram os animais impuros, preferindo morrer²². Foi neste contexto que os porcos começaram a ser sacrificados, bem como outros animais imundos²³.

Contudo, nessa época atribulada para o povo judeu, houve um ancião, Eleázar²⁴, cujo exemplo de vida, em relação à lei de Moisés, foi levado ao extremo, ao negar-se a comer carne de porco²⁵. Por ter tomado essa atitude firme de respeito para com a lei judaica, foi executado. Igual sorte, segundo a narração bíblica, teve uma mãe com os seus sete filhos, que foram cruelmente mortos por terem recusado comer carne de porco.

Numa outra passagem não tão cruel mas não menos significativa, Isaías desmascarou os idólatras que comiam carne de porco, comparando-os aos que se deslocavam aos sepulcros para adorar os seus mortos ou os que iam para as grutas passar as noites²⁶. Este profeta chama o povo a um culto verdadeiro. Quanto a ele, haviam de morrer todos os que comessem carne de porco²⁷.

A abominação a que estava sujeita a carne deste animal, para o judaísmo, julgamos que não terá tanto a ver com o facto de não ruminar, mas sobretudo, com questões de ruptura com práticas alimentares gentias e problemas higiénicos. A estas situações impeditivas, poderemos somar a repugnância que os judeus sentiam pelos seus hábitos alimentares omnívoros, sujeitos, portanto à contaminação por via indirecta (consumo de bens impuros)²⁸.

Os Evangelhos não deram ao porco qualquer relevo alimentar, o que leva a admitir-se que seria uma carne do agrado dos povos pagãos a evitar.

Este animal aparece apenas em duas situações. A primeira na narração do episódio de Gádara²⁹, em que um possesso muito inquieto se abeira de Jesus e Ele afasta desse homem os

²² 1Mac1,41ss.

²³ 1Mac1,47 «...erigissem altares, templos e ídolos, sacrificassem porcos e animais imundos...»

²⁴ *Bíblia Sagrada*, p.770, nota; «*Eleázar* é um venerável ancião que morre com a maior dignidade, como os mártires cristãos (Heb11,35). Para ele, o importante não era salvar a vida, pois para isso bastava-lhe apenas simular comer carne de porco, proibida pela lei (Lv11), mas antes livrar-se do juízo de Deus (...), esperando que depois da morte tenha retribuição por isso (Sb3,2; 4,6; 5,8; Dn12,2). Para os Santos Padres, Eleázar é o protomártir da antiga aliança e o mestre dos sete irmãos macabeus. Efectivamente, ele é um exemplo para o povo, enquanto está disposto a morrer pela lei e pela aliança...»

²⁵ 2Mac6,18 «A Eleázar, varão de idade avançada e de bela aparência, um dos primeiros doutores da lei, abrindo-lhe a boca à força, tentavam obrigá-lo a comer carne de porco.» Ver 2Mac7,1ss.

²⁶ Is65,4 «sentavam-se nos sepulcros e passavam as noites em grutas; comiam carne de porco e punham alimentos impuros nos seus pratos.»

²⁷ Is66,17 «...os que comem carne de porco, de répteis e de ratos. Hão-de morrer de uma vez por todas...»

²⁸ Mary Douglas, *ob. cit.*, pp.43-45, «Defendo que todos os alimentos proibidos por Lei são nocivos à saúde. Todos os alimentos interditos são indiscutivelmente nocivos, excepto o porco e as gorduras. Mas também nestes casos a dúvida não se justifica. Pois o porco contém mais humidade que o necessário (a um alimento destinado ao homem) e demasiadas substâncias supérfluas. A principal razão por que a Lei proíbe a carne de porco encontra-se no facto de este ser impuro e repugnante nos seus hábitos e na sua alimentação.»; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.677-679.

²⁹ *Bíblia Sagrada*, p.1579, nota, «Gadarenos, habitantes de Gádara, povoação helenística da Transjordânia, que fazia parte da Decápole, a sueste do lago de Genesaré.»

demónios, que o andavam a atormentar, para o meio de uma vara de porcos. A alusão a estes animais neste contexto tem implícita uma carga simbólica muito negativa. Para o evangelista, o demónio e os porcos estavam no mesmo patamar de importância. A segunda situação em que se mencionaram ocorre na parábola do filho pródigo, proferida por Jesus. Nesse episódio, o porco aparece como animal de criação intensiva entre o povo estrangeiro que se tornou a sua morada de provação. Implícita está a mensagem de que os homens que abandonam a casa de seu pai caem numa condição ainda mais baixa do que a desses animais. Tão desprezível que a bolota que os porcos comiam nem sequer lhes era servida como alimento³⁰. Guardar porcos, nessa época, significava o cúmulo da degradação para os judeus devido à impureza desse animal. Neste contexto o porco simbolizava a gula, a sujidade, a ignorância, a luxúria e o egoísmo³¹.

2.1.1.2 – O camelo, o coelho, a lebre e o rato

O camelo tornou-se animal domesticado, no Próximo Oriente e na Ásia central, não se sabendo ao certo há quantos séculos. A sua carne apenas servia de repasto a quem se encontrasse bem física e psicologicamente. Conta-se que Aristóteles, pelo contrário, considerava a sua carne e o seu leite excepcionais ao paladar, de tal modo que classificava de óptima a mistura alcançada do leite com água³².

O livro do *Génesis* deu um grande destaque a este animal. A primeira passagem que evidencia o camelo como um animal de grande utilidade está ligada ao episódio das prendas que Abraão recebeu do faraó do Egipto. Quando este Patriarca chegou com a sua mulher Sara à beira do faraó, ele enalteceu a formosura de sua mulher, ordenando aos seus súbditos que oferecessem camelos a Abraão, para além de outros animais e servos³³.

O coelho pontuou-se como um mamífero pouco familiar no mundo antigo, de um modo especial na Grécia. Segundo Andrew Dalby, autor que temos estado a citar ao longo deste trabalho, refere que as primeiras fontes relativas a estes herbívoros aparecem na fauna espanhola. Sublinha, ainda, que eles se espalharam depois para o Oriente por acção directa do homem. Nesse sentido, e segundo testemunhos, mais tarde eles proliferaram perto de Nápoles. Estes teriam sido as *lebres* que efectivamente os soldados espanhóis comiam.

Na Bíblia, o coelho apareceu unicamente referido como animal abominável, para os judeus, pois ruminava, mas não tinha a unha dividida.

³⁰ Lc15,11ss.

³¹ Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.91.

³² Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.71; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.590.

³³ Gn12,16 «Por causa dela Abraão foi muito bem tratado, e recebeu ovelhas, bois (...) e camelos.»

A lebre distinguiu-se como um animal de caça muito importante na Grécia Antiga. Torna-se fácil confirmar o prestígio que alcançou nessa altura, pelo grande número de fontes que chegaram até nós, como é o caso de certos vasos que exibem pinturas desse animal³⁴. Eram muito apreciadas as iguarias que se confeccionavam a partir da sua carne. É de realçar o assado que constituía o método de confecção mais apreciado pelas pessoas dessa época.

Em Roma o valor gastronómico dada à lebre era diferente. Elas eram colocadas em cativeiro, as *leporarias*, instaladas em grandes quintas. Juntamente com outros animais selvagens, aí permaneciam sob controlo dos donos e mais disponíveis para serem capturadas. Os dietistas aconselhavam-na para uma boa e equilibrada alimentação³⁵.

Na bíblia, este animal, como abominável, vem referenciado apenas duas vezes. Todavia, julgamos que não seria rejeitado porque ruminava ou não tinha a unha dividida. Na realidade, a lebre e o coelho, sendo quadrúpedes, assumem posição bípede quando lhes dá jeito. Isto é, têm mãos (tal como a toupeira). Deste modo, eram difíceis de inserir nas categorias específicas dos quadrúpedes, que é terem quatro patas mais ou menos similares. E, como os roedores, aqueles animais, que não se incluíam facilmente em nenhuma das categorias do Génesis, abominavam-se.

A leitura global a extrair deste quadro indica-nos que os animais nele contidos faziam parte do lote daqueles bastante apreciados nas civilizações antigas, a maior parte pagãs, e que por essa razão os judeus os recusaram. No caso do porco e do camelo os evangelhos citam-nos doze e três vezes, respectivamente

O camelo, animal do deserto, bastante resistente ao clima árido, foi referenciado no A.T. quarenta vezes e nos Evangelhos apenas duas vezes. Não obstante ter sido um animal importante para o transporte de bens e pessoas, nos tempos bíblicos, foi considerado um animal impuro, pelo código da pureza ritual, imposto pelo judaísmo. O livro do Levítico dá as razões pelas quais o camelo se tornava impuro: ruminava, mas não tinha a unha dividida.

Como já referimos, os judeus rompiam com os costumes dos outros povos, em nome de uma identidade única e una, logo, este animal, que estava associado aos povos inimigos, como era o caso do Egipto, não fazia parte da dieta dos seus eleitos. Nos Evangelhos o camelo não obteve mais protagonismo do que informar que a capa que cobria S. João Baptista era feita da sua pele, num sinal de humildade e de despojamento, mas também de coragem, já que o anunciador da nova fé se apresenta coberto pela pele de um animal abominável.

Os coelhos e as lebres aparecem referenciados duas vezes no A.T., enquanto nos Evangelhos não merecem qualquer menção. A razão que estará subjacente a esta situação prende-se com o facto de estes animais, sobretudo a lebre, se encontrarem muito ligados às mesas reais e às mais abastadas

³⁴ Andrew Dalby and Sally Grainger, *The Classical Cookbook*, p.74.

³⁵ Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, p.172.

de então. Por isso, os evangelistas não os trouxeram aos seus textos em nome da exaltação das coisas simples, princípio que norteava a doutrina evangélica.

2.1.2– Os répteis

Quadro XIX

| Localização | | | | | | |
|-------------------------------|--------|-----------------------------|----------|------------|----------|------------|
| A.T. | | | | | | |
| N.T. | | | | | | |
| A.T. | Livros | Serpente/cobra/víbora | Camaleão | Crocodilo | Lagarto | Salamandra |
| A.T. | Gn | 3,1; 3,4; 3,13; 3,14; 49,17 | | | | |
| A.T. | Ex | 4,3; 4,4; 7,15 | | | | |
| A.T. | Lv | | 11,30 | 11,30 | 11,29 | 11,30 |
| A.T. | Nm | 21,6; 21,7; 21,8; 21,9 | | | | |
| A.T. | Dt | 8,15; 32,33 | | | | |
| A.T. | 2Rs | 18,4 | | | | |
| A.T. | Job | 26,13 | | | | |
| A.T. | Pr | 23,32 | | | | |
| A.T. | Sl | 57,5; 90,13; 139,4 | | | 104,34 | |
| A.T. | Ecl | 10,8; 10,11 | | | | |
| A.T. | Sb | 16,5; 16,10; 17,9 | | | | |
| A.T. | Sir | 12,13; 21,2; 25,15; 39,30 | | | | |
| A.T. | Is | 14,29; 34,15; 65,25 | | | | |
| A.T. | Jr | 8,17; 46,22 | | | | |
| A.T. | Ez | | | 29,3; 32,2 | | |
| A.T. | Am | 5,19 | | | | |
| A.T. | Mq | 7,17 | | | | |
| N.T. | Mt | 7,10; 10,16; 23,33 | | | | |
| N.T. | Mc | 16,18 | | | | |
| N.T. | Lc | 10,19; 11,11 | | | | |
| N.T. | Jo | 3,14 | | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 36 | 1 | 3 | 2 | 1 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | | 43 | 1 | 3 | 2 | 1 |

O quadro anterior situa alguns dos répteis que foram mencionados nos vários livros da Bíblia. A maior parte das citações refere-se especificamente à serpente, também denominada, noutras passagens, por cobra ou víbora.

Apenas apresentamos as ocorrências dos outros répteis, que foram praticamente só citados para indicar a sua proibição na alimentação do povo hebreu, pelo que esta questão não será mais abordada.

Os animais em questão, tanto os que possuíam patas como os que as não tinham, eram considerados impróprios (imundos) para consumo humano, porque rastejavam sobre a terra³⁶. Todavia, havia entre os semitas quem cultivasse apreço por estes animais³⁷, principalmente aqueles que estavam ligados aos ídolos egípcios.

Sublinhe-se o facto de, nessa cultura, os crocodilos serem animais adorados pelo povo. Estes simbolizavam, inclusivamente, o poder real e a sua grandeza, estatuto que pertencia ao faraó. A realçar esta situação, deparamo-nos com a descrição deste alto dignatário considerando-se ele próprio o crocodilo e não passando os seus súbditos de simples peixes.³⁸

Os judeus relacionavam todos os animais que estavam ligados à terra e se escondiam nela, de um modo especial estes que o quadro regista, com os espíritos malignos, que acreditavam existirem no interior do subsolo³⁹.

Como o sentido e o significado dados à víbora e à cobra são idênticos aos da serpente, usar-se-á apenas a palavra serpente, no desenvolvimento do quadro XIX.

2.1.2.1 – A serpente⁴⁰

A serpente foi o primeiro animal a aparecer referenciado na Bíblia⁴¹. Não fazendo parte da dieta alimentar ocidental, tornou-se alimento de eleição na cultura oriental e, na esfera bíblica, desempenha um papel simbólico muito importante. Ela é símbolo para os comportamentos furtivos e dúplices tendo, por isso, surgido no Génesis como a corporização do Demónio, e por estes serviços Deus a castigou, numa narrativa que se apresenta como a explicação para o seu modo de locomoção. Além disso, como revelam as escrituras, Deus amaldiçoou-a e não lhe perdoou. Quanto ao homem e à mulher, pelo contrário, Ele castigou-os e amaldiçoou-os, mas perdoou-os. Na

³⁶ Mary Douglas, *ob. cit.*, p.73.

³⁷ Ez8,10 «Entreí e vi: havia uma figura de entre todas as espécies de répteis e de animais repugnantes, todos os ídolos da casa de Israel gravados na parede à volta.»

³⁸ Ez29,3 «...faraó, rei do Egipto, crocodilo monstruoso, estendido no meio dos teus Nilos...»; ver Ez32,2; *Bíblia Sagrada*, notas, p.1389.

³⁹ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.681-682.

⁴⁰ Jean Daniélou, *ob. cit.*, p.9; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.106-107; Manuel de Tuya, *ob. cit.*, p.589; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.227-229.

⁴¹ Gn3,1 «A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera: e disse à mulher: “É verdade ter-se Deus proibido de comer o fruto de alguma árvore do jardim?”»

verdade, a imagem da serpente coloca à mente humana o dilema da opção, que poderá conduzir a sentimentos de culpa, em muitas situações da vida, e a alguns desequilíbrios morais, como a vergonha, a fadiga, a ânsia e o medo.

O autor do livro do *Génesis*⁴², para realçar o seu poder, pô-la a falar com Deus, como a querer mostrar o seu conhecimento na condução do ser humano, para o bem ou para o mal. Mas ela perdeu no diálogo que estabeleceu com Deus, porque, ao tentar colocar o homem no lugar de Deus, não o conseguiu.⁴³

O livro do *Êxodo* não conferiu à serpente a mesma imagem que o da *Criação*, projectando-a numa direcção um pouco diferente. Pela acção divina, a serpente tornou-se em objecto de libertação nas mãos de Moisés, ao transformar-se em vara, símbolo da realeza e insígnia do pastor⁴⁴. Por seu lado, o livro dos *Números* apresenta algum antagonismo, relativo ao simbolismo da serpente, uma vez que a apelida de *ardente*, venenosa e mortal⁴⁵, mas também a denomina de *bronze* e *abrasadora*, com poder salvífico⁴⁶. À luz destas palavras, pode indagar-se o significado da vontade divina: quem proceder segundo a lei e se arrepender das suas faltas obterá a Sua misericórdia e terá a vida eterna.

Tal vida, como explicita o *livro do Deuteronomio*, jorrou abundantemente quando o povo do Senhor errava pelo deserto, sedento e faminto, e se livrou do flagelo das serpentes⁴⁷, enquanto os inimigos foram obrigados a tomá-las como alimento da condenação⁴⁸. A idolatria, produzida pelo recurso à imagem da serpente, foi trazida à ribalta da cena bíblica no segundo livro dos *Reis*. Segundo os seus relatos, o rei Ezequias, rei de Judá (727-698 a.C)⁴⁹, mandou destruir a serpente de bronze que Moisés tinha feito, porque os israelitas a adoravam como a um deus. Este rei quis congregar o seu povo em torno do Senhor, Deus de Israel, e, assim, obter a sua protecção e força para lutar e conquistar outros povos. De entre as muitas vitórias, contou com a que obteve frente aos filisteus e a ocupação da Samaria, com o conseqüente resgate dos cativos⁵⁰.

⁴² Jean Daniélou, *ob. cit.*, pp.3-12.

⁴³ Gn3,14-24.

⁴⁴ Is9,3 «Pois Tu quebraste o seu jugo pesado, a vara que lhe feria o ombro e o bastão do seu capataz, como na jornada de Madian.»

⁴⁵ Nm21,6 «Mas o Senhor enviou contra o povo serpentes ardente, que mordiam o povo, e por isso morreu muita gente em Israel». Jr8,17 «Enviarei serpentes contra vós, víboras insensíveis aos encantamentos, que vos morderão.»

⁴⁶ Nm21, 8-9 «O Senhor disse a Moisés: “faz para ti uma serpente abrasadora e coloca-a num poste. Sucederá que todo aquele que tiver sido mordido, se olhar para ela ficará vivo. Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e fixou-a sobre um poste. Quando alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, vivia”». Sb16,5: «E mesmo, quando veio sobre eles a terrível fúria das feras, e pereciam pela mordeduras das serpentes sinuosas, a tua ira não durou até ao fim.»

⁴⁷ Dt8,15 «Foi Ele quem te conduziu através desse deserto grande e temível, de serpentes venenosas e escorpiões.»

⁴⁸ Dt32,33 «Seu vinho é baba de serpentes, veneno mortal de víboras.»

⁴⁹ 2Rs18,4 «Destruí os lugares altos, quebrou as estelas e cortou os símbolos de Achera. Despedaçou a serpente de bronze que Moisés tinha feito, porque, até então, os israelitas queimavam incenso diante dela.»

⁵⁰ 2Rs18, 1-16.

O caos do universo, que simbolicamente a serpente podia provocar, devido ao seu poder, seria completamente anulado pela mão estendida do «Alto». Job usa a imagem de *serpente fugitiva* para mostrar a transcendência divina. Neste livro, tal animal assume o papel de adversário de Deus, o demónio, o *Raab*⁵¹. Noutra passagem, a serpente foi comparada ao monstro de Leviatan⁵², animal marinho cujo nome estava relacionado com as forças do caos⁵³.

O *livro dos Salmos* apresentou, de uma forma poética, a serpente como a personificação dos grandes, dos poderosos e dos administradores da justiça. Estes personificavam os ímpios que não escutavam os mais simples, antes os usavam e espezinhavam⁵⁴. Deus, pelo contrário, constituía o seu amparo e o seu refúgio. Sob a protecção divina, os homens não temerão a serpente, podendo pisá-la aos pés, sem que esta os consiga amedrontar⁵⁵. Porém, o salmista advertia para a força da maldade, avisando para a vantagem de as pessoas se libertarem dela, devido ao poder do seu veneno⁵⁶.

Os *Provérbios* estabelecem um paralelismo entre a serpente e o vinho. Referem-no para mostrar a tragédia produzida pela maldade. Na realidade, o vinho tomado em exagero provoca tantos malefícios como o veneno das serpentes e as picadas das cobras. Quem beber vinho em excesso perde a noção da realidade, comporta-se como estes animais e torna supérfluo e inútil qualquer conselho⁵⁷.

Como narra o autor do *Eclesiastes*, basta deitar abaixo um muro e elas atacam à mínima distração⁵⁸. Já no livro da *Sabedoria*, retoma-se o tema doutrinal dos que andam sob a protecção divina e os que Lhe são infiéis: os primeiros são protegidos das serpentes e os segundos são destroçados por elas. O próprio sibilar das serpentes assusta-os, cabendo a cada um acautelar-se da sua maldade que paira à sua volta⁵⁹. Esta ruindade provém dos inimigos, por isso, o livro do Ben Sira recomendava que os homens se livrassem deles. Foi isto que o profeta Isaías confirmava no oráculo contra os filisteus, inimigos de Israel: *da estirpe da serpente nascerá uma víbora*.

⁵¹ Jb9,13 «Deus não reprime a sua cólera; diante dele curvam-se as legiões de Raab.» Is27,1 «Naquele dia, o Senhor ferirá com a sua espada grande, temperada e forte, o monstro Leviatan, serpente sinuosa, o monstro Leviatan, serpente fugidia, e matará esse dragão do mar.»

⁵² Jb3,8 «Amaldiçoem-na os que abominam o dia e estão prontos a despertar Leviatan!»; Jb40,20; 41,25; Is27,1; Sl104,25-26).

⁵³ *Bíblia Sagrada*, p.798, notas, «Leviatan é o nome dado a um monstro marinho que aparece ligado com as forças do caos. Como tal, é uma força oposta à acção de Deus e, por conseguinte, é também sentido como uma força ameaçadora para os humanos. Daí os rituais de esconjuro destinados a dominar a força daquele monstro.»

⁵⁴ Sl57,5-6 «O seu veneno é como o das víboras; fazem-se surdos como as serpentes, para não ouvirem a voz dos encantadores, dos magos peritos em sortilégios.»

⁵⁵ Sl90,13 «Poderás caminhar sobre serpentes e víboras, calcar aos pés leões e dragões.»

⁵⁶ Sl139,2-4 «Livra-me Senhor do homem mau; defende-me do homem violento; dos que planeiam o mal em seu coração e todos os dias promovem discórdias. Afiam a sua língua como serpentes e escondem nos lábios veneno de víboras.»

⁵⁷ Pr23,32 «No fim, morde como uma serpente e pica como uma víbora.»

⁵⁸ Ecl10,8 «Aquele que abre uma cova, poderá cair nela; quem derruba um muro, poderá ser mordido por uma serpente.»

⁵⁹ Sb16,5; 16,10; 17,9: «Mesmo que nada de mais grave os perturbasse, a passagem de animais e os sibilos das serpentes os sobressaltavam e morriam de medo, recusando-se até a olhar à sua volta, o que não se pode evitar.»

O mesmo se passou em relação a Edom⁶⁰, que, de povo amigo passou a inimigo de Israel depois de 587 a. C, ano em que Nabucodonosor invadiu Jerusalém e destruiu o Templo⁶¹. A serpente, neste episódio, foi apresentada como procriadora do mal. Deste modo, a maldade já não estava num só homem, mas semeado em muitos outros. Todavia, Isaías acreditava que estes animais não perdurariam e que na terra se voltaria a viver em fraternidade, em comunhão, em solidariedade e em paz. Apresenta, então, o quadro ideal no qual põe os animais domésticos a comer com os animais selvagens, sem que criem qualquer problema uns aos outros⁶². Era este o modelo de sociedade que Isaías imaginava para o seu povo. Não obstante esta maravilhosa tela, tanto Jeremias, como Miqueias, ou Amós voltavam a usar a serpente como a espada do inimigo, isto é, como alimento venenoso.

Os Evangelhos também designaram este réptil como a bandeira do mal. Mateus, ao revelar a seu povo o valor da oração, insistindo com ele na necessidade e na importância de orar, apresentava a oração como um peixe que se come, sacia e purifica, ao passo que quem não orasse, ingeria a serpente venenosa e morreria⁶³. Jesus de Nazaré, por seu lado, quando se dirigiu aos seus discípulos, avisando-os dos perigos que iriam encontrar na evangelização, aconselhou-os a serem cautelosos como as serpentes e simples como as pombas, para se protegerem dos ímpios⁶⁴. Neste contexto, os fariseus e os doutores da lei eram o modelo duma sociedade de hipócritas, comparada por Mateus a um covil de serpentes⁶⁵.

S. Marcos retoma a ideia da serpente como um alimento que poderia ser dominado pelos crentes. Ele refere-se a Jesus que proclama que quem acreditasse no Pai, por intermédio do Evangelho e fosse baptizado, poderia pegar este animal na palma da mão, sem que ele lhe fizesse mal algum⁶⁶.

Segundo Lucas, o verdadeiro Reino alcançar-se-ia somente por quem vencesse Satanás. Quem conseguisse este sucesso poderia pisar serpentes sem que estas lhes causassem algum dano⁶⁷.

Também S. João, como um dos discípulos mais próximos de Jesus, tal como é apresentado nas Escrituras Sagradas, porventura mais por dentro do seu íntimo, usou a imagem da serpente ardente de bronze, de Moisés, para significar Jesus pregado na cruz, no Monte do Calvário, e dado

⁶⁰ Gn19,37-38; Nm20, 14; Jr49, 7-22; Am1,11.

⁶¹ Jean Potin, *ob. cit.*, pp.107-134.

⁶² Is65,25 «O lobo e cordeiro pastarão juntos, o leão e o boi comerão palha, e a serpente comerá terra. Não haverá mais o mal e a destruição em todo o meu santo monte – oráculo do Senhor.»

⁶³ Mt7,9-10 «Qual de vós, se um filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente?»

⁶⁴ Mt10,16 «Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.»

⁶⁵ Mt23,33 «Serpentes! Raça de víboras! Como podereis fugir à condenação da Geena?»

⁶⁶ Mc16, 17-18 «Estes sinais acompanharão aqueles que acreditarem: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; hão-de impor as mãos aos doentes e eles ficarão curados.»

⁶⁷ Lc10,19 «Olhai que vos dou poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poderio do inimigo; nada vos poderá causar dano.»

em alimento a todos os homens. Quem comungar deste corpo com fé não morrerá e terá vida para sempre, refere este evangelista⁶⁸. Assim, o povo que olhava para a serpente no deserto restabeleceu a vida, o mesmo se passa no N.T., quem olhar para Jesus alcança a vida eterna.

Verificamos, portanto, que a serpente apresentava um duplo significado, quer no A.T., quer nos evangelhos, pois, por um lado traduz a imagem do caos da humanidade e por outro a da sua libertação⁶⁹.

2.1.3– As aves de rapina

QuadroXX

| Localização | | | | | | |
|------------------------|--------|-------------|------------------------------|----------|----------|----------|
| A.T. | Livros | Abutre | Águia | Coruja | Falcão | Mocho |
| N.T. | | | | | | |
| A.T. | Ex | | 19,4 | | | |
| A.T. | Lv | 11,14 | 11,13 | 11,17 | 11,14 | 11,17 |
| A.T. | Dt | 14,12 | 14,12; 28,49; 32,11 | 14,16 | 14,13 | 14,16 |
| A.T. | 2Sm | | 1,23 | | | |
| A.T. | Jb | 28,7 | 9,26; 28,7; 39,27 | | 39,26 | |
| A.T. | Sl | | 102,5 | 101,7 | | |
| A.T. | Pr | | 23,5; 30,17; 30,19 | | | |
| A.T. | Is | 18,6; 34,15 | 40,31 | 34,11 | | 13,21 |
| A.T. | Jr | | 4,13; 48,40; 49,16; 49,22 | | | |
| A.T. | Lm | | 4,19 | | | |
| A.T. | Ez | | 1,10; 10,14; 17,3; 17,7 | | | |
| A.T. | Dn | | 4,30; 7,4 | | | |
| A.T. | Abd | | 1,4 | | | |
| A.T. | Mq | 1,16 | | | | |
| A.T. | Hab | | 1,8 | | | |
| N.T. | Mt | 24,28 | | | | |
| N.T. | Lc | 17,37 | | | | |
| Nº de ocorrências A.T. | | 6 | 27 | 4 | 3 | 3 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | | 8 | 27 | 4 | 3 | 3 |

⁶⁸ Jo3,14-16 «Assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim também o Filho do Homem seja erguido ao alto, a fim de que todo o que nele crê tenha a vida eterna. Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.»

⁶⁹Maurice Cocagnac, *Les Symboles Bibliques, Lexique théologique*, pp.199-202, «Pour les tradition anciennes, le serpent est un être mystérieux. Ce caractère surnaturel peut faire de lui une divinité ou un démon.»

Este quadro é constituído pelas ocorrências de aves de rapina no corpus indicado. Estes animais foram colocados no quadro por ordem alfabética, por não ter sido possível vislumbrar uma hierarquia subjacente ao seu aparecimento no texto.

Todas as aves de rapina foram mencionadas nos livros do *Levítico* e do *Deuterónimo* como imundas para as mesas judaicas⁷⁰. Não parecendo à primeira vista que estes animais tenham muito que ver com a alimentação, quer dos povos primitivos quer dos os actuais, porém, se o livro do *Levítico* os proibia, seria porque havia quem os comesse.

Apesar dessa limitação, algumas destas aves aparecem assinaladas noutras situações com significados alternativos ao alimentar. Apenas destacámos algumas, no quadro supra citado. No entanto, é pródiga a enumeração de outras espécies proibidas na alimentação judaica. Uma boa razão pela qual eram consideradas tão abomináveis, seria por não viverem perto do homem, nem com ele se relacionarem, como acontecia com a pomba ou a rola. Não menos provável, também, terá que ver com o facto de serem animais predadores necrófagos, muitas vezes em decomposição. De facto, estariam, por este motivo, contaminados indirectamente, já que por esta via podiam ingerir animais impuros, ou, pelo menos, não sangrados.

O abutre, no A.T. e nos Evangelhos de Mateus e Marcos, simbolizava o julgamento dos seres humanos. Estes autores quiseram expressar, com essa imagem, que, no fim da sua vida, o corpo humano servirá somente para ser devorado pelos abutres, caso não procedam segundo a lei divina. Era um alerta para o homem que se perdia na vida, que se transformaria deste modo em cadáver que esses animais tanto gostavam de devorar.⁷¹

A águia⁷² tomou o significado do carinho de Deus pelos homens. É uma ave que voa a uma grande altitude, mas, devido à sua excelente visão, consegue localizar com precisão as suas presas. As suas grandes asas permitem que se mantenha no ar a planar muito tempo seguido, sem se cansar. Tem, por isso, uma visão e um controlo bastante perfeitos sobre o que se passa no solo. O autor do livro do *Deuterónimo* achou que o papel desempenhado por Moisés, na caminhada do seu povo em direcção à *Terra Prometida*, foi como o de uma águia esvoaçando sobre os seus filhos⁷³.

⁷⁰ Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.680.

⁷¹ Lc17,37: «Onde estiver o corpo, lá se juntarão também os abutres.» ver Is18,6; 34,15-16; Jr7,33; 12,9; Ez39,17; Mt24,28.

⁷² Maurice Cocagnac, *ob. cit.*, 196, «Il est incontestablement le roi des oiseaux. Les rapaces peuvent avoir mauvaise réputation en tant qu'oiseaux de nuit dans le monde des ténèbres: tells les hiboux qui hantent les ruines où dansent les satyres poilus et cornus (Is13, 21). Bien que rituellement impur, l'aigle est considéré de manière particulière. La majesté de son vol fait de lui un oiseau souverain, noble, qui peut cependant représenter une nation étrangère, envoyée par Dieu pour punir l'infidélité d'Israël.»; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.6.

⁷³ Ex19,4; Dt32,11: «Ele como uma águia a incentivar os seus filhos, esvoaçando sobre os seus filhotes...»; ver Jr48,40; 49,22.

Pelo aspecto vigoroso que esta ave confere ao seu voo, e pela vasta renovação das suas penas, Isaías traduziu-a no símbolo da juventude e da motivação humana.⁷⁴ Diversas vezes, os autores sagrados evocaram as asas das aves para manifestarem a imagem da protecção divina.⁷⁵

Fazendo a leitura global deste quadro e analisando em primeiro lugar o abutre, constata-se que esta ave, foi mencionada seis vezes no A.T., uma para informar sobre a sua impureza alimentar e as outras cinco para testemunharem narrações sobre o julgamento final do ser humano. Este animal é referido nos Evangelhos, onde foi mencionado duas vezes, com o propósito de clarificar quanto aos falsos messias e falsos profetas que apareciam com frequência no tempo de Jesus e na História dos primeiros séculos do cristianismo. O Evangelho de Mateus apresenta o provérbio: «Onde houver um cadáver, aí se juntarão os abutres» (Mt24,28), o qual «significa que, quando o Filho do Homem vier de facto, a sua vinda não deixará nenhuma dúvida; tratar-se-á de um facto universal, de tal modo claro que, enquanto tal não acontecer, é inútil preocupar-se com as condições dessa vinda»⁷⁶.

As outras aves que constam do quadro não vêm mencionadas nos Evangelhos. Quanto à águia, julgamos que este alheamento se deveu ao propósito de os evangelistas não relevarem a importância de animais que eram conotadas com o judaísmo. A águia caberá dentro da descrição com que eram tratados todos os animais no A.T., evocadores da força e do poder, como o touro, o carneiro, o leão. Ao passo que o Deus do N.T. é cuidador, amoroso, pacífico e «manso». Assim sendo, podemos afirmar simbolicamente que a verdadeira águia protectora, de que falava o A.T., nos Evangelhos é o próprio Jesus.

Quanto às outras aves, o seu valor foi resumido ao seu carácter abominável na alimentação judaica. A razão por que não foram mencionadas nos Evangelhos terá que ver também com o facto de estarem ligadas ao judaísmo e não possuírem traços físicos que permitam extrair qualquer simbolismo ou traduzir algum conhecimento.

⁷⁴ Sl102,5; Is40,31: «Mas aqueles que confiam no Senhor renovam as suas forças. Têm asas como a águia, correm sem se cansarem, marcham sem desfalecer.»

⁷⁵ Sl16,8; 56,2; 60,5; 62,8; 90,4: «Ele te cobrirá com as suas penas; debaixo das suas asas encontrarás refúgio; a sua fidelidade é escudo e couraça.»

⁷⁶ *Bíblia Sagrada*, nota, p.1610; Cf., Mt8,19-24; 9,37; 13,25-30; Lc22,69; Ez2,1; Dn7,13.

3 – O que resta dos alimentos

Quadro XXII

| Localização | | | | | | | |
|-------------|--------|--|--|-----------------|---|---------------------------|--|
| A.T. | Livros | Sangue | Semente | Rebento | Fermento | Acepipe/ Maná | |
| N.T. | | | | | | | |
| A.T. | Gn | 4,10; 4,11; 9,4; 9,5; 9,6; 37,22; 37,26; 37,31; 42,22; 49,11 | 1,11; 1,12; 1,29; 8,22; 47,19; 47,23; 47,24 | | 19,3 | | |
| A.T. | Ex | 4,9; 4,25; 4,26; 7,17; 7,19; 7,20; 7,21; 12,7; 12,13; 12,22; 12,23; 23,18; 24,6; 24,8; 29,12; 29,16; 29,20; 29,21; 30,10; 34,25 | 16,31 | | 12,8; 12,15; 12,18; 13,6; 13,7; 23,15; 29,2; 29,23; 34,18 | 16,31; 16,33; 16,35 | |
| A.T. | Lv | 1,5; 1,11; 1,15; 3,2; 3,8; 3,13; 3,17; 4,5; 4,6; 4,7; 4,16; 4,17; 4,18; 4,25; 4,30; 4,34; 5,9; 6,20; 6,23; 7,2; 7,14; 7,26; 7,27; 7,33; 8,15; 8,19; 8,23; 8,24; 8,30; 9,9; 9,12; 9,18; 10,18; 12,4; 12,5; 14,6; 14,14; 14,17; 14,25; 14,28; 14,51; 14,52; 16,14; 16,15; 16,18; 16,27; 17,4; 17,6; 17,10; 17,11; 17,12; 17,13; 17,14; 19,26 | 11,37; 11,38; 26,5; 26,16; 27,30 | | 2,4; 2,5; 2,11; 6,9; 7,12; 8,26; 10,12; 23,6; 23,17 | | |
| A.T. | Nm | 18,17; 19,4; 19,5; 23,24; 35,12; 35,19; 35,21; 35,24; 35,25; 35,27; 35,33 | 6,4 | | 6,15; 6,17; 6,19; 9,11; 28,17 | 11,6; 11,7; 11,9 | |
| A.T. | Dt | 12,16; 12,23; 12,27; 15,23; 19,6; 19,10; 19,12; 19,13; 21,7; 21,8; 21,9; 32,14; 32,42; 32,43 | 11,10; 21,4; 22,9; 28,38 | | 16,3; 16,4 | 8,3; 8,16 | |
| A.T. | Js | 20,3; 20,5; 20,9 | | | 5,11 | 5,12 | |
| A.T. | Jz | 9,24 | | | 6,19; 6,20; 6,21 | | |
| A.T. | 1Sm | 14,32; 14,33; 14,34; 19,5; 25,26; 25,31; 25,33; 26,20 | | | 28,24 | | |
| A.T. | 2Sm | 1,22; 3,27; 3,28; 4,11; 14,7; 14,11; 16,8; 20,12; 23,17 | | | | | |
| A.T. | 1Rs | 2,5; 2,9; 2,31; 2,32; 2,33; 18,28; 21,19; 22,35; 22,38 | 18,32 | | | | |
| A.T. | 2Rs | 3,22; 3,23; 9,7; 9,26; 9,33; 9,34; 16,13; 16,15; 24,4; | | | | | |
| A.T. | 1Cr | 11,19; 22,8; 28,3 | | | | | |
| A.T. | 2Cr | 29,22; 29,24; 30,16; 35,11 | | | | | |
| A.T. | 1Mac | 1,37; 7,17; 9,38; 9,42 | | | | | |
| A.T. | 2Mac | 1,8; 8,3; 12,16; 14,45 | | | | | |
| A.T. | Ne | | | | | 9,20 | |
| A.T. | Jb | 16,18; 39,30 | | | | | |
| A.T. | Sl | 15,4; 49,13; 50,16; 57,11; 67,24; 77,44; 78,3; 78,10; 93,21; 104,29; 105,38 | 64,11; 125,6 | 79,12; 79,16 | | 77,24 | |
| A.T. | Pr | 1,11; 1,16; 6,17; 28,17; 30,33 | | | | | |
| A.T. | Ecl | | 11,6 | | | | |
| A.T. | Ct | | | 4,13; 7,13 | | | |
| A.T. | Sb | 11,6; 12,5; 14,25 | 7,2 | | | | |

| | | | | | | |
|-------------------------------|-----|---|---|-------------------------------|------------------------------|---------------------|
| A.T. | Is | 1,11; 1,15; 4,4; 9,4; 15,9; 26,21; 34,3; 34,6; 34,7; 49,26; 59,3; 59,7; 63,3; 63,6; 66,3 | 5,10; 30,23; 61,11 | 11,1; 11,10; 16,8; 53,2 | | |
| A.T. | Jr | 2,34; 7,6; 19,4; 22,3; 22,17; 26,15; 46,10; 48,10; 51,35 | | 23,5; 33,15 | | |
| A.T. | Lm | 4,13; 4,14 | | | | |
| A.T. | Br | | 6,42 | | | |
| A.T. | Dn | | | 11,7 | | 1,15 |
| A.T. | Am | | | | 4,5 | |
| A.T. | Ez | 3,18; 3,20; 9,9; 14,19; 16,6; 16,9; 18,13; 21,37; 22,3; 22,4; 22,6; 22,9; 22,12; 22,13; 22,27; 23,37; 23,45; 24,7; 24,8; 28,23; 32,6; 33,6; 33,8; 33,25; 35,6; 36,18; 39,17; 39,18; 39,19; 43,18; 43,20; 44,15; 45,19 | | | | |
| A.T. | Os | 6,8; 12,15 | | | | |
| A.T. | Jl | 3,3; 3,4; 4,19; 4,21 | 1,17 | | | |
| A.T. | Mq | 3,10; 7,2 | | | | |
| A.T. | Hab | 2,8; 2,12; 2,17 | | | | |
| A.T. | Sf | 1,17 | | | | |
| A.T. | Zc | 9,7; 9,11; 9,15 | | | | |
| A.T. | MI | | | | | |
| N.T. | Mt | 16,17; 23,30; 23,35; 26,28; 27,4; 27,6; 27,8; 27,24; 27,25 | 13,4; 13,7; 13,19; 13,22; 13,24; 13,32; 13,37; 143,38 | | 13,33; 16,6; 16,11; 16,12 | |
| N.T. | Mc | 14,24 | 4,4; 4,16; 4,18; 4,20; 4,26; 4,27; 4,31 | | 8,15 | |
| N.T. | Lc | 11,50; 11,51; 13,1; 22,20; 22,44 | 8,5; 8,11 | | 12,1; 13,21; 22,1; 22,7 | |
| N.T. | Jo | 1,13; 6,53; 6,54; 6,55; 6,56; 19,34 | | | | 6,31; 6,49; 6,58 |
| Nº de ocorrências A.T. | | 258 | 28 | 11 | 32 | 11 |
| Nº de ocorrências N.T. | | 21 | 17 | 0 | 9 | 3 |
| Total | | 279 | 45 | 11 | 41 | 14 |

Este quadro XXII procurou reunir alguns alimentos que, pela sua natureza, ou estavam proibidos na alimentação judaica (o sangue e o fermento), ou eram pouco apreciados (as sementes e o maná), ou desconhecidos (o rebento). De facto, o sangue estava proibido, por conter nele próprio a vida, o fermento, por representar a corrupção, as sementes por serem alimento insignificante, o maná por simbolizar a errância e a prova, e o rebento por ainda representar o desconhecido. Quanto à sua origem e tipologia, poder-se-ão considerar alimentos com características heterogéneas. Contudo, reuniram-se no mesmo quadro por resumirem a mesma simbologia vital.

O ângulo alimentar na Bíblia é bastante aberto. Ora nos confronta com a realidade de alimentos que só vão à mesa, ora nos surpreende com alimentos de carga simbólica e ideológica bastante marcantes. Os que fazem parte deste quadro concentram esta dupla função, talvez mais do que outros apresentados até aqui.

Não foi fácil encontrar um nome a dar a este quadro alimentar, para isso, recorreu-se à temática do resto, teologia, aliás, a que a Bíblia dá particular ênfase. Nesse sentido, foi possível averiguar-se, a partir dos textos bíblicos, que o mundo sempre se reconstruiu a partir de restos, de coisas simples, e sempre sucumbiu aos pés dos grandes e poderosos, tal como sucedeu com os que construíram a torre de *Babel*¹. Trata-se de um princípio bastante consolidado pelos evangelistas em episódios como o que nos narra as Bem-aventuranças². O Evangelho de Mateus (Mt21,33-43) ao remeter para os Salmos (Sl118,22) interpreta esta temática sobre o sentido da *reabilitação* dos humildes, dos pequenos e oprimidos, isto é, dos restos.

Na realidade, os alimentos mencionados como restos encerram em si uma capacidade proteica, isto é, de transformação em algo maior e melhor. São, portanto, o símbolo da esperança no restauro de uma nova ordem espiritual, antropológica e social. «Os últimos serão os primeiros»; «deixai vir a mim as criancinhas»; todo este discurso, não se esgotando na realidade nutriente, corrobora o princípio básico de acolhimentos dos mais frágeis. Também no âmbito da refeição, este princípio de vida está bem presente, uma vez que as melhores iguarias se confeccionam de sobras e não de um alimento preparado pela primeira vez.

A observância rigorosa destes princípios tende a encaminhar a humanidade para uma espécie de ordem natural, que se traduz no equilíbrio cósmico, ecológico e social. A linguagem dos “restos” conforma-se, portanto, com a simbologia mais vasta da reabilitação dos humildes e insignificantes, trazida pela revelação messiânica. Há, portanto, lugar para uma transformação de valores: o que antes era interdito ao homem (o sangue, ou insignificante, passa a ocupar a centralidade da mesa (o sangue, no caso da Eucaristia).

3.1 – O sangue³

Não obstante a sua polissemia, consideramos o sangue o mais importante dos “restos” porque nele se concentram as propriedades da vida. Colocou-se este na primeira coluna do quadro XXII, por se achar que é o mais significativo de todos os alimentos que nele surgem. Houve o

¹ Gn11,1-9.

² Mt5,1-12.

³ Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.71-73; Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.56; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.103; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.516-518.

cuidado de recolher da Bíblia todas as citações que lhe diziam respeito, quer se tratasse de sangue humano, quer de animal ou de frutos.

De facto, por vezes a palavra sangue está ligada ao sumo de frutos, como acontece no caso do *Génesis*⁴. Ao longo do texto bíblico, este tomou muitos e variados significados. Sem pretender escarpelizar todos, incidir-se-á mais no que representou na identidade do povo de Israel, como um não alimento para ele, como sacrifício exclusivo a Javé, no AT, e sob o sinal de vinho, na ceia pascal de Jesus, no NT, tornando-se bebida para todos.

Deverá realçar-se, desde logo, que a totalidade da vida, para o povo judeu, era representada pelo sangue, significado que ainda hoje assume. A chave para esta questão terá de se ir buscar ao Génesis no mito da Criação. No princípio do mundo, Javé não se preocupou somente com a alimentação dos animais, definiu também rigorosamente a dos homens. Estes foram até mais favorecidos do que aqueles, uma vez que, para além da *erva verde*, tinham direito a comer plantas com sementes e os frutos das árvores. Ficaram no entanto impedidos de comer outros seres vivos⁵. Esta proibição tinha implícita um imperativo do Decálogo: «não matarás». Ninguém tem o direito de se apropriar indevidamente de um bem que não lhe pertence, muito menos matar uma pessoa. Tomando em linha de conta o episódio de Caim e Abel, temos de reconhecer que rejeitar o sangue está associado ao interdito do homicídio⁶.

Ao homem estavam vedadas todas e quaisquer formas de sangue. Só a partir do Dilúvio, com o recomeço da humanidade, foi possível a alimentação conter a componente de carne.

Contudo, regras estipuladas nessa altura obrigavam a que fossem tomadas medidas rígidas quanto ao consumo dessa vianda. Por um lado, o animal teria que ser imolado em sacrifício, para que a sua matança não fosse considerada um assassinio. Se assim não fosse, seria morto quem executasse tal acto, aplicando-se-lhe a lei de Talião⁷. Por outro lado, como para o povo hebreu o sangue representa o princípio vital, deveria ser derramado sobre o altar, como uma oferta agradável a Deus. Quando Javé autorizou Noé a comer carne de animais, ressaltou que não a poderia comer com a sua alma, o mesmo era dizer, com o seu sangue⁸.

Os diversos episódios onde se trata do sangue no texto bíblico permitem-nos colocar a questão da proximidade e distinção entre as duas religiões, o judaísmo e o cristianismo, e apresentá-lo, no judaísmo, como uma instância essencialmente de exclusão e de interdito, enquanto que, no cristianismo serve de comunhão universal e mesmo de aproximação afectiva, entre o homem e Deus. Enquanto o Deus dos judeus é distante e castigador, o dos cristãos está presente e perdoa, veio ao encontro do homem e fez-se igual a ele.

⁴ Gn48,11 «O seu vestuário vai ser lavado em vinho, e a sua túnica, no sangue das uvas.»

⁵ Gn3,22.

⁶ Félix García López, *ob. cit.*, pp.83-84; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.108-113.

⁷ Ex21,23.

⁸ Gn9,4.

Actualmente, já não se asperge sangue em honra de Deus nos holocaustos dos santuários, mas o rito cristão, como simbologia do sacrifício, mantém o cálice da oferta nos altares com o vinho transformado em sangue. Pensamos que, contendo em si mesmo significado tão profundo de princípio vital e mesmo de expressão sagrada, os judeus proibiram-no nas mesas da refeição quotidianas e festivas. Isto mesmo está bem patente quando o autor do livro do *Levítico* afirma que quem o comesse seria exterminado⁹.

Poder-se-á, ainda, apontar nesta prática judaica a reacção a uma questão etnográfica, na medida em que ainda hoje, sobretudo entre povos pastoris cujo modo de vida depende da posse e do acompanhar de manadas nas suas migrações em busca de alimento e de água, o alimentar-se do leite e do sangue fresco, recolhido de modo a que este se mantivesse vivo e saudável, garante acesso seguro e inesgotável a proteínas animais sem prejuízo do rebanho. Por isso, alimentar-se do sangue de rezes imoladas ou do sangramento controlado das espécies é um comportamento solidamente instaurado nas práticas dos povos pastoris, perfeitamente documentado e seguramente assente numa tradição ancestral. Ainda, na actualidade, existem povos que praticam tais actos, nomeadamente certas tribos em África¹⁰. Assim, os judeus poderiam não ter feito mais do que reagir a esses costumes.

Ao configurar a alma de um povo, tanto se torna universal como identifica uma pertença e, por isso, toma lugar central em todas as sociedades e não só na israelita. Quando se quer definir ou afirmar a igualdade de uma família, de um grupo social ou de um indivíduo, muitas vezes recorre-se ao fenómeno da consanguinidade, em expressões como: *tem o nosso sangue; o nosso sangue corre-lhe nas veias; aquele indivíduo não é do nosso sangue (...)*. É pela afinidade de sangue que as pessoas partilham ou não, com mais facilidade de entrega, o acto de se sentarem à mesma mesa a comer. De facto, o sangue está intimamente ligado ao conceito de família parental e social¹¹.

Houve outras formas de evidenciar a extraordinária importância que este elemento teve para moldar o povo judeu. Uma delas foi o sangue da circuncisão, sinal da Aliança, que selou a agregação da comunidade hebraica. Esta operação objectivava a união daquela família, daquele povo, daquela nação, em torno de uma identidade própria e única¹².

O sangue dos cordeiros cumpria também a função de código de intimidade entre o povo judaico e o Seu Deus¹³. Foi por intermédio dele que o povo hebreu, antes de sair do Egipto, se

⁹ Lv7,37 «Quem comer sangue de qualquer espécie, será exterminado do seu povo.»

¹⁰ J. Roscoe, «A cow Tribble of Enkole in the Uganda protectorate» *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Vol. 37,(Jan.-Jun., 1907), pp. 93-118.

¹¹ Marie-Luce Gélard, «Protection par le sang et accord par le lait dans la tribu des Ait Khebbach (Sud-Est marocain)», *Études rurales*, n° 169/170, Transmissions (Jan.- Jun., 2004), pp9-27.

¹² Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.197-200; Félix García López, *ob. cit.*, p.106.

¹³ Ex24,8 «Moisés tomou o sangue e aspergiu com ele o povo, dizendo: “Eis o sangue da aliança que o Senhor concluiu convosco, mediante todas estas palavras”.»

livrou da mão pesada do *Exterminador*¹⁴. Obedecendo às ordens de Moisés, pintou com ele as ombreiras e os lintéis das portas de suas casas, sendo assim os seus primogénitos poupados à morte¹⁵. Neste episódio, para além do mais, toma o lugar de protector da vida, sinal de expiação e de discriminação, pois salva uns e mata outros.

O precioso líquido que corre nas veias de todos os animais também emprestou o seu nome à seiva das plantas e ao sumo de certos frutos. Do mesmo modo que o sangue leva oxigénio às células e lhe dá vida, também a seiva carrega a vida até ao mais ínfimo de cada planta. Tomando como ponto de referência a Bíblia, esta seiva que penetra no mais recôndito da planta, simboliza o espírito divino a penetrar no íntimo de cada homem.

O acto de degustar, como uma forma real e simbólica de conhecimento, consiste em envolver os homens uns com os outros e fazê-los apreciar na totalidade o valor e a natureza das coisas e das pessoas. Na esteira deste sentimento vivificador, a tradição cristã alterou as práticas de sangue judaicas, devolvendo-lhe a condição de alimento.

Na verdade, o sangue, como alimento, tomou um lugar central na mesa da Última Ceia que Cristo fez com os apóstolos, assumindo um significado novo. Aqui, o sangue foi elevado à condição de vínculo entre Deus e os homens de todos os tempos, isto é “sinal da Nova Aliança”. Esta intemporalidade conferiu-lhe um valor tão extraordinário que só o vinho a poderia representar.

O sangue foi elevado à condição da própria substância de Deus oferecida aos homens, o que é, de si, verdadeiramente inovador quanto à mensagem de intimidade e de afecto entre Deus e seus seguidores: no passado, o sangue era interdito ao homem, pois era exclusivo para Deus. Agora, é o próprio Deus que cede o Seu sangue em alimento. Este propósito intemporal e universal saído da mensagem da Última Ceia, “faça isto em memória de mim”, reforçou também a escolha desta bebida muito habitual no mundo mediterrânico como sinal visível do sangue de Deus.

O vinho, ao provir do sumo das uvas, na sua forma de esmagamento, já por si era «sangue» (suco de um fruto), mas Jesus confirmou-o e engrandeceu-o ainda mais nessa condição¹⁶. Sobre a mesa da ceia pascal, o vinho passou a ser o sangue que se podia beber, que, em vez de levar à morte, conduzia à Vida Eterna¹⁷. É neste antagonismo abismal que se perfilam a antiga e a nova aliança, o judaísmo e o cristianismo, onde Jesus figura como personagem central.

No actual mundo cristão, cozinhar o sangue dos animais e comê-lo faz parte do quotidiano, praticado até com uma certa sacralidade alimentar, particularmente em determinadas cozinhas regionais. No fundo, participa-se simbolicamente na sua seiva vital.

¹⁴ *Bíblia Sagrada*, p.119, nota, «personagem misteriosa encarregado de executar os castigos divinos.»

¹⁵ Ex12,23 «O Senhor passará para ferir o Egipto, verá o sangue sobre o dintel e sobre as duas ombreiras da porta e não deixará que o Exterminador entre nas vossas casas para ferir.»

¹⁶ Lc22,20 «...Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.»

¹⁷ Jo6,56 «Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica morar em mim e Eu nele.»

O sangue de certos animais, porém, de um modo particular na alimentação do mundo ocidental, assume a condição profana, não se vislumbrando qualquer significado religioso intrínseco.

3.2 – As sementes

As sementes são apresentadas na Bíblia enquanto potência vital do mundo. Certos autores sagrados buscaram do ciclo de vida das plantas um contributo para explicarem a renovação cósmica. O autor do livro dos *Génesis*, logo no seu início, regista intencionalmente as sementes para enaltecer a sua importância como matéria indispensável à continuação e renovação da vida sobre a terra¹⁸. O princípio da ordem universal, traduzido na diferença das espécies, exprimiu-se, em primeira instância, no recurso ao mundo das sementes. Dentro da linguagem do relato da criação, com o devido simbolismo, podemos afirmar que, por cada planta criada, Deus deu uma semente, para que pudesse continuar a reproduzir-se e a ser igual a ela própria, gerando um novo ser. Desta forma, o mundo povoou-se de uma grande variedade de sementes, que só o domínio do homem sobre a natureza permitiu explorar e controlar.

Segundo o autor do Génesis e usando uma linguagem metafórica, no início do mundo, na época apropriada e num terreno fértil, deitavam-se as sementes à terra, esperavam-se alguns dias ou meses, consoante os casos, e começavam a aparecer novas plantas. Essa sementeira, tal como todas as outras que se seguiram, assumiu a esperança renovada da vida¹⁹. Ligada à semente ou grão²⁰ encontram-se associadas as tarefas de semear e colher, as quais se tornaram fundamentais na concepção do ser humano como um elemento transformador do universo, com capacidade de reinventar soluções novas num mundo em constante mutação. O sucesso do semeador assenta na qualidade do grão que usa na sementeira, na fertilidade do terreno onde ele cai e do tempo dedicado a cuidar da planta, depois de esta germinar. Este ciclo normal de qualquer sementeira aparece nos Evangelhos carregado de simbolismo, com o intuito de traduzir o maravilhoso reino dos céus.

Exemplo disso mesmo está no facto de Jesus, na linguagem dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas²¹, utilizar como inspiração as imagens rurais, para mostrar como se distingue o Bem do Mal e o caminho que é preciso trilhar para chegar à plenitude. Os Evangelhos serviram-se de elementos de aparência insignificante, como o grão de mostarda e o grão de trigo, para exporem a grandeza da promessa, e o projecto de Deus para os homens. No Evangelho de S. João, por

¹⁸ Gn1,11 «Deus disse: “que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente”.»; Alberto Colunga, *ob. cit.*, p.54.

¹⁹ Gn47,19 «...dá-nos sementes para vivermos e não perecermos...»

²⁰ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.162-163.

²¹ Mt13,1ss; Mc4,1-9; Lc8,4-8; Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp.59, 75, 106; Jean Daniélou, *Les symboles chrétiens primitifs*, pp.33-48.

exemplo, encontramos uma questão central para a vida de quem quiser chegar ao transcendente. Esse caminho, cheio de escolhos, deverá começar como o da semente, que primeiro morre e só depois cresce e frutifica²².

A semente, tal como o ovo, contém no seu interior todos os nutrientes essenciais para gerar. Ao conter em si mesma a potência, a capacidade germinativa de um ser vivo, posiciona-se num patamar, talvez, mais elevado que o sangue. Por isso, reconhece-se que a vida nasce de um grão e, às vezes, este passa despercebido pela sua pequenez. Todavia, é dele que brota os mais belos e poderosos seres vivos.

A terra não existiria, como a conhecemos, se não tivesse na sua origem uma semente. Segundo a concepção bíblica, só Deus é Criador, mas deixa este dinamismo impresso na natureza, de modo que o processo criativo é contínuo e progressivo.

Por intermédio de tal semente, a terra tornou-se fértil e cumulada de riquezas. Por onde ela se espalhou, brotou a abundância. Está na base da cobertura vegetal que sustenta toda a vida na terra, participando no ciclo da preservação do ambiente. Os homens antigos não conheceriam esta implicação, mas hoje sabe-se que da vegetação dependem os ciclos da água, o equilíbrio gasoso da atmosfera, a fixação dos solos, e todo um conjunto de processos ecológicos, cuja ausência comprometeria a vida. Talvez pela incapacidade de explicar o mistério da multiplicação e crescimento das plantas, que começa pelo desaparecimento da realidade física e visível, continuado na germinação cíclica das sementes e se contempla no maravilhoso e fantástico que rodeia uma boa ou má colheita, estes ciclos em que o homem participava e de que beneficiava tornaram-se ideais para exprimir o fluir do tempo, o destino desigual, o mistério da vontade divina e o modo como os homens são por ela afectados.

Inserimos neste contexto a imagem da seara (trigo) contaminada pelo joio, que, ao crescerem os dois em conjunto, se sujeitavam à separação no final da colheita.

A pequena semente, na linguagem bíblica, que carrega um potencial de vida absoluto é uma metáfora para o reino de Deus trazido por Cristo – Cristo é a semente que germina na terra, durante três dias, e brota renascido – mas é também todo o homem, enquanto indivíduo e parte de uma seara que representa, metaforicamente um povo, que se abre à transformação (daí as parábolas das colheitas abundantes).

Desde as épocas mais recuadas, as sementes chegaram à alimentação humana, quer no seu estado normal, quer transformadas em farinha. Elas constituíram desde sempre uma provisão muito importante no equilíbrio alimentar das populações²³. Actualmente, devido ao grande desenvolvimento da indústria, o leque de propostas alimentares baseadas nelas, alargou-se e

²² Jo12,24.

²³ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.162-163; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.17-40.

diversificou-se. A tradição bíblica dá-lhes um destaque extraordinário ao apresentá-las como a base alimentar dos povos, cujo pão se tornou responsável supremo pela sua imagem.

3.3 – Os rebentos²⁴

Os rebentos são alimentos vegetais de grande valor real e simbólico. É no seu potencial nutritivo que reside a sua importância biológica. Isto porque, uma planta atinge o ponto mais elevado da sua vitalidade quando ainda é rebento. Nessa altura, os nutrientes específicos da planta concentram-se nele em grande quantidade. Por isso, quem come os rebentos de uma planta, ingere uma grande quantidade de vitaminas e de outras substâncias essenciais ao seu corpo. Mantém-se quase nula a fonte calórica, mas promove-se o bem-estar através do seu poder reconfortante.

Os rebentos ou surgem directamente da germinação de uma semente ou brotam dos troncos das árvores. Por vezes nascem dos restos dos cepos de árvores destruídas. Cingindo-nos à esfera gastronómica, uma iguaria constituída à base destes abrolhos promove, muitas vezes, melhor prazer sensorial, do que outra elaborada a partir da planta mãe.

Contudo, os textos bíblicos realçaram a sua importância, não como um alimento físico, ou como uma iguaria para um qualquer almoço ou jantar, mas como símbolo messiânico. A partir do valor nutricional desse alimento, o profeta Isaías, entre outros autores sagrados, desenhou um quadro, no qual destacou fortemente o carácter germinativo e vital que estes concentram, para mostrar que o Messias iria ser um deles, a partir do qual, se desenvolveria a verdadeira árvore repleta de vida eterna²⁵.

No plano antropológico, teremos que chamar o homem, que em qualquer momento da história, surge como um rebento do passado. Este posicionamento coloca, *sobre a mesa*, a questão da herança de valores como os alicerces e os pontos de partida para as gerações vindouras. A energia que os brotos das plantas concentram encontra paralelismo simbólico na força do espírito humano como obreiro de sociedades renovadas.

3.4 – O fermento

Um resto de massa de pão, deixado a azedar, é o quanto basta para produzir uma matéria de grande riqueza alimentar e com capacidade transformadora de acção silenciosa. O pão que dela

²⁴ Jean Daniélou, *Sacramentum Futuri*, pp.3-20.

²⁵ Jr33,15; Is11,1 «Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes.»

resulta assume um melhor sabor. Na Bíblia, o fermento adquire interpretações diferentes. No A.T., significava as forças do mal e no N.T. a acção dinâmica de Deus²⁶.

A razão do significado que tomou no A.T. tinha que ver com a escravidão do povo de Israel no Egipto. O fermento remetia para o pão comido por este povo em ambiente de submissão. Os ázimos²⁷, pelo contrário, aparecem com o significado contrário à decomposição e à corrupção. Verifica-se isto mesmo quando Moisés deu ordens ao povo para abandonarem a escravatura do Egipto. Nessa altura, as pessoas não tiveram tempo para colocar fermento na massa, pois tinham de sair à pressa da condição em que se encontravam. Este foi o pão ázimo, pão da pressa, pão da miséria, ou pão da viagem, nomes pelo qual ficou conhecido. Aliadas deste pão são as ervas amargas, plantas selvagens apanhadas do campo para lhe dar algum sabor²⁸. Dada a sua composição, o pão ázimo resistia mais tempo sem se estragar, por isso, constituía uma boa opção para uma viagem tão longa, como foi aquela que o povo hebreu realizou pelo deserto.

Esta forma de preparar o pão ficou para sempre ligada à festa da Páscoa, uma festa pastoril²⁹, celebrada na Primavera, altura em que se terá dado o êxodo. A Páscoa tornou-se assim na festa dos pães sem fermento³⁰ e na festa dos primogénitos³¹. A Páscoa significava a passagem de um estado de escravidão para o de liberdade, promovida por acção divina³².

Contrariamente, a imagem do fermento passou para os Evangelhos com o significado do dinamismo do reino de Deus, projectado no princípio da transformação³³. Neste contexto, fermento não quer dizer escravidão, mas liberdade. No entanto, S. Mateus advertiu para a dimensão nobre do fermento, às vezes escamoteada por aqueles que se identificavam com os fariseus e levavam a vida segundo os seus critérios³⁴. Neste caso, a função do fermento causaria resultados negativos, e assim, a sua acção transformadora era conduzida para maus caminhos.

3.5 – O maná e o acepipe

Ao assumir a mesma condição que o acepipe, o maná foi colocado na mesma coluna do quadro XXII. No âmbito da análise feita às circunstâncias em que aparece descrito, especialmente no livro do Êxodo, ambos adquirem o mesmo significado e valor alimentar. Assim como os acepipes são preferencialmente confeccionados a partir de pequenas porções de alimentos (“restos”)

²⁶ Michel Feuillet, *ob. cit.*, pp. 14, 67; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.443-444; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.166-167.

²⁷ *Bíblia Sagrada*, notas, p.118.

²⁸ Ex12,8 «Comer-se-á a carne naquela noite; comer-se-á assada no fogo com pães sem fermento e ervas amargas.»

²⁹ Ex12,1-14; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.441-457.

³⁰ Ex12,15-20; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.441-457.

³¹ Ex11,16; 13,1-2; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.440-459.

³² Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.441-459; Félix Garcia López, *ob. cit.*, pp.164-169.

³³ Lc13,21; Mt13,33 «O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado.»

³⁴ Mt16,6; Mc8,15.

e se levam à mesa, sem que façam parte da ementa principal, também o maná, provinha do resto de uma planta e ia à mesa do povo de Israel, sem que fizesse parte da ementa desejada. Essa ser-lhes-ia servida em Canaã.

Tal como os acepipes são alimentos que preparam para uma degustação perfeita de uma ementa longa e farta, também o maná se constituiu como alimento da espera, para aquele povo degustar, mais tarde, as delícias da *Terra Prometida*. Da mesma maneira que as pessoas se saturam de um serviço prolongado de acepipes, antes de tomarem a sua refeição principal, assim se cansou o povo eleito de comer o maná durante tanto tempo. Por isso, reclamaram a Moisés por carne. Mas os pratos de carne, bem como os de leite e mel, estavam reservados para depois. Na restauração clássica, os acepipes ofereciam-se graciosamente aos clientes, como forma de os cativar. Assim também Deus, a pedido de Moisés, fez cair do céu um alimento gratuito, do qual o povo caminhante se podia alimentar e anteciper o gozo de um manjar mais substancial.

Os acepipes conferem a uma refeição um sentido ético relevante, revestindo-a de um ritual de carácter quase religioso. Põem à prova o comensal, na medida em que testam a sua capacidade para esperar. O maná foi justamente o alimento da espera dos israelitas, quando se deslocavam em direcção à *Terra Prometida*. Nessa caminhada, o povo eleito sentiu muita fome. Moisés, não sabendo o que fazer, pediu ao Senhor que lhe enviasse alimento para a sua gente. Então, o Senhor mandou do céu um alimento muito singular, ao qual Moisés chamou de maná. As características alimentares deste prodígio celestial vêm descritas no livro dos *Números* como sendo uma semente parecida com a do coentro, com aspecto de *bdélio*³⁵ e com sabor a torta de azeite. Outra característica ressalta do facto de ser um alimento perecível, impossível de aprovisionar para o dia seguinte, ou seja, exigia a fé de que seria renovada a dádiva. Isto fazia dele um bem que satisfaria por um tempo limitado e não para toda a caminhada. Ou seja, era reduzida a sua capacidade de satisfazer plenamente.

Por seu lado, São João, no Evangelho, afirmou que o verdadeiro maná era Jesus, e não aquele que tinha caído no deserto³⁶. Segundo este evangelista, quem comeu do maná dado por Moisés morreu, mas quem comesse do corpo de Jesus ganharia a vida eterna. Abre-se, assim, as portas para o banquete eucarístico³⁷. Jesus já não era o acepipe, o alimento passageiro, o aperitivo da espera, mas a carne verdadeira, aquela que alimenta. Jesus é a verdadeira *Terra Prometida* onde não existe fome nem sede.

A leitura que se poderá extrair deste quadro coloca, como nenhum outro, a questão da ruptura que os cristãos estabeleceram com o judaísmo. O significado de cada uma das espécies

³⁵ Nm11,7 «O maná era como a semente do coentro e o seu aspecto como o bdélio.» Nota: o bdélio é uma espécie de resina aromática que se extrai da árvore da mirra, como se poderá confirmar com: Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.226-227; Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.802-806; Feliz Garcia López, *ob. cit.*, pp.254-256.

³⁶ Jo6,31; 6,49; 6,58.

³⁷ Dionisio Borobio, *La Celebracion En La Iglesia II Sacramentos*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1988, pp.187-226.

alimentares apresentadas no quadro muda completamente do A.T. para os Evangelhos. Começando pelo sangue, observamos que foi evocado no A. T. duzentos e cinquenta e oito vezes, na maioria delas para anunciar a sua proibição na alimentação judaica, outras vezes para informar que quem o comesse seria exterminado, ou seja, em qualquer dos contextos não o podemos considerar como uma escolha alimentar a ser feita pelos homens. Este mesmo sangue, abordado nos Evangelhos, surge vinte e uma vezes assumindo o verdadeiro simbolismo de alimento autêntico, que conduz à vida. Enquanto, no A.T., o sumo dos frutos, algumas vezes, foi designado por sangue, nos Evangelhos, foi o vinho que assumiu o papel de verdadeiro sumo. Na realidade, o sangue que se aborda nos Evangelhos é a transformação desse sumo fermentado (*fruto da videira e do trabalho do homem*)³⁸ em sangue de Cristo, substância alimentar de profundo misticismo, que destrói a morte e leva à vida plena.

Ao serem realçadas vinte e oito vezes no A.T., as sementes tomaram particular significado no *Génesis*, apresentando-se, na criação, como metáforas da fecundidade e da continuidade da vida, segundo o preceito de: *crescei e multiplicai-vos*³⁹. Nos Evangelhos, as sementes assumem significado diferente. Os evangelistas recorreram ao simbolismo das sementes para mostrarem aos homens como deverão comportar-se para atingir o caminho que conduz até Deus. Por isso, nos Evangelhos, as sementes, tomadas no seu percurso germinativo, prefiguram a morte, a ressurreição e a vida eterna. Segundo a linguagem bíblica, a morte é um estado de passagem (Páscoa) entre o mundo real e a eternidade. O ciclo da semente explica de uma forma sublime este mistério.

Ao serem citados onze vezes no A.T., os rebentos assumiram um significado profético e um sentido messiânico. Os profetas, de um modo especial Isaías, anteviam a chegada de Emanuel como o rebento do *tronco de Jessé*⁴⁰. Os Evangelhos nada dizem acerca dele, pois tornou-se realidade humana com uma identidade própria. O único rebento designava-se Jesus de Nazaré. Segundo os cristãos, esse broto constituiu-se em árvore frondosa e viçosa, debaixo da qual muitos têm procurado abrigo e amparo, e cujo suco tem alimentado multidões.

A partir da alusão ao rebento do tronco de Jessé exprime-se a distinção entre a mensagem judaica e a novidade cristã. Um abrolho é uma estrutura vegetal que renova, por continuidade, a planta original. Em comparação com a semente, é uma metáfora que apela à continuidade entre o A.T. e o N.T.

Substância que simbolizava o mal, o fermento ocorre trinta e duas vezes no A.T., sempre com sentido negativo quanto ao seu uso na alimentação. A corrupção e a negação alimentar constituem características que este manifesta no judaísmo. Por isso, a sua exclusão como ingrediente importante na receita do pão evocava a mensagem de santidade que o judaísmo

³⁸ *Missal popular*, Edição da Gráfica de Coimbra, 1974, p.394.

³⁹ Gn1,28.

⁴⁰ Is11,1.

pretendia transmitir ao mundo. Com um sentido inverso, esta levedura foi referenciada nos Evangelhos nove vezes. Na esfera evangélica o fermento assume simbolicamente a afirmação alimentar, isto é, a actuação divina no interior do homem, funcionando como um catalisador espiritual, cuja acção silenciosa se assemelha ao silêncio da acção do fermento na massa.

O maná aparece referenciado onze vezes no A.T., ligado à alimentação do povo hebreu enquanto permaneceu no deserto e esperava pela entrada em Canaã. Este alimento real, que provinha da árvore da mirra, constituía o único alimento que aquele povo dispunha para comer naquela situação sem, contudo, o saciar. Ao passo que nos Evangelhos, nas três vezes que foi focado, o maná passou a alimento simbólico. Os evangelistas, conhecedores da realidade judaica, mais uma vez, recuperaram, em diálogo com a experiência do A.T., a referência ao maná, e renovaram-lhe o significado ao a transferirem para a capacidade salvadora de Cristo.

A mensagem evangélica faz-se, portanto, no sentido de interpretar retrospectivamente os símbolos do AT, actualizando o seu significado à luz da novidade cristã: Jesus é o verdadeiro maná e o alimento de saciedade eterna; o rebento da árvore de Jessé; o sangue, como alimento sagrado oferecido pelos homens a Deus no A.T., passa, no N.T. a alimento universal de Deus para os homens; o ciclo da sementeira e o processo de transformação da semente abandona a referência natural, mais presente no A.T., para servir de alegoria à vida de Cristo e à missão expansiva da sua Igreja.

III – Ementa de degustação judaico-cristã

Na actualidade, tal como no passado, a restauração no geral e as pessoas em particular abrem-se constantemente a novas propostas gastronómicas com o objectivo de satisfazer, cada vez mais, não só a necessidade de comer mas também para conviver e partilhar a intimidade. Para isto, a procura da excelência e do requinte gastronómico, através da degustação de ementas sofisticadas, tem sido, ao longo da história, um segmento do saber em franco crescimento, sobretudo no mercado da restauração, que por toda a parte tem tentado responder a esta exigência. Cada vez mais se valoriza a questão alimentar, não só como um negócio, mas também como uma fonte de prazer sensorial e como porta de acesso a experiências de conhecimento.

Saborear e gostar constituem saberes tão ancestrais que necessitam de ser explorados, não só na vertente sensitiva, mas também na cultural, para se perceber melhor a importância e o alcance de uma ementa de degustação, hoje tão disseminadas como no passado. Importa, pois, realçar o significado destas duas palavras, *saborear* e *gostar*, para melhor compreender o enquadramento desta ementa de degustação no âmbito deste trabalho. *Saborear*, com origem no latim *sapere*, que está também etimologicamente relacionado com o verbo português “saber” traduz uma forma de conhecimento. *Gostar*, também, do latim *gustare*, que significa apreciar, no sentido de pesar o que é bom e o que é mau. Assim, a adesão a um *menu* de degustação é uma das múltiplas formas de desvendar o mundo e seu génio. O saborear, o provar e o apreciar com a totalidade sensorial, é a afirmação pura e simples de que, ao comer, segundo esta perspectiva, ingerimos e digerimos a experiência da natureza transformada pelos povos e suas diferentes culturas. Além disso, segundo afirmou Eça de Queirós, um dos maiores vultos da Literatura Portuguesa do século XIX, a alimentação no geral e a cozinha em particular, mais do que qualquer outra actividade humana, como a escultura, a pintura, a literatura ou até a arqueologia, têm-se mostrado o mais rigoroso e apetrechado veículo do saber¹.

O exercício degustativo estabelece a diferenciação de todos os seres humanos, por se tratar de um acto absolutamente pessoal e identitário. Na verdade, duas pessoas podem comer o mesmo alimento em mesa comum, mas a forma como o sentem, o saboreiam e o prazer que lhes causa é diferente².

A ementa de degustação que se apresenta mais não é do que uma fusão de culturas, tradições, costumes, sensibilidades e de ingredientes, de civilizações anteriores e das quais parte do mundo actual gosta de apreciar. A pretexto desta ementa, será possível, de uma forma moderna e diferente, trazer à mesa os sabores do passado, especialmente, aqueles que a Bíblia celebra.

¹ Eça de Queirós, *Textos de Imprensa*, IV (“Gazeta de Notícias”), ed. De Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p.313.

² Anthony Giddens, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ªed., 2008, pp.29-30.

E, com eles, trazer também os de outras épocas e civilizações mais recentes, entre os quais, destacar os da Idade Média, época bastante singular no mundo alimentar, de um modo especial em Portugal.

Certos alimentos de então, como o vinho e o pão, fizeram-se omnipresentes na vida diária também pelo relevo que assumiram enquanto alimentos sancionados pela Palavra de Deus, indo à mesa com tanta *abastança*, que seriam praticamente o único sustento a ajudar os homens a resistir. A cultura da vinha em Portugal na Idade Média, a par da cerealífera, encontrava-se tão generalizada em certas regiões, que colocava o vinho como a primeira bebida e o pão como a primeira comida dessas gentes³. Todavia, não se pense que só o vinho e o pão conseguiram estatuto de alimentos medievais. As especiarias e ervas aromáticas, também as frutas, o pescado, as carnes, o mel e o azeite, ombreavam com aqueles na frequência com que eram dispostos quer na mesa dos ricos quer na dos pobres⁴. Destaquemos sobretudo o azeite pelo simbolismo que adquirira na Bíblia e pela enorme importância que obteve para o homem medieval⁵.

Os métodos de confecção usados na Idade Média não seriam muito diversos dos que a Bíblia refere: os guisados, os assados, os grelhados e os fritos⁶. Tratando-se de uma sociedade bastante estratificada, o tipo de alimentos que se cozinhavam variava conforme se estava diante de uma cozinha superior ou inferior. À semelhança do que sucedia na Bíblia, os melhores e mais nobres alimentos iam à mesa dos poderosos, e os inferiores apareciam com abundância na dos pobres, que eram a maioria⁷.

O imaginário alimentar bíblico percorre a Idade Média, época em que, dada a forte influência e condicionamento da Igreja sobre os comportamentos, o valor assumido pelos alimentos se aproxima do expressado pelos textos bíblicos, e em que as pessoas estavam culturalmente e mentalmente predispostas a entender a simbologia alimentar subjacente. Parte dessa experiência chegou aos dias de hoje, reflectindo, assim, que o mundo alimentar é uma sequência de normas e rituais que não se apagam, mas antes retomam ciclicamente experiências anteriores da evolução humana.

³ Maria Helena da Cruz Coelho, *Ao Correr do Vinho: “Governança” e “Desgovernança” dos Homens*, in *Foral de Évora*, Fundação Eugénio de Almeida, 1, Évora, 2005, pp112-121. Maria Helena da Cruz Coelho, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, I, 2ªed., Lisboa, 1983, p.164.

⁴ Salvador Dias Arnaut, *A Arte De Comer Em Portugal Na Idade Média*, Colares Editora, Sintra, s.d. pp.7-114; Maria José Azevedo Santos, *A Alimentação Em Portugal Na Idade Média - Fontes - Cultura – Sociedade*, Inatel, Coimbra, 1997, pp.1-16.

⁵ Maria José Azevedo Santos, «O Azeite e a Vida do Homem Medieval», in *Actas do Colóquio Santarém na Idade Média* (1998), Santarém, 2005, pp.127-135.

⁶ *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*, Códice Português I. E. 33. da Biblioteca Nacional de Nápoles, Prólogo, Leitura, Notas, Glossário e Índices de Giacinto Manuppela, INCM, s.d.

⁷ Maria José Azevedo Santos, *Jantar e Cear na Corte de D. João III*, Vila do Conde / Coimbra, 2002, pp.31-54.

Em suma, desde que as estruturas mentais e a unidade cultural se mantenham, os hábitos alimentares do quotidiano revelam-se um dos eixos de continuidade dos traços culturais de uma civilização.

Por isso, a construção de uma ementa gastronómica, no âmbito deste trabalho, fundamenta-se no desejo de recriar as experiências alimentares presentes na Bíblia e observar o modo como estas se difundiram na civilização ocidental, penetrando nos hábitos do quotidiano e formando uma personalidade de gosto que, como veremos, não sentimos como estranha, ou exótica, no quadro das nossas experiências gastronómicas actuais. Com este *menu* pretendemos ilustrar como ainda hoje vivemos enquadrados na sávida e sábia atmosfera bíblica e como ainda nos encontramos, em grande parte, subordinados ao imaginário alimentar judaico.

A estrutura do menu evidencia essa matriz. A ordem das iguarias e sua identificação, a listagem dos ingredientes e os processos de confecção pressupõem as bases de um sistema ritual, onde impera a ordem, a sequência e a hierarquia alimentar. A ementa apresentada foi elaborada a partir dos alimentos descritos na Bíblia e dos pratos nela mencionados que foram objecto de análise ao longo deste trabalho. O *menu* produzido sintetiza o imaginário alimentar que os autores sagrados aplicaram nos livros que escreveram, para expressarem símbolos, sentimentos, modos de vida, leis sagradas e tantas outras situações por que passaram o povo hebreu e o povo cristão.

Os alimentos, ao produzirem uma linguagem profundamente sávida, desencadeiam, muitas vezes, a dialéctica entre o profano e o divino. Sempre assim aconteceu, já que nas religiões pagãs também havia *comidas sagradas*, tanto nos cultos helenísticos como nos orientais⁸. Assim, esta ementa procura trazer à mesa os alimentos próprios do judaísmo e do cristianismo, e saber até que ponto houve ruptura ou continuidade no seu consumo. A sugestão dos alimentos que compõem a ementa pretende realçar o conhecimento do povo bíblico, do espaço onde habitou e o legado que deixou. Embora a diversidade alimentar contida na Bíblia justificasse uma maior mostra gastronómica, optou-se por integrar no cardápio iguarias que fossem representativas dos seus episódios mais significativos

A fusão alimentar assume hoje um papel determinante na permuta de experiências, de conceitos e no desfazer de tabus, que ultrapassa a vertente estritamente gastronómica, chamando até à mesa a vivência multicultural e multirracial. O conceito de fusão alimentar introduz-nos directamente na questão ecuménica, no que ela tem de mais nobre, que é juntar todos em tudo, reconhecendo e respeitando as diferenças. Por isso, esta ementa pretende evocar um novo código de inclusão, quebrar as fronteiras sociais e religiosas e valorizar a questão da intimidade criada à

⁸ Dionisio Borobio, *ob. cit.*, p.198.

mesa⁹. No fundo pretendemos enaltecer a mesa como espaço de fusão inter-religioso e intercultural.

A ementa apresentada segue a estrutura e as regras gastronómicas que actualmente se empregam na restauração. Verificamos facilmente como se estabelece um paralelismo com a ordem da criação, descrita no livro do *Génesis*, quer no que toca à tipologia das iguarias quer à sua sequência.

A fome é uma das condições necessárias para que a degustação de um *menu* seja coroado de êxito. As trevas, às quais o autor do *Génesis*¹⁰ se refere, na esfera alimentar, podem significar simbolicamente o flagelo da fome ou simplesmente a necessidade de reparação física e psicológica. Neste contexto, a fome representa as trevas da saciedade. Por isso, o início de uma refeição poder-se-á assemelhar ao início da Criação, na qual Deus foi trazendo as coisas de uma forma pausada e ordenada, segundo critérios rígidos de observância da natureza, preparando o caminho para o homem poder desfrutar das iguarias servidas depois. Tal como aconteceu na Criação, a ordem seguida neste menu obedece aos seguintes critérios: a refeição inicia-se do prato mais simples para o mais elaborado, do frio para o quente, do vegetal para o peixe, deste para a carne de confecção mais leve, e desta para uma mais apurada, dos queijos para as frutas e das frutas para os doces.

Quando os convidados se sentarem à mesa, já a água lá se encontra. Pretende-se, deste modo, estabelecer uma analogia com o que ocorreu na Criação, visto que nela, a água já existia antes de Deus iniciar o processo de construção do mundo.

A espera é outro ponto importante a explorar nesta ementa. Ela constitui um tempo de preparação, quantas vezes de reflexão, em relação às coisas que virão a seguir, que tanto se pode aplicar às questões físicas como às espirituais, ou simultaneamente às duas. A expectativa cria ansiedade e desejo de encontrar algo. A palavra aramaica *Maranatha*, típica do advento cristão, traduz este duplo significado da referida afirmação¹¹. Por isso, enquanto as pessoas esperam para se sentar à mesa, servem-se os acepipes: as sementes torradas e o maná.

As sementes faziam parte do conjunto dos alimentos que já provinham dos tempos pré-históricos e que apareceram nos textos bíblicos como alimento dos hebreus e dos povos vizinhos¹². Elas foram trazidas a esta ementa também por representarem uma boa parte dos ingredientes, que actualmente se utilizam na alimentação. As sementes torradas introduzem-nos numa prática já seguida pelo povo israelita e que consistia na entrega aos sacerdotes das primeiras sementes recolhidas como primícias dos produtos da terra¹³.

⁹ Mary Douglas, «Deciphering a Meal», *Daedalus, Journal of American Academy of Arts*, pp.66-68; Dionisio Borobio, *ob. cit.*, pp.198-200.

¹⁰ Gn1,2.

¹¹ Dionisio Borobio, *ob. cit.*, pp.195-196.

¹² Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, p.17.

¹³ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.668-669.

O maná é o *pão* que Deus, a pedido de Moisés, fez cair no deserto e que, segundo o relato bíblico, o povo errante de Israel comeu¹⁴. Nenhum outro alimento ilustra melhor o tempo da espera que o maná, visto ter sido oferecido aos hebreus antes de entrarem em Canaã. Este foi colocado na ementa por prefigurar o pão eucarístico, assumindo assim a dimensão escatológica¹⁵.

Sobre a mesa coloca-se o pão ázimo ou o pão da pressa. Pão que traz à lembrança aquele que os judeus prepararam quando saíram do Egito sob as ordens de Moisés. É este, ainda hoje, o tipo de pão que vai à mesa da Eucaristia, significando o sacrifício do caminho trilhado, quer pelos judeus quer pelos cristãos, para chegarem à *Terra Prometida*¹⁶ - para os primeiros a Canaã e para os segundos o Céu, «o novo céu e a nova terra», na descrição do Apocalipse. Trouxe-se a esta ementa, exactamente para estabelecer a ponte entre o seu significado no judaísmo e no cristianismo.

Ao lado do pão ázimo, do mesmo modo, coloca-se o fermentado, o pão do Reino, da unidade e da eternidade. O fermento, que era matéria mortal no judaísmo, passa para o cristianismo como símbolo salvífico, tal como o refere a linguagem dos Evangelhos.

Na verdade, o pão, talvez, a mais antiga receita culinária e o alimento mais eclético de sempre, não podia excluir-se desta ementa¹⁷.

O vinho verte-se para jarros de vidro, recordando aquele que Melquisedec, rei e sacerdote, ofereceu a Abraão, para lhe dar alegria. Recorde-se que este rei e sacerdote, além de vinho, ofereceu também pão, gesto que os exegetas interpretam como a prefiguração das duas espécies eucarísticas¹⁸. O vinho, como a bebida alcoólica de maior popularidade no passado, assumindo, em algumas épocas, carácter cultural, veio a esta ementa por continuar actualmente a preservar os mesmos valores que na antiguidade¹⁹.

A almotolia enche-se de azeite como símbolo de abundância, de unção e de remédio. A escolha desta substância pretende realçar o seu papel curativo, além da sua função alimentar. Ancestral alimento, anterior ao mundo bíblico, passou pelo judaísmo como gordura nobre que se oferecia a Javé, entrando no cristianismo com esse duplo sentido. Ficou para sempre ligado à alimentação, por constituir um ingrediente de raro valor gastronómico, promovendo, ainda, uma exemplar dietética²⁰.

De facto, os alimentos possuem características intrínsecas tão específicas na sua essência, que potenciam uma interligação muito forte entre si, o que conduz à necessidade de os unir, para que eles produzam os efeitos desejados. Atrás vimos a cumplicidade do pão e do vinho, aqui vemos

¹⁴ Tendo em conta as suas características descritas na Bíblia é possível realizar uma réplica do maná verdadeiro. Para o conseguir, faz-se cozer numa solução de água e cálcio, suco de coentros com azeite e mel.

¹⁵ Alberto Colunga, *ob. cit.*, pp.469-474; Sl78,23ss; Sb16,20ss; Jo6,31-58.

¹⁶ Dionisio Borborio, *ob. cit.*, pp.195-196.

¹⁷ Andrew Dalby, *Food in the Ancient World, From A to Z*, pp.58-59.

¹⁸ *Bíblia Sagrada*, nota, p. 41.

¹⁹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.350-352; Jean-Louis Flandrin, *ob. cit.*, pp.147-160.

²⁰ Emílio Peres, *Saber comer para melhor viver*, Caminho, Lisboa, 1994, pp.93-100.

a do azeite e do vinho. A união dos dois provocou uma cura (saciedade) mais perfeita, como aconteceu com o samaritano, de que fala o Evangelho de Lucas, que o sarou por acção conjunta do azeite e do vinho.

Quanto à manteiga, estamos na presença da gordura que evoca a memória das três figuras misteriosas que anunciaram a Abraão que a sua esposa iria ser mãe. Durante a visita, além de outros alimentos, eles comeram manteiga. Esta é um derivado do leite, e este evoca a maternidade. A manteiga simbolizava o melhor do leite fresco, que podia esperar pois não se deteriorava. Actualmente, a manteiga tanto se usa à mesa como na cozinha, mantendo o significado de alimento farto e apurador do sabor.

As comidas acima mencionadas colocam-se em cima da mesa e lá permanecem até ao fim da refeição. Constata-se que só o pão ázimo deixou de se usar na alimentação cristã, reservando-se unicamente para a Eucaristia, enquanto os outros alimentos continuam a fazer parte das actuais opções alimentares.

O primeiro prato a servir, depois de as pessoas se sentarem, é um suco de amoras, adornado com uvas frescas do rebusco da vinha apocalíptica de Isaiás. O suco de amoras poderá ser servido em taças de vidro. Este prato, devido à concentração vitamínica e pela cor de sangue que exhibe, simboliza a valentia e exalta a essência. O adorno desta iguaria representa o que resta da destruição. E, como já se aflorou, que de um resto se retoma o todo, com a introdução das uvas como elemento decorativo, relança-se a ideia de que sempre foi possível acreditar no mundo recheado de bens. Optou-se por essa decoração porque as uvas concentram uma beleza que está para além do seu aspecto físico.

Na realidade, pelo seu simbolismo, acrescido pela antevisão do produto que delas resulta, o vinho, traduzem a beleza da obra completa. As amoras fazem parte do lote das frutas bastante apreciadas na época em que foi escrito o livro dos *Macabeus*, no período Helenístico. Nessa época, este fruto, também assumia a condição de medicamento com características fortificantes, que tanto se comia com saúde como quando se estava doente, apresentando-se na Bíblia com uma significativa carga simbólica de vigor físico e anímico²¹.

A sopa, que vai à mesa em tigelas, conduz o comensal a uma viagem até ao profeta Eliseu, a uma época que coincidia com a monarquia israelita (Séc.VIII a.C). Esta iguaria fazia parte do sustento das camadas mais pobres da população, não deixando, no entanto, de constituir uma boa opção reparadora das forças, atendendo a que se tratava de uma confecção culinária, cujos ingredientes se aproveitavam na sua totalidade. Tanto a Grécia como a Roma antigas, bem como a Idade Média, viam nas sopas o sustento do povo²². Ainda hoje, o lugar que ocupa na alimentação,

²¹ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.54-56.

²² Andrew Dalby, *ob. cit.*, p.307; Michel Feuillet, *ob. cit.*, p.90.

particularmente em Portugal, é objecto de enormes elogios, vindos dos mais variados quadrantes da sociedade, de um modo especial da comunidade dos nutricionistas, que a avaliam como óptima, no âmbito de uma alimentação racional e dietética²³.

A sopa que Eliseu serviu constituiu a única possibilidade de restaurar as forças aos filhos dos profetas, visto que a fome alastrava por todo o país. À volta desta comida deu-se um milagre que se traduziu no facto de, a partir de uma coisa simples, como uma sopa, surgir o elemento inspirador para uma intervenção taumatúrgica de Eliseu. Esse elemento de simplicidade, que os evangelistas tanto retocaram, veio a ser fundamental na divulgação de uma nova abordagem doutrinal à qual os alimentos se sujeitaram. Por isso, o conceito de fusão judaico-cristão, imprimido a este prato, reforça-se pela adição dos grãos de mostarda, os quais simbolizam o reino dos simples.

O prato de peixe leva os convivas até junto do lago de Tiberíades, onde Jesus e os seus discípulos comeram peixe assado nas brasas com pão. Essa refeição, pela dinâmica sagrada expressa pela presença de Jesus, marcou um dos momentos mais importantes do cristianismo, que importa reviver. Alimento por vezes secundarizado pelo judaísmo, o peixe é venerado pelos cristãos. Embora o peixe não tivesse grande valor para os hebreus, ele aparece com enorme significado nos Evangelhos, fazendo parte dos escolhidos por Jesus para comer com os seus discípulos²⁴. No mundo mediterrâneo, o peixe constituía a base alimentar do povo, desde os tempos mais remotos. Não admira, pois, que apareça na Bíblia com tanto realce²⁵.

O pão que acompanha este prato de peixe não representa o pão que Jesus comeu com os seus apóstolos, mas o que o profeta Habacuc preparou, em forma de açorda, para levar aos ceifeiros que andavam no campo. Também, o anjo mandou que essa comida fosse entregue a Daniel, que se encontrava na cova dos leões, na Babilónia. Ao comê-la, livrou-se de ser devorado por esses animais selvagens. Já nessa época era considerada alimento de sobrevivência e continuou a rotular os cristãos pobres, pelos séculos em diante. A açorda, como uma forma de aproveitar os restos do pão, muitas vezes caídos da mesa dos ricos, tornou-se no prato que mais dignificara o pão, pois, ao juntar-lhe água, renovava-o-se enquanto alimento válido. No mundo actual, certas camadas sociais mais favorecidas elevaram esta simples iguaria dos pobres a gastronomia *gourmet*. Ao trazê-la à ementa, estabelecemos a ponte entre o que ela significava no mundo bíblico antigo e o mundo

²³ Emílio Peres, *ob. cit.*, pp.11-14.

²⁴ Dionisio Borobio, *ob. cit.*, p.194, «*Las comidas con pescado* parecen haber tenido en las primeras décadas una cierta significación en la comunidad cristiana. El pez (“*ichthys*”) há sido un símbolo religioso- de la vida, por ejemplo- en muchas culturas religiosas. Para los judíos parece haber tenido, sobre todo en la literatura extrabíblica, una connotación mesiánica y escatológica: su comida de alguna manera anticipaba los tiempos mesiánicos. Si se progresara en estas direcciones (porque de momento se trata de hipótesis), respecto al carácter mesiánico y escatológico de las comidas com pez, se explicarían mejor los pasajes de la multiplicación de panes y peces (sobre todo, de Mc6,41-43) o la comida com pan y pescado que Jesús ofrece a los suyos (Jo21,9), así como la persistencia en los primeros siglos del simbolismo del pez aplicado a Cristo, simbolismo que en todo o caso parece anterior al “descubrimiento” del famoso acróstico que forman las palabras, “*iesous christos theou huios soter*” (Jesús Cristo, de Dios Hijo, Salvador), cuyas iniciales forman la palabra griega del pez: “*ichthys*”.»

²⁵ Andrew Dalby, *ob. cit.*, pp.144-147.

cristão, mas sobretudo, o valor que adquiriu no mundo moderno, ao passar a ser diferenciadora das classes mais privilegiadas.

A primeira das carnes a ser servida é a de cordeiro, animal que funde, na mesa, a tradição judaica e a cristã. Sendo um dos animais mais importantes no judaísmo, por isso o mais usado em sacrifícios, passou para o cristianismo com um profundo valor simbólico, tanto que João Baptista, ao dirigir a palavra a Jesus, disse: «Eis o cordeiro de Deus...»²⁶. Com estas palavras ele estava a apresentar um Cristo redentor. A carne de cordeiro continuou a ser bastante apreciada ao longo dos séculos pela maioria das pessoas, chegando até hoje como uma das mais requintadas opções alimentares. Esta iguaria, que se considerou para a referida ementa, introduz-nos na esfera real, pois conta a refeição que Samuel ofereceu a Saúl antes de este ser ungido príncipe. Este cordeiro, assado ao fogo, vai ser acompanhado com lentilhas guisadas, ancestral leguminosa, que simboliza a fome e a traição.

A segunda carne a levar à mesa é um guisado de várias peças de caça. Foi escolhido este método de cozedura por concentrar, no recipiente da confecção, toda a riqueza nutritiva dos alimentos. Terá sido talvez por isso que Isaac pediu a seu filho predilecto Esaú, caça guisada para comer e se retemperar, quando estava já velho e a desfalecer.

As favas incorporadas no guisado remetem para o desterro do povo de Israel no cativeiro da Babilónia, que as comiam, como era uso, cozinhadas a fogo alimentado pelos excrementos secos dos animais²⁷. Este episódio levanta a questão das dificuldades encontradas pelas pessoas em regime de exílio, durante o qual travam a luta pela sobrevivência. Neste caso, o povo não se podia dar ao luxo de usar lenha das árvores para cozinhar, ou porque ela escasseava ou porque era necessária para outros fins. Esta iguaria assimila o sofrimento em duas vertentes fundamentais: a carne de caça, que nos introduz simbolicamente nos meandros da guerra, e as favas que nos conduz ao mundo da provação. Ainda hoje esta simbologia alimentar se torna real e de contornos difíceis de transpor.

Observemos, no entanto, que em regiões de aluvião, em que há pastoreio, usar bosta seca de herbívoro para cozinhar e até construir casas não é considerado “inferior”, é uma questão de adaptação ao meio ambiente. Hoje faz-se isso no Bangladesh, Índia, Mongólia, Sibéria, várias zonas de África, Nepal e China. Na verdade, se é assim hoje, como seria no passado, em que não havia alternativas? Pode chocar a nova consciência higiénica, mas uma leitura que se poderá fazer é a de que na Babilónia os desterrados se adoptaram às técnicas babilónicas, o que não deixariam, contudo, de serem estranhas à experiência judaica.

²⁶ Jo1,29.

²⁷ Ez4,9-17.

A seguir às carnes, a tábua de queijos fará a sua aparição na mesa. Estes alimentos lácteos, muito apreciados no mundo antigo, de um modo especial pelos judeus, passaram para o mundo cristão com idêntico valor e chegaram às mesas actuais envolvidos do mesmo grau de importância. Os que se trouxeram para degustar nesta ementa pretendem recordar os que Judite e sua serva levaram no seu farnel quando foram ao encontro de Holofernes. Como alimento forte que era reparou-lhes a fome, enquanto esperaram pelo banquete fatal que esse súbdito de Nabucodonosor ofereceu a Judite. Neste episódio, o queijo retrata bem o embaraço que representava para um judeu, neste caso uma judia, a alimentação em país estrangeiro. Configuram, nesta ementa, a valentia e o génio humano. Os queijos servem-se acompanhados com mel, uvas frescas de boa videira, uvas passas, figos secos, pão, tostas a fazer lembrar as que se preparavam para oferecer ao Senhor como oblação de cereais, e filhós, como os que se ofereciam ao Senhor por intermédio de Aarão em sacrifício de consagração. A natureza, no seu mais belo esplendor, será apreciada neste prato de queijo, o qual oferece prodigiosa harmonia, conjugação de sabores, de odores, de cores e de formas.

As frutas frescas seguem-se no cardápio: os figos da primeira colheita de Jeremias, as uvas frescas das vinhas de que fala Mateus, as maçãs que fortalecem os apaixonados, o melão refrescante do Egipto e as romãs do amor. Os frutos frescos representam o viço da natureza, a sua cor, o seu aroma, o seu sabor, simbolizando os homens com idênticos atributos.

Depois de refrescados por uma bela peça de fruta, chega o momento de provar o *céu*, isto é os doces. Para que não se sucedam, juntam-se todos no mesmo prato, em pequenas porções, para assim, se puderem degustar um pouco de cada um e apreciar a sua concordância, o *inter-confessional*, que existe entre a comida judaica e a cristã. O bolo de figos secos e a torta de uvas secas prepararam-se para comer durante uma longa viagem, pois, ao serem bastante ricos em hidratos de carbono, fornecem muita energia muscular. As tortas de uvas frescas, que eram muito do agrado dos moabitas, não lhas serviram, porque eram inimigos de Jerusalém. As tortas de cevada serviram de magras vitualhas aos israelitas, enquanto permaneceram no exílio da Babilónia. Pela sua doçura e valor simbólico, o bolo de mel sabia a maná, tal como o autor do êxodo o confirma.

Para rematar a refeição, a quem o desejar, servem-se, como digestivos, licores ou absinto. O elevado grau alcoólico dos licores fazia cambalear os chefes religiosos judaicos. Ainda hoje é bebida que mantém as mesmas características, aconselhamos que seja servido em pequena quantidade.

A questão dos interditos alimentares no judaísmo e no cristianismo, especialmente no mundo católico, reflectem-se nesta ementa, pelo facto de o padrão alimentar ocidental se ter afastado do modelo de interdição das espécies judaicas. O catolicismo inverteu esta ordem mais de índole espacial, pela ordem temporal: celebra os dias de jejum e abstinência conforme o calendário litúrgico, que, como sabe, rememora a história sagrada.

Ordem e ética à mesa sempre existiram nas duas religiões, tendo-se alterado apenas o espectro de aplicação da ordem. O cristianismo criou um tempo e um espaço novo para todos os homens. Assim, não podia tornar-se refém de nenhum padrão alimentar prévio, pois comprometeria a sua universalidade, que se traduz no facto de chegar a todos os corações humanos.

Assim, no fim desta degustação, pretendemos que fique a perpetuar o modelo alimentar judaico-cristão, pois ainda é nele que se revê o homem actual. Se possível, seguindo os conselhos expressos nos evangelhos, que esta ementa envolva como principais protagonistas à mesa, os pobres, os estropiados, as viúvas, os órfãos, os estrangeiros e todos aqueles que, de algum modo, estão privados da dignidade de viver.

Ementa de degustação

Acepipes

Sementes de amêndoas e pistácios tostados (Gn43,11), maná (Ex16,31-35).

Sobre a mesa

Pão ázimo (Ex12,15), pão fermentado (Jo6,34), vinho (Gn14,18), azeite (Lc10,34), manteiga (Gn18,8).

Entrada

Taça de suco de amoras (1Mac6,34) e uva do rebusco (Is24,13).

Sopa

Sopa de legumes frescos e pepinos bravos (2Rs4,38-41) com grãos de mostarda (Lc17,6).

Peixe

Peixe assado em vivas brasas (Jo21,9) com papas e pão migado à mão (Dn14,33).

Carnes

Espádua de cordeiro assado ao fogo (1Sm9,24) com lentilhas guisadas (Gn25,34).

Caça guisada na marmitta (Gn27,30-31) com favas (Ez4,9).

Tábua de queijos

Queijos de ovelha, cabra e vaca (Jdt10,5), requeijão com mel (Is7,15), uvas frescas (Mt7,16), uvas secas (1Sm30,12), figos secos (1Sm30,12), tostas sem fermento (Lv2,4) e filhós (Ex29,24).

Frutas

Figos (Jr24,2), uvas (Mt7,16), maçãs (Ct2,5), melão (Nm11,5) e romãs (Ct4,13).

Doces

Bolos de figos secos (1Sm25,18), torta de uvas secas (1Sm 25, 18), torta de uvas frescas (Is16,7), torta de cevada (Ez4,12), bolo de mel (Ex16,31).

Digestivos

Licores (Is28,7) ou absinto (Jr23,15).

Conclusão

A densidade do tema escolhido para este estudo revelou-se entusiasmante à medida que se ia aprofundando cada um dos assuntos. Todavia, reconhecemos que alguns merecerão uma maior e mais profunda reflexão, não só pela importância real que tiveram ao longo da história, mas, sobretudo, pela sua simbologia e pela sua dimensão cultural.

Realmente, o acto alimentar possui uma forte componente cultural. O modo de escolha dos alimentos, a sua ordenação, preparação, apresentação, a distinção dos convidados e a sua disposição são disso um indicador eloquente. Não é difícil reconhecer que há uma relação intrínseca entre uma determinada cultura e a alimentação de um povo nela envolvido. Como também é nítida a forma pela qual a alimentação é determinada pelo contexto histórico-geográfico e nele se repercute.

Neste sentido, ao longo do trabalho, procurámos enumerar os alimentos, não só como realidade em si mesmos, mas na sua relação geográfica, histórica e cultural.

Porque estamos inseridos na cultura europeia, pensamos que nenhuma outra fonte mais significativa que a Bíblia poderia ajudar a fundamentar a relação da cultura com a forma como os alimentos se apresentam no contexto deste velho continente.

Apesar da distância histórica do Texto Bíblico e mesmo da sua configuração geográfica e cultural, reconhecemos que há uma identidade permanente entre os alimentos que aí são apresentados e os que hoje continuam a preencher as ementas do nosso quotidiano.

A partir dos alimentos e da forma pela qual eles entram no dia-a-dia das pessoas, pretendemos realçar não só o inerente sabor, aroma e harmonia estética, mas também o modo como estas realidades identificativas conduzem a uma verdadeira sabedoria.

A par de outras formas de conhecimento, o menu degustativo, que remata este estudo, torna-se uma das mais amplas e sensíveis provas para a compreensão racional que o homem forçosamente faz da realidade. Isto deve-se ao facto de na alimentação, com a componente estético-relacional que lhe é intrínseca, o ser humano aprofundar a razão da sua existência com todos os seus sentidos e transformar o sabor em saber.

Usando a Bíblia como a principal fonte, reconhecemos que a alimentação dos judeus, a sua disposição e mesmo o seu conteúdo simbólico se permeabilizou a outras culturas circundantes. O povo hebreu e, posteriormente, o cristianismo sofreram influência e influenciaram os povos com quem conviviam. Esta realidade está muito presente no mundo bíblico, seja na relação que se estabelece entre os alimentos judaicos e os que pertenciam já aos povos Mesopotâmico, Egípcio, Fenício, Grego e Romano, como também na distinção entre eles, que se torna nítida nas proibições de alguns alimentos.

Alargando o horizonte do nosso estudo, realça-se o ser humano enquanto fazedor de cultura em toda a sua acção. Esta vai-se progressivamente purificando com o decorrer do tempo. Assim sendo, os valores e os critérios que contam e que se transmitem de geração em geração são fruto de uma depuração constante que leva a cultura a tornar-se progressivamente mais humana. O homem, como ser transcendente, exige profundidade de sentido em tudo o que faz e nas relações que estabelece. Deste modo, os alimentos, tal como o trabalho e o descanso, não se resumem, nas diversas épocas da história, a um mero exercício material, ou funcional, mas, muito pelo contrário, foram vividos culturalmente no mais profundo significado de relação interpessoal, de procura de sentido, de expressão de sentimentos, de símbolo de união ao transcendente, e de sinal de comunhão com o divino.

Procurámos vincar que a fundamentação bíblica para os diversos alimentos, especialmente o pão e o vinho, se torna exigência necessária ao desenvolvimento da experiência cultural entre os diversos povos, estabelecendo o sentido de comunhão interpessoal e intercultural, promovendo o diálogo e a fraternidade e aproximando as diferenças.

Introduzindo-nos profundamente no Texto Bíblico, reconhecemos que entre o Antigo e Novo Testamento não só há uma continuidade, mas também uma ruptura. Sem pretender fazer exegese ou análise teológica, mas situando-nos naquilo que o texto e seu contexto nos oferecem, observamos que o Antigo Testamento patenteia uma visão mais real dos alimentos, enquanto o Novo Testamento os situa sobretudo na dimensão simbólica. Mais ainda, a ruptura que se verifica entre estes dois mundos tem a ver com a distinção que o cristianismo pretendeu realizar em confronto com o judaísmo. Também neste sentido, entramos na relação que os alimentos têm, não só com a sua dimensão religiosa, mas também cultural.

Exemplifiquemos: no judaísmo, certos alimentos estavam proibidos, pois julgava-se que tornavam o homem impuro, impedindo-o de chegar à santidade. Porém, o cristianismo veio alterar esse modelo, prevenindo antes para o perigo que resultava daquilo que saía da boca dos homens, pois provinha do coração, e era isso o que manchava o homem.

A aspiração à saciedade, por via alimentar, correspondia à necessidade que os homens sentiam de reparar o seu corpo e a sua alma. Este aspecto intrínseco da condição humana traduz-se numa ordem e numa unidade funcional. Reflexo disto está no facto de o homem sempre se deparar com este desejo de equilíbrio, mas a maior parte das vezes, por sua culpa, nem sempre o conseguir alcançar.

Os preceitos dietéticos judaicos, que se abordaram ao longo deste trabalho, espelham o desejo de pureza do homem, de tal modo que o seu cumprimento escrupuloso se tornou determinante nas suas relações transcendentais. Quanto ao cristianismo, pelo contrário, poder-se-á afirmar que a dimensão relacional do homem passa necessariamente pelo que ele come e quando

come. De acordo com esta prática, o judaísmo estabelece regras duras de observância das leis alimentares. Já o cristianismo confere ao jejum e abstinência significado simbólico. Assim, a partir deste contexto, concluir-se-á que o homem não está sujeito à lei, mas sim a lei ao homem.

Neste sentido, a alimentação, como uma necessidade primária, deverá ser interpretada à luz dos princípios da racionalidade e da espiritualidade dos novos valores trazidos pelo cristianismo. O texto bíblico destaca, por vezes, a fusão destes conceitos, como aconteceu no episódio das bodas de Caná e no festim oferecido ao filho pródigo.

Torna-se fácil verificar como do Génesis até aos Evangelhos o leitor se apercebe da incessante busca de bem-estar e felicidade plenas percorrida pela humanidade. Este desígnio assenta na vontade divina e é veiculado por meio da mesa da refeição.

Para tornar mais objectiva a abordagem das ocorrências e das tipologias alimentares no corpus bíblico definido, optou-se, como metodologia, a colocação das espécies alimentares em quadros, segundo determinados critérios seleccionados. Foi uma missão que se revestiu de um carácter decisivo na interpretação do significado alimentar na Bíblia, na medida em que identifica os vários alimentos e se perspectivaram nos dois eixos fundamentais: o profano e o sagrado. Por vezes, esta coexistência tornou-se difícil de delimitar no contexto bíblico. Outras vezes, era de tal modo evidente que ajudou a percorrer os caminhos por que atravessou a história dos alimentos nos livros sagrados.

Também hoje, as grandes dificuldades vão no sentido de se saber onde termina o profano e começa o sagrado, e onde se situam as fronteiras do bem e do mal. Ainda assim, a julgar pela importância que a alimentação tem tido para a humanidade nas diversas funções que exerce, de um modo especial, na sua vertente sagrada, ficou a alegria do enriquecimento que estas reflexões e análises proporcionaram. Por isso, ao finalizar este trabalho, sentimos que não passámos do aperitivo de uma grande refeição que ficou por servir. Na verdade, a frequência com que os alimentos foram abordados na Bíblia deixou-nos antever a realização de um verdadeiro festim, impossível de se tratar na sua totalidade.

Ficámos a saber que em todos os livros da Bíblia, a satisfação da fome e da sede é uma realidade que conduz o leitor a apreciar a mensagem que daí brota, algo comparável a uma suculenta e farta refeição.

Observámos que os autores bíblicos, ao abrirem as portas da cozinha, encheram-na com produtos alimentares de enorme qualidade e reproduziram confecções de uma extraordinária grandeza odorífera e gustativa, para mostrarem que o caminho da transcendência humana também passa por tomar uma bela refeição, por partilhar da sua concepção, e por participar na transformação das espécies, que é uma forma de presentificar um modo de criação.

Permitimo-nos ainda relacionar a alimentação com a tão ansiada e emblemática liberdade humana. Assim, entre muitas e variadas refeições, evocámos aquelas que o povo hebreu tomava, enquanto errava no deserto, ansioso de liberdade. Esse caminho libertador, traçado por Moisés, e que conduz à felicidade daquele povo, foi um apelo ao sacrifício, à preparação, à persistência, à paciência, à humildade e ao arrependimento.

Este desafio continua a ser uma interpelação à humanidade, na medida em que a maior parte dos homens permanece no culto do transitório, a alimentar-se de maná e a adorar bezerros de ouro. Para o cristianismo, porém, a fonte de onde jorram as verdadeiras delícias é a mesa da Ceia Pascal, continuada na Eucaristia. Os alimentos que compõem o menu que se reparte nessa mesa são os únicos que têm como prazo de validade a eternidade. A essa mesa não vai nada que esteja azedo ou com bolor. O pão e o vinho que aí se levam representam todo o alimento que, quando partilhado, nutre a transcendência de cada pessoa e une os homens uns aos outros.

A exemplo de outras mesas, os pratos servidos sobre ela deverão ser tomados com apetite, como forma de potenciar, em cada comensal, a capacidade de perdão, de partilha do pão e de solidariedade.

Já o povo hebreu considerava que os sacrifícios de animais e plantas eram um salvo-conduto em direcção ao sagrado. Os cristãos, porém, concentram o sentido viático no sacrifício da Eucaristia, na qual abastecem o seu farnel para uma longa viagem que não tem princípio nem fim.

A par destas dimensões, concluímos que o desejo humano de felicidade se tem fortalecido, não só por meio da simples refeição, mas sobretudo através do banquete. É nele que, na Bíblia, a mesa e o altar da celebração se fundem, criando-se um espaço de partilha, a partir do qual a esfera sensorial faz fruir as suas maravilhas até à plena satisfação humana.

É tal o significado destas mesas que elas têm agitado os corações contritos, têm dirigido os passos dos peregrinos, têm criado semblantes sorridentes, têm encorajado os homens a apertarem as mãos, têm ajudado a entrelaçar a ética e a moral e têm conduzido à alegria de viver e à elevação da alma humana.

Todavia, descobrimos que a busca de felicidade muitas vezes se torna pungente, pois encalha nos meandros do rio da vida, por onde navega o barco carregado de peixes moribundos, animais em decomposição e plantas sem flor e aroma. Numa imaginação tão bem construída nos livros de Isaías, só os que acreditam e rebuscam, no mais íntimo de si mesmos, a uva que fica da vindima, a espiga que se esquece da colheita, a água que brota da rocha, a folha de oliveira no bico de uma pomba, a semente de mostarda a rebentar, o fermento a activar a massa e o sal da incorruptibilidade, valorizam a refeição de leite e mel, do pão e do vinho, do cordeiro e da ovelha.

A humanidade, ao procurar o caminho da felicidade, pretende chegar quanto antes a essa terra, onde a mesa se recheia com os mais nobres alimentos. Concluímos, ainda, que a vida humana

é uma constante demanda da Terra Prometida, na qual se encontra a fortuna absoluta, mas a maioria ainda não a encontrou.

Inspirados pela sávida linguagem bíblica, consideramos que a humanidade precisará no essencial de se encontrar na intimidade com o mais viçoso dos rebentos que sobre a terra brotou para sonhar por um mundo cujo melão vital d'Ele jorrará para os espíritos humanos com aspirações de transformar a face da terra, na qual se estabelecerá a fraternidade entre todos os homens.

Numa sociedade com profundas mudanças culturais, a linguagem alimentar torna-se cada vez mais determinante na concepção das opções individuais, pela sua capacidade de congregação, por um lado, e pela segregação que provoca, por outro.

Foi propósito terminar este trabalho com uma ementa inter-confessional, seguramente a mais completa e de acordo com os anseios da nova humanidade, e da qual se retirará o verdadeiro suco da alma humana. Se degustar um alimento é uma forma de o conhecer e ficar envolvido nele, também é sabedoria saber escolhê-lo.

Bibliografia

Fonte primária:

Bíblia Sagrada, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001.

Bíblia Sagrada, Lisboa, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 9ª ed., 1981.

Bíblia Sagrada, Garmus Ludovico, Brasil, Ed. Vozes, 50ªed., 2005.

Fontes secundárias:

Apício, *Ars Coquinaria*, in Castro, Inês de Ornellas (ed. trad., e com.), *O Livro de Cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano*, Colares Editora, Sintra, 1997.

Caton, *De L'Agriculture*, v.76, Raoul Goujard trad., Les Belles Lettres, 2ªed., Paris, 1975.

Hippocrate, *Du Regime*, Robert Joly, ed. e trad., Les Belles Lettres, Paris, cap. 3, 18, 1967.

Hesíodo, «Mito das Cinco Idades», *Trabalhos e Dias*, in Pereira, Maria Helena da Rocha, *Hélade*, Guimarães Editores, 10ªed, 2009, pp. 109-111.

Homero, *Iliada*, XI, vv. 628-640, Frederico Lourenço trad., Editora Cotovia, 2005.

Homero, *Odisseia*, II, vv.288-291; Frederico Lourenço trad., Editora Cotovia, 2003.

Homero, *Odisseia*, IX, vv. 80-95.

Homero, *Odisseia*, IX, vv. 215-230.

Homero, *Odisseia*, X, vv. 233-236.

Homero, *Odisseia*, XXIV, vv. 331-344.

Platão, *Górgias*, Pulquério, Manuel Oliveira trad., Lisboa, Edições 70, 1992.

Plutarco, Obras Morais, *No Banquete*, Livros I – IV, Carlos de Jesus trad., Coimbra, 2008.

Livro de Cozinha da Infanta D. Maria, Códice Português I. E. 33. da Biblioteca Nacional de Nápoles; Prólogo, Leitura, Notas, Glossário e Índices de Giacinto Manuppela, INCM.

Queirós, Eça de, *Textos de Imprensa*, IV, “Gazeta de Notícias”, ed. de Miné, Elza e Cavalcante, Neuma, INCM, Lisboa, 2002.

Estudos:

Arnaut, Salvador Dias, *A Arte De Comer Em Portugal Na Idade Média*, Colares Editora, Sintra, s.d.

Borobio, Dionisio, *La Celebracion En La Iglesia II Sacramentos*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1988.

- Bober, P. Phyllis, *Art, culture, and cuisine. Ancient and medieval gastronomy*, The University Chicago Press, Chicago, 1999, cap. 4, pp. 81-98.
- Basurko, Xabier, *Para Viver o Domingo*, Gráfica de Coimbra, 2001.
- Bogaert, Pierre-Maurice, «La Bible latine des origines au moyen âge», *Revue Théologique de Louvain*, 19,1998, pp., 137 -139.
- Briquel-Chatonnet, Françoise (coord), *A Bíblia*, Lisboa, Edições 70, 2006.
- Butiña Jiménez, Júlia e Costa, Ricardo da, «Aristocracia e Nobreza no Mundo Antigo e Medieval», *Mirabilia* 9, 2009, pp.117-129. (<http://www.revistamirabilia.com/numeros/num9/artigos/07> - 5/5/2010, 12.00h.)
- Colunga, Alberto, (coord.), *Bíblia Comentada I*, Madrid, la Editorial Católica, 1967.
- Charpentier, Etienne, *Para uma primeira leitura da Bíblia*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1980.
- Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, 1993.
- Cocagnac, Maurice, *Les Symboles Bibliques, Lexique théologique*, Cerf, Paris, 1993.
- Coelho, Maria Helena da Cruz, «Ao Correr do Vinho: “Governança” e “Desgovernança” dos Homens», in *Foral de Évora*, Fundação Eugénio de Almeida, 1, Évora, 2005, pp.112-121.
- Coelho, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, I, 2ªed., Lisboa, 1983.
- Dalby, Andrew and Grainger, Sally, *The Classical Cookbook*, The British Museum Press, 2ª ed., 2000.
- Dalby, Andrew, *Food in the Ancient World, From A to Z*, Routledge, 2003.
- Dalby, Andrew, *Dangerous tastes the story of spice*, University of California press, Los Angeles, 2000.
- Douglas, Mary, «Deciphering a Meal», *Daedalus, Journal of American Academy of Arts*, 101, (t.1), 1972, pp.66-81.
- Douglas, Mary, *Pureza e Perigo*, Edições 70, Lisboa, 1991, (original 1966).
- Dias, Paula Barata, «As Mesas Comestíveis da Eneida – Alguns Aspectos da Culinária Romana», *Boletim de Estudos Clássicos*, 49, pp. 35-39.
- Dias, Paula Barata, «A Linguagem dos Alimentos nos Textos Bíblicos – Sentidos para a Fome e para a Abundância», *Humanitas* 60, 2008, pp. 157-175.
- Paula Barata Dias, «O peixe para os Judeus e para os Cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana», *Humanitas* 55, 2010, (17pp.); (versão cedida pela autora).
- Daniélou, Jean, *Les symboles chrétiens primitifs*, Éditions du Seuil, 1961.
- Daniélou, Jean, *Sacramentum Futuri*, Beauchesne, Paris, 1950.

- González Echegaray, J., (coord), *Introducción al estudio de la Biblia*, La Biblia en su entorno, Estella, Navarra, Ed. Verbo Divino, 1990.
- Ferreira, José Ribeiro, *Espelho Da Alma, O vinho na poesia grega*, museu do vinho, Anadia, 2006.
- Flandrin, Jean-Louis e Montanari, Massimo, *História da Alimentação – Dos primórdios à Idade Média*, Lisboa, Terramar, 2ª ed., 2008.
- Feuillet, Michel, *Lexique des Symboles Chrétiens*, puf, 3ªed., 2004.
- Fraser, A.D, «The Ancient Fish-Taboo», *The Classical Weekly*, 15, 21, apr. 3, 1922, pp. 164-165.
- Gélard, Marie-Luce, «Protection par le sang et accord par le lait dans la tribu des Ait Khebbach (Sud-Est marocain)», *Étude rurales*, nº 169/170, Transmissions (Jan.- Jun., 2004), pp. 9-27.
- Giddens, Anthony, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ªed., 2008.
- Grimshaw, Jim, «Luke's Market Exchange, District: Decentering Luke's Rich Urban Center», in *Semeia 86, Food And Drink In The Biblical Worlds*, by the Society of Biblical Literature, 1999, pp. 33-47.
- Harrington, Wilfrid, *Nouvelle Introduction a la Bible*, Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- Herrmann, Siegfried, *Historia de Israel en la epoca del Antiguo Testamento*, Salamanca, Ed. Sigueme, 2ªed., 1985.
- Lavrador, João Evangelista Pimentel, *Pensamento Teológico de D. Miguel da Anunciação, Tesis Doctoral*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1995.
- García López, Félix, *El Pentateuco*, Estella, Navarra, ed. Verbo Divino, 2003.
- Kleberg, Tonnes, *Hôtels, Restaurants et Cabarets Dans L'Antiquité Romaine, Études historiques et philologiques*, 1957.
- López Melús, Francisco Maria, *Desierto: una experiencia de gracia*, ediciones sigueme, 2ªed., Salamanca, 1994.
- Milgrom, Jacob, «The Biblical Diet Laws as an Ethical System - Food and Faith», *Interpretation*, 17, 1963, Union Theological Seminary, Virginia, pp.288-301.
- Missal popular*, Edição da Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1974.
- Potin, Jean, *a Bíblia devolvida à História*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, (orig.2000).
- Peres, Emílio, *Saber comer para melhor viver*, Caminho, Lisboa, 1994.
- Rad, Gerhard Von, *Teologia del Antiguo Testamento*, Vol.I, Salamanca, ed. Sigueme, 6ªed., 1986, (orig. 1957).
- Rad, Gerhard Von, *Teologia del Antiguo Testamento*, Vol.II, Salamanca, ed. Sigueme, 5ªed., 1984, (orig. 1962).

- Riché, Pierre, *Le Moyen Age et la Bible*, Paris, Beauchesne, 1984.
- Roscoe, J., «A cow Tribble of Enkole in the Uganda», *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Vol. 37,(Jan.-Jun., 1907), pp.93-118.
- Santos, Maria José Azevedo, *A Alimentação Em Portugal Na Idade Média - Fontes - Cultura – Sociedade*, Inatel, Coimbra, 1997.
- Santos, Maria José Azevedo, «O Azeite e a Vida do Homem Medieval», in *Actas do Colóquio Santarém na Idade Média* (1998), Santarém, 2005, pp. 127-144.
- Santos, Maria José Azevedo, *Jantar e Cear na Corte de D. João III*, Edições Centro de História da Sociedade e da Cultura, C.M. de Vila do Conde, Coimbra, 2002.
- Tuya, Manuel de, *Introducción a la Biblia*, Madrid, La Editorial Catolica, 1967.
- Witekettle, Richard, « Critical Notes, Taming the Shrew, Shrike, and Shrimp: The Form and Function of Zoological Classification in Psalm8», *Journal of Biblical Literature* 125, nº4, 2006, pp.749-755.
- Wilkins, M. John e Hill, Shaun, *Food in the ancient world*, Blackwell, Oxford, 2008, 2nd ed. s/d.
- Varandas, Angélica, «A Idade Média e o Bestiário», *Medievalista on line*, ano 2, nº2, 2006. (<http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-bestiario.htm>, 5/5/2010, 11.11h)

A N E X O S

ANEXO 1

Fotografias dos pratos que compõem a ementa de degustação



Foto 1: Simulação da queda do maná (Ex16,31-35) sobre a terra.



Foto 2: Recriação do maná como alimento celestial que Deus prepara para enviar aos homens famintos.



Foto 3: A abundância alimentar através do maná como uma dádiva divina.



Foto 4: Taça com o maná feito a partir de semente de coentro, azeite e mel.



Foto 5: Sementes de amêndoas e pistácios tostados (Gn43,11)

Pão ázimo (Ex12,15), pão fermentado (Jo6,34), vinho (Gn14,18), azeite (Lc10,34), manteiga (Gn18,8).



Foto 6: Taça de suco de amoras (1Mac6,34) e uva do rebusco (Is24,13).



Foto 7: Sopa de legumes frescos e pepinos bravos (2Rs4,38-41) com grãos de mostarda (Lc17,6).



Foto 8: Peixe assado em vivas brasas (Jo21,9) com papas e pão miúdo à mão (Dn14,33).



Foto 9: Espádua de cordeiro assado ao fogo (1Sm9,24) com lentilhas guisadas (Gn25,34).



Foto 10: Caça guisada na marmitta (Gn27,30-31) com favas (Ez4,9).



Foto 11: Queijos de ovelha, cabra e vaca (Jdt10,5), requeijão com mel (Is7,15), uvas frescas (Mt7,16), uvas secas (1Sm30,12), figos secos (1Sm30,12), tostas sem fermento (Lv2,4) e filhós (Ex29,24).



Foto 12: Figos (Jr24,2), uvas (Mt7,16), maçãs (Ct2,5), melão (Nm11,5) e romãs (Ct4,13).



Foto 13: Bolos de figos secos (1Sm25,18), torta de uvas secas (1Sm 25, 18), torta de uvas frescas (Is16,7), torta de cevada (Ez4,12), bolo de mel (Ex16,31).

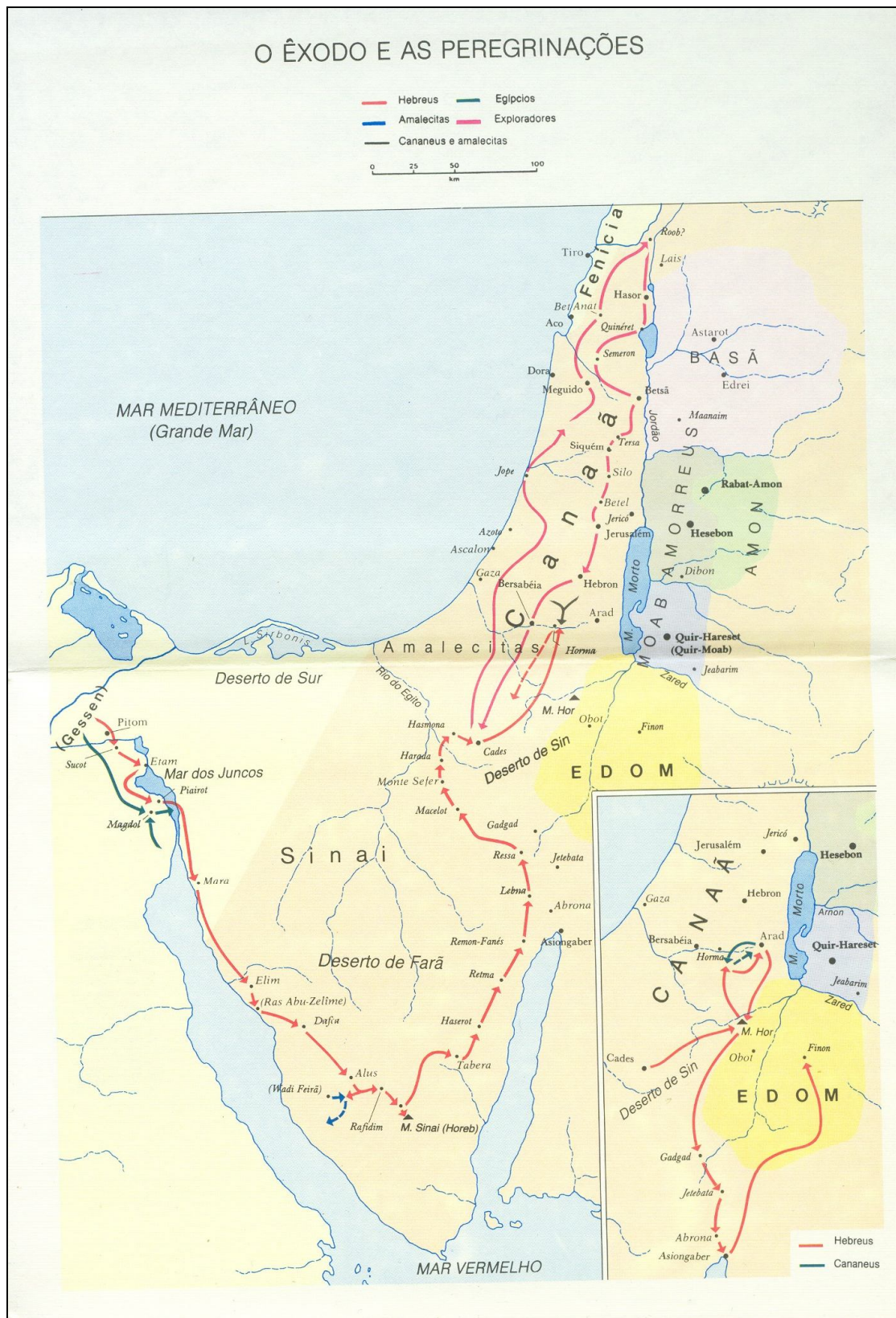


Foto 14: Licores (Is28,7) ou absinto (Jr23,15).

A N E X O 2

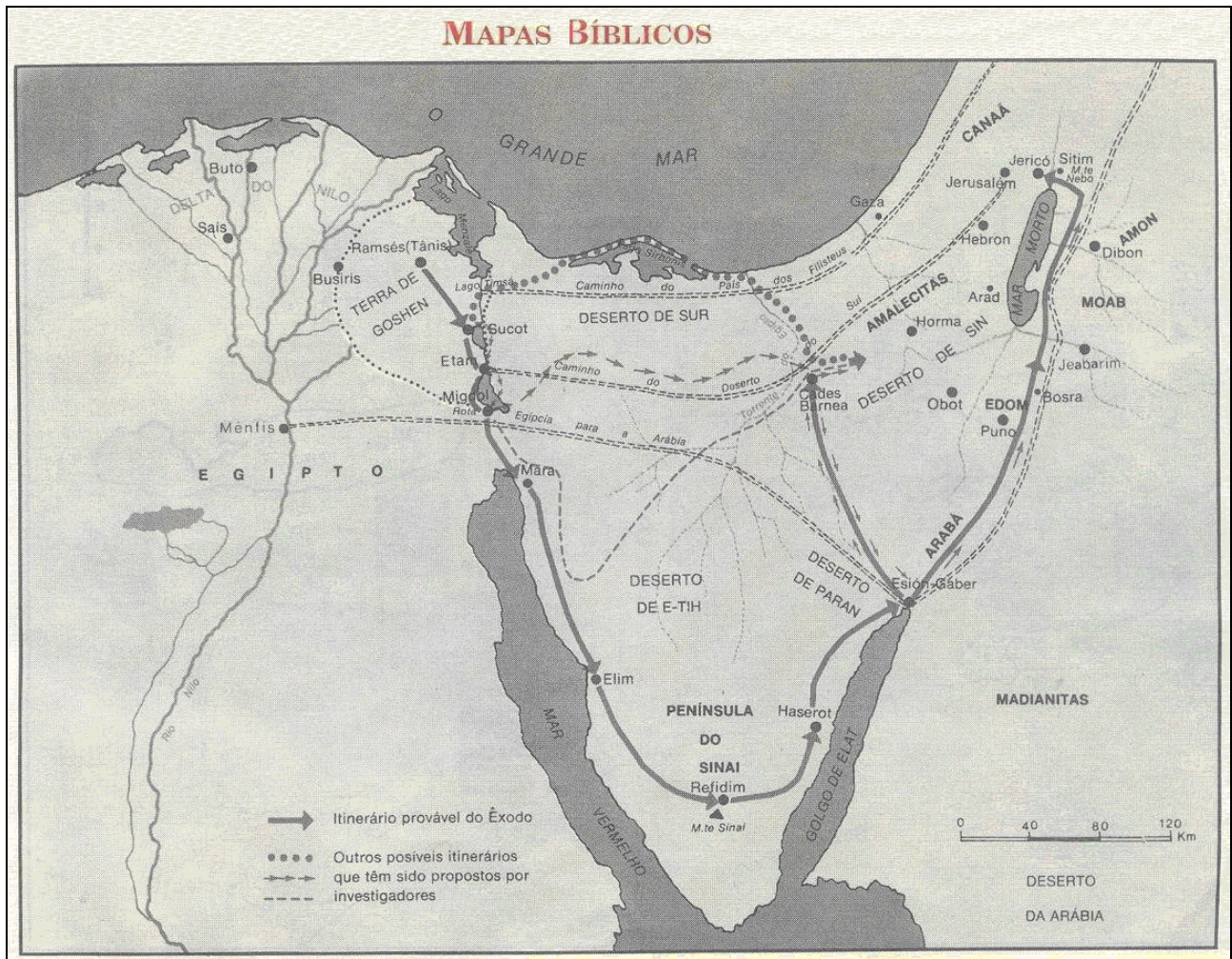
Mapas

Mapa 2



Fonte: *Bíblia Sagrada*, Garmus Ludovico, Brasil, Ed. Vozes, 50ªed., 2005.

Mapa 3



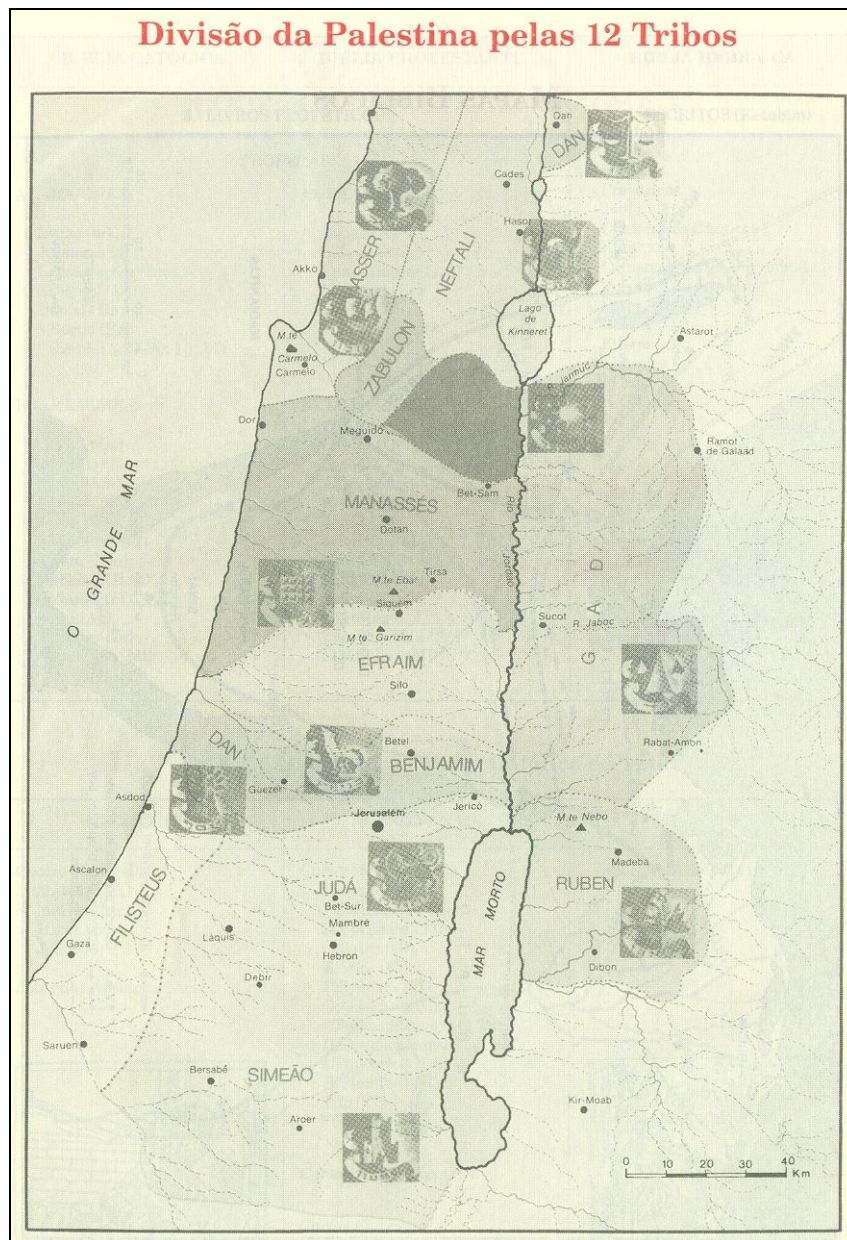
Fonte: *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001.

Mapa 4



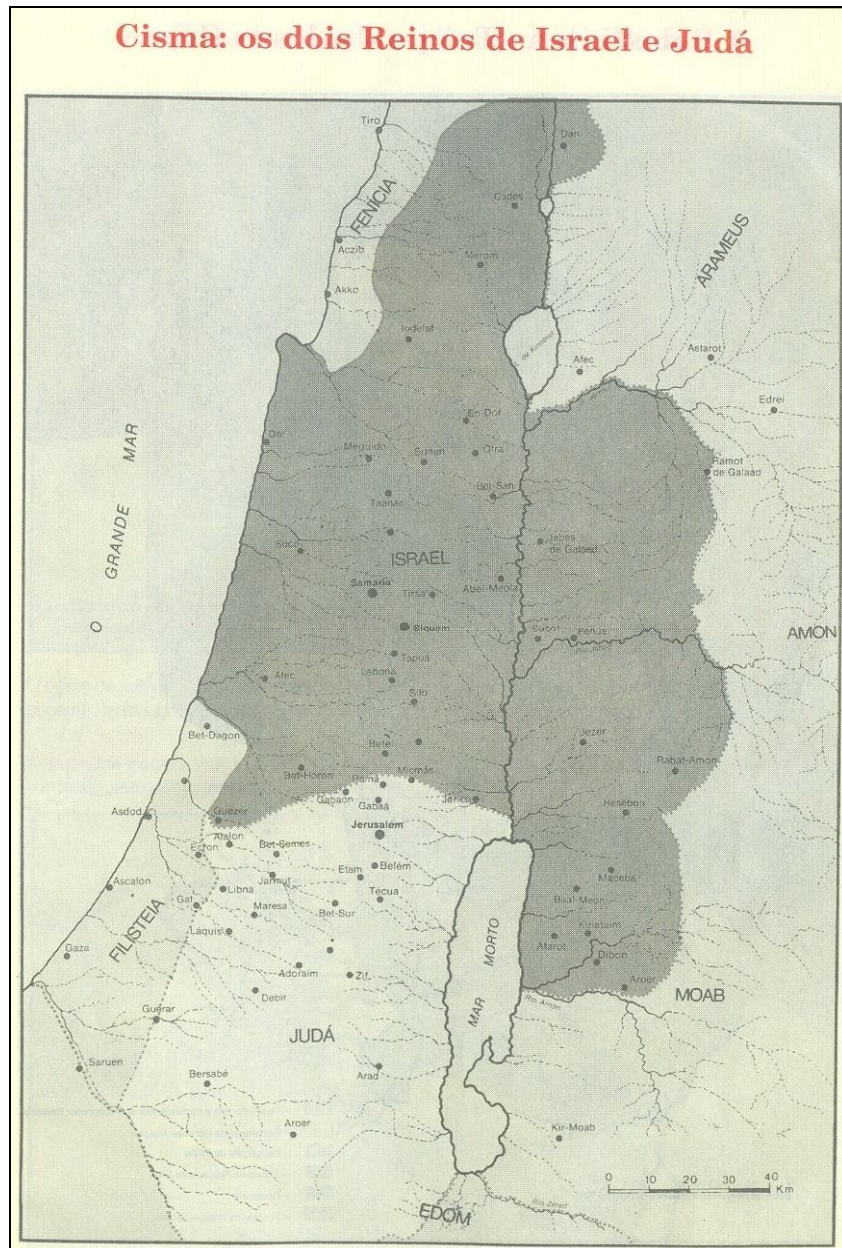
Fonte: *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001.

Mapa 5



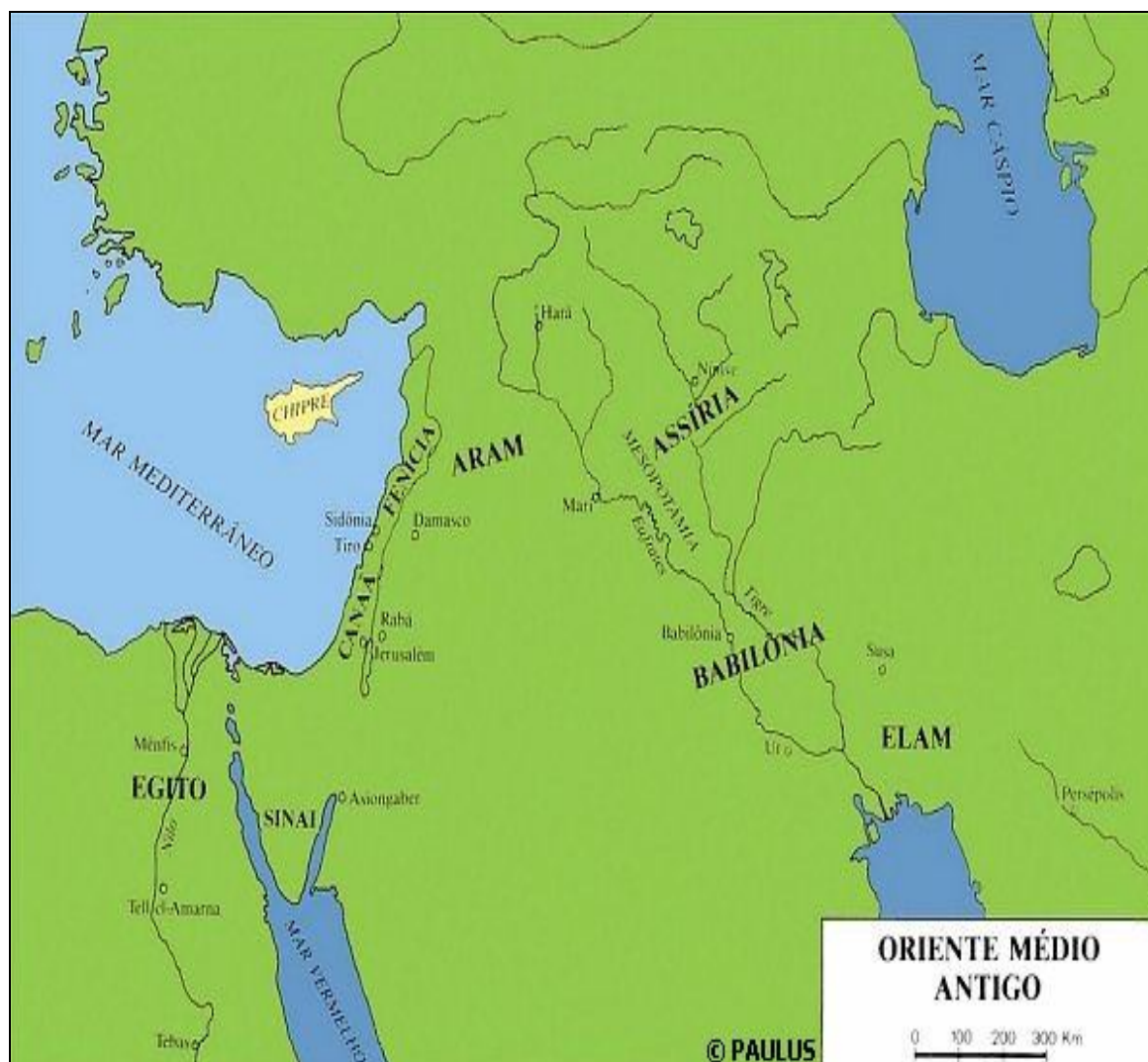
Fonte: *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001.

Mapa 6



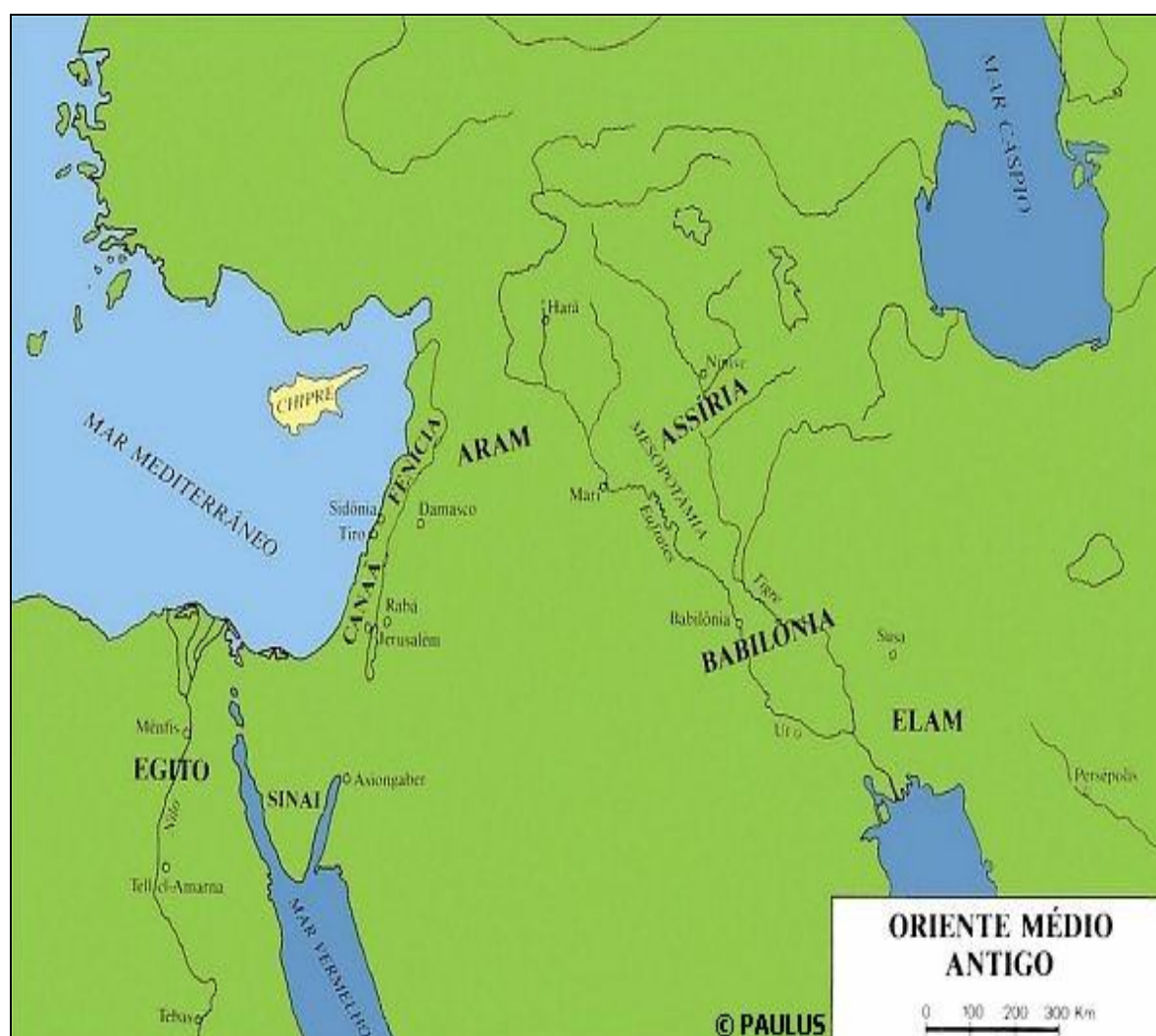
Fonte: *Bíblia Sagrada*, Lisboa/Fátima, Missionários Capuchinhos, Difusora Bíblica, 3ªed., 2001.

Mapa 7



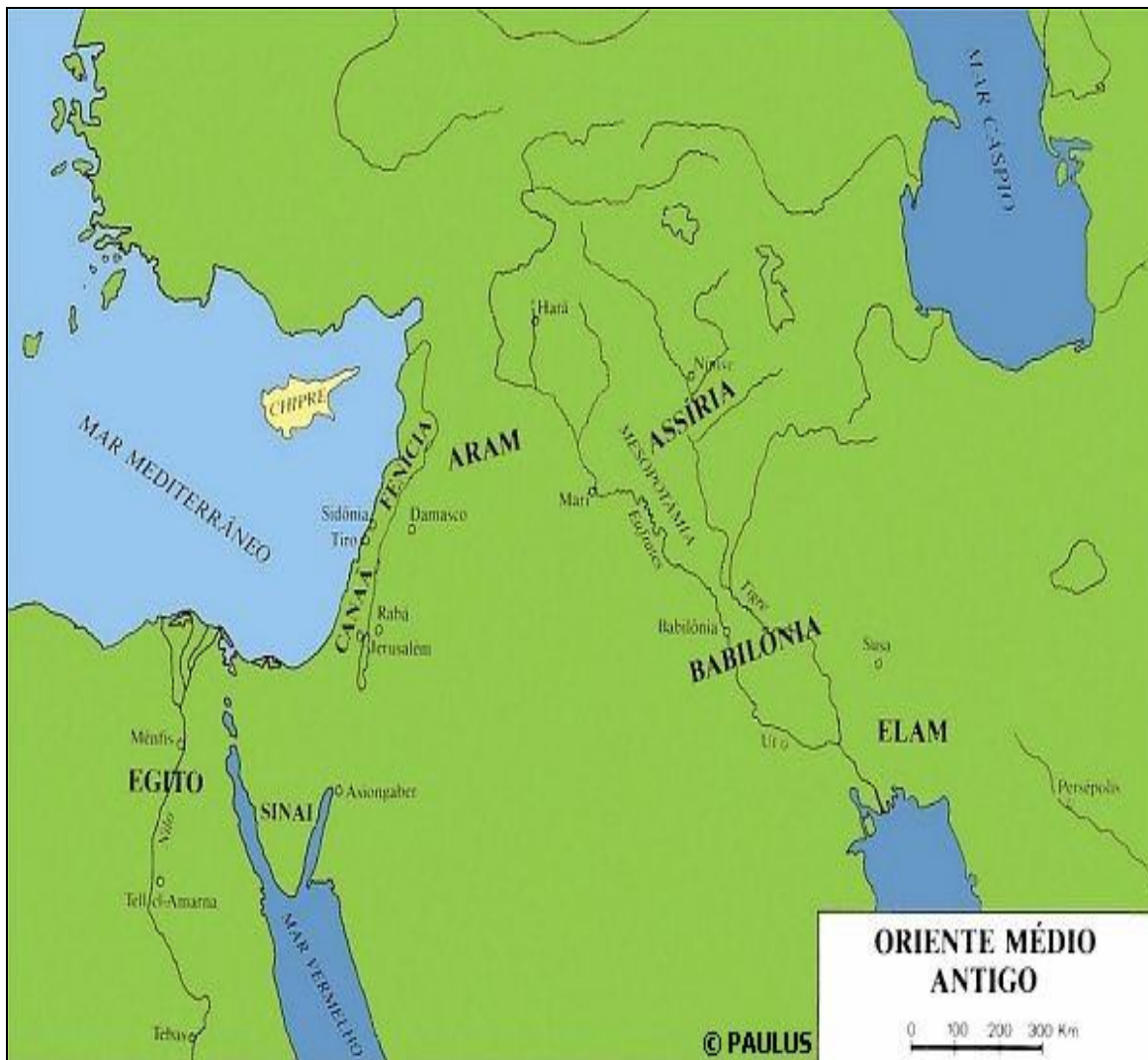
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 8



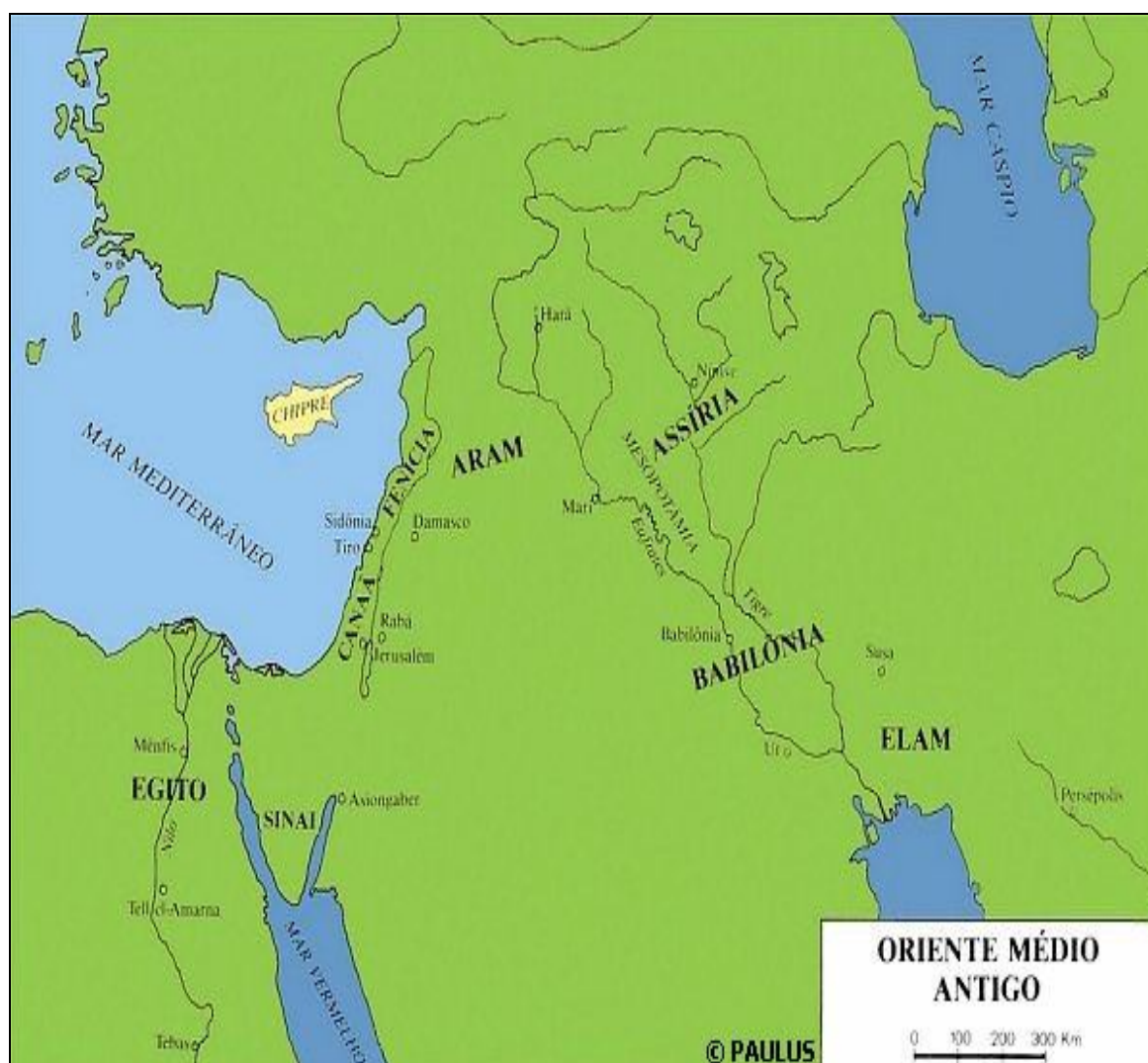
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 9



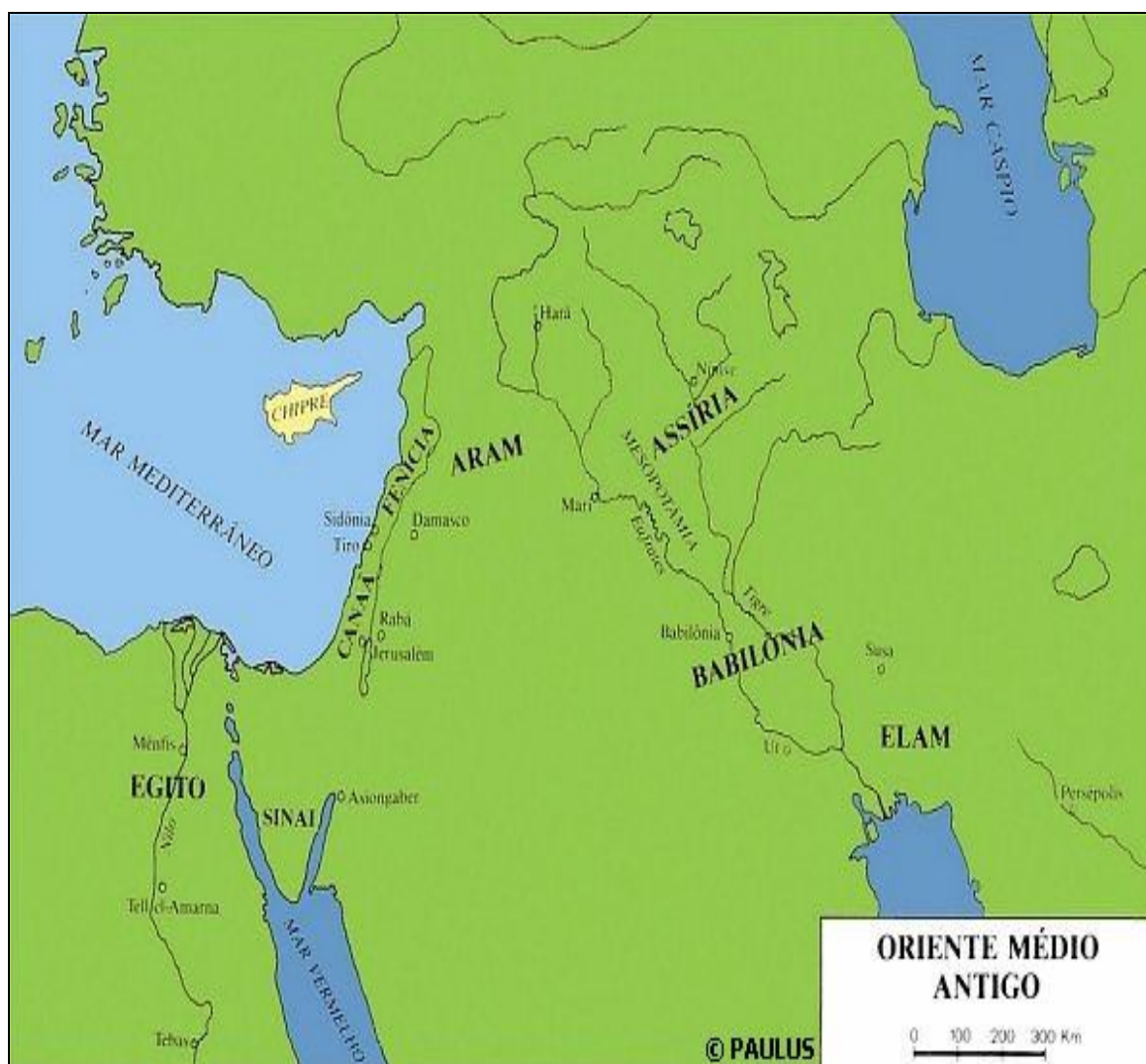
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 10



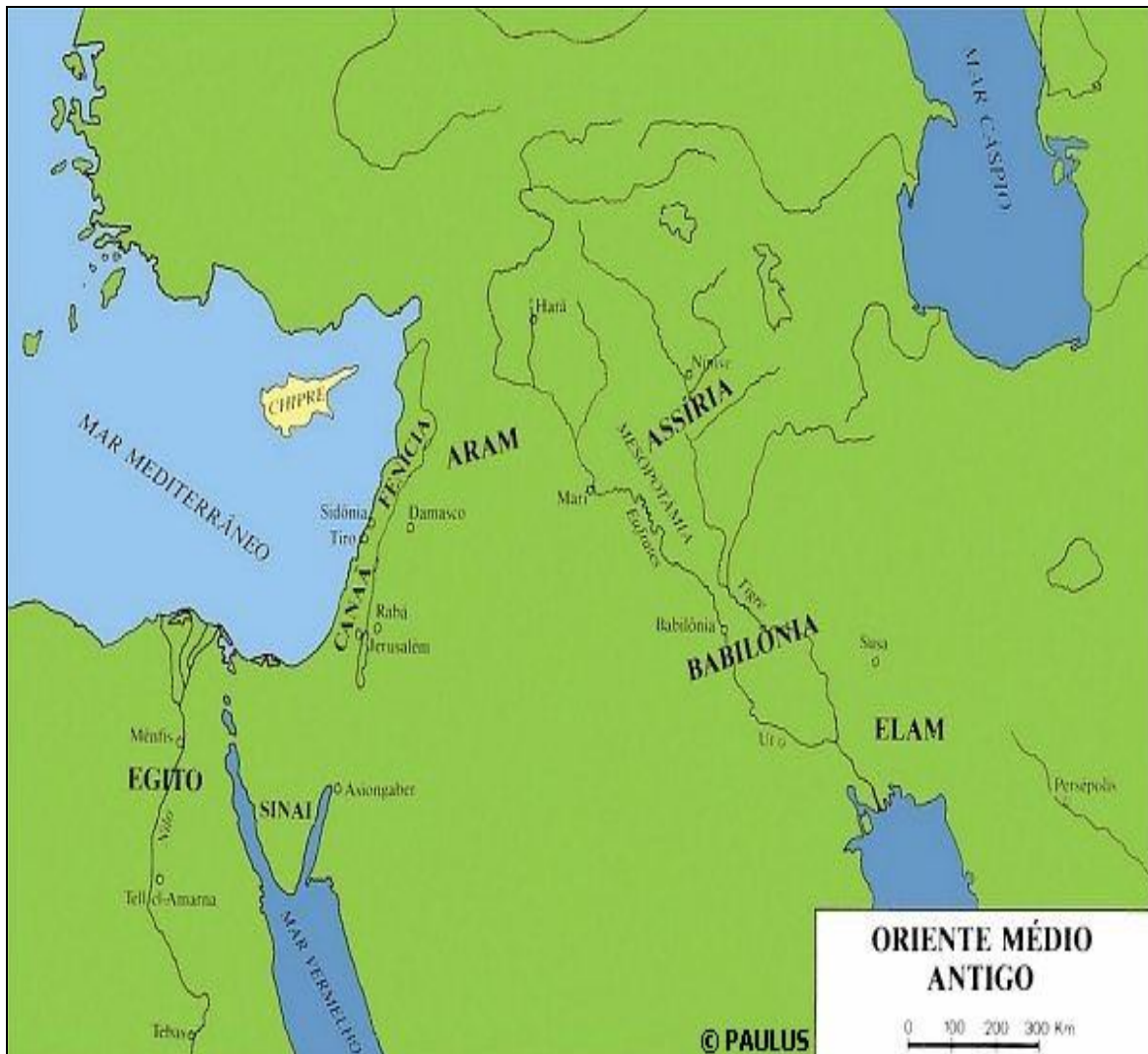
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 11



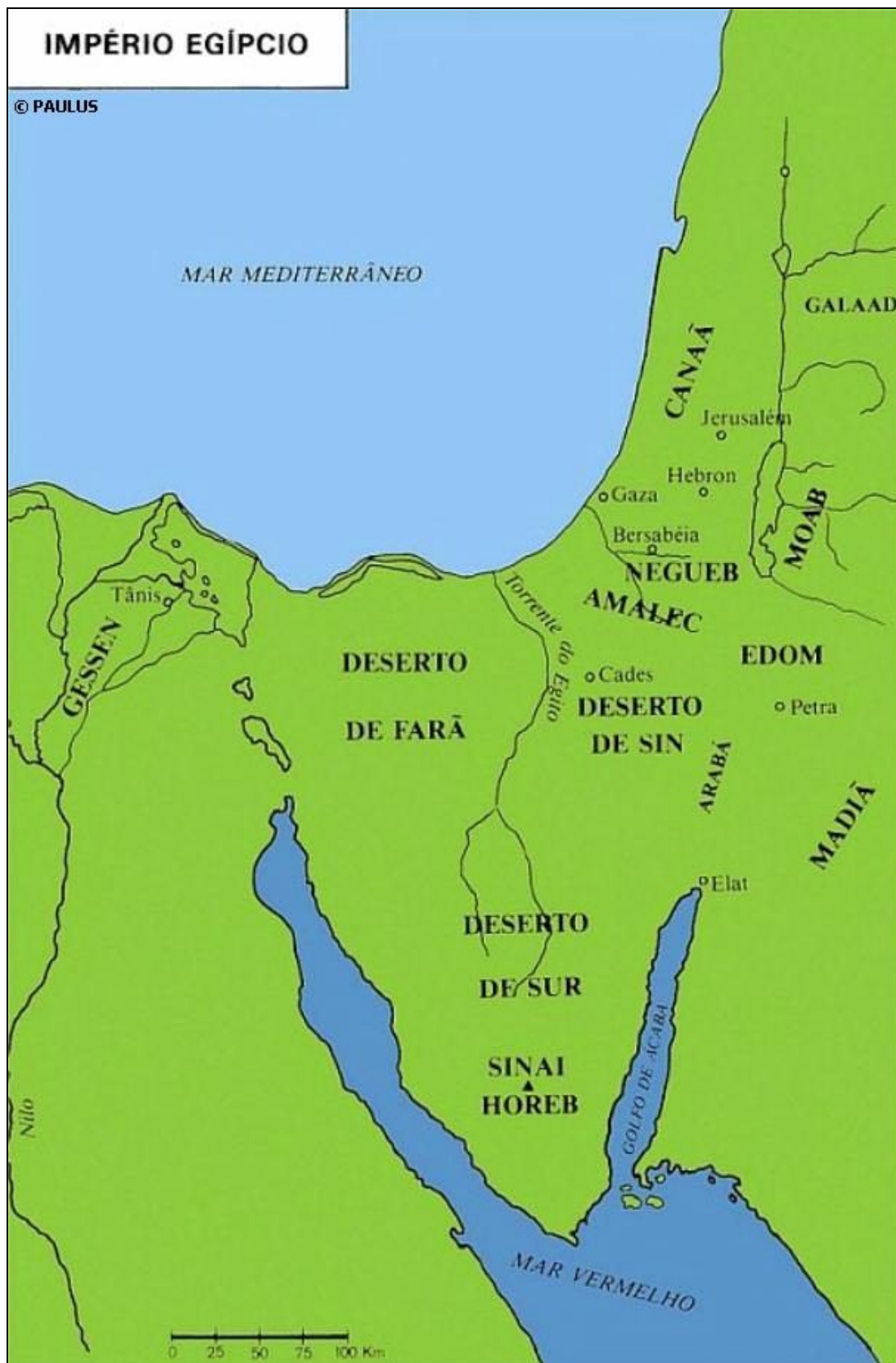
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 12



Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 13



Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 14



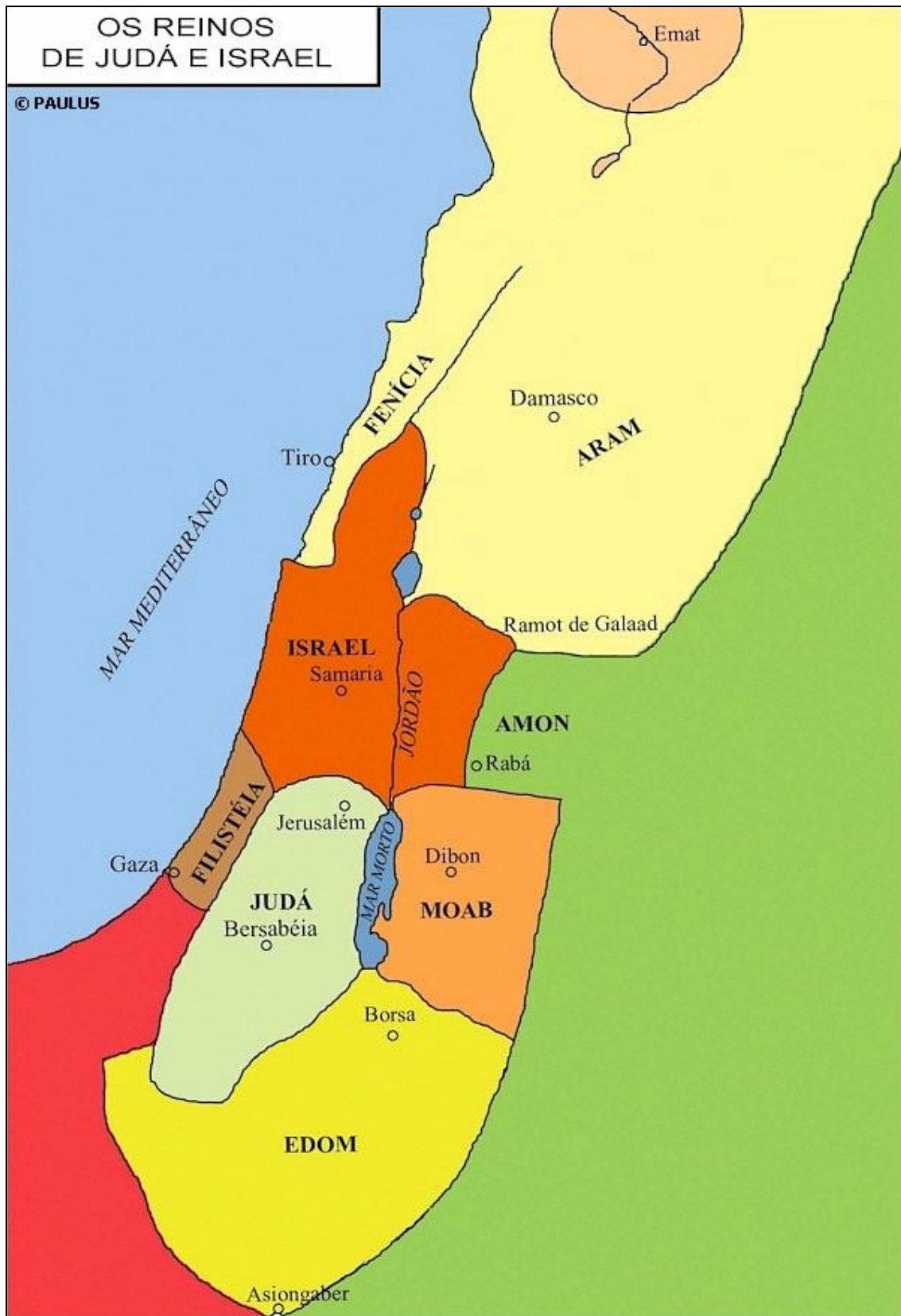
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 15



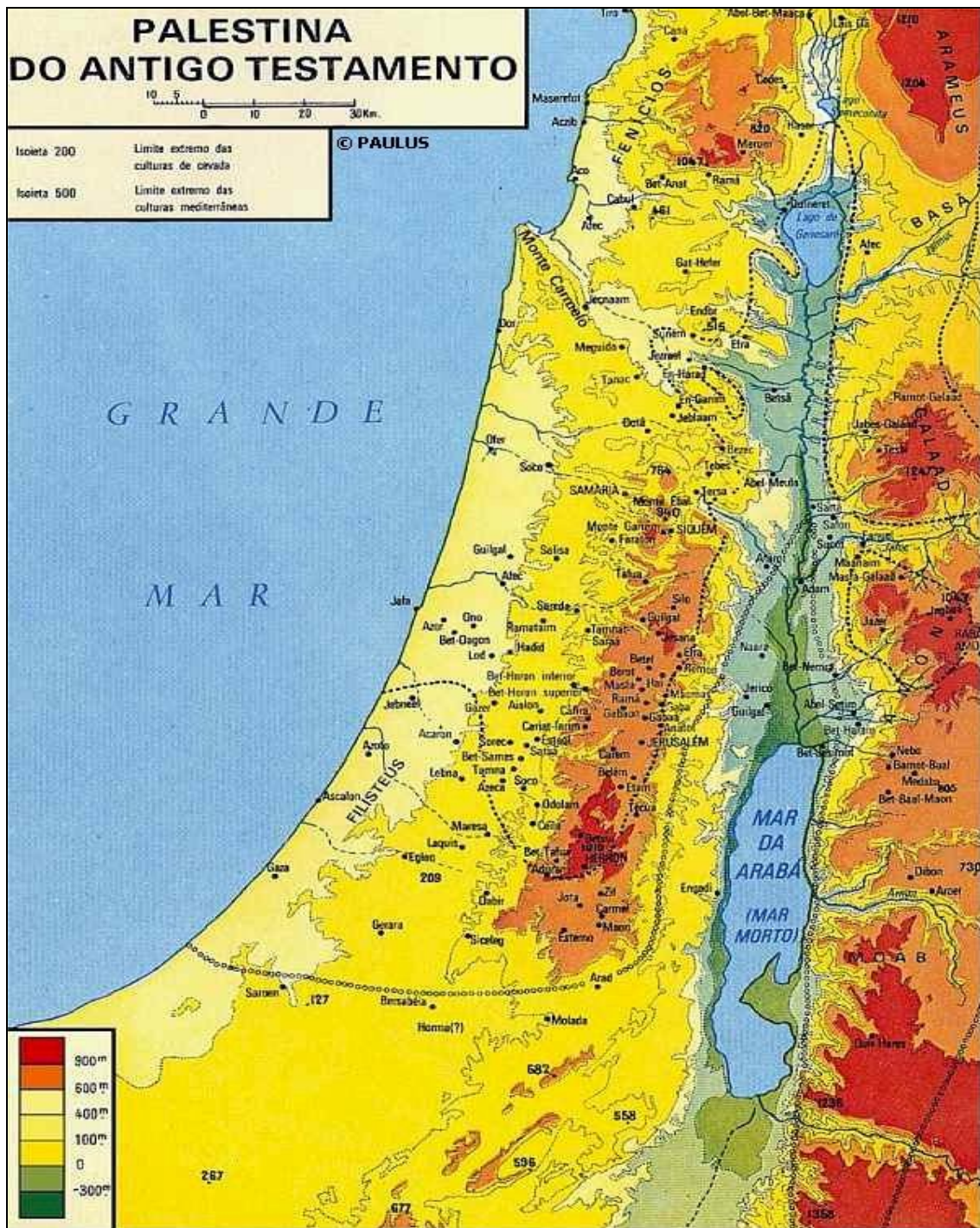
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 16



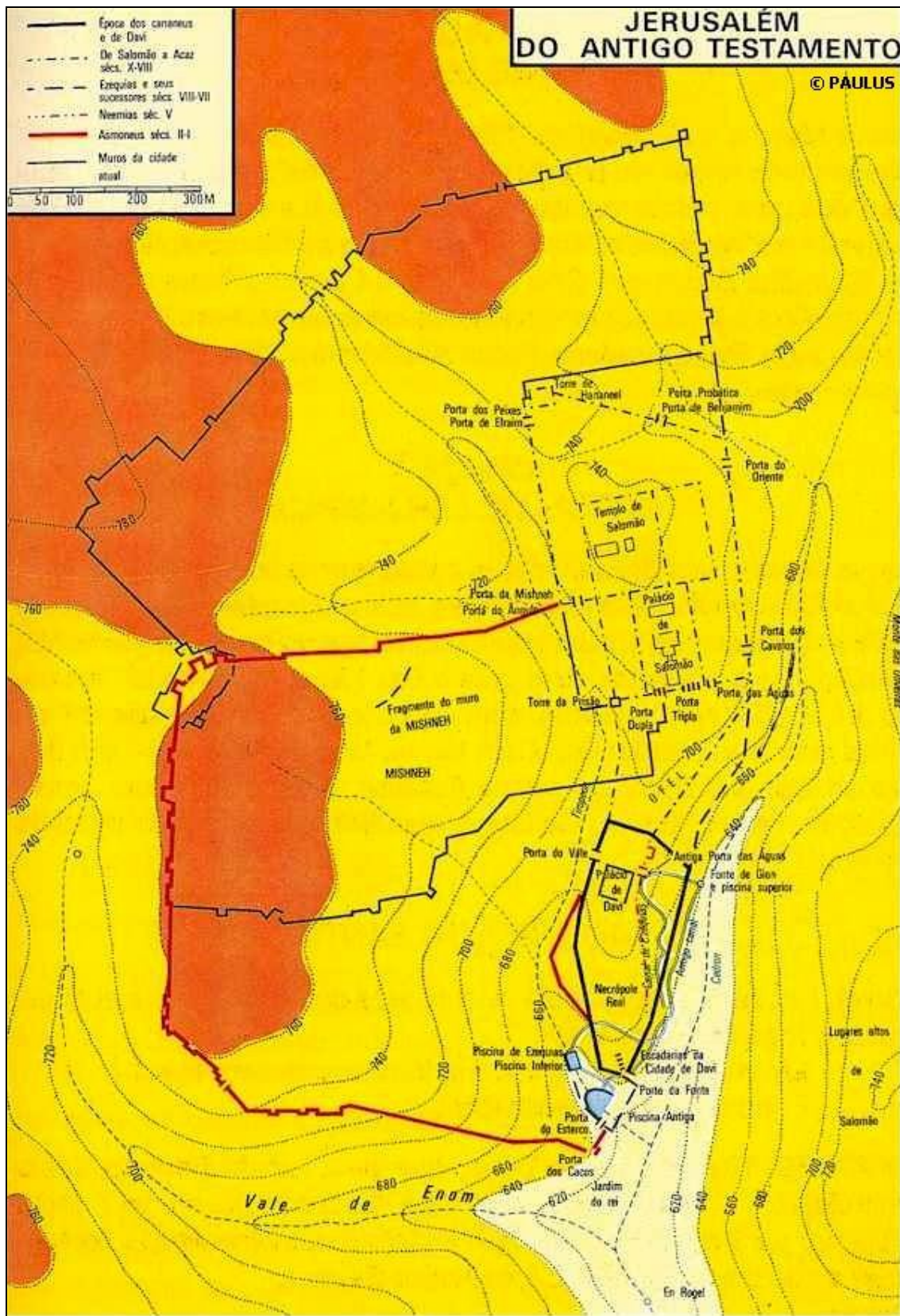
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 17



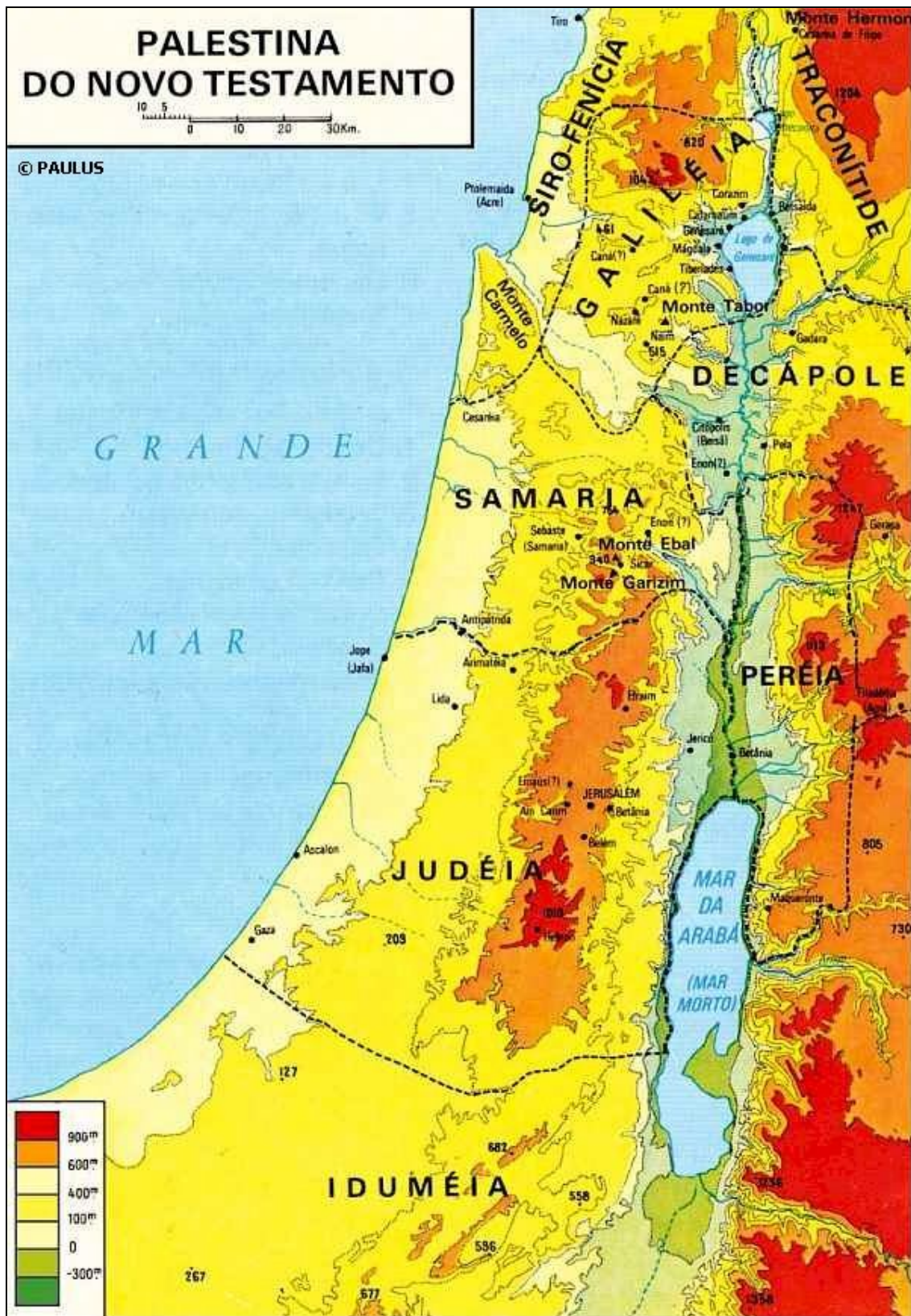
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 18



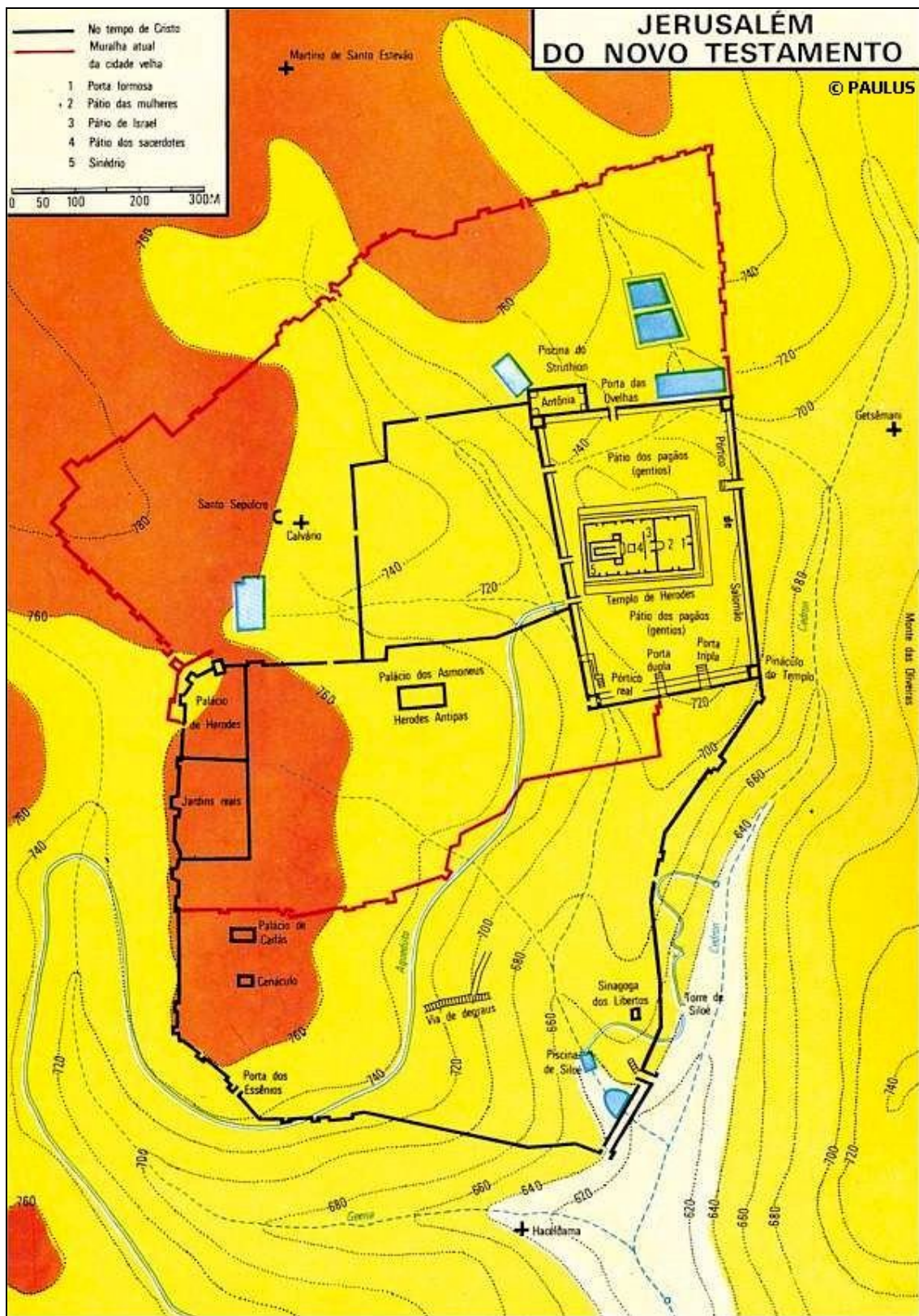
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 19



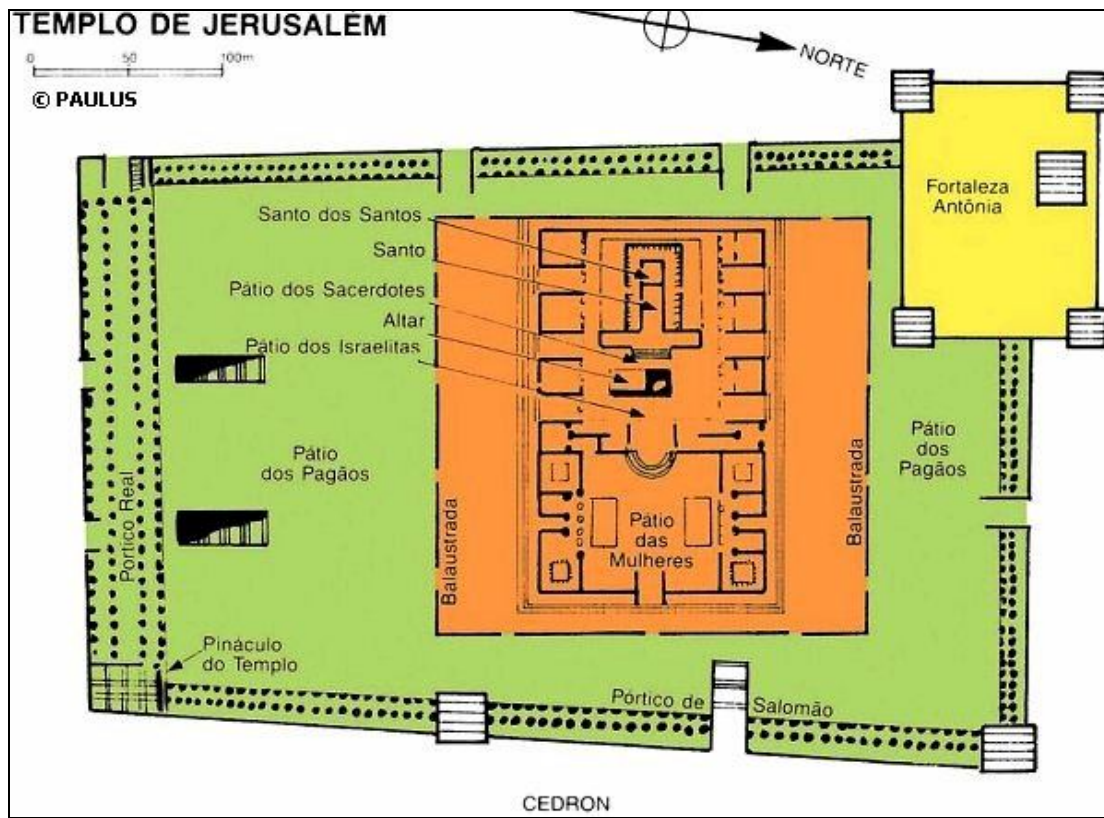
Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 20



Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

Mapa 21



Fonte: http://www.paulus.com.br/BP/_P13M.HTM

A N E X O 3

Equivalências de pesos, moedas e medidas

Equivalências de pesos, moedas e medidas¹

Incluem-se aqui alguns termos mais usados na Bíblia sendo que alguns foram citados ao longo deste trabalho.

| Pesos e moedas | | Sólidos | |
|------------------------------|-------------------------------|--------------------------|-------------------------------|
| Talento | 6000 dracmas/3000 siclos=36Kg | Hómer | =coro=10efás=300 litros |
| Mina | 50 siclos=0,6Kg | Letek² | =5efás=150 litros |
| Libra | 0,330Kg | Efá | =bato=medida padrão=30 litros |
| Tetradracma | 4 dracmas=24gr | Sato | =10 litros |
| Státer | 14g | Seá | =módio=1/3de efá=10 litros |
| Denário | = siclo=12gr | Módio | =alqueire=9 litros |
| Didracma | 2 dracmas=12gr | Hin | =1/6 de efá=6litros |
| Siclo | 1 salário=12gr | Décimo | =1/10 de efá=3 litros |
| Asse (bronze) | 10gr | Gómer | =1/10 de efá=3 litros |
| Beqá | =dracma=6gr | Qab | =1/18 de efá=2 litros |
| Dracma | =beqá=6gr | Log | =¼ de qab=0,5 litros |
| Quadrante³ | 3gr | Artaba | =55litros |
| Lepta (bronze) | 1,55gr | | |
| Guera | =óbolo=1/20 de siclo=0,6gr | | |
| Óbolo | =guera=0,6gr | | |

| Comprimento | | Líquidos | |
|--------------------------|------------------|------------------------|-------------------------|
| Caminho de sábado | 1000m | Coro=Hómer | =300litros |
| Estádio | 400 côvados=185m | Bato (talha) | =medida padrão=30litros |
| Cana | 3m | Medida | =bato=30litros |
| Braça | 4côvados=1,80m | Hin | 1/6 de bato=5litros |
| Côvado | 50m | Log⁴ | 0,5litros |
| Palmo | ½ côvado=20cm | Libra | =log=0,5litros |
| Mão | 1/6 côvado=7Cm | | |
| Dedo | 1/24 côvado=2cm | | |

¹ Bíblia Sagrada, p. 2116.

² Aparece somente em Os3,2.

³ Aparece somente em Mc12,42; Lc12,59; 21,2.

⁴ Aparece somente em Lv14.